

UTE BÄRNERT - FURST

Manutenção e Mudanças Linguísticas

no Município de Panambi.

Um estudo qualitativo e quantitativo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS

Este exemplar é a redação final da tese defendida
por Ute Bärnert-Furst e aprovada pela Comissão Julga-
dora em 12/05/89.

Fernando Tarallo
PROF. DR. FERNANDO LUIZ TARALLO
ORIENTADOR

UTE BÄRNERT - FURST

Manutenção e Mudanças Lingüísticas no Município de

Panambi.

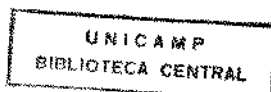
Um estudo qualitativo e quantitativo.

Dissertação apresentada à Coordenação da Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador:
Prof. Dr. Fernando Luiz Tarallo

Campinas

1989



CLASSE	
AUTOR	10/25
V.	EX.
TOMBO BCI 10/25	
P.C.	

CM-00026263-1

Ào Winfried,
à Nina e
à Andrea.

Meus Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Fernando Luiz Tarallo que orientou essa dissertação com muito carinho e cuidados, sempre disposto a esclarecer dúvidas minhas e abrindo espaços para o desenvolvimento de um estudo que combina as "duas sociolinguísticas" ao mesmo tempo: a qualitativa e a quantitativa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação que me introduziram, através de seus cursos, nas mais diversas áreas da linguística.

Aos funcionários do IEL, especialmente aos da biblioteca, da computação e da secretaria de Pós-Graduação que me ajudaram a resolver os meus diversos problemas.

A CAPES, pelo indispensável apoio financeiro.

A Profa. Dra. Brigitte Schlieben-Lange que tive o prazer de conhecer durante a sua estada como professora visitante do IEL no 2º semestre de 1987. Com ela pude discutir muitas dúvidas relacionadas à descrição etnográfica da comunidade de fala alemã de Panambi.

Ao Prof. Dr. Harald Ffaff da Escola Superior de Pedagogia de Weingarten que me indicou leituras indispensáveis durante a elaboração do projeto de pesquisa da presente disserta-

ção.

Ao Dr. Karl-Heinz Bausch do Instituto da Língua Alemã (IDS) de Mannheim, pelo interesse demonstrado e pelas dicas bibliográficas valiosas.

Aos funcionários do Hans Staden de São Paulo que puseram à minha disposição o arquivo sobre a imigração alemã no Brasil. Foi nesse instituto que a minha busca se iniciou e onde encontrei as primeiras referências à colônia sueviana de Neu-Wuerttemberg (hoje Panambi).

Às pessoas que tive prazer de conhecer em Panambi durante a realização da pesquisa de campo, que me ajudaram de muitas maneiras.

Aos meus informantes que me deixaram participar um pouco nos seus dia-a-dias e que demonstraram uma grande hospitalidade.

À amiga Freda que fez uma revisão completa da versão final da presente dissertação e naturalmente a todos os outros amigos que observaram de perto os altos e baixos que se deram durante a produção dessa dissertação.

ÍNDICE GERAL

PÁGINA

1.	<u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1.	LANGUAGES IN CONTACT: O TRABALHO DE WEINREICH....	2
1.2.	BILINGUALISM IN THE AMERICAS: A BIBLIOGRAPHY AND RESEARCH GUIDE: O TRABALHO DE HAUGEN.....	6
1.3.	LANGUAGE LOYALTY IN THE UNITED STATES: THE MAINTENANCE AND PERPETUATION OF NON-ENGLISH MOTHER TONGUES BY AMERICAN ETHNIC AND RELI- GIOUS GROUPS: O TRABALHO DE FISHMAN.....	8
1.4.	PUBLICAÇÕES SOBRE O ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO BRASIL.....	10
1.5.	O PONTO DE PARTIDA PARA O PRESENTE ESTUDO.....	24
	NOTAS DO CAPÍTULO 1.....	27
2.	<u>MÉTODOS DE TRABALHO DE CAMPO</u>	30
2.0.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	30
2.1.	PROBLEMAS LIGADOS À COLETA DE DADOS.....	32
2.2.	A METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DESENVOLVIDA POR W. LABOV.....	34
2.3.	A COMBINAÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COM A ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA NO TRABALHO DE CAM- PO REALIZADO NA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PA- NAMBI.....	40
2.4.	A AMOSTRA.....	48
2.4.1.	OS INFORMANTES.....	48
2.4.2.	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	50

2.4.2.1.	A TRANSCRIÇÃO.....	50
2.4.2.2.	A SENTENÇA.....	51
	NOTAS DO CAPÍTULO 2.....	54
3.	<u>A RECONSTRUÇÃO DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA</u> <u>IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL EM GERAL</u> <u>E NO MUNICÍPIO DE PANAMBI EM PARTICULAR.....</u>	56
3.0.	OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	56
3.1.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE A COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ.....	59
3.2.	A RECONSTRUÇÃO DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO DE PANAMBI DE 1820 ATÉ A IMIGRAÇÃO SUEVIANA NOS ANOS 20.....	66
3.2.1.	OS PRIMEIROS MORADORES DE PANAMBI.....	66
3.2.2.	A FUNDAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA NEU- QUERTTEMBERG.....	67
3.2.3.	A IMIGRAÇÃO SUEVIANA EM 1921 ATÉ 1926.....	74
3.3.	O CICLO VARGAS.....	77
3.4.	O MUNICÍPIO DE PANAMBI HOJE.....	82
3.5.	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	85
	NOTAS DO CAPÍTULO 3.....	88
4.	<u>DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA COMUNIDADE DE FALA</u> <u>ALEMÃ DE PANAMBI.....</u>	89
4.0.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	89
4.1.	O USO DA LÍNGUA IMIGRANTE E NACIONAL EM DOMÍ- NIOS PÚBLICOS E PRIVADOS NA ZONA URBANA DE PANAMBI.....	90

4.1.1.	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PÚBLI- COS.....	91
4.1.2.	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PRIVA- DOS.....	97
4.2.	O USO DA LÍNGUA IMIGRANTE E NACIONAL EM DOMÍ- NIOS PÚBLICOS E PRIVADOS NA ZONA RURAL DE PANAMBI.....	105
4.2.1.	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PÚBLI- COS.....	106
4.2.2.	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PRIVA- DOS.....	107
4.3.	ATITUDES FRENTE À LÍNGUA ALEMÃ E PORTUGUESA NA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PANAMBI.....	115
4.3.1.	ALGUNS PROBLEMAS QUE SE LEVANTAM NUM ESTUDO SOBRE ATITUDES.....	115
4.3.2.	ATITUDES DOS INFORMANTES FRENTE À LÍNGUA ALE- MÃ E PORTUGUESA.....	118
4.4.	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	129
	NOTAS DO CAPÍTULO 4.....	136
5.	<u>DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO</u>	138
5.0.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	138
5.1.	CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PA- NAMBI.....	139
5.1.1.	A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE PANAMBI.....	139
5.1.1.1.	A MESCLA INTRACOMUNIDADE.....	142
5.1.1.2.	A MESCLA INTERCOMUNIDADE.....	149

5.2.	REPRODUÇÃO DE CINCO NARRATIVAS DOS INFORMANTES WH.C., WI.C. E H.C. DE UM NÚCLEO FAMILIAR DA ZONA RURAL.....	153
5.3.	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A POSSIBILIDA- DE DE APAGAMENTO DE SUJEITO E A ORDEM VERBO-SU- JEITO NA LÍNGUA ALEMÃ.....	166
5.3.1.	APAGAMENTO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ.....	166
5.3.1.1.	O APAGAMENTO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ SEGUNDO AUTORES QUE TRABALHAM COM A SINTAXE DO ALEMÃO FALADO E SEGUNDO A GRAMÁTICA NORMATIVA.....	167
5.3.1.2.	O APAGAMENTO DE SUJEITO SEGUNDO AUTORES DA GRA- MÁTICA GERATIVA.....	171
5.3.1.3.	PROPOSTA DE UM MODELO DE DESCRIÇÃO DAS CATEGO- RIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA...	179
5.3.2.	A ORDEM VERBO-SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ.....	182
5.3.2.1.	A ORDEM VERBO-SUJEITO SEGUNDO AUTORES QUE TRA- BALHAM COM A SINTAXE DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA E SEGUNDO A GRAMÁTICA NORMATIVA.....	182
5.3.2.2.	A ORDEM VERBO-SUJEITO SEGUNDO A GRAMÁTICA GERA- TIVA.....	189
5.4.	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	196
	NOTAS DO CAPÍTULO 5.....	201
6.	<u>DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS: PREENCHIMENTO VERSUS</u> <u>QUEDA DE SUJEITO E SUJEITO PRÉ- E PÓS-VERBAL.....</u>	204
6.0.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	204
6.1.	PREENCHIMENTO E QUEDA DE SUJEITO.....	205

6.1.1.	DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	215
6.2.	PRÉ- E POSPOSIÇÃO DO SUJEITO.....	233
6.2.1.	DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	241
6.3.	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	257
	NOTAS DO CAPÍTULO 6.....	267
7.	<u>COMENTÁRIOS FINAIS SOBRE AS DUAS VARIÁVEIS ANA-</u> <u>LISADAS</u>	269
7.0.	ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....	269
7.1.	A VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEI- TO: COMENTÁRIOS FINAIS.....	271
7.1.1.	DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALE- MÃ FALADA EM PANAMBI.....	271
7.1.2.	COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALE- MÃ FALADA NA ALEMANHA COM AS DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI E COM AS DA LÍNGUA PORTUGUESA..	273
7.1.3.	O CRUZAMENTO DA FATORES: UM RECURSO PARA INTER- PRETAR OS RESULTADOS.....	277
7.1.3.1.	CRUZAMENTO DE FATORES: <u>TIPO DE ORAÇÃO</u> COM <u>IDADE</u> ..	278
7.1.3.1.1.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS CO- ORDENADAS ADVERSATIVAS.....	280
7.1.3.1.2.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS PRINCIPAIS E SUBORDINADAS.....	281
7.1.3.1.3.	COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FA- TORES PARA AS COORDENADAS ADVERSATIVAS, PRINCI- PAIS E SUBORDINADAS.....	284
7.1.3.2.	CRUZAMENTO DE FATORES: <u>TIPO DE ORAÇÃO</u> COM <u>IN-</u> <u>FORMANTE</u>	286

7.1.3.2.1.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS CO- ORDENADAS ADVERSATIVAS.....	288
7.1.3.2.2.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS PRINCIPAIS E SUBORDINADAS.....	291
7.1.4.	A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO COM IDADE / INFORMANTE...	294
7.1.4.1.	A QUEDA DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS, NAS PRINCIPAIS E NAS SUBORDINADAS CONSTITUI UM CASO DE INTERFERÊNCIA SINTÁTICA?.....	294
7.1.4.2.	COMO EXPLICAR A HOMOGENEIDADE DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO E A HETEROGENEIDADE DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO E DA 3ª GERAÇÃO?.....	297
7.1.5.	CONCLUSÕES DA VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUE- DA DE SUJEITO.....	313
7.2.	A VARIÁVEL PRÉ- E POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: COMEN- TÁRIOS FINAIS.....	313
7.2.1.	DESCRIÇÃO DA POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA A- LEMÃ FALADA EM PANAMBI.....	316
7.2.2.	COMPARAÇÃO DA POSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA E NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI.....	320
7.2.3.	CRUZAMENTO DE FATORES: UM RECURSO PARA DISTIN- GUIR OS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÕES QUE OCORREM NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI.....	324
7.2.3.1.	CRUZAMENTO DE FATORES: <u>ENGATILHADORES DE SUJEITO</u> COM <u>ZONA</u>	324

7.2.3.1.1.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA.....	325
7.2.3.2.	CRUZAMENTO DE FATORES: <u>ENGATILHADORES DE SUJEITO COM IDADE</u>	328
7.2.3.2.1.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM IDADE.....	329
7.2.3.3.	CRUZAMENTO DE FATORES: <u>ENGATILHADORES DE SUJEITO COM INFORMANTE</u>	333
7.2.3.3.1.	RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM INFORMANTE.....	333
7.2.4.	A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA, IDADE E INFORMANTE.....	346
7.2.4.1.	COMO INTERPRETAR A ALTA OCORRÊNCIA DE POSPOSIÇÕES DE SUJEITO NA AUSÊNCIA DE UM ENGATILHADOR DE SUJEITO EM POSIÇÃO INICIAL DA ORAÇÃO NA ZONA RURAL E NA 2ª E 3ª GERAÇÃO?.....	346
7.2.4.2.	COMO EXPLICAR O COMPORTAMENTO HETEROGÊNEO DOS INFORMANTES?.....	352
7.2.5.	CONCLUSÕES DA VARIÁVEL PRÉ- VERSUS POSPOSIÇÃO DE SUJEITO.....	359
7.3.	IMPLICAÇÕES PARA FUTUROS ESTUDOS.....	362
	NOTAS DO CAPÍTULO 7.....	367
	ANEXO I e II.....	370
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	373

ÍNDICE DE MAPAS, TABELAS, FIGURAS E QUADROS

MAPAS	PÁGINA
3.1. AS ANTIGAS COLÔNIAS ALEMÃS.....	61
3.2. AS NOVAS COLÔNIAS ALEMÃS.....	64
3.3. A REDE FERROVIÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	65
3.4. MAPA DA COLÔNIA NEU-WUERTEMBERG COM AS SUAS RES- PECTIVAS LINHAS DE COLONIZAÇÃO.....	68
3.5. PANAMBI HOJE.....	83

TABELAS

PÁGINA

2.1. AMOSTRA DE TODOS OS INFORMANTES ENTREVISTADOS.....	49
3.1. O CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO DE ORIGEM A- LEMÃ ENTRE 1905 E 1914 EM NEU-WUERTTEMBERG.....	73
3.2. AS REGIÕES ESCOLARES DA COLÔNIA NEU-WUERTTEMBERG.....	73
5.1. DESINÊNCIA DO PARTICÍPIO PASSADO NOS VERBOS FORTES NA VARIEDADE STANDARD (VS), NA VARIEDADE DO INFOR- MANTE W. H., NA VARIEDADE DO INFORMANTE W. C. e DO INFORMANTE H. C.	145
5.2. CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS QUENTES COM EXEMPLOS DO INGLÊS.....	175
5.3. CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS MÉDIAS COM EXEMPLOS DO ESPANHOL.....	176
5.4. CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS FRIAS COM EXEMPLOS DO PORTUGUÊS.....	177
5.5. CATEGORIAS VAZIAS NA LÍNGUA ALEMÃ.....	178
5.6. MODELO DE DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS NA LÍNGUA ALEMÃ.....	179

5.7. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ I.....	181
5.8. POSIÇÕES POSSÍVEIS DO SUJEITO EM LÍNGUA ALEMÃ.....	186
5.9. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ II.....	195
5.10. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ III.....	200
6.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO.....	217
6.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO.....	217
6.3. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: CONTEXTO DISCURSIVO MAIS RESPOSTA, MENOS RESPOSTA.....	219
6.4. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: ZONA RURAL E URBANA DE PA- NAMBI.....	223
6.5. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: IDADE.....	224
6.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: SEXO.....	226

6.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: NÚCLEO FAMILIAR.....	227
6.8. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES.....	231
6.9. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO...	243
6.10. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO.....	243
6.11. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO..	246
6.12. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO.....	246
6.13. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ZONA URBANA E RURAL.....	248
6.14. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: IDADE.....	249
6.15. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: SEXO.....	250

6.16.FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: NÚCLEO FAMILIAR...	251
6.17.FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES.....	255
7.1. CATEGORIAS VAZIAS NO ALEMÃO FALADO EM PANAMBI.....	272
7.2. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS PERMITIDAS NA LÍN- GUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA COM AS QUE OCORREM NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI.....	273
7.3. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS PERMITIDAS NA LÍN- GUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA, DA LÍNGUA ALEMÃ FALA- DA EM PANAMBI E DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL.....	275
7.4. CRUZAMENTO DE FATORES: IDADE x TIPO DE ORAÇÃO.....	279
7.5. CRUZAMENTO DE FATORES: INFORMANTE X TIPO DE ORAÇÃO...	287
7.6. A COMBINAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATO- RES TIPO DE ORAÇÃO COM INFORMANTE COM OUTROS FATO- RES DE NATUREZA EXTRA-LINGUÍSTICA.....	299
7.7. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PA- NAMBI (I).....	315

7.8. POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PA- NAMBÍ.....	317
7.9. COMPARAÇÃO DA POSIÇÃO DO SUJEITO COM PRESENÇA E AU- SÊNCIA DE UM ENGATILHADOR DE SUJEITO NA LÍNGUA ALE- MÃ FALADA NA ALEMANHA E EM PANAMBÍ.....	320
7.10. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA.....	325
7.11. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS(O) e VS(O) NA ZONA RURAL E NA ZONA URBANA.....	327
7.12. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM IDADE.....	329
7.13. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES.....	331
7.14. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM INFORMANTE.....	334
7.15. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DOS INFORMANTES.....	336

7.16. CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM TIPO DE ORAÇÃO.....	343
7.17. A COMBINAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM INFORMANTE COM OUTROS FATORES DE NATUREZA EXTRA-LINGUÍSTICA.....	353
7.18. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI (II)	361

FIGURAS

PÁGINA

2.1. COMPARAÇÃO DOS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS: A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA.....	39
7.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES.....	281
7.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS PRINCIPAIS E SUBORDINADAS NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES.....	283
7.3. COMPARAÇÃO DA RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS, NAS PRINCIPAIS E NAS SUBORDINADAS.....	284

7.4. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DOS INFORMAN- TES DA 1ª GERAÇÃO.....	289
7.5. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DOS INFORMAN- TES DA 2ª GERAÇÃO.....	290
7.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DOS INFORMAN- TES DA 3ª GERAÇÃO.....	290
7.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E NAS PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO.....	291
7.8. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E NAS PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO.....	292
7.9. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E NAS PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO.....	293
7.10. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VSC O } NAS DUAS ZONAS.....	328

7.11.COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES.....	332
7.12.FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO.....	338
7.13.FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO.....	339
7.14.FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO.....	340
7.15.COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (O) e VS (O) NOS DADOS DOS INFORMANTES.....	341

QUADROS

PÁGINA

4.1. DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR A.....	101
4.2. DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR B.....	104
4.3. DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR C.....	111
4.4. DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR D.....	114
4.5. A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ.....	119
4.6. A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DO DIALETO SUEVIANO.....	120
4.7. O "ORGULHO" DE FALAR ALEMÃO.....	121
4.8. O PRESTÍGIO SOCIAL DO FALANTE MONOLÍNGUE.....	122
4.9. O PRESTÍGIO DO FALANTE BILÍNGUE.....	123
4.10. A UTILIDADE DE FALAR ALEMÃO.....	124

4.11.A UTILIDADE DE FALAR PORTUGUÊS.....	125
4.12.A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ALEMÃ PELAS CRIANÇAS.....	126
4.13.A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PELAS CRIANÇAS...	127
4.14.A AQUISIÇÃO DAS DUAS LÍNGUAS.....	128
4.15.DESCRICÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) EM DOMÍNIOS PÚBLICOS NA ZONA URBANA E RURAL.....	130
4.16.DESCRICÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) EM DOMÍNIOS PARTICULARES DA ZONA URBANA E RURAL..	132
6.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORACÃO.....	218
6.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS TIPOS DE ORDEM DAS PALA- VRAS ENCONTRADAS NO VERNÁCULO DOS INFORMANTES.....	222
6.3. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: IDADE.....	225
6.4. PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTE.....	232

6.5. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO	
GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO.....	244
6.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO	
GRUPO DE FATORES: ENGATILHADOR DE SUJEITO.....	247
6.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO	
GRUPO DE FATORES: IDADE.....	249
6.8. PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE	
FATORES: INFORMANTE.....	256

R E S U M O

Este estudo focaliza, através das abordagens qualitativa e quantitativa, uma situação de línguas em contato encontrada na comunidade de fala alemã de Panambi, Rio Grande do Sul, Brasil. Descrevemos tal situação de contato sob três enfoques: o histórico, o etnográfico e o lingüístico. O HISTÓRICO recupera o contexto sócio-histórico da colonização de Panambi e da imigração de pessoas de Wuerttemberg, Alemanha do Sul, que com seus descendentes constituem o grupo alvo dessa pesquisa. O ETNOGRÁFICO descreve o uso das línguas alemã e portuguesa, em domínios públicos e privados em situações de interação natural, em relação à idade, zona de habitação e núcleo familiar daqueles informantes. O enfoque LINGÜÍSTICO se detém na mescla intercomunidade, a partir da análise de dados colhidos através de entrevistas sociolingüísticas, considerando duas variáveis: prechimento versus queda de sujeito e pré- versus posposição de sujeito. A quantificação dessas variáveis sugere que estão acontecendo mudanças sintáticas. Aplicando o cruzamento de fatores observa-se que alguns dos fatores considerados no estudo etnográfico são determinantes para a interpretação das mudanças sintáticas observadas. Conclui-se assim que para uma descrição adequada de uma situação de línguas em contato é necessário levar-se em conta processos de natureza interna e de natureza externa.

A B S T R A C T

This study focalizes a language contact situation observed in the German speech community of Panambi, Rio Grande do Sul, Brazil, combining qualitative and quantitative approaches. The contact situation is described taking into consideration three aspects: the historical, the ethnographic and the linguistic. The HISTORICAL aspect reconstructs the socio-historical context of the colonization of Panambi and the immigration of people of Wuerttemberg, South Germany. They and their descendants are the target group of this study. The ETHNOGRAPHIC describes the use of German and Portuguese languages in natural situations of interaction in relation to age, zone and family of the informants. The LINGUISTIC aspect focalizes the intercommunity mixture, based upon data, which was collected through sociolinguistic interviews, considering two variables: preservation versus deletion of subject and anteposition versus postposition of subject. The quantification of the variables suggests that syntactic changes are occurring. The application of the cross-tabulation reveals that some of the factors, considered in the ethnographic study are determinant for the interpretation of the syntactic changes. This study shows that an adequate description of a language contact situation necessarily has to consider internal and external processes at the same time.

Two ships left Hamburg a hundred years ago. The passengers came from the same region; they belonged to the same social class; they were provided with equal amounts of worldly goods and brought with them leaders of the same character. The one vessel landed at New Orleans and its passengers proceeded up the Mississippi to the farms of Missouri. The other reached Rio de Janeiro and its passengers proceeded into the southern provinces of the empire. A century has now passed. The descendants of the first group have only a sentimental interest in their origin. If they speak the ancestral tongue it is a result of their school instruction. No distinctions set them off from their neighbours, and they belong to political parties of all shades. But the descendants of the second group, now in the fourth and fifth generations, speak German, think German, vote German. They constitute a Teutonic state in the Brazilian federation. No one, however, has yet explained the reasons for the diversity in social evolution. It is simple to ascribe it to the influence of surrounding society. The Portuguese did not absorb the newcomers; the Anglo-Saxon did. Therefore the Americanization was an outcome of the superior Anglo-Saxon aptitude for assimilation. But if we revise the story a little, this explanation fails. As a matter of fact, not two but three ships left the port of Hamburg. One sailed for New Orleans, another for Rio, the third for the port of Adelaide in New South Wales. The passengers of this last expedition founded a community which retained its German individuality with much more tenacity than did that of their Missouri compatriots, and this in spite of the fact that in Australia they were surrounded by an atmosphere more thoroughly Anglo-Saxon. Evidently some other force was at work in Missouri. Any explanation that is propounded for either case must take into account such differences in order to be valid.

(Hansen, 1964: 24-5)

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretendemos descrever uma situação de bilinguismo existente hoje em Panambi, uma pequena cidade rural com cerca de 25.000 habitantes, que se situa no antigo município de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, mais ou menos 400 km distante de Porto Alegre.

Em 1898 Panambi foi fundada como colônia particular sob o nome Neu-Wuerttemberg por Hermann Meyer, editor do léxico de conversação mais conhecido na língua alemã (Meyer's Konversationslexikon).

Quanto à situação lingüística que encontramos hoje em Panambi, podemos afirmar que é a mais variada. Existem falantes monolíngues em alemão, isto é, na sua grande maioria são falantes dos dialetos hunsrueckisch, sueviano e pomerano(1), e falantes que aprenderam um dos dialetos como língua materna e começaram a aprender português como segunda língua, aos sete anos de idade, quando foram escolarizados, ou numa idade mais avançada.

Na fase de elaboração do projeto de pesquisa para a dissertação, procuramos trabalhos que descrevessem situações de bi- ou multilinguismo, isto é, situações de contato entre línguas. Na revisão bibliográfica notamos que o interesse pelo fenômeno de línguas em contato reaparece nos anos 50, nos Estados Unidos, com a publicação de duas pesquisas: Languages in Contact, de U. Weinreich, publicado em 1953 e Bilingualism in the Americas: A Bibliography and Research Guide, de E. Haugen, pu-

blicado em 1956. (2)

Em 1966 J. Fishman publica junto com outros autores a coletânea de artigos Language Loyalty in the United States, em que descreve os esforços de manutenção de línguas imigrantes nesse país durante os anos 60 e, em 1971, J. Fishman publica, em co-autoria com R.L.Cooper e R. Ma, Bilingualism in the Barrio. O capítulo 21 foi de interesse especial para o presente trabalho por introduzir a noção de domínios lingüísticos. (Maiores detalhes sobre a questão dos domínios serão retomados no capítulo 4 desta dissertação).

Os autores mencionados incluíram em sua análise aspectos sociológicos e psicológicos ao lado de aspectos puramente lingüísticos.

Resenharemos as idéias principais dos trabalhos citados de Weinreich (1953), Haugen (1956) e Fishman (1966) em 1.1., 1.2. e 1.3. Em 1.4. apresentaremos alguns trabalhos publicados sobre a língua alemã em contato com a língua portuguesa no Brasil e em 1.5. descreveremos o nosso ponto de partida para a presente dissertação.

1.1. LANGUAGES IN CONTACT: O TRABALHO DE WEINREICH

Este livro, publicado em 1953, pode ser considerado o trabalho teórico básico para a pesquisa do fenômeno de línguas em contato. Segundo Weinreich, duas línguas estão em contato uma com a outra quando usadas alternadamente pela mesma pessoa. Isto é, o indivíduo, o falante é o local de contato. O autor chama todas as formas de influência interlingüística de "interfe-

rência"(3).

Weinreich define "interferência" como "those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity - with more than one language, i.e. as a result of language contact, will be referred to as interference phenomena." - (Weinreich 1953: 1)

De grande importância no trabalho de Weinreich é a distinção entre fatores não-estruturais e estruturais, que podem promover ou impedir "interferência".

Na área de fatores não-estruturais, Weinreich distingue entre:

- a) aqueles que são inerentes ao falante (competência relativa em cada língua e a habilidade de manter separados os dois sistemas lingüísticos; o uso específico de cada língua determinado pelo tópico e pelos interlocutores; a maneira como a língua foi adquirida e as atitudes em relação às línguas)
- b) aqueles que são de relevância para um grupo de falantes bilíngües (número de falantes; homogeneidade ou heterogeneidade sócio-econômica; predominância de indivíduos bilíngües com um comportamento específico; atitudes estereotipadas quanto às línguas; atitudes quanto à cultura de cada comunidade de fala; atitudes frente ao bilingüismo; tolerância ou intolerância quanto às línguas mesclas e ao uso não correto de cada língua e relações de grupo bilíngüe com cada comunidade de fala).

Para Weinreich o fenômeno de mudança de código (code - switching) não está ligado ao fenômeno "interferência", mas sim

ao processo de mudança de língua ("language shift").

"A language shift was defined as the change from the habitual use of one language to that of another. Whereas interference, even in its socio-cultural setting, is a problem in which considerations of linguistic structure enter, the matter of language shift is entirely EXTRA-STRUCTURAL, since it can be taken for granted that the respective structures of two languages in contact never determine which language is to yield its functions to the other". (Weinreich, 1953: 106/107)

Assim pode-se interpretar que para Weinreich o fenômeno de mudança de código (code-switching) é um fenômeno extra-estrutural.

Quanto aos fatores estruturais que promovem ou impedem "interferência", Weinreich os descreve como aqueles "which stem from the organization of linguistic forms into a definite system, different from every language and to a considerable degree of non-linguistic experience and behavior". (Weinreich, 1953: 5)

O autor distingue duas fases de "interferência":

- a "interferência" na fala e
- a "interferência" na língua

"In speech, it occurs anew in the utterances of the bilingual speakers as a result of his personal knowledge of the other tongue. In language we find phenomena which, having frequently occurred in the speech of bilinguals, have become habitualized and established". (Weinreich, 1953: 11)

"Interferência" na área da língua acontece, segundo o autor, em três níveis:

- NO NÍVEL FONÉTICO

Este tipo de "interferência" contém a possível transferência dos "sound features" da primeira língua para a segunda.

- NO NÍVEL GRAMATICAL

O autor mostra com base em exemplos que há "interferência" gramatical na fala de pessoas bilíngües e contra-argumenta a afirmação de Meillet sobre a "não-permeabilidade", a "não-influência" de dois sistemas linguísticos. São três as possibilidades de "interferência" gramatical da língua "A" sobre a língua "B" e vice-versa:

- a) o uso de morfemas da língua "A" na fala e na escrita da língua "B";
- b) a aplicação de relações gramaticais da língua "A" a morfemas da língua "B" ou a omissão de uma relação da língua "B" que não tem protótipo nenhum na língua "A";
- c) por causa da identificação de um morfema específico da língua "B" com um morfema da língua "A" acontece uma mudança (extensão ou redução) nas funções do morfema "B" no modelo gramatical da língua.

- NO NÍVEL LEXICAL

O vocabulário de uma língua "A" pode influenciar o vocabulário de uma língua "B" de diversas maneiras. Podem ser transferidas:

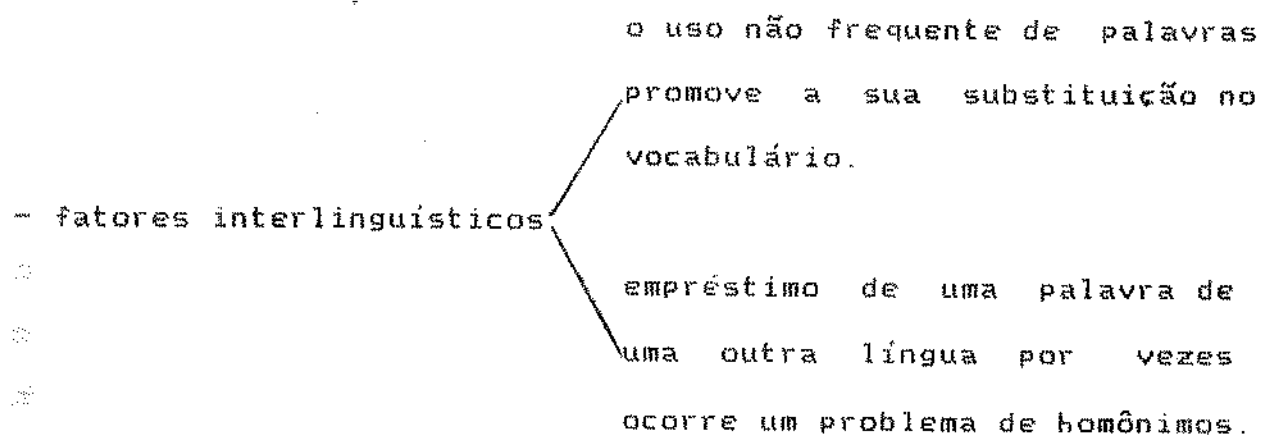
- a) palavras simples
- b) palavras justapostas (ver exemplos em Weinreich 1953, pp. 46-52)

Weinreich assinala que a "interferência no nível lexical acontece mais rapidamente e mais facilmente do que nos níveis fonético e sintático.

"The vocabulary of language, considerably more loosely structured than its phonemics and its grammar, is beyond question the domain of borrowing par excellence". (Weinreich, 1953: 56)

O autor sugere três razões principais que podem levar um falante a aceitar "interferência" lexical:

- um vocabulário inadequado



- perda de força expressiva de certas palavras.

1.2. BILINGUALISM IN THE AMERICAS: A BIBLIOGRAPHY AND RESEARCH GUIDE: O TRABALHO DE HAUGEN

O livro de Haugen, publicado em 1956, sob o título acima mencionado, também é considerado uma obra básica. Só que a sua

relevância está na ampla visão que fornece sobre as várias situações de contato. A bibliografia é vasta, incluindo os trabalhos publicados até então na área de línguas em contato. Somente sobre "Pennsylvania German" e o alemão em contato com a língua portuguesa no Brasil localizaram-se cerca de 30 artigos.

Haugen classifica as línguas das Américas em línguas indígenas, coloniais, crioulas e imigrantes. Trataremos mais especificamente das últimas.

Línguas imigrantes "... differed from colonials only in so far as they settled in a country already dominated by speakers of other languages". (Haugen 1956, 27)

O autor caracteriza a situação dessas línguas como segue: A primeira geração, constituída de imigrantes adultos, acha difícil aprender a nova língua e tentará manter a língua materna, ensinando-a aos descendentes. Enquanto os imigrantes formam um grupo isolado, mantém-se a tendência de ensinar a língua materna às gerações seguintes.

Quando são travados contatos constantes com falantes da língua nacional, o que acontece, por exemplo, através do comércio, aumentará a necessidade de comunicação e também a disposição de aprender a língua nacional.

Quanto à descrição do fenômeno de "interferência", as afirmações de Haugen baseiam-se principalmente no quadro teórico de Weinreich. Considero interessante a afirmação de Haugen segundo a qual o falante pode impedir "interferência" quando usa alternadamente uma e outra língua (fenômeno considerado na literatura de hoje como "code-switching").

"Such a switch is normally made only at lexeme boundaries, and it need not embrace more than a single lexeme. If the bilingual masters both phonemic systems and makes a clear break from one to the other, there is no real interference, only successive stretches belonging to different languages".
(Haugen, 1956: 50)

Pressupõe-se que o falante é capaz de manter os dois sistemas linguísticos separadamente.

Haugen aponta que sua concepção teórica difere da de Weinreich ao fornecer uma descrição "bilingual" do fenômeno, ecentra sua análise numa descrição "differential".

1.3. LANGUAGE LOYALTY IN THE UNITED STATES. THE MAINTENANCE AND PERPETUATION OF NON-ENGLISH MOTHER TONGUES BY AMERICAN ETHNIC AND RELIGIOUS GROUPS: O TRABALHO DE FISHMAN

Nessa coletânea de artigos publicada em 1966, Fishman, Nahirny, Hofman e Hayden e outros descrevem os esforços de manutenção de línguas imigrantes nos Estados Unidos. No prefácio o autor assinala que pouco se sabe sobre esse fenômeno. Ele afirma que:

"No accurate records have been kept concerning the non-English language press or non-English broadcasting. No systematic or accurate data are available concerning the ethnic group schools, camps, choruses, research institutes, or other educational, cultural, and fraternal efforts proceeding by means of or on behalf of languages other than English... Silence and disinterest have conspired to make us ignorant of our own past and present".

(Fishman, 1966: 16)

O objetivo principal do estudo é explorar a extensão e o status que os esforços de manutenção de culturas e línguas imigrantes têm nos Estados Unidos dos anos 60.

No primeiro capítulo Fishman descreve os contextos sócio-históricos e sociais nos quais um estudo sobre manutenção de línguas imigrantes se enquadra nesse país.

Do segundo ao sexto capítulo Fishman e os co-autores da coletânea fornecem uma descrição de fatores considerados relevantes quanto à manutenção das línguas imigrantes. São eles:

- a distribuição numérica de falantes nativos das várias línguas imigrantes (cap. 2);
- a existência de meios de comunicação de massa para as diferentes línguas imigrantes dos quais são descritos mais detalhadamente a imprensa étnica (cap. 3) e as estações de rádio em língua estrangeira nos Estados Unidos (cap. 4) e
- a fundação de instituições como escolas e igrejas para os diferentes grupos étnicos com as suas respectivas línguas maternas (caps. 5 e 6).

O capítulo 7 focaliza as organizações étnicas existentes nos Estados Unidos. Distinguem-se dois tipos de organizações:

1. Aquelas que são mais fechadas e que têm como objetivo exclusivo a preservação da cultura e da língua imigrante e
2. aquelas que são mais abertas e que têm, por exemplo, a difusão de uma religião e de um trabalho caritativo.

A manutenção da língua imigrante como língua materna é muito maior entre os membros do primeiro tipo de organização étnica do que no segundo.

O capítulo 8 contém um estudo comparativo de cinco comunidades de fala diferentes: uma francesa, duas espanholas e duas ucranianas. Foi realizado um trabalho de campo com entrevistas em que se perguntou sobre:

- a necessidade da manutenção da língua imigrante;
- o papel da família na manutenção linguística;
- os usos e preferências da língua imigrante em comparação com a língua inglesa, etc.

Os resultados revelaram estágios diferentes quanto à manutenção linguística dentro dessas comunidades de fala.

Do capítulo 9 a 12 uma descrição minuciosa sobre a manutenção linguística da língua imigrante é fornecida para as línguas:

- alemã
- francesa
- espanhola e
- ucraniana nos Estados Unidos

Os três últimos capítulos apresentam resumos, recomendações e conclusões.

1.4. PUBLICAÇÕES SOBRE O ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO BRASIL

Há inúmeros artigos e livros publicados sobre este assunto, mas observa-se que a natureza dessa literatura é muito variada. Uns são escritos num teor mais populista, na maioria das vezes publicados em folhetos e jornais alemães existentes aqui no Brasil. Outros artigos demonstram, na sua tentativa de abranger o tema, uma preocupação mais séria e científica. (5)

Neste projeto limitar-me-ei a um pequeno número de trabalhos. Apresentá-los-ei em ordem cronológica, resenhando-lhes as idéias principais.

VOCABULÁRIO DE PALAVRAS PORTUGUESAS QUE OS DESCENDENTES DE COLONOS ALEMÃES ACOLHERAM NA LÍNGUA VULGAR (1939)

Este artigo foi escrito por C.H. Oberacker e publicado na revista Sociologia em 1939, enquadrando-se na área da pesquisa lexicográfica.

O autor argumenta contra as acusações feitas nessa época segundo as quais "os colonos sempre tinham procurado o isolamento recusando-se, obstinadamente, a aprender uma só palavra portuguesa". (Oberacker, 1939: 66)

Oberacker afirma que os colonos em geral são bilíngües, usando o alemão na vida doméstica e particular e o português na vida política e econômica. O fato de que os dialetos alemães foram alterados pelo acolhimento de muitas palavras portuguesas e indígenas "... nos parece ser outra prova incontestável de os

descendentes de alemães nunca terem procurado o isolamento e de que, caso se possa observar em algumas colônias solitárias um manejo acanhado do vernáculo, as razões sempre devem ser procuradas não na má vontade de seus habitantes, como observadores malévolos afirmam, mas sim em circunstâncias de força maior pelas quais a culpa não cabe aos colonos". (Oberacker, 1939: 67)

Em seguida o autor publica um pequeno vocabulário de palavras portuguesas ou indígenas freqüentemente usadas nos dialetos dos colonos de descendência alemã.

Assinala ainda que as palavras portuguesas e indígenas foram muitas vezes germanizadas pelos colonos.

A ACULTURAÇÃO LINGUÍSTICA NUMA COMUNIDADE RURAL (1942)

O autor deste artigo é Egon Schaden. Nele descreve a transição do monolíngüismo ao bilingüismo da vila São Bonifácio no município de Palhoça, Santa Catarina. O trabalho enquadra-se na área etnográfica.

A vila foi povoada em 1864 com imigrantes de zonas rurais de Vestfália, Alemanha.

"O dialeto que falavam sofreu, destarte, consideráveis alterações pela incorporação de numerosos termos portugueses, relativos aos reinos animal e vegetal, ao tamanho da terra, a criação de animais, etc". (Schaden, 1942: 278)

Em 1918 foi inaugurada uma escola pública e a partir dessa data todos os alunos aprenderam português. Mesmo assim, a língua alemã continuou a dominar até os anos 30 quando foi construída a estrada de rodagem que ligou a vilazinha a Florianópolis e Tubarão. Com a chegada de trabalhadores da estrada de rodagem, que não falavam alemão, intensificou-se a difusão da língua nacional - houve até cultos bilíngües na igreja católica.

O autor distingue duas fases de aculturação:

1. A aculturação inconsciente

- adotar e empregar vocábulos portugueses como se fossem alemães - o autor fala em "originar um idioma novo" (Schaden, 1942: 274)

2. A aculturação consciente

- aprender a falar português.

A ACULTURAÇÃO DOS ALEMÃES NO BRASIL (1946)

O autor do livro é Emílio Willems, um sociólogo que descreve a imigração e a aculturação dos imigrantes alemães no Brasil sob o ponto de vista sociológico-antropológico.

O autor dedica um capítulo inteiro ao fenômeno da situação de contato das duas línguas. Assim, ele retoma e amplia um tópico que havia começado no artigo "Linguistic Change in German-Brazilian Communities", publicado na revista Acta Americana, Vol. 1, 1943.

No livro Willems menciona três fontes principais que provocam mudanças linguísticas:

1. O meio ambiente brasileiro diferia muito do europeu e impunha a aquisição de uma terminologia para preencher lacunas existentes no repertório linguístico dos imigrantes.

2. As comunidades teutas se compunham de imigrantes culturalmente heterogêneos.

"O contato entre dialetos e padrões provinciais originou processos de difusão intra-étnica bastante complicados."

(Willems, 1946: 195)

3. Os imigrantes entraram desde o primeiro dia numa "simbiose com grupos culturalmente diferentes". (Willems: 1946, p. 195)

Para Willems a língua que os descendentes alemães falam é um linguajar teuto-brasileiro. Esse linguajar é, segundo o autor, uma língua híbrida.

"A hibridação do alemão não foi determinada, exclusivamente, pela necessidade de denominar elementos culturais novos ou diferentes aos quais os recursos do idioma originário pareciam inadequados. Em alguns a necessidade de adotar termos portugueses é discutível mas inúmeros são os exemplos em que as palavras novas eram evidentemente dispensáveis".
(Willems, 1946: 220)

Willems dá uma lista de 693 palavras do linguajar teuto-brasileiro. De acordo com o autor, a motivação principal para o empréstimo de palavras portuguesas é que a língua portuguesa é considerada como língua superior, que dá prestígio ao falante.

ZUR DEUTSCH-BRASILIANISCHEN MISCHSPRACHE (1953)

O autor do artigo "A mescla linguística teuto-brasileira", publicado na revista Letras em 1953, é Reinhold Rossmann. Segundo o autor, uma língua imigrante é "penetrada" e "sugada" pela língua nacional num processo de assimilação.

"O produto intermediário desse processo é uma língua mescla, uma miscelânea de duas ou mais línguas, que

estão num determinado espaço permanente e que engrenam e interferem uma na outra. O grau de miscelânia sobe com a falta de formação escolar, de inteligência do falante, de disciplina linguística, de descuido na hora de falar, sobe com a falta para qualquer sentimento para forma e beleza de uma língua; ela cai com a formação escolar, com a auto disciplina na fala e com a vontade de uma expressão excelente".
(Bossmann, 1953: 99) (6).

E é assim que o autor explica o que ele chama de mescla linguística teuto-brasileira.

Os imigrantes pertenciam a camadas com pouca formação escolar e são, na sua maioria, falantes de um dos dialetos regionais da Alemanha. O alemão padrão era numericamente sub-representado e somente exerceu alguma influência nas igrejas e escolas alemãs.

Para o autor a penetração linguística tem sido favorecida e promovida "por um lado pela necessidade de os colonistas se assimilarem também linguisticamente às condições novas e pelo outro lado por causa do vocabulário restrito na língua materna".
(Bossmann, 1953: 98) (7).

Neste contexto o termo língua materna se refere ao dialeto que o falante usa.

DIE DEUTSCH-BRASILIANISCHE SPRACHMISCHUNG (1959)

A mescla linguística teuto-brasileira de Erich Fausel é um trabalho que se enquadra na área de pesquisa lexicográfica.

O livro contém uma pequena parte de reflexões teóricas e uma parte bem extensa que consiste do vocabulário da mescla linguística teuto-brasileira. O autor caracteriza essa mescla linguística teuto-brasileira como se segue:

- a) aceitação de palavras de origem portuguesa no vocabulário alemão;
- b) surgimento de "mistura lexical" (Mischwoerter). Um exemplo é a palavra PUXOCHSE, que vem da combinação do verbo português PUXAR com o substantivo alemão OCHSE (boi);
- c) surgimento do que Fausel chama de "mistura sentencial" (Satzmischung), isto é, a interferência na sintaxe alemã de fenômenos sintáticos da língua portuguesa. Como exemplo ele menciona a omissão do infinitivo alemão "zu". Outro exemplo é a formação do plural com o sufixo -s em vez de -n;
- d) surgimento da chamada "Wort-Satz-Mischung" (como o próprio nome indica, trata-se de uma superposição de b e c) que é a transferência de uma construção portuguesa para o alemão.

Exemplo:

- Es konveniert mir. (= Me convém, no português coloquial)

Fausel assinala que a miscelânea ou mescla é um fenômeno natural. O autor interpreta a situação da língua alemã como momento crítico e vê duas possibilidades de resolução para o contato:

- a) a mescla lingüística como estágio de transição para a perda da língua imigrante;
- b) a manutenção, fixação e cristalização da mescla lingüística.

FONOLOGIA DO VESTFALIANO DE RIO FORTUNA (1968)

O presente trabalho é a dissertação de mestrado de Paulino Vandresen. A área em que a pesquisa se situa é a da fonologia.

O autor analisou o dialeto vestfaliano falado em Rio Fortuna ao nível fonológico. Ele assinala que o vestfaliano é um dialeto regional alemão falado por descendentes de alemães nos municípios catarinenses de Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Armazém, Santa Rosa de Lima, Braço do Norte, Grão Pará, São Ludgero e Rio Fortuna, uma colônia alemã fundada em 1881. Lá ele realizou em 1964 e 1965 uma pesquisa de campo. A coleta de dados se baseou no uso de listas de palavras e gravações de discursos ou conversas informais. Quanto à escolha de informantes, Vandresen distingue quatro grupos diferentes:

1. Os que estavam em idade escolar até 1932 e tiveram somente escola alemã. A língua materna é o vestfaliano, tendo aprendido o alemão padrão na escola. Desses falantes somente alguns sabem falar português. A língua dominante nas interações do grupo é claramente o vestfaliano.
2. Os que frequentaram a escola entre 1932 e 1944 e que são falantes nativos de vestfaliano, tendo aprendido alemão padrão e português na escola. Entre membros desse grupo fala-se também predominantemente o vestfaliano.
3. Os que foram escolarizados depois de 1944. Eles são falantes nativos de vestfaliano e aprenderam o português na escola, não tendo mais aulas de alemão. Os membros desse grupo falam exclusivamente português entre si, mas com os grupos anteriores falam o vestfaliano.
4. A geração escolar a partir de 1964, quando foi iniciada a coleta de dados. Eles aprenderam quase simultaneamente o vestfaliano e o português. Falam o vestfaliano com os pais ou parentes mais velhos e o português com os irmãos e os

amigos. Segundo o autor, neste último grupo o vocabulário vestfaliano é bastante reduzido.

O autor preferiu trabalhar com informantes do grupo 1 e 2, por eles apresentarem, segundo ele, maior eficiência de expressão na língua alemã e menor índice de interferência do português. Este não é o caso das gerações mais novas, membros do grupo 3 e 4, em que há fenômenos de interferência lingüística mais evidente. Vandresen menciona interferências lexicais em forma de empréstimo de palavras e interferências ao nível fonológico em forma de surgimento de algumas novas oposições fonológicas.

"O contato entre línguas diferentes, particularmente entre vestfaliano e português, continua e a interferência duma língua na outra implica necessariamente na reorganização de todas as antigas oposições de sistema. Assim, há falantes, particularmente no grupo 3 e no grupo 4 que distinguem "s" "z" e "š" "ž" como fonemas diferentes, o que entretanto não ocorre com os informantes utilizados que pertencem aos grupos 1 e 2." (Vandresen, 1968: 3).

O autor opta no presente trabalho por analisar somente os dados dos falantes que fazem parte dos grupos 1 e 2, a fim de dar uma descrição detalhada do dialeto vestfaliano no sentido de poder avaliar posteriormente num outro estudo, o índice de interferência do português e a eficiência de expressão no vestfaliano de falantes dos grupos 3 e 4.

OS FALARES ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL (1974)

Walter Koch, o autor desse livro, juntou três estudos em uma só edição, todos eles da área da dialetologia.

No artigo "Contribuição para o estudo dos falares alemães no Rio Grande do Sul", Koch busca verificar se há ou não uma Koiné Teuto-brasileira, chegando a conclusão que "...os dialetos não se dissolveram numa Koiné teuto-rio-grandense uniforme e homogênea". (Koch, 1972: 28)

O segundo artigo publicado sob o título "Idioleto e dialeto numa colônia vestfaliana" tem por objetivo levantar o respectivo vocabulário usual da colônia "Linha Clara" para determinar

"... através das isoglossas, de que falar local alemão ele mais se aproxima ou mesmo com que falar ele coincide". (Koch: 1972, p.36).

O autor usa um questionário de 175 frases e palavras isoladas tendo se baseado no Atlas Lingüístico da Alemanha e no Atlas Vocabular. O resultado obtido através dessa pesquisa indica que "... o vestfaliano de Linha Clara (abstraídas as influências do português e de dialetos francônicos) corresponde à variante do vestfaliano falada na região de Ecklenburg, Lengerich e Osnabrueck ..." (Koch, 1972: 61)

O último artigo publicado neste livro traz por título "Notas etnográficas sobre a cana-de-açúcar". Koch designa essas notas como sendo um produto "lateral" de seus estudos.

O objetivo é colecionar a terminologia da cana-de-açúcar, usada pelos colonos.

BILINGUISMO E CONSERVAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO PRELIMINAR
DE DUAS COMUNIDADES EM SANTA CATARINA (1973)

Em 1973 Juergen Heye e alunos de Pós-Graduação da UFSC realizaram uma pesquisa sociolingüística em Pomerode, cidade colonizada por imigrantes alemães da Pomerânia e em Rio dos Cedros, cidade colonizada por imigrantes italianos de Trento. Os pesquisadores estavam interessados em analisar as atitudes que tais grupos manifestam para com as suas respectivas línguas imigrantes e a língua nacional e determinar diferenças no uso funcional da cada língua imigrante em cada comunidade.

Os dados obtidos por questionários e entrevistas nas duas comunidades mostraram que em Pomerode o conhecimento do alemão é mais valorizado do que o do italiano em Rio dos Cedros. Quanto ao uso funcional das línguas imigrantes, demonstrou-se que o alemão em Pomerode domina no ambiente familiar e o português fora deste ambiente. A situação do italiano em Rio dos Cedros é diferente: o português está numa posição dominante na maioria das situações comunicativas.

PROCESSOS DE INTERFERÊNCIA LINGÜÍSTICA ENTRE O PORTUGUÊS E
O ALEMÃO (1976)

Esse trabalho, uma dissertação de mestrado de Esther Zink de Souza, enquadra-se na área da sociolingüística, em cujo âmbito se procura também, através de uma análise contrastiva,

formular material didático ao ensino do alemão para falantes do português e vice-versa.

Foi realizado um trabalho de campo no bairro Friburgo, 15km distante de Campinas. Friburgo foi fundada em 1878 por quatro famílias de colonos que haviam sido contratadas na Alemanha para trabalhar na Fazenda Sete Quedas, situada perto de Campinas.

A dissertação é composta por três partes:

A introdução contém um levantamento bibliográfico sobre a imigração alemã no Brasil e considerações gerais a respeito de aspectos de interferência.

Na segunda parte a autora apresenta a análise lingüística, em que ela mostra, através de dados obtidos em gravações de diálogos informais com descendentes de imigrantes alemães, quais aspectos da língua dos informantes apontam evidências de interferência lingüística entre o português e o alemão. Nesta parte ela enfoca o fato de que nem tudo o que foge às normas de uma língua pode ser atribuído ao contato entre esta língua e outra.

A terceira parte da dissertação contém a conclusão. A autora afirma que alguns fenômenos podem ser classificados como sendo de interferência, outros como não sendo interferência, e outros ainda, como fenômenos que trazem dúvida à classificação.

VARIETADES SOCIOLINGÜÍSTICAS ENTRE OS MENONITAS DE CURITIBA
(1984)

Trata-se de uma dissertação de mestrado, de João Udo Siemsen, com enfoque sociolingüístico em que se analisa o grau de frequência do uso de Português, Alemão-alto e Alemão-baixo entre os menonitas de Curitiba, um grupo minoritário de natureza étnico-religiosa. O autor selecionou as seguintes variáveis extra-lingüísticas para a compreensão do fenômeno. São elas: sexo, idade, escolaridade, influência do contexto, variações no grau de frequência do emprego das línguas e suas causas prováveis. Além de uma análise do uso em geral de Português, Alemão-alto e Alemão-baixo, foram pesquisados três domínios específicos: a esfera da amizade e do lazer, a esfera familiar e a esfera religiosa. Para fins de levantamento de dados o autor utilizou um questionário sociolingüístico, através do qual ele obteve a caracterização da realidade sociolingüística dos menonitas.

Após coleta e codificação, os dados foram relacionados com as variáveis estabelecidas, que, comparadas às hipóteses formuladas, revelaram que:

- "quanto mais jovem o falante, maior é o emprego do Português, menor o de Alemão-alto e Alemão-baixo, registrando-se no uso do Alemão-alto uma maior insegurança;
- os menonitas do sexo masculino detêm um índice superior no emprego de Português e Alemão-baixo quando comparados ao sexo feminino, mas são superados por este no uso do Alemão-alto;
- na esfera da amizade e do lazer predomina o emprego do Português, sendo também frequente o uso do Alemão-baixo;
- na esfera familiar privilegia-se o ensino do Alemão-alto em detrimento da língua tradicionalmente ensinada, o Alemão-baixo, que, mesmo assim, continua sendo empregado, inclusive pelos jovens;

- na esfera religiosa o predomínio do emprego do Alemão-alto não é mais absoluto, principalmente entre os jovens; mas quanto maior a formalidade do contexto e a passividade do falante, maior é o emprego do Alemão-alto e menor o do Português;
- a incorporação definitiva dos bairros em que se localiza a comunidade menonita ao perímetro urbano de Curitiba foi acompanhada pelo aumento generalizado do emprego do Português e da conseqüente diminuição do uso de Alemão-baixo e Alemão-alto, principalmente entre os jovens". (Siemens, 1984: IV,V).

A conclusão do autor entende que o fim do isolamento geográfico e cultural na vizinhança, no emprego, na escola e no lar, através da presença maciça de televisores, está acelerando o processo de transformação dos hábitos lingüísticos entre os menonitas de Curitiba.

1.5. PONTO DE PARTIDA PARA O PRESENTE ESTUDO

A revisão dos trabalhos anteriormente mencionados mostra que a situação de contato do alemão com o português aqui no Brasil tem sido estudado sob o ponto de vista:

- sociológico-antropológico (Willems (1946))
- lexicológico (Oberacker (1939) e Fausel (1959))
- fonológico (Vandresen (1968))
- dialetológico (Bossmann (1953) e Koch (1972))
- etnográfico (Schaden (1942) e Heye (1973))
- sociolingüístico com ênfase no fenômeno de interferência lexical e gramatical (Zink de Souza (1976)) e
- sociolingüístico com ênfase na determinação dos domínios da língua alemã e portuguesa (Siemens (1984))

Em minha dissertação combinarei três áreas de pesquisa para poder abranger o tema em sua complexidade. As três áreas são: a sócio-histórica, a etnográfica e a linguística.

Na área sócio-histórica (capítulo 3 da dissertação), com base nas fontes disponíveis, pretendemos reconstruir o contexto sócio-histórico tanto da colonização do Rio Grande do Sul, como também da colonização de Panambi e da imigração de pessoas de Württemberg, Alemanha do Sul, em 1921 até 1926, que formam o grupo alvo da minha pesquisa (8). Descreveremos a situação de contato que se deu entre os membros do grupo étnico alemão e brasileiro e daremos uma descrição curta do município de Panambi de hoje.

Na área etnográfica (capítulo 4 da dissertação) analisaremos basicamente o diário do trabalho de campo, que realizamos em setembro/outubro de 1985 em Panambi e redondezas. Com base nas observações anotadas nesse diário, descreveremos os domínios da língua imigrante e da língua nacional na zona urbana e zona rural de Panambi.

Na área linguística (capítulos 5, 6 e 7 da dissertação) caracterizaremos a língua usada pelos membros da comunidade de fala alemã como sendo tipicamente oral e dialetal. Elaboraremos um modelo de análise sintática para os dados o qual levará em conta descrições sintáticas da língua alemã falada e de dois dialetos regionais alemães, usados pelos informantes (o dialeto hunsrueckisch e o dialeto sueviano).

O modelo de análise adotado para sistematizar os dados dos informantes é o da teoria de variação. Trabalharemos basicamente com duas variáveis. São elas:

- preenchimento versus queda de sujeito e
- sujeito pré-e pós-verbal.

Entre outros, um dos objetivos centrais à presente dissertação é verificar, através da análise quantitativa, os possíveis efeitos de interferência da sintaxe da língua portuguesa sobre a sintaxe da língua alemã no caso dessas duas variáveis.

Como será demonstrado no capítulo de análise (o capítulo 6 da presente dissertação), a quantificação dos dados, ainda que não suficiente em alguns casos, permite levantar importantes e interessantes especulações sobre a interferência das duas sintaxes: a do alemão e a do português.

NOTAS DO CAPÍTULO 1

- (1) O uso do termo dialeto não contém para nós uma conotação negativa. Assumimos a definição de dialeto proposta por Lewandowski:
- "Uma variedade lingüística regional; variedade regional de uma língua nacional/standard/padrão que tem a sua origem também num determinado dialeto e que agora está a serviço de uma sociedade grande como língua corrente, língua de trânsito, língua padrão e língua da escrita e que costuma receber cuidados especiais. ... Os dialetos regionais (e também os sociais, isto é os socioletos) não apresentam menos regularidades sistemáticas do que a língua padrão; ao nível comunicativo, elas são tão eficientes como a língua padrão."
- (Lewandowski, 1979, vol.1, p. 148/149) (Tradução pessoal).
- (2) Na realidade foi no fim do século XIX que o fenômeno de línguas em contato recebeu uma consideração mais ampla. As publicações de Adolfo Coelho (1880), Hugo Schuchardt (1880) e Christian Hesseling (1899) podem ser consideradas pioneiras na área de pesquisa de línguas em contato. Esses três autores tentaram descrever contatos entre línguas que eram causados pela presença de colonizadores europeus na África, nas Américas e na Ásia. Nesse contexto devemos lembrar que foi Schuchardt quem primeiro descreveu em seu artigo situações de contato da língua alemã com línguas eslavas na Áustria.
- "Dem Herrn Franz von Miklosch zum 20. November 1883 - slawo-deutsches und slawo-italienisches", publicado em 1884.
- (3) Estou colocando o termo "interferência" entre aspas, consciente da conotação ambígua dessa tradução do termo inglês "interference".
- (4) Ênfase nossa.
- (5) Recebemos da Profª Drª Brigitte Schlieben-Lange uma lista completa de publicações recentes sobre a língua alemã no exterior. Não foi possível considerá-la nesse trabalho por razões organizatórias, mas reproduziremos a lista e a levaremos em conta num futuro trabalho.

FRANZ STEINER VERLAG WIESBADEN GmbH
 REIHE - Deutsche Sprache in Europa und Uebersee.
 Berichte und Forschungen

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NOS ESTADOS UNIDOS

Heinz Kloss, Hrsg.: Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten. Teil II. Regionale und funktionale Aspekte. 1985. XI.

Leopold Auburger/Heinz Kloss, Hrsg.: Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten. Teil I; Der Mittelwesten. 1979. X.

Werner Enninger/Lilith M. Haynes, eds.: Studies in Language Ecology. 1984. VIII.

Werner Enninger/Joachim Raith: An Ethnograph-of-Communication Approach of Ceremonial Situations. A Study on Communication in Institutionalized Social Contexts: The Old Order Amish Church Service. 1982. XII.

Joachim Raith: Sprachgemeinschaftstyp, Sprachkontakt, Sprachgebrauch. Eine Untersuchung des Bilingualismus der anabaptistischen Gruppen Deutscher Abstammung in Lancaster Country, Pennsylvania. 1982. XII.

Christa Schwarzkopff: Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten. Teil III. German Americans. Die sprachliche Assimilation der Deutschen in Wisconsin. XII. 1987.

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NO CANADÁ

Leopold Auburger/Heinz Kloss, Hrsg.: Deutsch als Muttersprache in Kanada. Berichte zur Gegenwarts Lage, 1977. X.

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NA AUSTRÁLIA

Michael Clyne: Deutsch als Muttersprache in Australien. Zur Ökologie einer Einwanderersprache. 1981.

ALEMÃO NA ÁFRICA

Norbert Klein: Deutsche Sprache im Kontakt in Südwestafrika. Der heutige Gebrauch der Sprachen Deutsch, Afrikaans und Englisch in Namibia. 1984.

Hildegard Irma Stielau: Nataler Deutsch. Eine Dokumentation unter besonderer Berücksichtigung des englischen und afrikaans Einflusses auf die deutsche Sprache in Natal. 1980.

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NA BÉLGICA

Peter H. Nelde, Hrsg. Deutsch als Muttersprache in Belgien. Forschungsberichte zur Gegenwarts Lage. 1979.

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NA ROMÊNIA

Katharine Barba: Deutsche Dialekte in Rumanien. Die sued fraenkischen Mundarten der Banater deutschen Sprachinsel. 1982.

ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA NA HUNGRIA

Engelbert Rittinger: Mir ungarische Schwowe. Gedichte und Prosaschriften in deutscher Hochsprache und in der Kaschaer Mundart (1973-1983). Budapest: Tankonyvkiado. 1985.

ANFANG 1986 ERSCHIEN IN DER IDS-REIHE "DEUTSCHE SPRACHE IN EUROPA UND UBERSEE" FRANZ STEINER VERLAG STUTTGART, EIN SAMMELBAND UEBER UNGARN, DER IN ZUSAMMENARBEIT UNGARISCHER GERMANISTEN IN KOOPERATION MIT DER FORSCHUNGSSTELLE FUER MEHRSPRACHIGKEIT BRUESSEL ENTSTANDEN IST.

(6) Tradução pessoal.

(7) Tradução pessoal.

(8) Não podemos deixar de mencionar, nesse contexto, de maneira mais explícita, a pesquisa de Christa Schwarzkopff: Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten. Teil III. German Americans. Die sprachliche Assimilation der Deutschen in Wisconsin. Tomamos conhecimento do conteúdo desse livro em janeiro de 1988, quando a professora Schlieben Lange teve a gentileza de enviá-lo para nós. Foi interessante dispor do trabalho de Schwarzkopff por duas razões:

1. Nele encontramos a referência ao livro de Hansen; The Immigrant in American History." (1964) Desse livro tiramos a citação que reproduzimos no início da presente dissertação.
2. Apesar de seguir objetivos de pesquisa diferentes, o trabalho de Schwarzkopff e o nosso apresentam semelhanças:
 - levam em conta o contexto sócio-histórico em que se realizou a imigração, reconstruindo-o com ajuda de fontes históricas e
 - colhem dados históricos junto a testemunhas oculares. Esse método de coleta de dados foi denominado por Schwarzkopff como "oral history".

2. MÉTODOS DE TRABALHO DE CAMPO

2.0. ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Gostaríamos de iniciar este capítulo com uma citação de Cicourel, sociólogo americano que publicou em 1964 "Method and Measurement in Sociology". Esse estudo pode ser considerado básico para a metodologia do trabalho de campo. O autor assinala que:

"Os pesquisadores das ciências sociais estão confrontados com um problema único: justamente as condições de suas pesquisas constituem uma variável importante para o que é considerado como resultado de seu levantamento. A pesquisa de campo, que inclui como objetivos reais a observação participante e a entrevista, é um método em que as atividades do pesquisador exercem um papel decisivo nos dados". (1974: 63) (1).

Com essa afirmação Cicourel enfoca dois problemas básicos de toda e qualquer pesquisa de campo:

1. As condições em que o trabalho de campo é realizado formam em si uma variável, que se manifesta nos resultados da pesquisa.
2. A interação entre pesquisadores e informante pode constituir uma variável, interferindo no recorte dos dados. Cicourel menciona aqui também as duas técnicas básicas para a coleta de dados: a observação participante e a entrevista, relevantes para um trabalho de campo na área da sociolinguística. Foi o americano W. Labov quem combinou as duas técnicas de

trabalho de campo nos estudos sobre variação e mudança realizados em Filadélfia, EUA. O esboço desse método de pesquisa de campo aparece detalhado em "Field Methods used by the Project of Linguistic Change and Variation. Philadelphia, 1972-1978". Em nossa pesquisa de campo realizada em Panambi e redondezas inspiramo-nos basicamente na metodologia proposta por Labov (1978).

Houve algumas modificações significativas, introduzidas por nós. Em primeiro lugar realizamos uma fase de observação participante muito extensa a fim de obtermos impressões sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala alemã. Estávamos especialmente interessados em observar o comportamento lingüístico das pessoas em situações de interação natural. A descrição etnográfica da comunidade de fala alemã que conseguimos através da observação participante, encontra-se no capítulo quatro desta dissertação. Outra modificação que efetuamos diz respeito à entrevista sociolingüística, que descrevemos mais detalhadamente em 2.3.

Em 2.1. enfocaremos alguns problemas ligados à coleta de dados na área da sociolingüística e em 2.2. forneceremos uma descrição da metodologia do trabalho de campo desenvolvida por Labov. Faremos uma descrição da metodologia utilizada durante a realização de nossa pesquisa de campo em Panambi e redondezas em 2.3. Em 2.4. apresentaremos a amostra e daremos uma breve explicação da transcrição dos dados.

2.1. PROBLEMAS LIGADOS À COLETA DE DADOS

Antes de iniciar um trabalho de campo numa determinada comunidade de fala, alguns problemas se apresentam ao sociolinguísta. São eles:

- O PROBLEMA DA ENTRADA NA COMUNIDADE DE FALA

Há duas estratégias quanto à entrada de um pesquisador numa determinada comunidade de fala, propostas por Labov em "Field Methods used by the Project on Linguistic Change and Variation" (1978):

1. Entrar em contato com indivíduos e pequenos grupos de uma comunidade de fala que se propõem a ajudar a estabelecer contatos com outros membros da vizinhança.
2. Entrar na comunidade através de pessoas que pertencem a instituições sociais como, por exemplo, igrejas e escolas.

- O PROBLEMA DA APRESENTAÇÃO À COMUNIDADE

Quanto à apresentação do pesquisador frente à comunidade de fala, Labov aconselha fornecer uma descrição geral dos objetivos e interesses do pesquisador sem enfocar de maneira mais explícita o estudo da linguagem.

- O PROBLEMA DA DOCUMENTAÇÃO

Gravações clandestinas formam um outro problema. Labov e sua equipe jamais se valeram dessa técnica de gravação durante a realização dos vários trabalhos de campo sobre a variação e mudança lingüística em diversas cidades norte-americanas.

"This principle follows equally from practical and ethical considerations. It is our opinion that researchers who engage in candid recording will inevitably arouse a powerful social reaction, which will eventually result in repressive legislation." (Labov 1978, 47).

Por isso as gravações somente podem ser realizadas com o consentimento dos informantes.

- O PROBLEMA DA PUBLICAÇÃO

Esse ponto é destacado por Dittmar (1983), ao afirmar que o saber sobre o comportamento de um determinado grupo é ao mesmo tempo um saber de dominação. A publicação da pesquisa pode ter efeitos tanto positivos como negativos para o grupo estudado. Segundo Dittmar, estamos aqui confrontados com um problema ético e o pesquisador deveria se fazer perguntas críticas como:

- a) O informante fica prejudicado com a citação de seus enunciados?
- b) Determinados dados e resultados empíricos poderiam ser usados contra os interesses legítimos do grupo pesquisado?

c) Os informantes sabem da publicação e a apóiam?

- O PROBLEMA DO PARADOXO DO OBSERVADOR

Labov define o paradoxo do observador como segue:

"... our aim is to observe how people talk when they are not being observed."

(Labov 1978, 6)

O efeito do observador pode ser reduzido, segundo Labov, através da combinação de duas técnicas de levantamento de dados: a observação participante e a entrevista sociolinguística, a serem descritas mais detalhadamente em 2.2.

2.2. A METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DESENVOLVIDA POR W. LABOV

Um estudo sobre variação e mudança linguística é dirigido, segundo Labov, por dois objetivos básicos:

"On the one hand, we need a large volume of recorded speech of high enough quality for instrumental analyses of vowels or the precise judgements on the realizations of grammatical particles which are often reduced to rapidly articulated, minimal features of sound. On the other hand, we place a very high value on records of vernacular speech which show a minimum shift or accommodation to the presence of an outside observer. The tension between these two needs informs the basic dynamics of our developing field methods over the past fifteen years." (Labov 1978, 3/4).

Além desses dois objetivos básicos o autor formulou cinco princípios de trabalho. São eles:

1. O PRINCÍPIO DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Não há falantes que usem somente um estilo.

2. O PRINCÍPIO DA ATENÇÃO

Estilos podem ser ordenados ao longo de uma única dimensão, medida segundo o aumento de atenção prestada por parte do falante à sua produção verbal.

3. O PRINCÍPIO DO VERNÁCULO

O estilo que é mais regular na sua estrutura e na sua relação frente à evolução da fala é o vernáculo. O falante presta o mínimo de atenção ao vernáculo.

4. O PRINCÍPIO DA FORMALIDADE

Cada observação sistemática do falante define um contexto formal em que se presta mais do que o mínimo de atenção na fala.

5. A ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA

É o único meio de se obter fala gravada com boa qualidade sonora de que precisamos para a análise quantitativa dos dados.

"In other words, quantitative analysis demands data obtained through the most obvious kind of systematic observation." (Labov 1978, 5/6).

Estamos confrontados então com o já mencionado paradoxo do observador.

O problema do efeito do observador pode ser resolvido, segundo Labov, através da combinação de duas técnicas de levantamento de dados num trabalho de campo: a observação participante e a entrevista sociolingüística.

"Our base goal is to modify both methods as far as we can to reduce these limitations, and then combine both approaches to converge on the linguistic system we hope to describe. There will be sources of error in participant observation and in face-to-face interviews, but they are complementary; by combining both methods, we can estimate the degree and direction of error in our final statement of the rules of the vernacular." (Labov 1978: 7).

A observação participante pode ser definida como:

"... um processo em que é mantida a presença do observador numa situação social para fins de levantamento científico. O observador se relaciona pessoalmente com os observados e, participando no seu dia-a-dia, colecciona dados. Assim o observador torna-se parte do contexto que está sob observação e ele não somente modifica este contexto, como também o influencia." (Schwartz e Schwartz in Cicourel: 1974: 66). (2).

A observação participante reduz o efeito do paradoxo do observador a um mínimo, mas somente pouco material lingüístico pode ser colhido. (3).

A entrevista é definida na literatura como uma conversação dirigida ou como um procedimento sistemático com objetivos científicos, em que se provocam reações verbais do informante com a ajuda de perguntas ou de outro tipo de estimulação.

Ela pode ser caracterizada:

- Como um processo de interação social, em que a capacidade do entrevistador de perceber, reconhecer e estabelecer contatos é de grande importância. O entrevistador tem que ser capaz de desenvolver uma relação com o entrevistado com a ajuda de sua intuição. Ele tem que ser capaz de julgar disposições e sentimentos (como, por exemplo, medo, suspeita e sinceridade). Atribui-se uma dupla responsabilidade ao entrevistador: "... ele tem que simular uma participação espontânea e, ao mesmo tempo, tem que avaliar as opiniões do entrevistado quanto à entrevista, ao observador e a seu relacionamento." (Cicourel, 1974: 113). (4).
 - Como uma comunicação assimétrica. Labov (1978) fala de relações de poder na situação da entrevista. A consequência dessas relações de poder pode caracterizar-se
- "... any identification of the interviewer as a teacher would stress the fact, that he is a person that informa-

tion flows from and not to." (Labov, 1978: 21).

O pesquisador pode evitar esta situação de poder se uma interrogação sistemática é evitada e, em vez disso, uma conversação informal é iniciada, em que o entrevistado é um especialista e o entrevistador, um aprendiz. Além disso, o entrevistador não pode mostrar, em nenhum momento da entrevista, um comportamento autoritário frente ao entrevistado. O efeito do paradoxo do observador na entrevista é muito alto.

Labov formulou algumas metas de trabalho para se obter uma entrevista bem sucedida. São elas:

- gravar a fala de cada informante de uma até duas horas;
- gravar todos os dados demográficos que são necessários para a composição do perfil de cada informante;
- receber respostas comparativas que definam atitudes e experiências distintas nas sub-culturas;
- provocar narrativas sobre experiência pessoal;
- estimular ações inter-grupais (assim pode ser gravada a conversação que não é dirigida para o entrevistador);
- isolar tais tópicos que são de interesse maior para o falante;
- descobrir os padrões de comunicação e/ou negociação linguística entre os membros da comunidade e destacar a posição social do falante dentro da rede de comunicação e
- gravar afirmações quanto a atitudes frente à língua (em Fanambi, língua nacional e língua imigrante) e estereótipos linguísticos.

Para evitar os problemas acima mencionados, Labov propõe dois possíveis caminhos para a realização de uma entrevista sociolinguística.

1. O uso de MÓDULOS CONVERSACIONAIS. Labov define o módulo conversacional como

"a group of questions focusing on a particular topic: e.g. children's games, premonitions, the danger of death, aspirations, etc..." (Labov 1978: 14).

Tais módulos mostram, ainda, um certo grau de estrutura hierárquica. Uma sessão normalmente começa com perguntas mais generalizadas e transcende, no decorrer da conversação, para perguntas mais específicas. Deve ser considerado que:

- os tópicos são de interesse comum;
- o estilo de fala do entrevistador é coloquial;
- as perguntas são formuladas de maneira curta (max. 5 seg.) e
- acontece um "feed-back".

2. A combinação dos módulos conversacionais em REDES DE CONVERSAÇÃO pelo entrevistador:

"Modules are selected by the interviewer from the general resource file Q-GEN-II to construct a specific interview schedule. This schedule is then utilized to construct a conversational network, in which modules are connected at transition points through close associations."

(Labov: 1978, 16)

A seguir reproduziremos uma figura, desenvolvida pelos lingüistas que faziam parte do "Heidelberger Forschungsprojekt Pidgin-Deutsch", (1978), que compara as duas técnicas de levantamento de dados. (5).

FIGURA 2.1. COMPARAÇÃO DOS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS: A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA.

Avaliação dos dados de acordo com aspectos relevantes para a pesquisa		TÉCNICAS DE PESQUISA DE CAMPO		
		observação participante	entrevista	
D I M E N S Ã O	S I T U A T I V A	situação de contato	contatos intensivos e informais com muitas ocasiões de interação.	um breve e único contato, imposto e definido pelo pesquisador
		variação situativa	observação e coletas de dados possíveis tanto em situações formais quanto informais	situação única, muitas vezes situação formal
	L I N G U Í S T I C A	coleta de dados	anotações dos enunciados; gravações muitas vezes difíceis	através de gravações
		qualidade das gravações	diminuída por causa de barulho e outros fatores	qualidade ótima
		variedade do material	grande variedade de elementos gramaticais e de diálogos; diferentes tipos de atos de fala; afirmações sobre o repertório verbal dos falantes é possível.	normalmente aparece só o ato de fala "resposta"; poucos tipos de-se elicitar elementos gramaticais de uma maneira muito limitada; o repertório verbal é limitado.

Figura retirada de "Heidelberger Forschungsprojekt Pidgin-Deutsch" (1975: 48).

2.3. A COMBINAÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COM A ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA NO TRABALHO DE CAMPO REALIZADO NA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PANAMBI

Realizamos um trabalho de campo no município de Panambi em setembro e outubro de 1985, durante quatro semanas. Entramos na comunidade de fala alemã através de contatos que tínhamos com pessoas que estavam ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Apresentamos como objetivo principal o nosso interesse pela história local do município, explicitamos o nosso interesse em saber mais sobre a imigração sueviana que aconteceu durante os anos 20 e que gostaríamos de conhecer pessoalmente imigrantes dessa época.

A coleta de dados foi realizada em duas fases que não podem ser consideradas fases totalmente separadas entre si, por elas se entrecruzarem. Isto é, iniciamos a pesquisa de campo com a fase da observação participante e quando entramos na fase das entrevistas sociolinguísticas, continuamos com a observação participante.

1. A FASE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Iniciamos a observação participante na zona urbana de Panambi em diversas instituições como, por exemplo, nas igrejas e na Escola Evangélica Panambi e em vários lugares públicos como, por exemplo, na rodoviária, nas diversas lojas, nos supermercados e na cooperativa. Frequentamos festas da comunidade evangé-

lica em diversas linhas da zona rural (6). Através dos contatos estabelecidos durante essa fase obtivemos impressões sobre a realidade lingüística tanto da zona urbana como da zona rural.

Localizamos também nomes de imigrantes, que chegaram de Vurtemberg nos anos 20. Nessas conversas informais estávamos sempre interessados em saber mais detalhes sobre a colonização de Panambi. Fizemos também perguntas sobre a convivência dos dois grupos étnicos durante todos os anos da existência de Panambi e queríamos saber se casamentos interétnicos eram aprovados pelos membros da comunidade de fala. Sempre perguntamos o que mudou em Panambi, se mudou para melhor ou para pior. Assim as pessoas com as quais interagimos, se tornaram especialistas e nós, os aprendizes. Percebemos que de modo geral as pessoas gostavam de falar sobre a história local de Panambi e integramos esse tópico nos módulos da entrevista sociolingüística, a ser descrita detalhadamente a seguir.

A escolha de informantes representativos foi mais fácil na zona urbana, porque os membros da comunidade de fala alemã se conhecem muito bem e mantêm contatos entre si. Foi muito difícil localizar imigrantes suevianos que continuavam morando na zona rural. Isso aconteceu somente quando entramos em contato com funcionários de instituições municipais que estavam desenvolvendo vários projetos na área de orientação agrícola e de saúde junto com os moradores das diversas linhas da zona rural. Acompanhando-os em suas idas à zona rural, localizamos famílias de origem sueviana na linha Morengaba. Duas famílias estavam dispostas a colaborar na pesquisa e fomos convidados a viver uma semana na casa de uma família de descendência sueviana na

zona rural.

Lá participamos das ocupações diárias dos informantes, ajudando as mulheres no trabalho doméstico. Acreditamos que a convivência intensiva ajudou a construir contatos pessoais muito bons, que de algum modo são importantes para a realização das entrevistas sociolinguísticas. Na cidade não foi possível conviver com as famílias, mas preparamos a fase das entrevistas sociolinguísticas de outra maneira: visitamos os informantes várias vezes antes da realização da entrevista.

Os objetivos relacionados à observação participante foram:

1. Ganhar impressões sobre a vida comunitária e sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala alemã.
2. Reconstruir o contexto sócio-histórico da colonização de Panambi e da imigração de pessoas de Vurtemberg através de relatórios de testemunhas da época (Augenzeugenberichte).
3. Captar as variedades linguísticas e as línguas usadas na comunidade de fala alemã em situações de interação natural.
4. Determinar, com base nas observações feitas em situações de interação natural, os domínios da língua imigrante e da língua nacional. (7).
5. Observar díades dentro de núcleos familiares e examiná-las em relação ao uso da língua alemã e da língua portuguesa. (8).
6. Reconhecer problemas ou assuntos da comunidade que poderiam ser introduzidos como tópicos na entrevista so-

ciolinguística. Selecionar informantes para a constituição da amostra.

Assim, a observação participante fornece material para a descrição etnográfica da comunidade de fala alemã de Panambi a ser apresentada no capítulo 4 da dissertação e ela funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística.

2. A FASE DA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Realizamos entrevistas sociolinguísticas em quatro famílias que se constituíram por membros de três gerações. Explicamos que estávamos interessados em elaborar um livro sobre a imigração de pessoas de Vurtemberg, Alemanha do Sul. Não mencionamos que o nosso objetivo abrangia também um estudo da língua falada pelos membros da comunidade alemã. Justificamos as entrevistas enfocando que queríamos saber mais sobre a fundação da colônia, a imigração sueviana e a contribuição dos imigrantes e seus descendentes para o desenvolvimento do município. Explicamos que estávamos interessados em saber como era a vida na antiga colônia e como ela é hoje. Alguns informantes queriam saber o porquê da gravação. Explicamos que tínhamos que gravar tudo, para poder lembrar o que foi falado. Estávamos conscientes do problema ético, mas achamos necessário adotar esse método. (9) Afirmamos sempre para os informantes que o material gravado seria ouvido exclusivamente por nós. Nunca fizemos gra-

vações clandestinas por julgá-las não éticas.

Os primeiros contatos com as famílias a serem entrevistadas foram feitos com pessoas que as conheciam bem. Na maioria dos casos fomos apresentados às famílias através de amigos ou parentes.

Entrevistamos todos os informantes nas suas casas com exceção de um informante que entrevistamos no local de trabalho, por ele o preferir assim. Na hora da entrevista houve, na maioria dos casos, outras pessoas por perto que muitas vezes acabaram interagindo e participando da entrevista. Assim, gravamos situações comunicativas entre casais, irmãos e amigos. Os adolescentes foram gravados aos pares, o que resultou em uma vantagem, porque eles se sentiram dessa maneira mais a vontade, e uma desvantagem, porque houve informantes que dominaram no decorrer da entrevista e porque tínhamos que estimular o outro informante para participar mais na conversa.

Excluimos da entrevista testes de leitura e listas de palavras porque não pretendíamos analisar os dados colhidos ao nível fonético-fonológico. Estávamos muito interessados em obter narrativas dos informantes. Nessas narrativas sobre experiências pessoais o falante se envolve na hora de contar e por causa disso não presta mais tanta atenção na maneira como ele fala.

"But because the experience and emotions involved here form an important part of the speaker's biography, he seems to undergo a partial reliving of that experience, and he is no longer free to monitor his own speech as he normally does in face-to-face interviews."
(Labov, 1972: 355).

Na realização das entrevistas sociolinguísticas nós não pré-programamos e não pré-estruturamos a entrevista de maneira explícita. Introduzimos alguns tópicos propostos por Labov (1978), relacionados à família, escola e religião ocasionalmente, embora não tenhamos nos preocupado com a formulação de perguntas de maneira estandardizada, conforme proposto por Labov. Introduzimos também tópicos dos quais sabíamos que os membros da comunidade de fala gostavam de falar. Aos informantes da primeira geração perguntamos sobre a vida na Alemanha antes de sua imigração para o Brasil, sobre a viagem para o Brasil, sobre a sua chegada na colônia e as dificuldades que aqui enfrentaram. Perguntamos aos informantes da primeira e da segunda geração sobre as condições de vida na colônia antes e depois da Segunda Guerra Mundial.

Perguntas desse tipo não somente ajudaram a reconstruir a história local da colônia, como também apresentaram a vantagem de deixar o informante no papel de especialista. (10).

Nas entrevistas com os adolescentes introduzimos perguntas sobre a vida na zona rural em comparação com a vida na zona urbana, sobre sonhos de sair da zona rural para trabalhar na zona urbana numa das fábricas ou sobre sonhos de migrar para um outro estado dentro do Brasil. Gravamos também sessões intergrupais em que os adolescentes falaram sobre namoro, programas de fim de semana e costumes do "peer-group" (veja-se, por exemplo, a reprodução da narrativa de H.C. em 5.2., pág. 161). (11).

Nas entrevistas realizadas com crianças na idade de sete até onze anos e com pré-adolescentes (12 até 14 anos) confrontamos com um problema sério. Ainda que tenhamos estabelecido

contatos cordiais e amigáveis com esses informantes, era difícil provocar narrativas pessoais e espontâneas deles. Anteriormente às entrevistas visitamos as crianças várias vezes nas suas respectivas casas e tivemos muitas conversas informais durante as quais também contamos histórias de livros infantis que tínhamos levado ao campo. O fato de nós termos contado histórias para essas crianças facilitou o contato com elas.

Iniciamos a maioria das entrevistas contando histórias infantis. As crianças gostaram de recontar essas histórias e gravamos muitas narrativas não-espontâneas, isto é: narrações. Na hora de abstrair o conteúdo da história e querer ligá-lo às experiências pessoais da criança, a entrevista entrou numa fase mais dialógica do tipo pergunta - resposta. A mesma coisa aconteceu quando introduzimos tópicos generalizados sobre jogos infantis, escola, etc.

Acreditamos não termos penetrado o suficiente na vida dessas crianças para saber mais de suas preocupações reais, porque não conseguimos introduzir tópicos de interesse para essa faixa etária. (12) Por causa disso, dispomos de relativamente poucos dados de fala espontânea de crianças e pré-adolescentes. Por razões metodológicas não incluímos na análise quantitativa os dados, que foram provocados através de histórias infantis, por eles constituírem um outro tipo de texto, diferente das narrativas pessoais e espontâneas.

Para um futuro trabalho de campo teríamos que refletir como melhorar as técnicas de colher dados com crianças e pré-adolescentes. Acreditamos que uma fase de observação participante no caso desses informantes tem que ser intensiva para o

pesquisador poder penetrar melhor no mundo da criança e do pré-adolescente. Dessa maneira o pesquisador reconhece tópicos que são de interesse para essa faixa etária para introduzi-los na entrevista sociolinguística.

Depois de cada entrevista introduzimos um questionário destinado à obtenção dos dados demográficos mais importantes. Os informantes responderam as perguntas oralmente e anotamos as respostas. Introduzimos também um módulo sobre atitudes frente à língua alemã e à língua portuguesa. Lemos as perguntas e os informantes responderam-nas. Reproduziremos o questionário e o módulo sobre atitudes no anexo da dissertação. Os resultados da pesquisa de atitudes acham-se em 4.3.2.

2.4. A AMOSTRA

2.4.1. OS INFORMANTES

A amostra se constitui de quatro famílias: duas da zona rural e duas da zona urbana. No total entrevistamos 23 informantes, gravando cada um entre meia hora e uma hora e meia. O gravador usado era um Uher 4400 Report Monitor. Decidimos trabalhar com famílias por duas razões:

1. O pesquisador é introduzido no núcleo familiar por uma pessoa que é membro da família. Assim, desenvolve-se um clima de interação favorável para entrevistas bem sucedidas.
2. No núcleo familiar é possível observarem-se as díades (quem fala que língua com quem) e os domínios da língua imigrante e nacional deixam-se determinar. E o que é de interesse maior é a coleta de dados nas diferentes gerações (1ª até 3ª) para poder isolar variantes linguísticas no corpus.

A Tabela a seguir reproduzida contém a amostra dos informantes entrevistados. Usamos algumas abreviações:

U = urbano

R = rural

E = evangélico

A = alemão

P = português

TABELA 2.1.: AMOSTRA DE TODOS OS INFORMANTES ENTREVISTADOS

NOME	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL ES- COLAR	LUGAR DE NASCIMENTO	LÍNGUA MATERNA	RELIGIÃO	ZONA
E.A.	M	80	aposentado	1º grau incompleto	Alemanha	A	E	U
R.A.	M	50	funcionário	2º grau completo	Panambi	A	E	U
K.A.	F	30	dona de casa	2º grau completo	Panambi	A	E	U
H.A.	F	13	estudante	7ª série	Panambi	A	E	U
G.A.	F	10	estudante	4ª série	Panambi	A	E	U
R.B.	M	74	aposentado	1º grau incompleto	Alemanha	A	E	U
D.B.	F	78	dona de casa	1º grau incompleto	Estrela	A	E	U
M.B.	F	40	comerciante	1º grau completo	Panambi	A	E	U
C.B.	M	40	empregado de uma firma	1º grau incompleto	Palmeira	P	E	U
L.B.	F	18	estudante	2º grau completo	Panambi	P	E	U
B.B.	F	12	estudante	6ª série	Panambi	P	E	U
Wh.C.	M	80	aposentado	1º grau incompleto	Alemanha	A	E	R
Wi.C.	M	50	colono	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
I.C.	F	45	colona	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
H.C.	M	22	colono	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
Ne.C.	M	20	colono	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
N.C.	M	18	colono	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
M.C.	F	15	colona	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
A.D.	M	45	colono	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
I.D.	F	39	colona	1º grau incompleto	Morengaba	A	E	R
V.D.	M	15	estudante	8ª série	Morengaba	A	E	R
E.D.	M	13	estudante	6ª série	Morengaba	A	E	R
B.D.	M	7	estudante	1ª série	Morengaba	A	E	R

2.4.2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

2.4.2.1. A TRANSCRIÇÃO

A transcrição das narrativas foi realizada muito cuidadosamente. Ouvimos e reouvimos o material transcrito várias vezes para aperfeiçoar a transcrição. Por não havermos planejado uma análise dos dados ao nível fonético-fonológico, optamos por um sistema simplificado de transcrição que se orienta na ortografia alemã. Tentamos reproduzir os enunciados como o informante os produziu, mantendo os traços fonéticos-fonológicos típicos para a língua falada e dialetal.

O critério de divisão das orações narrativas foi prosódico, diferentemente do utilizado por Labov (1972b e 1978).

Foram usados vários símbolos. São eles:

- ruptura
- - intervalo curto
- - - - intervalo comprido
- transcrição incompleta por razões fonéticas
- () expressões extra-verbais como, por exemplo, risadas, etc.

2.4.2.2. A SENTENÇA

Para codificar os dados, desenvolvemos um modelo de análise sintática que levou em conta características da língua alemã falada e dos dialetos regionais existentes na comunidade de fala alemã de Panambi.

São típicas para a língua falada as:

- rupturas
- elipses com a expressão "para casa" ("heim" em alemão)
- elipses de predicado e sujeito
- orações que apresentam problemas ao nível fonético
- orações intercaladas e
- "Nachtraege" ("afterthoughts")

Não analisamos:

RUPTURAS

Elas são a maneira mais fácil de corrigir uma construção, não se a terminando e, em vez disso, iniciando-se uma nova construção.

Exemplo:

- (5) Das war - Aber so ware unsre Eltern arch gut mit uns, gell. (R213c(34))
Isso foi - Mas mesmo assim foram os nossos pais muito bons conosco, né.
Isso foi - Mesmo assim os nosso pais foram muito bons conosco, né.

ELIPSES COM A EXPRESSÃO "PARA CASA" (em alemão HEIM)

Esse tipo de elipse é muito típico da língua falada alemã. Ela aparece quase exclusivamente em construções com o verbo gehen (andar) (13).

Exemplo:

- (6) Un dann heim. (R313f(16))
E aí pra casa.

ELIPSES DE SUJEITO E PREDICADO

Uma construção também típica da língua falada alemã. (14)

Exemplo:

- (7) Un nachher auf's Fest, Churrasko, hm. (R223d(170))
E depois na festa, churrasco, hm.

ORAÇÕES QUE APRESENTAM PROBLEMAS POR RAZÕES FONÉTICAS

Houve casos de orações que apresentaram, no momento da transcrição, problemas ao nível fonético. Foi impossível julgar se o sujeito é ou não marcado foneticamente. Daremos dois exemplos que representam dois problemas diferentes:

- a) o caso do "s" em fusão (em alemão denominamos esse fenômeno de "Schlupf - "s")

Esse fenômeno pode ser descrito como dois "s" em fusão. A maioria dos casos de "Schlupf-s" ocorreu junto com o pronome pessoal "es", que na fala dialetal pode ser reduzido a 's.

Exemplo:

- (8) Dort isch viel ungsuender durch die Fluess.
(R113b(217))
ou
Dort isch's viel ungsuender durch dia Fluss.
Lá é muito mais não saudável por causa dos rios.
"Lá não é muito saudável por causa dos rios."

b) A NEUTRALIZAÇÃO de "t" e "d" NA PRONÚNCIA DOS INFORMANTES

Na maioria dos casos esse fenômeno ocorreu com o pronome pessoal "du" (você) que pode ser reduzido na fala dialetal para "de" ou 'd. (15)

Exemplo:

- (9) ... weisst die von die Emater. (R323h(174))
 ... sabe aquela da Emater.
 ou
 ... weisst de die von du Emater.
 ... você sabe aquela da Emater.
 ou
 ... weisst 'd die von die Emater.
 ... você sabe aquela da Emater.

ORAÇÕES INTERCALADAS

Não levamos em conta esse tipo de oração, por ser considerado um marcador discursivo.

Exemplo:

- (10) Aber so, ich glaub, ihne hat's gefalle. (U2213(92))
 Mas assim, eu acho, eles têm gostado.

NACHTRAEGE (AFTERTHOUGHTS) (16)

Encontramos muitos "Nachtraege" nos dados de nossos informantes. "Nachtrag" pode ser definido como proposto por Rath (1979):

"Entendemos como Nachtraege o fenômeno de ainda poder continuar dentro do enunciado mesmo que tenha sido planejado um fim para ele e que esse fim já tenha sido alcançado. Há possibilidades de continuar, sem que novas orações tenham de ser formadas."
 (Rath 1979,178).

Exemplo:

- (11) Das war unentgeltlich, da hat's nur Bohne und Maniok gebe, ne, _ _ Reis, bissel Fleisch halt, Scharke.
 Isso foi gratuito, aí tinha só feijão e mandioca, né, _ _ arroz, um pouco de carne, chique.

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- (1) Tradução Pessoal
Tivemos à nossa disposição a versão alemã deste livro, publicada em 1974 sob o título: *Methode und Messung in der Soziologie*. Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft".
- (2) Tradução Pessoal
- (3) Foi Gumperz (1964), publicado em 1971, que usou primeiramente a observação participante como técnica de levantamento de dados sobre mudança de código (code-switching) numa pequena cidade chamada Hemnesberget na Noruega. Nesse estudo a observação participante constituiu uma fase de coleta de dados. Numa segunda fase ele realizou testes de produção com alguns informantes e gravou conversas informais de três grupos de pessoas em casas particulares, conseguindo assim dados de interação mais ou menos informais. Depois ele comparou os resultados obtidos através da aplicação das duas técnicas.
- (4) Tradução Pessoal
- (5) Veja também a comparação das duas técnicas de coleta de dados em Labov, 1972: 61.
- (6) A zona rural de Panambi se constitui por chamadas LINHAS, divisão das terras que faziam parte da colônia Neu-Wuerttemberg. Ver capítulo 3, pág. 79 da dissertação.
- (7) Usamos o termo domínio no sentido estabelecido por Fishman (1971).
- (8) Por díades entendemos interações entre avó e avô, mãe e filho, etc. Usamos e explicamos o termo mais detalhadamente no capítulo 4 da dissertação, especialmente no quadro 1 até 4.
- (9) Lira (1982), que também realizou um trabalho de campo para colher dados, aplicou uma estratégia parecida.
"I did not tell them that I was primarily interested in their speech as I felt that this fact would inhibit them and make them self-conscious of their speech. When I was asked about the tape-recorder by some speakers who were nervous about it I said I wanted to be sure that I remembered everything they told me. I am aware that although this strategy was methodologically necessary it was not entirely ethical."
(Lira 1982, 37).
- (10) Quasthoff assinala que perguntas que enfocam fatos do passado de pessoas provocam narrativas.
"Com parceiros de interação mais idosos, eu sempre enfoquei a época de guerra e pós-guerra em Berlim para conse-

guir um mínimo de comparabilidade quanto ao material. Esse tópico presta não somente porque estimula uma grande probabilidade de narrativas, mas também porque aqui o informante está, frente à parceira de interação mais jovem, automaticamente no papel de especialista. Uma constelação desse tipo é feita para diminuir consideravelmente a hierarquia na relação dos parceiros de interação." (Quasthoff, 1980: 19).

- (11) Sempre quando nós usamos o termo "peer-group" nós nos baseamos na definição que reproduziremos a seguir:
 "Peer-groups são grupos de jovens que são da mesma idade. No dilema entre um mundo de adultos que é medido através do bom aproveitamento escolar, da aprendizagem de uma profissão e de uma liberdade limitada, os adolescentes formam, ainda não sendo adultos, para resolver os seus problemas de orientação, aqueles peer-groups, nos quais eles formam e praticam as suas próprias formas de convivência e a maneira de lidar com a realidade (sub-culturas). ..."
 (Koeck e Ott, 1979: 395).
- (12) Labov descobriu um módulo interessante que provocava narrativas dos pré-adolescentes e dos adolescentes: a luta de rua (as chamados street-fights). Acreditamos que esse tópico é altamente específico para a cultura americana e por isso não aplicável para todas as sociedades.
- (13) Henn (1978) indica que a expressão "heim" já é idiomática tanto para a língua falada coloquial, como também para o dialeto "pfaelzisch").
- (14) Os autores Schank e Schwitalla observam:
 "Na língua falada são produzidos enunciados nos quais faltam constituintes da oração que são necessários para formar uma oração completa, segundo as gramáticas existentes."
 (Schank e Schwitalla, 1980: 316).
 Eles dão um exemplo em que faltam o sujeito e o predicado:
Exemplo:
 Vielleicht Saenf no? Fuer ans Wurschtige?
 Talvez mostarda ainda? Para o wurschtige?
- (15) Henn denomina esse fenômeno como "Verschleifen". Ela menciona um exemplo que encontrou numa das redações analisadas.
Exemplo:
 Hier kriegst deine zwei Pfund Aepfel.
 Aqui recebe (você) o seu kilo de maçãs.
 A observação feita por Henn é: "Du wird haeufig mit dem Verbalmorphem verschliffen."
 (Henn, 1978: 164).
- (16) Pontes (1982) traduz o termo "afterthoughts" como "pensamento ulterior" para o português.

3. A RECONSTRUÇÃO DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL EM GERAL E NO MUNICÍPIO DE PANAMBI EM PARTICULAR

3.0. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

No início deste capítulo gostaria de demonstrar por que motivo a reconstrução do contexto sócio-histórico da colonização do Rio Grande do Sul em geral e da colônia Neu-Wuerttemberg (hoje Panambi) em particular, é de importância para o presente estudo.

Sabemos que as causas de uma situação de bilingüismo são históricas e sociais. De maneira geral, pode-se afirmar que situações de bi-ou multilingüismo sempre existiram no decorrer da história do homem. Essas situações surgem quando:

- um primeiro povo conquista um segundo, impondo-lhe a sua língua;
- indivíduos de uma comunidade de fala emigram para uma determinada região e formam o que se denomina na literatura linguística de ilhas linguísticas.(1)

Os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil a partir de 1824 fundaram, na maioria dos casos, núcleos coloniais puramente étnicos, dando assim origem às ilhas linguísticas de fala alemã no Rio Grande do Sul.

Sentimos necessidade de reconstruir o contexto sócio-histórico da imigração alemã no Rio Grande do Sul para melhor compreender:

- as raízes sócio-históricas de bilingüismo nessa região e
- a situação de contato que se deu entre os dois grupos étnicos
- o alemão e o luso-brasileiro - no decorrer da história. (2)

Num primeiro momento demonstraremos, em 3.1., quais foram as razões históricas e sociais que levaram os imigrantes a saírem de seu país de origem e quais foram as razões que levaram o governo Imperial e mais tarde o Governo Brasileiro à implantação de uma política de imigração.

A reconstrução do contexto sócio-histórico da colonização do Rio Grande do Sul permitirá verificar:

- se os imigrantes alemães se segregaram desde o começo por razões de manutenção da identidade étnica ou
- se eles criaram um "pequeno mundo alemão" devido ao fato de o governo não ter fornecido auxílio na construção de uma infraestrutura social (escolas, centro médico, estradas, etc.).

Esta parte da descrição poderia ser chamada de 'uma descrição histórica em nível macro'.

Num segundo momento, descreveremos minuciosamente em 3.2. a colonização de Panambi. Levaremos em conta então aquilo que Dittmar (1982) chama a dimensão histórica de uma determinada comunidade de fala.

"A comunidade de fala e os seus falantes possuem uma história regional e sócio-cultural. Essa entra de maneira complexa nas interações." (3) (Dittmar, 1982: 23).

A reconstrução da situação de contato entre os dois grupos étnicos nessa comunidade específica permitirá verificar:

- se a população da colônia Neu-Wuerttemberg era puramente alemã (como afirmam Fausel (1949) e Koch (1974)) ou
- se houve desde o começo uma convivência entre os grupos étnicos - o brasileiro e o alemão;
- se houve conflitos inter-étnicos ao nível local;
- se houve ajuda para estimular o desenvolvimento da colônia pelo lado do Governo Riograndense e
- se existiam instituições brasileiras na comunidade;
- se os descendentes de alemães que povoaram primeiramente a colônia e os imigrantes alemães que chegaram nos anos 20, formaram um grupo homogêneo quanto à sua origem regional na Alemanha ou se encontramos uma situação multidialetal. (4)

Em 3.3. mencionaremos as leis principais, adotadas pelo Governo de Getúlio Vargas. Essas leis tinham por objetivo nacionalizar e assimilar à força os estrangeiros residentes no Brasil. Nosso interesse estava em verificar:

- se a política de nacionalização realizada nessa época modificou de maneira significativa o "pequeno mundo alemão" dos imigrantes alemães e seus descendentes em Panambi.

Esta parte poderia ser chamada uma "descrição histórica em nível micro".

Num quarto momento forneceremos, em 3.4., uma descrição atualizada do município de Panambi; em 3.5. apresentaremos a conclusão do capítulo.

3.1. ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE A COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

O historiador francês Jean Roche distingue duas fases de colonização para este Estado, em seu livro "A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul" (1969).

A primeira fase se inicia no século XIX e se estende até a queda do Império em 1889.

A razão principal da estimulação às ondas imigratórias para o Sul do Brasil foi a necessidade de povoar as regiões fronteiriças (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), que se achavam expostas à concorrência espanhola.

Essa primeira fase de colonização é marcada pela grande instabilidade frente a uma política de imigração. As razões eram de um lado de natureza política interna da Província (como, por exemplo, a Guerra dos Farrapos em 1830). Por outro lado, no Brasil nessa época, existia o sistema de escravidão que, de certa forma, era incompatível com a implantação de uma política voltada para a imigração:

"Na realidade, a existência do regime de escravidão impede o crescimento do fluxo imigratório, sendo a decadência do primeiro a condição para a expansão do segundo".

(Lando e Barros, 1976: 10)

Essa afirmação evidencia-se no número relativamente pequeno de imigrantes alemães: somente 387.702 pessoas vieram para o Brasil entre 1850 e 1890 (ver Roche, 1969:133). Mas, quais eram as razões para os imigrantes virem ao Brasil? Houve várias razões relacionadas a problemas políticos internos da Alemanha

nessa época, mas a razão principal foi a falta de terra para o pequeno camponês. As terras transmitidas por herança foram divididas e, assim, as propriedades atingiram a condição de minifúndios. A única alternativa de sobrevivência para muitos camponeses era a imigração para os Estados Unidos ou para países da América do Sul.

Nessa primeira fase da colonização do Rio Grande do Sul foram fundadas, pelo Governo Província Rio-Grandense e com ajuda dos imigrantes alemães, as chamadas colônias antigas. (5)

A maioria dos imigrantes que povoavam as colônias antigas veio das regiões Hunsrueck, Vestfália, Pomerânia e alguns do Sul da Alemanha.

As colônias antigas se situaram, na sua maioria, nos vales ao pé da serra, além das povoações luso-brasileiras, formando um grande número de núcleos agrícolas. Essas povoações eram, na sua grande maioria, homogêneas quanto à sua composição étnica.

O mapa 3.1 abaixo reproduzido visualiza que as antigas colônias alemãs formaram um cinturão na borda florestal do Planalto e que existiam intervalos muito grandes entre elas. Observa-se também que existiam poucas cidades luso-brasileiras, quase todas situadas no litoral, poucas no próprio Planalto e nenhuma entre os núcleos agrícolas dos colonos alemães. Existiam também algumas colônias italianas acima do cinturão das colônias alemãs.

Mapa 3.1.: AS ANTIGAS COLÔNIAS ALEMÃS



(retirado de Roche (1969:111))

As leis que regularam o tipo de assistência que o Governo Provincial seria obrigado a dar a essas colônias, não foram, no entanto, aplicadas. Na realidade o Governo Rio Grandense se limitou a intervenções mínimas nos núcleos coloniais.

Considerava-se que:

"A responsabilidade das colônias devia nascer da capacidade de trabalho dos colonos e da natural expansão da agricultura. Seu papel devia, pois, cessar o mais cedo possível, após a fundação da colônia. Essa posição era reforçada pelo desejo de não aumentar desnecessariamente as despesas".

(Roche, 1969:110)

Devido à falta de escolas públicas nessas colônias, os colonos começaram a fundar escolas comunitárias de iniciativa particular. Muitas vezes essas escolas eram confessionais.

Em 1864 o Governo Provincial proclamou uma lei que permitia o ensino em alemão nas escolas da Província.

Não tendo órgãos de supervisão do ensino por parte do Governo, os colonos alemães fundaram uma "União das Escolas Particulares Alemãs".

"Partiram dessa união os princípios que orientavam o ensino ministrado nas colônias. Por outro lado, os professores para suas escolas vinham da Alemanha, o mesmo acontecendo com os médicos. Buscavam desta forma os alemães dar continuidade à cultura de origem, sem assimilar os valores e padrões de vida que a cultura de adoção lhes oferecia".

(Lando/Barros, 1976:41)

Ao mesmo tempo que não se preocupava com a situação escolar nas colônias, o Governo Provincial supunha que os intervalos entre os núcleos agrícolas dos colonos alemães se preencheria pouco a pouco pela população nacional.

"Esperava-se que o fluxo de riograndenses, infiltrando-se entre eles, os assimilaria. A homogeneidade étnica das colônias era, por outro lado, um alívio para a administração, pois que os imigrantes encontravam junto de seus compatriotas ajuda, material e apoio moral. Foi, portanto, voluntariamente que o Governo Rio-Grandense espalhou os núcleos germânicos".

(Roche, 1969:112)

Os fatos acima mencionados permitem concluir que nem o Governo Imperial, e muito menos o Governo Provincial, se preocuparam em dar o auxílio necessário no início da colonização e não estavam preocupados com a integração dos imigrantes.

Assim, os colonos alemães começaram a segregar-se por razões de sobrevivência, construindo um ambiente para eles, marcado pelo país de origem. Foram eles que criaram as primeiras infraestruturas sociais para as suas colônias, devido à falta

de uma colonização mais planejada por parte do Governo Provincial.

Não se pode excluir o fato de que essa segregação por razões de sobrevivência coincidia, ao mesmo tempo, com desejos de segregação por razões de sobrevivência étnica.

A segunda fase de colonização no Rio Grande do Sul se inicia em 1888.

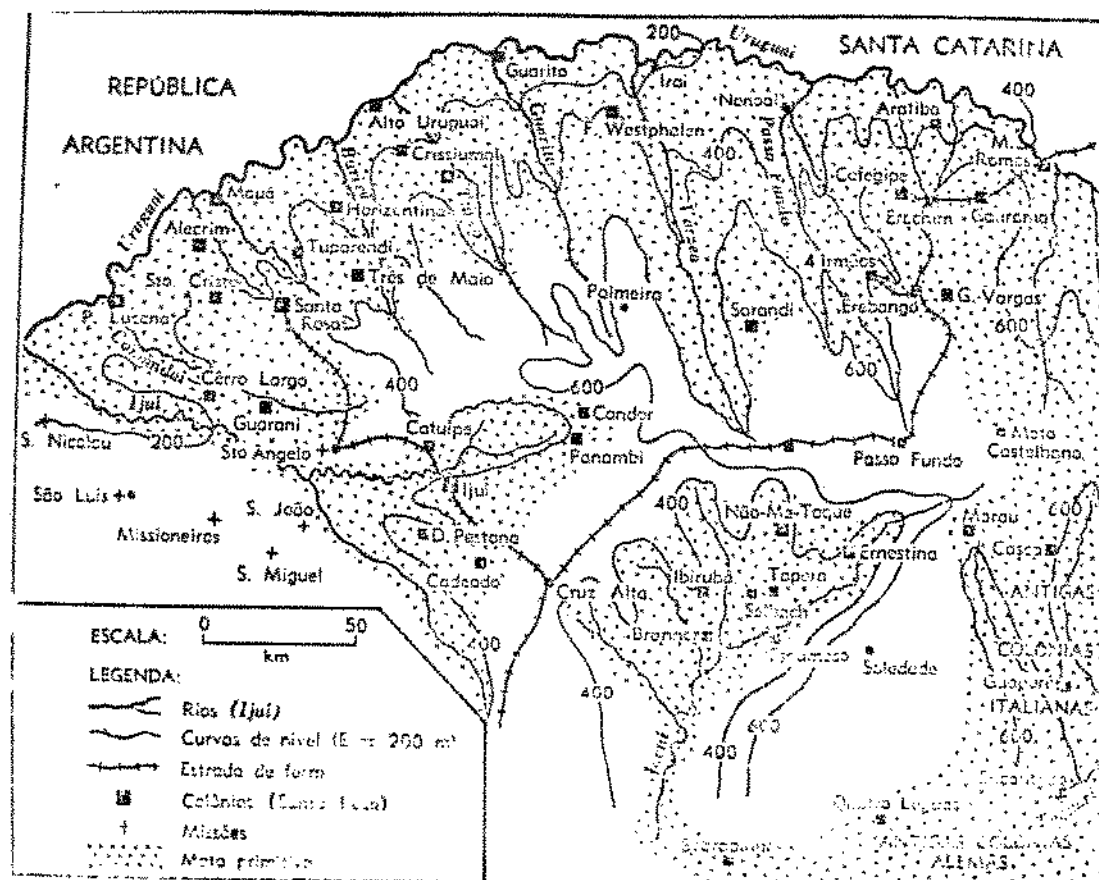
"O ano de 1888 marca o início de um novo período com a abolição da Escravatura. Desaparecendo o trabalho servil, desaparecia também o maior fator de repulsão à corrente imigratória, uma vez que deixava totalmente vazio o mercado de mão-de-obra. As mudanças sociais acarretadas pela Abolição vão se seguir mudanças políticas, entre as quais a de maior vulto é a Proclamação da República. Com o novo regime a imigração recebe novo impulso, sendo que o Decreto 528 de 28 de junho de 1890 torna a imigração alvo de uma ação planejada". (Lando e Barros, 1974:32)

Nessa segunda fase de colonização foram fundadas as chamadas colônias novas, núcleos coloniais herdados do Império ou fundados pelo Estado por volta de 1890. Essas colônias se situaram no Planalto e receberam quase todos os imigrantes que entraram no porto de Rio Grande naquela época (ver mapa 3.2, p. 64).

O número de imigrantes alemães que vieram para o Brasil entre 1890 e 1914 foi o mais alto registrado até então - 2.531.704 pessoas. (ver Roche, 1969:133)

Houve também um fluxo considerável de colonos vindos das colônias antigas que chegaram por razões de migração interna aos municípios do Planalto.

Mapa 3.2.: AS COLÔNIAS NOVAS



(retirado de Roche (1969: 128))

Quanto à infraestrutura das colônias novas, houve sensível melhora com a integração do Planalto à rede ferroviária. Isto aconteceu com a construção da linha-tronco Porto Alegre-Uruguaiana, que se iniciou em 1877 (ver mapa 3.3, p. 75).

" A grande linha da estrada de ferro partiu de Santa Maria, tocando Cruz Alta em 1894, Passo Fundo em 1900, Marcelino Ramos em 1910. Um ramal reuniu Cruz Alta a Ijuí em 1911, a Santo Angelo em 1915 e a Santa Rosa em 1940".

(Roche, 1969:64)

"Fundadas por particulares ou sociedades que não tiveram o mesmo cuidado que o Governo em desenvolver os meios de comunicação, esses núcleos estão mais isolados do que os do Estado, alguns receberam muitos imigrantes, mas todos contam, pelo menos, 50% de antigos colonos que restringem, na mesma porção, o campo de imigração posterior: reúnem, sobretudo, homens da mesma origem étnica e, muitas vezes, da mesma confissão ... ao passo que os protestantes se dirigiam, de preferência, para Neu-Wuerttemberg e seus satélites, as colônias modelo de H. Meyer".
(Roche, 1969: 130)

3.2 A RECONSTRUÇÃO DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO DE PANAMBI DE 1820 ATÉ A IMIGRAÇÃO SUEVIANA NOS ANOS 20

3.2.1 OS PRIMEIROS MORADORES DE PANAMBI

A região do município começou a ser colonizada a partir de 1820 com a chegada do paulista Manuel da Encarnação que tomou posse da terra entre os rios Caxambu e Fiúza. Em 1824 chegou João Luis Malheiros e sua família e se instalou em Boa Vista. Lá ele iniciou o cultivo de terra e criou gado suíno e bovino.

"Em 1880, tanto Encarnação como Boa Vista, se povoaram rapidamente. Nesse mesmo ano e seguintes (Malheiros (6)) montou uma olaria e fabricou telhas, tijolos, bem como diversos utensílios domésticos como sejam: telhas, vasos, etc. ... Em 1885 João Luis Malheiros contratou em Cruz Alta o professor Conceição Duarte, o qual lecionou até 1910. A matrícula dessa escola atingia o elevado número de alunos com mais de 25, entre crianças e adolescentes até moços".
(Malheiros, 1979:16)

Malheiros difundiu a religião católica, construindo capelas e igrejas, para onde de vez em quando vinha um padre missionário.

Por volta de 1900 existia uma serraria, vários moinhos e uma bem sortida casa de comércio no povoado.

Havia estradas rudimentares que ligaram o povoamento a Cruz Alta e Ijuí.

3.2.2. A FUNDAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA NEU-WUERTTEMBERG

Em 1897 foi fundada a Empresa de Colonização Dr. Hermann Meyer. Essa empresa adquiriu várias terras (ver mapa 3.4, p. 68).

1. POSSE MADALENA (Magdalenenland)

no dia 31.08.1898 de Joaquim dos Santos e Maria Silveira Moraes.

2. A TERRA DOS MELLO

compreendendo as Linhas Leipzig e Stuttgart no dia 26.09.1898 de Cassiano Oliveira Mello e outros.

3. A TERRA DE FRANCISCO BARROS

no dia 1.05.1899, compreendendo as Linhas Italianas e Brasil.

4. A TERRA DE BELISÁRIO DO AMARAL

no dia 02.01.1900, compreendendo a Linha Berlin e a Linha Serrana.

5. A TERRA DE IGNÁCIO DOS SANTOS

adquirida no dia 23.02.1900, compreendendo partes da Linha Brasil e da Linha Sete de Setembro.

6. TERRAS DO GOVERNO DO ESTADO

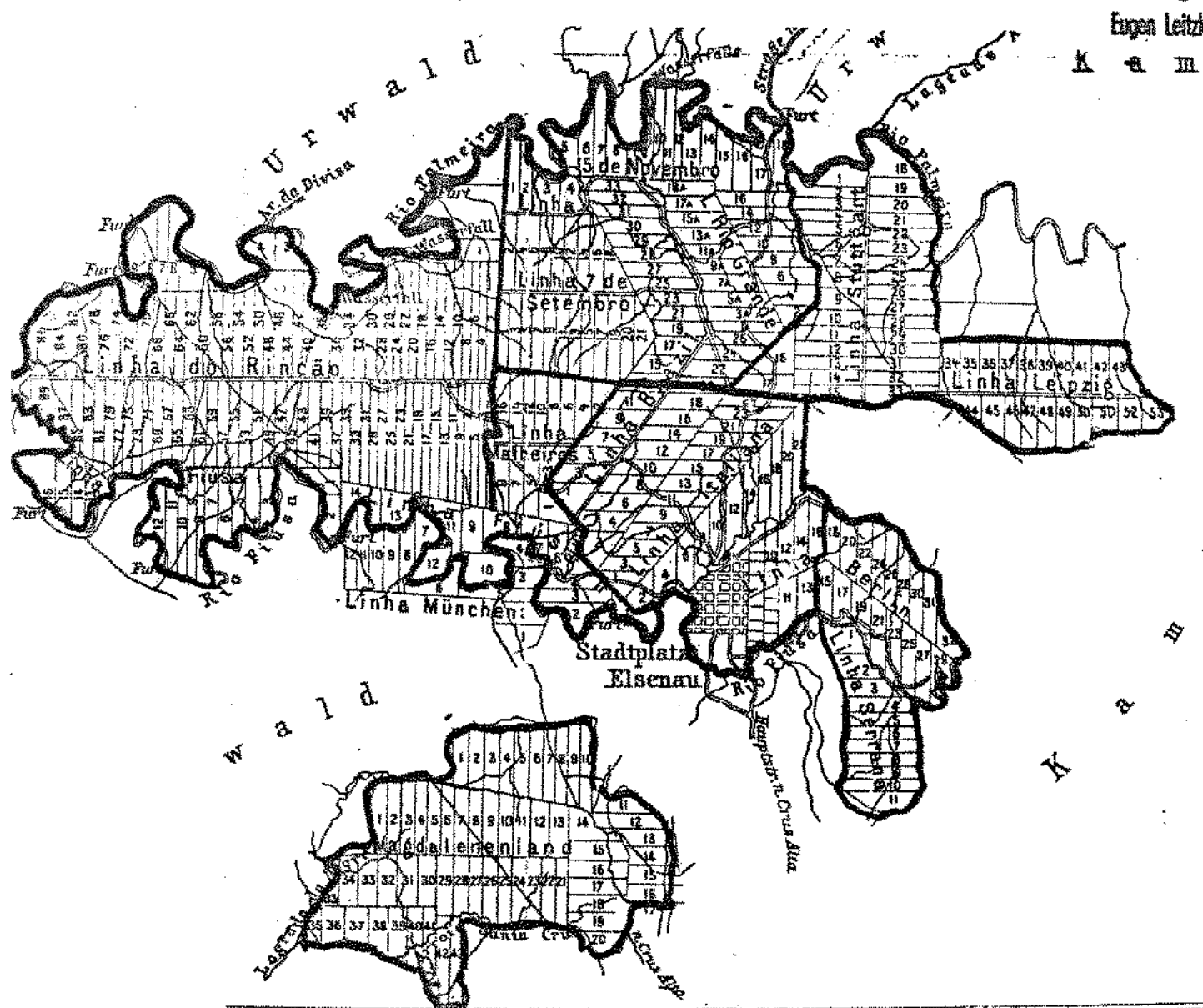
que eram as únicas terras devolutas, compreendendo a Linha Rincão, em outubro de 1901.

7. TERRA DOS MALHEIROS

no dia 25.06.1902, que virou a Linha Malheiros.

Mapa 3.4.: MAPA DA COLÔNIA NEU-WUERTTEMBERG COM AS SUAS RESPECTIVAS LINHAS DE COLONIZAÇÃO

MAPA DA COLÔNIA NEU-WUERTTEMBERG



(retirado da "Notícia Ilustrada de Panambi" do dia

07/09/80).

Quando a Empresa Colonizadora Dr. H. Meyer iniciou as compras para a futura colônia Neu-Wuerttemberg em 1897/1898:

- 80% da terra já estava em posse de particulares (informação oral prestada pelo curador do Museu Histórico de Panambi);
- uma boa parte das terras já estava habitada e cultivada por brasileiros e portugueses;
- havia cerca de 80 famílias luso-brasileiras morando em Panambi: aproximadamente 400 pessoas; (7)
- havia por perto um centro de negócios que era Cruz Alta;
- existia uma pequena vila (Boa Vista) com escola e "vendi-nha"; e
- já existia uma linha ferroviária até Cruz Alta em 1894 e estava planejada a integração de Belizário à rede ferroviária.

Enfim, pode-se afirmar que em 1898 já existia uma infraestrutura rudimentar na colônia.

Fica claro também que a colônia Neu-Wuerttemberg nunca foi uma colônia puramente alemã, como afirmam Fausel (1949) e Koch (1974). Não era mista no sentido de que houve imigrantes de outras nacionalidades, mas era mista no sentido de que houve brasileiros e portugueses na zona rural. Este fato tem sido apontado por vários informantes idosos, afirmando que tinham vizinhos brasileiros nas Linhas. Informaram também que o núcleo urbano da colônia Neu-Wuerttemberg foi construído e povoado quase exclusivamente pela população de origem ou de descendência alemã. Segundo esses informantes, somente a partir de 1950 fixa-

ram-se mais brasileiros no núcleo urbano devido à procura de mão de obra nas indústrias.

Em 1898 chegaram os primeiros colonos - imigrantes de Wuerttemberg (Vurtemberg), uma região na Alemanha do Sul, daí provavelmente o nome histórico da colônia. Segundo fontes disponíveis, estes imigrantes não permaneceram na colônia recém-fundada.

Somente com a chegada de descendentes de imigrantes alemães das colônias antigas em 1899, iniciou-se a colonização de Neu-Wuerttemberg. Estes colonos chegaram por razões de migração interna no município de Cruz Alta (a que Neu-Wuerttemberg pertencia).

"Em agosto chegou a segunda leva de colonos que se estabeleceu logo na atual vila. A maioria eram descendentes de pomeranos residentes em São Lourenço e Pelotas".

(Fausel, 1949:9)

Até os fins de 1902 instalaram-se aproximadamente 90 famílias teuto-brasileiras - todas elas vindas das colônias antigas. (B) Uma lista completa dos nomes dos primeiros colonos de origem alemã acha-se publicada no jornal "A Notícia Ilustrada de Panambi" do dia 13.08.1980.

As linhas com maior índice de densidade eram as linhas Berlim, Italiana e Brasil (ver mapa 3.4, p.68).

"A estrada geral que atravessava a colônia de sul a norte, desde a ponte do rio Fiúza até o passo no Rio Palmeira e cuja origem remonta à antiga trilha das carretas de Palmeira a Cruz Alta, já apresentava para a época características de boa estrada de colônia e surgiram nas trilhas e estradas as diversas linhas coloniais com a localidade de sede".

(Leitzke, A Notícia Ilustrada de Panambi, 12.08.1980)

Os produtos agrícolas produzidos pela colônia foram levados em carretas de bois para Cruz Alta e vendidos lá mesmo. A partir de maio de 1901 veio a funcionar um moinho. Foi fundada também a primeira ferraria pelo imigrante Adolfo Keppeler. Essa ferraria produzia as ferramentas de que os colonos precisavam.

Com a chegada do pastor evangélico Hermann Faulhaber, nascido em Wuerttemberg (Alemanha do Sul), o desenvolvimento da colônia se acelera a partir de 1902. Ele prestou serviços eclesiásticos para a comunidade evangélica. Além dessa comunidade já existiam outros grupos religiosos: os batistas e os católicos.

Faulhaber fundou, juntamente com os colonos alemães, uma escola particular em 1903 no núcleo colonial (hoje a zona urbana de Panambi), onde ela funciona até hoje sob o nome de Colégio Evangélico Panambi. Em 1903 foram matriculados 42 alunos; em 1904, o número total de alunos era 60 e, em 1909, a escola contava com 104 alunos. As matérias dadas eram: leitura, caligrafia, aritmética, canto, religião, educação física, história, geografia e alemão. Somente em 1905 o ensino de português foi incluído no currículo da escola. As aulas eram ministradas em alemão.

Fundou-se também uma Sociedade Escolar que, mais tarde, se tornaria mantenedora da escola; uma biblioteca pública; um coral e uma associação dos camponeses que tinha por objetivo representar os interesses dos colonos. Alguns dos membros fundaram mais tarde a primeira cooperativa de Neu-Wuerttemberg.

As autoridades municipais de Cruz Alta se tornaram cada vez mais interessadas pelo desenvolvimento da colônia Neu-Wuerttem-

berg. O historiador Malheiros (1979) afirma que o conselho administrativo de Cruz Alta auxiliou a:

- melhorar os caminhos e passos nos rios;
- construir a primeira escola pública municipal no povoamento em 01.02.1907;
- fazer a ligação telefônica em Neu-Wuerttemberg com a sede em Cruz Alta em 1911;
- construir uma ponte sobre o rio Caxambu, ligando Neu-Wuerttemberg com Belizário e Cruz Alta;
- instalar o correio em Neu-Wuerttemberg em 1913;
- nomear o segundo professor municipal para a vila Neu-Wuerttemberg e
- construir e reformar, as estradas de Neu-Wuerttemberg em 1915 com a soma de um conto de "réis".

Por volta de 1914 chegaram, segundo informações orais, mais colonos de Estrela, Teutônia e Santa Cruz, na sua maioria descendentes de imigrantes do Hunsrueck, região que se situa no "Bundesland Rheinland-Pfalz". O dialeto desses colonos é denominado "hunsrueckisch" ou "hunsbucklich" pelos moradores de Farnambi. (9)

A Tabela 3.1. reproduzida em seguida, demonstra o crescimento demográfico da população de origem alemã entre 1905 e 1914 na colônia Neu-Wuerttemberg.

TABELA 3.1.: O CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO DE ORIGEM
ALEMÃ ENTRE 1905 E 1914 EM NEU-WUERTTEMBERG

ANO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	NÚMERO DE PESSOAS
1905	125	635
1908	155	800
1910	207	918
1914	397	2000

(Números retirados de Fausel, 1949:17)

Em 1914, já existiam na vila Neu-Wuerttemberg diversas oficinas e prestações de serviços. Havia carpintarias, marcenarias, uma tornearia, uma funilaria, uma ferraria, uma cervejaria e uma oficina de máquinas agrícolas.

Quanto à situação escolar, sabemos que havia dois tipos de escolas funcionando na colônia. Existia uma Escola Pública no centro do povoamento desde 1907 e a Escola Particular criada pelos moradores de origem alemã em 1903. Devido à grande procura de vagas nessa escola e às distâncias que os alunos tinham que percorrer até lá chegar, a administração colonial decidiu subdividir a colônia em cinco regiões escolares. Foram criadas as seguintes Escolas Satélites da Escola Particular do núcleo colonial na zona rural de Neu-Wuerttemberg:

TABELA 3.2.: AS REGIÕES ESCOLARES DA COLÔNIA NEU-WUERTTEMBERG

Distrito Leste	1910
Distrito Norte	1910 (Prof. Felix Weissbrodt)
Linha Palmeira	1912 (P. Mainzold)
Linha Leipzig	1919 (Engel Weindesberger)
Linha Rincão Fundo	1921 (Ludwig Kling)
(ver Boletim do Colégio Evangélico Panambi de 1969)	

Em 1914 foram registrados 234 alunos nas cinco regiões escolares recém-criadas. De 1915 até a chegada dos imigrantes suevianos em 1921 houve muita melhoria quanto à instalação de uma infraestrutura. Malheiros (1979) menciona auxílio extra que o município de Cruz Alta forneceu à colônia:

- a criação de um distrito independente Neu-Wuerttemberg;
- a nomeação de um sub-intendente em 1915;
- a criação de duas escolas rurais do município em 1918;
- a construção de mais pontes entre 1918 e 1921;
- a nomeação de mais professores municipais para a colônia em 1920; e
- a instalação de iluminação pública em 1921.

3.2.3. A IMIGRAÇÃO SUEVIANA EM 1921 ATÉ 1926

As primeiras famílias suevianas vindas de Wuerttemberg (Alemanha do Sul) as quais sabemos com certeza, se fixarem na colônia Neu-Wuerttemberg, chegaram em 1905. O número era pequeno (apenas cinco famílias) e, portanto, insignificante quanto à distribuição numérica do dialeto sueviano. (10) Temos conhecimento que essas famílias mantinham contato com a Alemanha e fizeram propaganda da colônia.

No entanto, somente nos anos 1921 até 1926 houve uma nova imigração de pessoas de Wuerttemberg.

"Os imigrantes deste período eram em sua grande maioria alemães natos, 173 famílias com cerca de 650 pes-

soas, das quais três quartos eram seguramente de Vurtemberg".
(Fausel, 1949:34)

Segundo um artigo publicado no jornal "O Panambiense" no dia 24.06.1964, 106 pessoas desses imigrantes chegaram de Dettingen an der Erms, 46 pessoas de Urach e 63 pessoas de Neuhausen e Metzingen. Outras vieram de Schorndorf ou de outras cidades vizinhas de Stuttgart.

A razão principal da imigração era a situação econômica problemática após a Primeira Guerra Mundial, provocada pela inflação alta e pela instabilidade da política interna durante a República de Weimar.

As profissões dos imigrantes eram as mais variadas: poucos eram camponeses; a maioria trabalhava em fábricas e alguns exerciam algum ofício. E são precisamente estes imigrantes e seus descendentes que formam o grupo alvo de minha pesquisa.

Da história da imigração e da família resultam aspectos interessantes quanto à situação de contato da língua alemã, que se compõe de vários dialetos, com a língua portuguesa.

Podemos afirmar que, com a chegada dos imigrantes nos anos 20, o grupo étnico alemão cresceu numericamente de uma maneira significativa. Havia uma população brasileira morando nos núcleos coloniais rurais, mas os informantes mais idosos afirmaram que, na maioria dos casos, o contato entre os dois grupos étnicos não chegou a ser muito estreito. Tomamos conhecimento de casos em que membros do grupo étnico alemão conseguiram comprar as terras de vizinhos brasileiros e dessa maneira certas Linhas ficaram mais homogêneas quanto à composição étnica. Os informantes mais idosos da Linha Morengaba, onde realizamos uma

parte da pesquisa de campo, afirmam que membros da comunidade de fala alemã compraram pouco a pouco as terras dos moradores brasileiros da Linha. Essa tentativa de homogeneizar as Linhas pode ser interpretada como o começo de um conflito inter-étnico em nível local.

Em outras Linhas a convivência entre brasileiros e alemães e descendentes de alemães realizou-se de maneira menos conflituosa. É o que afirmam alguns informantes, referindo-se à Linha Odearú (antigamente Magdalenenland).

A comunidade de fala alemã construiu nessa época uma vida cultural bastante expressiva. Havia muitos coros, clubes de bocha (Kegelklub), clubes de tiro e muitas festas comunitárias (bailes, Kerb, etc) eram organizadas nas Linhas.

Foram construídas mais igrejas e mais escolas comunitárias nas diferentes Linhas para a comunidade de fala alemã da zona rural.

Quanto à escolha da escola para os seus filhos, os imigrantes e descendentes de alemães deram preferência à Escola Alemã da vila ou às escolas satélites na zona rural.

O que caracteriza mais esse sistema escolar particular, segundo as fontes históricas disponíveis, é o fato de ter escolas nas Linhas da zona rural e o de ter desenvolvido um nível de ensino muito elaborado.

"Sem qualquer ônus para o Estado criava-se, aqui, uma população bem instruída e ativa firmemente arraigada no torrão natal. A escola da vila transformou-se no decorrer dos anos em estabelecimento de dez classes, mantendo nível muito superior ao do curso primário. Atraía alunos de todos os recantos do Rio Grande, abrigando-os no internato construído para este fim". (Fausel, 1949:23)

No ano letivo de 1921/1922 a escola alemã da vila atingiu o máximo de matrículas no período compreendido entre 1903/1939: o total de 216 alunos. Em 1927 a Sociedade Escolar abrangia um total de oito escolas, 466 alunos e 336 sócios ativos.

Podemos afirmar que a escola alemã da vila e as suas escolas satélites da zona rural deram continuação às normas e valores inerentes aos membros da comunidade de fala alemã. De grande importância era, com certeza, a conservação da língua imigrante como língua de ensino até 1939. Assim, os filhos dos colonos alemães não sofreram um choque cultural ao nível linguístico na escola. Explica-se, com base nesses fatos, a preferência que os moradores de origem alemã deram à escola particular alemã.

Toda essa expressão de cultura imigrante entra em choque com o Governo Getúlio Vargas que se instalou em 1930. O conflito étnico que até agora era localizado a um nível local, a partir daquele momento era levado a um nível nacional.

3.3. O CICLO VARGAS

Em 1930 Getúlio Vargas assumiu a presidência e instalou em 1937 o Estado Novo. O historiador Roche (1969) caracteriza o Governo de Getúlio Vargas como sendo nacionalista e autoritário, entrando conseqüentemente em conflito com as colônias dos imigrantes estrangeiros.

Entre 1937 e 1941 o Governo assinou mais de 20 decretos. Reproduziremos a seguir trechos importantes de decretos-leis,

proclamados entre 1938 e 1939, que tinham por objetivo nacionalizar e assimilar o grande número de imigrantes de diversas nacionalidades.

O DECRETO LEI Nº 383 - 18 DE ABRIL DE 1938 veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências:

"Art. 1. Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em caráter temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país.

Art. 2. É-lhes vedado especialmente:

1- Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenha por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas de idéias, programas ou normas de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se no funcionamento de sucursais e filiais ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção".

Os artigos acima citados se referem claramente aos agrupamentos políticos dos imigrantes alemães que existiam no Estado do Rio Grande do Sul e que simpatizavam com a ideologia nacional-socialista.

Nesse mesmo decreto-lei foram proibidos também o uso de bandeiras e uniformes de partidos estrangeiros; a organização de desfiles; a manutenção de revistas, jornais estrangeiros e outras publicações do exterior. Mais tarde este decreto foi aplicado também às escolas e outros estabelecimentos educativos mantidos pelos colonos.

O segundo passo dado pelo Governo foi ao nível de educação, com o objetivo de estabelecer na escola e pela escola os fundamentos de nacionalidade.

Em 1937 havia cerca de 2000 escolas particulares mantidas pelas colônias alemãs. Para eliminar essa situação, o Governo criou um número maior de escolas nas zonas das colônias, aperfeiçoou a rede escolar do Estado e nacionalizou os estabelecimentos de ensino particular. Quanto à nacionalização dos estabelecimentos particulares, houve mudanças nítidas, estabelecidas através de vários decretos assinados em 1938. Foram exigidos a declaração e o registro obrigatório para escolas particulares; a criação de um ambiente de "brasilidade" (ver Roché, 1969:222) nas escolas particulares; a eliminação da instrução em língua estrangeira; a adoção da língua portuguesa no ensino; a designação de professores do Estado para o ensino do Português, História e Geografia do Brasil e da Educação Cívica. Em caso de transgressão do decreto, haveria a destituição dos direitos e fechamento da escola em questão.

O DECRETO LEI Nº 1545, DE 25 DE AGOSTO DE 1939 fala sobre a adaptação de brasileiros, descendentes de estrangeiros:

"Art. 1. "Todos os órgãos públicos, federais, estaduais e municipais, e as entidades para-estaduais são obrigados, na esfera de sua competência e nos termos da lei, a concorrer para a perfeita adaptação ao meio nacional, dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Essa adaptação far-se-á pelo ensino e pelo uso da língua nacional, pelo cultivo da história do Brasil, pela incorporação em associações de caráter patriótico e por todos os meios que possam contribuir para a formação de uma consciência comum".

Nos artigos que seguem é exigido:

- a vigilância do ensino de línguas e da história e da geografia do Brasil (Art. 4, f.);
- a incorporação dos filhos de estrangeiros no exército, de preferência, em corpus de tropas aquarteladas fora da região em que habitavam; (Art. 7, f);
- a fiscalização das zonas rurais com população estrangeira (Art. 8, f);
- a instrução pré-militar nas escolas secundárias (Art. 10) e
- a educação física dos alunos por oficiais e sargentos (Art. 12)

O artigo 15 determina a proibição de línguas estrangeiras:

"É proibido o uso de línguas estrangeiras nas repartições públicas, no recinto das casernas e durante o serviço militar.

Parágrafo único. Não se compreendem na proibição do presente artigo a correspondência e as publicações destinadas ao estrangeiro, bem como as relações com as comissões estrangeiras em serviço oficial no país".

E o artigo 16 diz respeito ao exercício do culto:

"Sem prejuízo do exercício público e livre do culto, as prédicas religiosas deverão ser feitas na língua nacional".

Quando o Brasil entrou, em 1942, na guerra ao lado dos Aliados, a situação de convivência entre o grupo étnico alemão e brasileiro agravou-se, criando um conflito ao nível nacional.

Para a colônia Neu-Wuerttemberg essas medidas de nacionalização significavam, em primeiro lugar, a mudança do nome da colônia para Pindorama, depois para Pindorama do Sul, Tabapirã e, finalmente, para Panambi.

A escola alemã da zona urbana e as escolas satélites nas zonas rurais foram fechadas (com uma exceção que era a Magdalenenschule na linha Magdalenenen) em dezembro de 1939.

O prédio escolar do centro foi colocado à disposição do governo para que nele fosse instalada uma escola pública.

A língua de ensino passou a ser a portuguesa. Pessoas que não respeitavam a proibição do uso do alemão nos lugares públicos, foram denunciadas e levadas para a delegacia. A língua portuguesa passou a ser a língua das prédicas nas comunidades religiosas evangélicas.

Algumas pessoas mais idosas de Panambi afirmaram que houve invasões em algumas casas de pessoas que simpatizavam de maneira mais explícita com as idéias da política nacional-socialista do 3º Reich. Mas, de modo geral, ninguém quis falar sobre a existência de um grupo político de adeptos ao nacional-socialismo. Pode-se afirmar que esse tema é considerado um tema tabu para a população de origem alemã. O único a afirmar a existência de um agrupamento político nacional-socialista é o historiador panambiense Malheiros (Ver 1979:58).

3.4. O MUNICÍPIO DE PANAMBI HOJE

O município de Panambi foi criado em 1954. No mesmo ano foi empossada a primeira câmara e o primeiro prefeito da cidade.

O município ocupa uma área de 494 km². A população urbana se constitui de 20.000 habitantes. Há mais de 60 indústrias que representam os mais variados ramos. Entre eles destacam-se as indústrias metalúrgicas, mecânicas, madeireiras, têxteis, de móveis, couro e peles, malas, calçados e produtos alimentícios.

A população da zona rural chega a 8000 habitantes e está concentrada nas chamadas Linhas. Há cerca de 38 linhas ao redor de Panambi. Segundo informações orais, 70% da população das linhas é de descendência alemã.

cultivados: soja, trigo, milho, mandioca, feijão, cebola e outros cereais.

Atualmente predomina a monocultura de soja, mesmo que a Cooperativa de Panambi (COTRIPAL) aconselhe o agricultor a diversificar sua produção.

Quanto à situação escolar que encontramos em Panambi, existem atualmente três grupos escolares estaduais e um ginásio estadual, além de mais 27 escolas municipais e 5 rurais. Há também dois estabelecimentos de ensino particular: um é o Colégio Evangélico Panambi, fundado em 1903 e o outro é o Colégio Nossa Senhora de Fátima, inaugurado em 1966. A escola é dirigida pelas Religiosas das Escolas Pias.

As comunidades religiosas existentes em Panambi são:

- a Evangélica de confissão Luterana (onde predominam os fiéis de origem teuto-brasileira e alemã)
- a Batista (onde também predominam os fiéis de origem teuto-brasileira e alemã)
- a católica (onde 70% dos fiéis são de origem luso-brasileiras, 15% caboclos e 15% teuto-brasileiros e alguns de origem holandesa).
- a Evangélica Congregacional (onde também há fiéis de origem teuto-brasileira e alemã)
- a Assembléia de Deus para Cristo
- a Metodista
- a Adventista e outros.

3.5. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 3

No presente capítulo fornecemos uma descrição histórica da imigração alemã no Estado do Rio Grande do Sul em geral e da colonização de Neu-Wuerttemberg em particular, enfocando fatos históricos que julgamos importantes para o melhor entendimento das raízes históricas do bilingüismo nessa região e da situação de contato que se deu entre os dois grupos étnicos.

Acreditamos ter sido possível verificar a maioria das hipóteses estabelecidas no início deste capítulo.

Afirmamos que os primeiros imigrantes chegados no Estado do Rio Grande do Sul criaram o que chamamos de "um pequeno mundo alemão" devido ao fato de o governo não ter fornecido auxílio na construção de uma infra-estrutura social. Por isso consideramos a segregação dos colonos alemães da primeira fase da colonização do Rio Grande do Sul como sendo uma segregação por razões de sobrevivência. Ao mesmo tempo não podemos excluir o fato de que essa segregação, por razões de sobrevivência, coincidia com desejos de segregação por razões de sobrevivência como um grupo étnico.

Através da reconstrução da situação de contato entre os dois grupos étnicos na colônia Neu-Wuerttemberg mostramos que:

- a população de Neu-Wuerttemberg não era puramente alemã, porque havia, desde a fundação da colônia, brasileiros e portugueses morando nas linhas e que disso resultou uma

convivência dos dois grupos étnicos;

- os descendentes de imigrantes alemães que povoaram primeiro a colônia e os imigrantes suevianos que chegaram nos anos 20 em Neu-Wuerttemberg, formaram um grupo lingüisticamente heterogêneo quanto à sua origem dialetal;
- existiam instituições brasileiras na colônia (por exemplo escolas públicas, sub-delegacia, etc.);
- houve conflitos inter-étnicos ao nível local nas linhas de colonização na zona rural anterior a época do Governo Getúlio Vargas e que
- a política de nacionalização e de assimilação forçada durante o Governo Getúlio Vargas interferiu fortemente na organização social da comunidade de fala alemã, fechando as escolas alemãs da zona urbana e da zona rural e proibindo o uso da língua alemã nas igrejas evangélicas e nas demais repartições públicas através da declaração de decretos-lei, levando o conflito inter-étnico ao nível nacional.

Este último ponto levanta uma questão problemática: Será possível determinar com exatidão as conseqüências dessa política lingüística de teor nacionalista para a comunidade de fala alemã de Panambi e relacioná-las à situação lingüística de hoje? Acreditamos que isto é muito difícil, porque a nossa argumentação se basearia exclusivamente em pressuposições/hipóteses que não poderíamos verificar.

O que sabemos (isto é: o que é verificável) é que a língua alemã não podia ser mais usada publicamente nas escolas, nas igrejas e nas ruas sem que os usuários sofressem sanções. Disso

resultou que o alemão não podia mais ser empregado em todas as situações comunicativas do cotidiano dos colonos alemães. Acreditamos que o uso da língua imigrante recuou para domínios não observáveis pelas instituições brasileiras e pelos moradores "brasileiros" de Panambi e que, ao mesmo tempo, a aprendizagem do português se tornou necessária.

No próximo capítulo (o capítulo 4 da dissertação) apresentaremos uma descrição etnográfica da comunidade de fala alemã de Panambi, em que abordaremos a situação lingüística de hoje e determinaremos os domínios da língua alemã e da língua portuguesa.

NOTAS DO CAPÍTULO 3

- (1) Definimos ilhas lingüísticas segundo Wiesinger:
"Ilhas lingüísticas são comunidades de fala relativamente fechadas e que se acham espalhadas em uma região relativamente grande onde se fala outra língua."
(Wiesinger, 1980: 491) (Tradução pessoal).
- (2) Definimos luso-brasileiro como "indivíduo de origem portuguesa e brasileira."
(Aurélio, 1975: 856).
- (3) Tradução Pessoal.
- (4) Wiesinger indica a possibilidade de determinar a origem e a formação de uma ilha lingüística com ajuda de documentos históricos.
"Em casos em que falta este tipo de material histórico tenta-se determinar a origem de ilhas primárias (Primäerinseln) com ajuda da língua através de comparações dialeto-geográficas com o país de origem."
(Wiesinger, 1980: 492) (Tradução pessoal).
- (5) Definimos colônia como "grupo de migrantes que se estabelecem em terra estranha."
(Aurélio, 1975: 347).
- (6) A ênfase é minha.
- (7) Uma lista completa dos nomes desses moradores de origem brasileira e portuguesa acha-se no livro "Panambi - O Vale das Borboletas Azuis" de Adil Malheiros (1979).
- (8) Definimos teuto-brasileiro como "de origem alemã e brasileira: indivíduo teuto-brasileiro."
(Aurélio 1975: 1375).
- (9) Na realidade a literatura dialetológica alemã não menciona nenhum dialeto "hunsrueckisch". Há várias maneiras de subdividir a região do Bundesland Rheinland-Pfalz levando em conta os dialetos existentes nele. Segundo Beckers (1980) a região Pfalz se constitui dialetalmente pelo chamado Moselfraenkisch (que inclui a região Hunsrueck) e pelo Pfaelzisch. Manteremos em nosso trabalho a denominação desse dialeto como "hunsrueckisch" porque a comunidade de fala alemã se refere a ele com esse nome.
- (10) O dialeto falado em Wuerttemberg é denominado "SCHWABISCH" que foi traduzido para o português como suevo ou sueviano. Usamos na presente dissertação o termo sueviano.

4. DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PANAMBI

4.0. ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

No presente capítulo pretendemos basicamente determinar os domínios da língua imigrante e nacional na comunidade de fala alemã. O diário de campo que redigimos durante a fase de observação participante, servirá como fonte básica para a descrição do uso da língua alemã e da língua portuguesa pelos membros da comunidade de fala alemã de Panambi.

Nosso interesse estava em verificar:

- se há domínios específicos da língua imigrante e da língua nacional;
- se os domínios da língua alemã e da língua portuguesa são os mesmos para a zona urbana e para a zona rural de Panambi;
- se é possível observar diferenças no uso da língua imigrante e da língua nacional nas díades familiares observadas na zona urbana e rural de Panambi; e
- se é possível determinar as atitudes dos imigrantes e seus descendentes frente à língua alemã e à língua portuguesa através de um questionário (ver anexo).

Em 4.1. descreveremos, primeiramente, o uso da língua alemã e portuguesa em domínios públicos na zona urbana de Panambi. Em seguida faremos uma descrição minuciosa do comportamento lin-

güístico de membros de dois núcleos familiares urbanos, fornecendo uma curta biografia de cada informante.

Em 4.2. faremos, em um primeiro momento, uma descrição do uso da língua imigrante e nacional em domínios públicos na zona rural de Panambi, mais especificamente na linha Morengaba. Em um segundo momento, descreveremos o comportamento lingüístico de dois núcleos familiares, fornecendo também uma curta biografia de cada informante.

Em 4.3. apresentaremos os resultados da pesquisa sobre atitudes que os imigrantes e seus descendentes têm frente à língua alemã e portuguesa e em 4.4. apresentaremos a conclusão do presente capítulo.

4.1. O USO DA LÍNGUA IMIGRANTE E NACIONAL EM DOMÍNIOS PÚBLICOS E PRIVADOS NA ZONA URBANA DE PANAMBI

O conceito de domínios foi elaborado nos anos 30 pelo lingüista alemão Schmidt-Rohr, para descrever comunidades de fala bilingües. Ele estudou a manutenção e mudança lingüística em comunidades de fala de colonos alemães que moravam em comunidades multilíngües fora da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial.

Fishman retomou este conceito em seus trabalhos, especialmente no artigo "The relationship between Micro-and Macro-Sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when" publicado na coletânea de artigos "Bilingualism in the Barrio" (1971) (1). Ele define domínios como segue:

"Domains are defined, regardless to their number, in terms of institutional contexts and their congruent behavioral co-occurrences. They attempt to summate the major clusters of interaction that occur in clusters of multilingual settings and involving clusters of interlocutors".

(Fishman, 1971: 586)

Assim, podemos contrastar a língua de um sub-grupo (neste caso, os imigrantes alemães e seus descendentes) com aquela do grupo dominante.

No presente trabalho não pretendemos determinar um número exato de domínios para a língua imigrante e nacional, sendo que adotaremos a distinção entre domínios públicos e privados, tal como proposta por Peñalosa (1980).

"By public domains is meant here the use of language outside of the circle of family and friends".
(Peñalosa, 1980: 150)

Realizamos a observação participante (doravante OP) na zona urbana de Panambi: na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, nas Comunidades Congregacional e Batista (representando instituições religiosas), no Colégio Evangélico Panambi (representando uma instituição de ensino particular), na cooperativa, em outros lugares públicos e em dois núcleos familiares.

4.1.1. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NOS DOMÍNIOS PÚBLICOS

AS COMUNIDADES RELIGIOSAS

Iniciamos a fase da OP na COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA na igreja matriz no centro da cidade. Todos os cultos, tanto o infantil quanto o dos adultos, são ministrados

em português. A única exceção é o último domingo do mês quando há culto em alemão. Este culto é cada vez mais freqüentado quase que exclusivamente pelos fiéis mais idosos.

Existe uma juventude evangélica que oferece encontros semanais para os adolescentes e jovens da comunidade. Nas reuniões desse grupo os jovens, que estão na faixa etária de 12 a 20 anos, interagem entre si somente em português. Não observamos em nenhum momento uma mudança do português para o alemão, embora a maioria dos jovens saiba falar alemão. (2)

Pode-se afirmar que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana é bastante conservadora quanto à valorização de normas e valores religiosos, no entanto, não é conservadora, no sentido de querer conservar a língua alemã como língua de culto. Nessa comunidade domina claramente a língua portuguesa.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana tem muitas igrejas pequenas espalhadas nas Linhas da zona rural onde há culto uma vez por mês, alternadamente em alemão e em português.

Realizamos também a OP na IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL da zona urbana de Panambi. Tivemos oportunidade de freqüentar um culto durante a Semana da Evangelização, ministrado em alemão. Alguns dos cultos durante a Semana da Evangelização foram realizados em alemão, outros em português. Não sabemos em que língua o culto dominical se realiza na zona urbana.

A Igreja Congregacional tem, como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, pequenas igrejas na zona rural, onde a comunidade determina em que língua o culto vai ser realizado.

Outra comunidade onde foi realizada a OP, foi a COMUNIDADE BATISTA ALEMÃ. Existem duas igrejas batistas em Panambi - uma

para a comunidade de fala alemã, fundada em 1906 por imigrantes alemães e a outra, para a comunidade brasileira, fundada em 1952. Assim, há uma igreja para cada grupo étnico. Somente em ocasiões muito especiais, como por exemplo o culto de batismo ou a Semana da Evangelização, os membros da comunidade batista brasileira freqüentam a igreja matriz.

Na comunidade batista alemã realiza-se, cada domingo, a chamada Escola Dominical (Sonntagsschule). Nessa oportunidade todos cantam uma ou duas canções em alemão e depois as pessoas presentes se dividem em grupos, segundo a preferência que dão ao alemão ou ao português. Em seguida acontece o culto dominical realizado em alemão padrão. O culto infantil também está sendo realizado em alemão. À noite há um culto dominical em português. São principalmente os adolescentes e jovens da comunidade batista alemã que freqüentam este culto por preferirem a língua portuguesa.

Somente o culto de batismo é bilingüe, por ter presente membros da comunidade batista brasileira.

Todos os boletins da comunidade são escritos em português e todas as reuniões que têm a ver com a vida pública, são realizadas em português.

A língua alemã mantém-se como língua falada do culto. Um dos pastores definiu a situação lingüística da comunidade batista alemã como de transição do monolinguismo para o bilinguismo. Essa realidade se reflete no fato de a comunidade quase ter se dividido em 1981 por razões da língua de culto dominical matinal. Os membros mais idosos optaram por uma continuação do alemão como língua exclusiva do culto, enquanto outros, os mem-

broos mais novos, queriam introduzir o português no culto dominical. O conflito foi resolvido através de um plebiscito entre os membros da comunidade batista alemã. O resultado favoreceu a língua alemã e assim ela permanece até hoje a língua do culto.

A comunidade batista alemã pode ser caracterizada como sendo a comunidade religiosa mais conservadora de Panambi. Pode-se observar a manutenção da língua imigrante no domínio da igreja, i.e. ela continua a ser a língua de culto. Ao mesmo tempo, observam-se acordos com os membros mais novos da comunidade, realizando a comunhão alternadamente em alemão e em português e oferecendo um culto dominical à noite em português.

Já fora do domínio de igreja, quando a comunidade religiosa entra em contato com a vida pública, é a língua portuguesa que domina.

Quanto aos casamentos interétnicos, a comunidade batista é aquela que mais os rejeita. Os casais que mesmo assim assumem um relacionamento, sofrem sanções sociais e, às vezes, até começam a freqüentar a igreja batista da comunidade brasileira.

O COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI

O Colégio Evangélico Panambi (doravante CEP), fundado em 1903 como escola para os filhos dos colonos alemães, conta hoje com quase mil alunos.

A língua de ensino é o português - há aulas de alemão para os alunos a partir da pré-escola, em horário especial. Estas aulas são optativas e há grupos que se distinguem por níveis de

adiantamento. Da 5a à 8a. série, a língua alemã é obrigatória como língua estrangeira. Ensina-se a leitura de textos em alemão, a produção de textos escritos e orais e a gramática do alemão padrão. Existem grupos de diferentes níveis de adiantamento. Na 8a. série o aluno escolhe entre a língua alemã e a língua inglesa.

Observamos duas aulas de ensino de alemão na 4a. e 5a. série. A maioria dos alunos parece ter aprendido alemão em casa e afirmou falar alemão em casa. Os alunos dessas duas turmas entendiam bem o alemão, sabem ler e escrever nessa língua.

A língua na sala de aula é o alemão padrão por parte da professora. Os alunos falam na sua maioria um alemão marcado principalmente pelo já mencionado dialeto hunsrueckisch que eles aprenderam no domínio familiar. Há também crianças que falam um alemão mais próximo do alemão padrão.

Observamos que durante a aula os alunos interagiram em alemão com a professora, mas entre si em português. Quando saíram da sala de aula de alemão para voltar para sua classe, falaram somente português.

Pode-se afirmar que no CEP a língua alemã é somente falada na aula de alemão - o alemão ensinado é o alemão padrão. Em todas as outras situações comunicativas domina claramente o português, mesmo se os demais alunos, professores e funcionários saibam falar alemão.

A COOPERATIVA

A COTRIPAL, cooperativa de Panambi, fundada em 1957, tem 2541 sócios (dado de 1981). Ela mantém, no centro da cidade, um supermercado, uma loja de materiais de construção, uma loja onde se vendem adubo e máquinas agrícolas e um próprio banco, tipo Raiffeisen.

A OP foi realizada no supermercado, na lanchonete do supermercado e na administração da cooperativa. Em todos estes lugares mencionados fala-se exclusivamente português. Quase todos os funcionários da administração são bilingües, mas pode-se afirmar que a língua portuguesa domina na interação entre eles. Português é claramente a língua de negócios.

OUTROS LUGARES PÚBLICOS

Na rua, na rodoviária, dentro de ônibus e também nas demais lojas na cidade ouve-se às vezes alemão. As pessoas que falam alemão nesses lugares, têm na sua maioria mais do que 40 anos ou são colonos que vêm das Linhas da zona rural para fazer compras. Nas lojas a maioria dos vendedores são bilingües. Eles atendem na língua pela qual o freguês opta.

Realizamos a OP em um dos muitos coros de Panambi - o Doppelquarttet. Este coro foi fundado pelos imigrantes suevianos na década de 20. Os cantores são de diversas idades (30 até 80 anos). A interação toda se dá em alemão e prefere-se cantar canções em alemão. O Doppelquarttet é a única expressão da cul-

tura imigrante que sobrevive até hoje em dia.

4.1.2. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PRIVADOS

Realizamos a OP em duas famílias da zona urbana de Panambi, todos membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana. As duas famílias se constituem por membros de três gerações:

- a 1a. geração se compõe dos imigrantes suevianos, todos nascidos na Alemanha do Sul e por suas esposas, nascidas em Panambi e redondezas;
- a 2a. geração se compõe dos filhos desses imigrantes e as suas esposas, todos nascidos em Panambi; e
- a 3a. geração se compõe dos netos desses imigrantes, todos nascidos em Panambi.

Observamos que os membros da 2a. e 3a. geração usam a língua portuguesa em interações verbais com os vizinhos, com colegas de trabalho e com amigos da escola, mesmo que os parceiros de interação saibam falar alemão. Podemos afirmar então que a língua portuguesa domina em situações de comunicação em domínios públicos.

Estávamos também interessados em observar o uso da língua alemã e da língua portuguesa dentro dos núcleos familiares.

Foi Fishman que indicou em seu artigo, "The relationship between micro - and macrosociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when" (1972), a importância do domínio familiar:

"Multilingualism often begins in the family domain and depends upon it for encouragement if not protection. In other cases, multilingualism withdraws into the family domain after it has been displaced from other domains in which it was previously encountered".

(Fishman, 1971: 587)

Segundo este autor, a descrição de diádes dentro do núcleo familiar leva o pesquisador a uma descrição minuciosa do comportamento linguístico familiar. Diádes dentro da família são, por exemplo, avô com avó, avô com filho, avô com neto, etc.

Este método "... not only recognizes that interacting members of a family (like the participants in most other domains of language behavior) are hearers as well as speakers (i.e. that there may be a distinction between multilingual comprehension and multilingual production), but it also recognizes that their language behavior may be not merely a matter of individual preference or facility but also a matter of role-relations". (Fishman, 1972:588)

A descrição minuciosa do comportamento linguístico dentro de núcleos familiares através de estabelecimentos de diádes possibilita que se observem as escolhas que cada falante faz quando interage com diferentes membros da família. Assim, podemos determinar em nossa pesquisa a penetração da língua portuguesa dentro dos núcleos familiares. Em seguida descreveremos a escolha da língua alemã (A) ou portuguesa (P) nas diádes das famílias A e B da zona urbana nos quadros 4.1 e 4.2 (ver páginas 101 e 104). Para o melhor entendimento desses quadros, apresentaremos em seguida uma biografia de cada informante que contém os dados demográficos que são necessários para a composição do seu perfil. (3)

FAMÍLIA A

E.A. - 80 anos, viúvo, aposentado, nasceu em Weiler, Wurtemberg, Alemanha, língua materna: alemão (isto é o dialeto sueviano, que ele fala até hoje); frequentou a escola durante seis anos na Alemanha, depois trabalhou como operário numa fábrica, imigrou na idade de 18 anos para o Brasil, trabalhou como colono na zona rural de Panambi, casou com uma mulher de descendência alemã e mudou nos anos cinquenta para a cidade de Panambi, onde trabalhou como funcionário público da prefeitura. Aprendeu português aos cinquenta anos de idade.

R.A. - 50 anos, casado, funcionário, filho de E.A. nasceu na zona rural de Panambi, língua materna: alemão, aprendeu português na idade de sete anos quando entrou na escola; 2º grau completo e mais um curso de especialização no Colégio Evangélico Panambi, fala a variedade local do alemão padrão. Nas suas interações verbais diárias usa tanto a língua alemã como também a língua portuguesa.

K.A. - 35 anos, casada com R.A., dona de casa, cresceu na zona urbana de Panambi; língua materna: alemão; aprendeu português na idade de sete anos quando entrou na escola, era aluna do Colégio Evangélico Panambi, 2º grau completo mais um curso de especialização no Colégio Evangélico, fala a variedade local do alemão padrão. No seu dia-a-dia faz uso das duas línguas: a alemã e a portuguesa, dependendo do interlocutor.

H.A. - 13 anos, neta de E.A., nasceu em Panambi; língua materna: alemão; aprendeu português com 3 ou 4 anos de idade quando entrou no Jardim de Infância do Colégio Evangélico Panambi, aluna da 7ª. série desse mesmo colégio, fala a variedade local do alemão padrão. Faz uso das duas línguas em questão.

G.A. - 10 anos, neta de E.A., nasceu em Panambi; língua materna: alemão; aprendeu português quando entrou no Jardim de Infância do Colégio Evangélico Panambi na idade de três ou quatro anos, é aluna da 4ª. série desse mesmo colégio, fala a variedade local do alemão padrão. Nas suas interações verbais diárias usa tanto a língua alemã como também a língua portuguesa.

QUADRO 4.1: DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR A.

	E.A.	R.A.	K.A.	H.A.	G.A.
E.A.	/	A	A	A	A
R.A.	A	/	A	A/p	A/p
K.A.	A	A	/	a/p	a/p
H.A.	A	a/p	a/p	/	P/a
G.A.	A	a/p	a/p	P/a	/

Explicação dos símbolos usados:

A= alemão domina

A/p= uso do alemão domina mas o português entra em situações de mudança de código

a/p = uso do alemão e do português

P/a = uso do português domina mas o alemão entra em situações de mudanças de código

Podemos afirmar, conforme o Quadro 4.1., que a língua alemã domina em interações entre E.A. (representante da 1a. geração) e todos os outros membros da família A e que ela domina também nas situações de comunicação entre R.A. e K.A. (representantes da 2a. geração). Já nas interações verbais entre R.A. e K.A. e as suas filhas H.A. e G.A. (representantes da 3a. geração) o português entra através de mudanças de código nas díades familiares.

A língua alemã perde a sua posição dominante nas situações comunicativas entre os membros da 3a. geração. A descrição fornecida para a díade de H.A. e G.A. mostra que elas preferem interagir entre si em português e que o alemão entra somente através de situações de mudança de código.

FAMÍLIA B

R.B. - 74 anos, casado, aposentado, nasceu em Weiler, Wurtemberg, Alemanha; língua materna: alemão (isto é o dialeto sueviano, que ele quase não fala mais hoje, em vez disso usa mais o dialeto hunsrueckisch); frequentou a escola por seis anos na Alemanha, imigrou para o Brasil na idade de 13 anos, trabalhou como colono na zona rural de Panambi, aprendeu português com quase 30 anos de idade, morou na zona rural até 1966, depois veio morar na cidade. Nas suas interações verbais prefere usar a língua alemã. Fala português com membros da família que não sabem falar alemão.

D.B. - 78 anos, casada com R.B., dona de casa, nasceu em Estrela (RS), mas veio para Panambi com dois anos de idade; língua materna: alemão (isto é o dialeto hunsrueckisch); frequentou uma das escolas alemãs da zona rural de Panambi, aprendeu português quando era criança e veio em

1966 para a zona urbana junto com o marido. Prefere usar a língua alemã com interlocutores que saibam alemão, fala português com membros da família que não sabem falar alemão.

M.B. - 40 anos, casada, filha de R.B. e D.B., nasceu na zona rural de Panambi; aprendeu alemão com os pais e irmãos mais velhos e português com a empregada da família; frequentou uma das escolas públicas da zona rural, veio para a cidade com aproximadamente 20 anos de idade, é dona de uma loja. No seu dia-a-dia fala as duas línguas. A escolha sempre se dá em relação ao interlocutor.

C.B. - 40 anos, marido de M.B., nasceu em Palmeira (cidade vizinha de Panambi); língua materna: português (a mãe era brasileira, o pai de descendência alemã); aprendeu alemão como segunda língua na idade de 13 anos, quando foi trabalhar como ajudante na casa de colonos alemães na zona rural de Panambi; veio para a zona urbana de Panambi junto com a esposa e os sogros, trabalha hoje numa fábrica em Panambi. Usa somente português nas suas interações verbais.

L.B. - 18 anos, neta de R.B. e D.B., nasceu na zona rural de Panambi, veio para a cidade com poucos anos de idade; língua materna: português; aprendeu alemão enquanto criança, chegou a falar muito bem, mas hoje não fala, somente entende alemão; 2º grau completo, aluna do curso

para professores de primário.

B.B. - 12 anos, neta de R.B. e D.B., nasceu na zona urbana de Panambi; língua materna: português; aprendeu alemão enquanto criança, mas não fala, nem entende mais alemão, aluna da 6a. série de uma escola pública da zona urbana de Panambi.

QUADRO 4.2: DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR B.

	R.B.	D.B.	M.B.	C.B.	L.B.	B.B.
R.B.	/	A	A	P	P	P
D.B.	A	/	A	P	P	P
M.B.	A	A	/	P	P	P
C.B.	P	P	P	/	P	P
L.B.	P	P	P	P	/	P
B.B.	P	P	P	P	P	/

Explicação dos símbolos usados

A = alemão domina

P = português domina

O Quadro 4.2. acima reproduzido demonstra que na família B a língua alemã está sendo usada nas interações verbais entre R.B. e D.B. (representantes da 1a. geração) e a sua filha M.B. (representante da 2a. geração). Os membros da 2a. e da 3a. geração usam somente a língua portuguesa quando interagem, entre

si. Podemos afirmar com base no Quadro 4.2. que a língua portuguesa domina a língua alemã nesse núcleo familiar.

4.2. O USO DA LÍNGUA IMIGRANTE E NACIONAL EM DOMÍNIOS PÚBLICOS E PRIVADOS NA ZONA RURAL DE PANAMBI

A OP foi realizada em uma das Linhas da zona rural - na Linha Morengaba. Ela se situa a oeste da cidade de Panambi a 7 km de distância do centro. Não existe uma ligação de ônibus entre Panambi e a Linha Morengaba. Assim, pessoas de fora somente têm acesso a essa Linha através de condução própria. A estrada principal que percorre a Linha é de terra.

"A comunidade da Linha Morengaba é basicamente formada de descendentes alemães, 98% guardando muitos usos dos primeiros imigrantes que chegaram aqui, vindos da Alemanha. A língua predominante falada na localidade é a alemã; ainda encontramos pessoas na comunidade, principalmente as mais idosas, que não falam português ou apresentam grandes dificuldades em falar nossa língua. Dos moradores desta comunidade, 15% são imigrantes alemães, 25% são oriundos de comunidades vizinhas e mesmo de municípios vizinhos e 60% são nascidos nesta localidade. 99% dos moradores dedicam-se às atividades agrícolas dos quais 90% são pequenos proprietários e 10% são meio proprietários, não havendo nenhum latifundiário nesta localidade".

(Fotoalbum da Escola Estadual de 1º grau Incompleto Ernesto Lammers, org. pela Profa. Lisany Huth Zimmermann)

Realizamos a OP na Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Professor Ernesto Lammers, na Casa da Comunidade e em diversas casas particulares.

4.2.1. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NOS DOMÍNIOS PÚBLICOS

A ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PROF. E. LAMMERS

A escola estadual oferece aos filhos dos moradores da Linha:

- a pré-escola (desde 1984)
- a 1a. até a 7a. série

Segundo informações de uma das professoras da escola, em 1983, 90% das crianças que entraram na 1a. série não falavam português. Hoje em dia ela acha que esse número se reduziu a 35% por ter uma pré-escola desde 1984 e televisão em algumas das casas desde 1983.

A professora ainda afirmou que 90% das crianças falam alemão em casa. A língua de ensino é o português e nenhum dos professores que leciona nas séries, fala ou entende alemão. Em caso de problemas lingüísticos durante a aula, os alunos das séries mais adiantadas ajudam traduzindo o termo não conhecido para o alemão - pois a 1a. e a 2a. séries, como também a 3a. e 4a. séries, têm aula na mesma sala com o mesmo professor.

Foi possível observar que os alunos da 1a. série ainda têm dificuldades de pronunciar corretamente certas palavras e que às vezes interagem em alemão entre si mais freqüentemente do que os alunos das outras séries. Com a professora, todos interagem em português. Nas brincadeiras, antes e depois das aulas, domina claramente o português.

A CASA DA COMUNIDADE

Nessa casa são realizados todos os acontecimentos sociais - festas da Igreja Congregacional e Evangélica, bailes, festas de casamento, encontros juvenis, etc.

A OP foi realizada durante uma festa de casamento de dois jovens da Linha. Estavam presentes quase 200 pessoas - moradores da Linha, de outras Linhas vizinhas e também da cidade. Houve três agrupamentos principais: o grupo dos homens, dos jovens e a roda das mulheres casadas. No grupo das mulheres houve conversas somente em alemão - uma mulher brasileira que não sabia falar alemão ficou simplesmente fora de qualquer rede de interação.

Não foi possível observar nem o grupo dos adolescentes, nem o grupo dos homens para se determinar o uso da língua alemã e portuguesa por não ser socialmente permitido a uma mulher casada participar desses dois grupos.

4.2.2. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM DOMÍNIOS PRIVADOS

Realizamos a OP em duas famílias da Linha Morengaba, sendo todos membros da Igreja Evangélica Congregacional. As famílias se constituem por membros de três gerações:

- a 1a. geração é representada pelo imigrante sueviano Wh.C., nascido na Alemanha do Sul;
- a 2a. geração é representada pelos filhos desse imigrante e pelas noras, todos nascidos na Linha Morengaba; e

- a 3a. geração é representada pelos netos de Wh.C., todos nascidos na Linha Morengaba.

Observamos que tanto os informantes da 1a., como da 2a. e 3a. geração usam a língua alemã quando interagem com amigos, vizinhos e com outros moradores de descendência alemã da Linha. Nos núcleos familiares predomina claramente a língua alemã em quase todas as situações comunicativas entre todos os membros familiares da faixa etária de 7 até 80 anos. Observamos também que a língua usada durante o trabalho na roça é a língua alemã.

(4). Mesmo assim, há diferenças entre as gerações quanto ao comportamento lingüístico. Enquanto a 1a. e a 2a. geração preferem falar alemão entre si, com os vizinhos e com outros parentes o comportamento lingüístico dos jovens é outro.

A terceira geração aprendeu português quando entrou na escola, isto é, cresceu monolingüe em alemão. Eles falam alemão com os avós, com os pais, com os vizinhos, mas tendem a falar português com os amigos da mesma idade que fazem parte do peer-group da linha. É interessante notar que todos os membros desse peer-group são de descendência alemã com a exceção de uma falante nativa de português que não sabe falar alemão. Ouvem-se, então, em muitas situações comunicativas, mudanças do alemão para o português e vice-versa.

Observamos em alguns momentos o uso do português entre irmãos e primos de uma família.

Das duas famílias sob observação somente a família D tem televisão.

A seguir apresentaremos uma biografia de cada informante, em que constam os dados demográficos necessários para a compo-

sição do seu perfil e, em seguida, descreveremos a escolha da língua alemã (A) e da portuguesa (P) dentro dos núcleos familiares C e D nos quadros 4.3. e 4.4. a seguir reproduzidos.

FAMÍLIA C

Wh.C. - 80 anos, viúvo, colono, nasceu em Dettingen, Vurtemberg, Alemanha; língua materna: alemão (isto é o dialeto sueviano, que ele continua falando até hoje); frequentou a escola durante seis anos na cidade onde nasceu, imigrou para o Brasil quando tinha 18 anos, quase não fala português, casou com uma mulher que também era imigrante de Vurtemberg. Não sabe falar português.

Wi.C. - 50 anos, filho de Wh.C., casado, colono, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, sueviano e mais tarde o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português com 7 anos de idade quando entrou na escola, 1º grau incompleto. Tem contatos frequentes fora da zona rural, vendendo produtos agrícolas na zona urbana e cuidando da área financeira da família com instituições da cidade. Neste caso a língua usada é a língua portuguesa.

I.C. - 45 anos, casada com Wi.C., colona e dona de casa, nasceu na linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando foi

escolarizada com 7 anos de vida, 1º grau incompleto. É a informante que menos tem contato com a zona urbana. - ela acompanha o marido duas vezes por ano nas suas idas para o Centro de Panambi. Quase não fala português.

H.C. - 22 anos, solteiro, colono, neto de Wh.C., nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando entrou na escola com 7 anos de idade, primeiro grau incompleto. Tem muitos contatos fora da Linha Morengaba. Aos fins de semana sai com os membros do seu "peer-group" para outras linhas da zona rural ou para a zona urbana. Sabe falar português.

Ne.C. - 20 anos, solteiro, colono, neto de Wh.C., nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português na idade de 7 anos quando entrou na escola. 1º grau incompleto. No fim de semana sai com os membros de seu "peer-group" ou para outras linhas da zona rural ou para a zona urbana de Panambi. Sabe falar português.

No.C. - 18 anos, neto de Wh.C., solteiro, colono, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando entrou na escola na idade de 7 anos, 1º grau incompleto. Sabe falar português.

M.C. - 15 anos, neta de Wh.C., solteira, colona, ajuda o pai a vender verduras na feira na zona urbana, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando foi escolarizada com 7 anos de idade, é a pessoa que sabe falar melhor a língua portuguesa nesse núcleo familiar, inclusive é ela que escreve as cartas para os membros da família. Ela tem 1º grau incompleto.

QUADRO 4.3 : Descrição do uso da língua alemã (A) e portuguesa (P) no núcleo familiar C.

	Wh.C.	Wi.C	I.C	H.C	Ne.C	No.C	M.C
Wh.C.	/	A	A	A	A	A	A
Wi.C.	A	/	A	A	A	A	A/p
I.C.	A	A	/	A	A	A	A
H.C.	A	A	A	/	A	A	A/p
Ne.C.	A	A	A	A	/	A	A/p
No.C.	A	A	A	A	A	/	A/p
M.C.	A	A/p	A	A/p	A/p	A/p	/

Explicação dos símbolos usados:

A = alemão domina

A/p = alemão domina, e o português entra em situações de mudança de código

Podemos afirmar, com base no Quadro 4.3. acima reproduzido, que a língua alemã domina em quase todas as situações de interação verbal no núcleo da família C. O único membro que obser-

vamos várias vezes mudar do alemão para o português é M.C. (representante da 3a. geração). E é ela também que recebe, mas nem sempre, resposta em português.

FAMÍLIA D

Essa família se constitui também por membros de três gerações. A.D. é filho de Wh.C. e irmão de Wi.C. Por razões de distinção das famílias desses irmãos denominamos um núcleo familiar com a letra C e o outro, com a letra D.

A.D. - 45 anos, filho de Wh.C., casado, colono, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto sueviano, depois aprendeu o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando entrou na escola com 7 anos de idade, 1º grau incompleto. Tem contatos frequentes com a zona urbana por causa dos negócios. A língua usada nessas interações verbais que acontecem fora da zona rural, é a língua portuguesa.

I.D. - 39 anos, casada com A.D., colona, dona de casa, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando foi escolarizada com 7 anos de idade, 1º grau incompleto. Não tem muitos contatos com a zona urbana, mas assiste frequentemente às telenovelas. O contato com a língua portuguesa se estabelece, o que tudo indica através do

meio de comunicação de massa televisão.

V.D. - 15 anos, neto de Wh.C., aluno da 8a. série de uma escola pública de 1º grau na zona urbana, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, o dialeto hunsrueckisch); aprendeu português quando entrou com 7 anos de idade na escola. Tem contatos frequentes com a língua portuguesa porque continua a frequentar uma escola na zona urbana.

E.D. - 13 anos, neto de Wh.C., aluno da 6a. série da Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Prof. Ernesto Lammers, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão (isto é, hunsrueckisch); aprendeu português quando entrou na escola com 7 anos de idade. Tem contatos frequentes com a língua portuguesa porque frequenta a escola.

B.D. - 7 anos, neto de Wh.C., aluno da 1a. série da Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Prof. Ernesto Lammers, nasceu na Linha Morengaba; língua materna: alemão, (isto é, o dialeto hunsrueckisch); começou a aprender português na pré-escola, isto é, está em fase de aquisição do português, em estágio bem adiantado.

QUADRO 4.4 : DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) NO NÚCLEO FAMILIAR D.

	Wh.C.	A.D.	I.D.	V.D.	E.D.	B.D.
Wh.C.	/	A	A	A	A	A
A.D.	A	/	A	A/p	A/p	A/p
I.D.	A	A	/	A/p	A/p	A/p
V.D.	A	A/p	A/p	/	a/p	a/p
E.D.	A	A/p	A/p	a/p	/	a/p
B.D.	A	A/p	A/p	a/p	a/p	/

A = alemão domina

A/p = alemão domina e português entra de voz em quando por uma mudança de código (code-switching)

a/p = uso do alemão e do português

Conforme o Quadro 4.4. acima reproduzido, podemos afirmar que a língua alemã domina claramente nas interações verbais entre Wh.C. (representante da 1a. geração) e os demais membros do núcleo familiar D. O alemão também domina nas situações comunicativas entre A.D. e I.D. (representantes da 2a. geração) e com os filhos V.D., E.D. e B.D. (representantes da 3a. geração). E são essas crianças que introduzem a língua portuguesa no núcleo familiar. Elas usam o alemão quando interagem com membros da 1a. geração e usam predominantemente alemão nas interações verbais com os seus pais, mas há momentos em que a língua portuguesa entra através de mudanças de código. Quando elas interagem entre si, elas usam tanto a língua alemã como a língua portuguesa.

4.3. ATITUDES FRENTE A LÍNGUA ALEMÃ E PORTUGUESA NA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PANAMBI

4.3.1. ALGUNS PROBLEMAS QUE SE LEVANTAM NUM ESTUDO SOBRE ATITUDES

Descrevemos até agora o uso da língua alemã e da língua portuguesa por membros da comunidade de fala alemã em situações comunicativas naturais. Mostramos através de uma descrição detalhada dos domínios públicos e particulares que tanto a língua alemã como a língua portuguesa constituem o repertório linguístico da comunidade de fala alemã de Panambi. (5)

Estávamos também interessados em verificar como os membros dessa comunidade de fala avaliam essas duas línguas, isto é: queríamos determinar as suas atitudes frente à língua alemã e à língua portuguesa.

Antes de apresentar os nossos resultados do estudo sobre atitudes, gostaríamos de focar alguns problemas que se levantam para o pesquisador. (6)

- O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DO TERMO ATITUDE

Há duas possibilidades que se opõem para definir o termo. Uma poderia ser caracterizada como definição "mentalista" que

foi proposta por Allport (1935). Ele sugere que atitudes são um estado mental e neural de prontidão.

Fishman (1970: 138) assinala que:

"This implies that they are not directly observable but have to be inferred from the subject's introspection."

Essa definição levanta problemas sérios como, por exemplo, mede-se algo através de observação que na realidade não tem substância observável?

A outra definição é denominada de "comportamentalista". Ela foi proposta por Bains (1928). Esta definição localiza atitudes no comportamento observável e nas respostas de pessoas. Segundo Fishman (1970: 138):

"Such an approach therefore faces few or no problems at the level of analysis because attitudes have been defined entirely in terms of observable data."

- O PROBLEMA DA ESTRUTURA DAS ATITUDES

Para os pesquisadores que trabalham com o conceito de atitude, coloca-se a pergunta se a sua estrutura é unitária ou múltipla. Os que seguem a linha comportamentalista assumem uma estrutura unitária para as atitudes, enquanto os defensores da definição mentalista supõem uma estrutura múltipla, que se constitui por três aspectos:

- o aspecto cognitivo, isto é: atitudes sempre são ligadas a certas imaginações de um determinado sujeito psicológico;
- o aspecto afetivo, isto é: atitudes sempre são encaixadas na personalidade total de uma pessoa e elas têm uma relação es-

trita com a vida ativa do portador e

- o aspecto conativo, isto é: atitudes são disposições comportamentais que um indivíduo tem frente a um objeto psicológico.

Fishman assinala que apesar das diferenças acima mencionadas existem algumas concordâncias:

"There are some aspects of attitude definition in which there appears to be some consensus: practically everybody agrees that attitudes are learned from previous experience, and that they are not momentary, but relatively 'enduring'."

(Fishman 1970: 139).

- O PROBLEMA DA INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O maior problema que se apresenta ao pesquisador quando ele interpreta os resultados é a reflexão sobre a validade de seu estudo sobre atitudes:

"Validation of attitude studies is particularly problematic because of the nature of attitudes as properties of psychological or mental process. It is therefore difficult to find suitable criteria against which to validate attitude studies."

(Fishman 1970: 150).

Quando apresentarmos em seguida o nosso estudo sobre atitudes frente a língua alemã e a língua portuguesa na comunidade de fala alemã, estamos conscientes dos problemas acima mencionados.

4.3.2. ATITUDES DOS INFORMANTES FRENTE À LÍNGUA ALEMÃ E PORTUGUESA

Introduzimos, no fim de cada entrevista sociolinguística, um módulo sobre atitudes frente à língua alemã e portuguesa. Formulamos as mesmas perguntas para 16 dos 22 informantes, que constituem a nossa amostra. Todos tem entre 15 e 80 anos.

Perguntamos sobre:

- a importância de conservar a língua alemã e o dialeto sueviano;
- o orgulho de saber falar alemão;
- a utilidade de saber falar alemão;
- a utilidade de saber falar português;
- o prestígio social que um falante monolíngue em alemão ou em português tem;
- o prestígio social que o falante bilíngue tem; e
- a língua das crianças. (7)

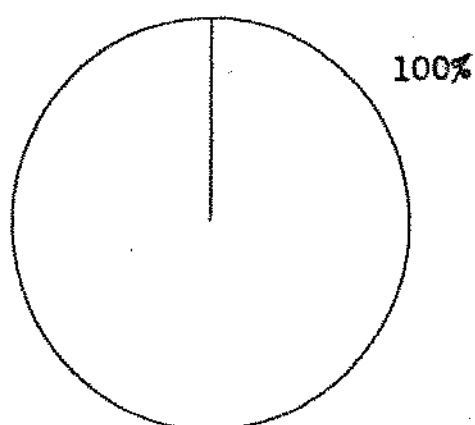
Apresentaremos em seguida os resultados do estudo sobre tais atitudes.

- A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DA LÍNGUA IMIGRANTE

Todas as pessoas entrevistadas acharam importante conservar a língua alemã em Panambi e redondezas. Três dos informantes entenderam a conservação do alemão no sentido de conservar a língua como segunda língua, como língua estrangeira e somente

dois informantes levaram espontaneamente em conta a possibilidade de a língua imigrante morrer.

QUADRO 4.5 : A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ

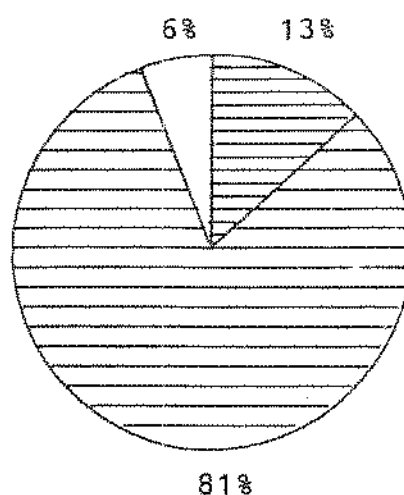


A IMPORTÂNCIA DA CONSERVAÇÃO DO DIALETO SUEVIANO

Dos 16 informantes questionados sobre a importância de conservar o dialeto sueviano, somente dois (13%) não a consideraram importante, enquanto 13 (81%) acharam importante e de um informante (6%) não temos opinião gravada. Dos 13 informantes que acham importante manter o dialeto sueviano, quatro indica-

ram espontaneamente a possível morte desse dialeto por falta de falantes.

QUADRO 4.6 : A IMPORTÂNCIA DA MANUTENÇÃO DO DIALETO SUEVIANO

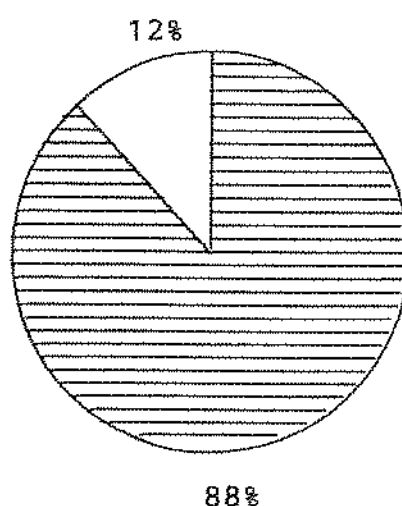


O ORGULHO DE FALAR ALEMÃO

Não usamos o termo orgulho no módulo sobre as atitudes frente à língua imigrante por levar em conta as reflexões de Born (1983). Ele assinala que, na sua pesquisa sobre domínios e atitudes nos vales das Dolomitas ladínias, houve dificuldades quanto ao uso do termo orgulho.

A maioria das pessoas entrevistadas achou que orgulho e empenho numa língua não têm nada a ver um com outro. Perguntamos aos informantes então se eles consideravam bom falar alemão. Dos 16 informantes 14 afirmaram (88%) que sim e dois (12%) não deram a sua opinião.

QUADRO 4.7 : O "ORGULHO" DE FALAR ALEMÃO

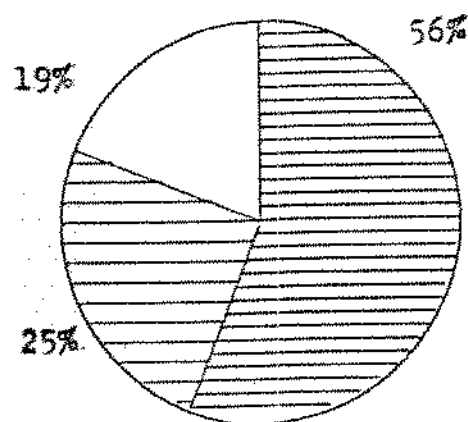


O PRESTÍGIO SOCIAL DA LÍNGUA IMIGRANTE E NACIONAL

Introduzimos três perguntas sobre o prestígio social de cada uma das línguas em questão.

Perguntamos se aquele que fala somente alemão é considerado melhor na vida do que aquele que somente fala português. Quatro informantes acharam que sim (25%) três (19%) que não e o restante (56%) não explicitou a sua opinião.

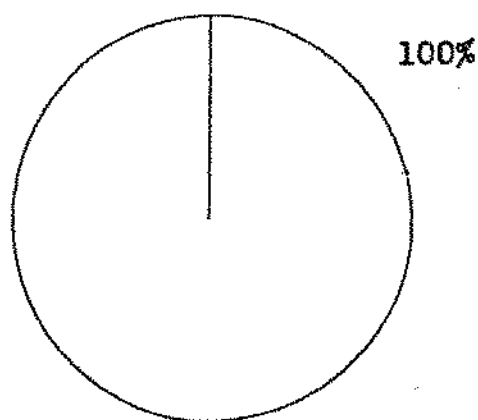
QUADRO 4.8 : O PRESTÍGIO SOCIAL DO FALANTE MONOLÍNGUE



Também perguntamos se aquele que somente fala português é considerado como sendo melhor na vida do que aquele que somente fala alemão. Na maioria dos casos os informantes não responderam a essa pergunta e, em vez disso, afirmaram que é a pessoa bilíngüe que está sendo considerada melhor na vida do que a pessoa monolíngüe, tanto em alemão como em português. Assim, os

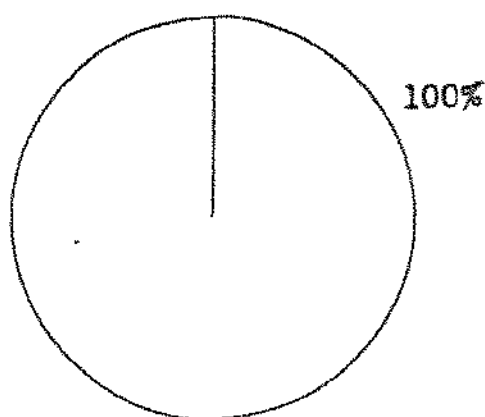
próprios informantes já fizeram a passagem para a terceira pergunta: nós perguntamos se a pessoa bilíngüe é considerada como sendo melhor na vida do que a pessoa monolíngüe em alemão ou português. Todos os 16 informantes (100%) afirmaram que a pessoa bilíngüe é considerada como sendo melhor na vida.

QUADRO 4.9 : O PRESTÍGIO SOCIAL DO FALANTE BILÍNGUE



UTILIDADE DE FALAR ALEMÃO

Todos os 16 informantes afirmaram que é útil saber falar alemão.

QUADRO 4.10 : A UTILIDADE DE FALAR ALEMÃO

As razões por que é útil saber alemão, variaram dependendo se o informante era da zona urbana ou rural.

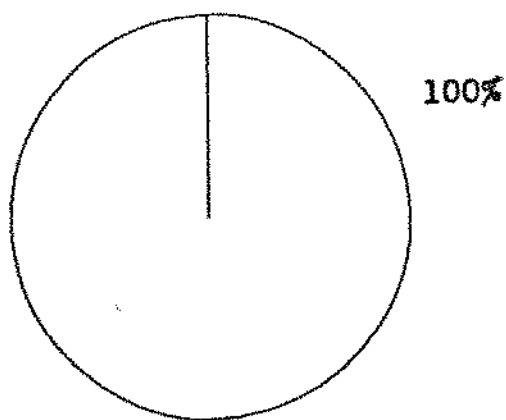
Na zona urbana encontramos respostas: é útil saber falar e ler em alemão para uma formação escolar melhor (ler livros na língua alemã) e para conseguir bons empregos (cargos mais altos).

Na zona rural, na maioria das vezes as pessoas não deram razões por que é útil falar alemão e, quando as deram, foram relacionadas à interação com a primeira geração: é útil saber falar alemão para poder interagir com o avô ou avó.

UTILIDADE DE FALAR PORTUGUÊS

Todos os informantes afirmaram que é útil saber falar português.

QUADRO 4.11 : A UTILIDADE DE FALAR PORTUGUÊS



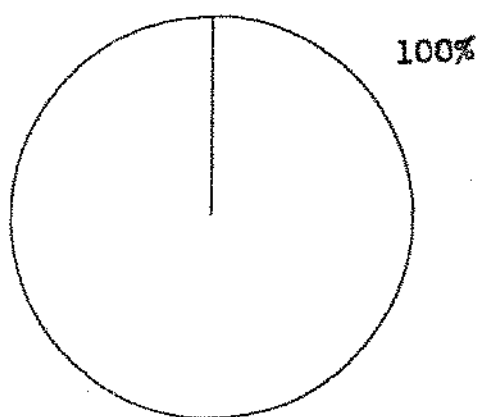
Respondendo a essa pergunta, eles deram várias razões:

- é útil falar português no emprego (informantes da zona urbana)
- é útil falar português no banco, nos negócios e para as crianças na escola (informantes da zona rural).

LÍNGUA DAS CRIANÇAS

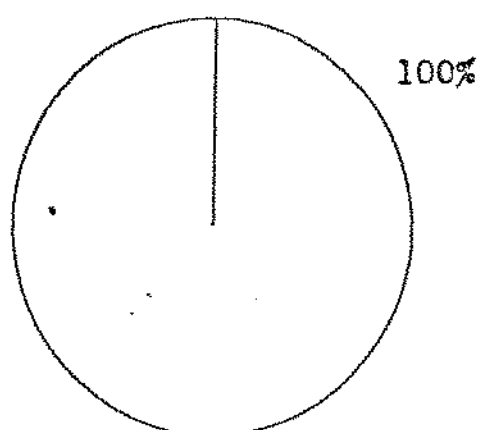
Todos os informantes acharam importante as crianças aprenderem alemão hoje em dia.

QUADRO 4.12 : A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ALEMÃ PELAS CRIANÇAS



Acharam também que as crianças deveriam aprender português.

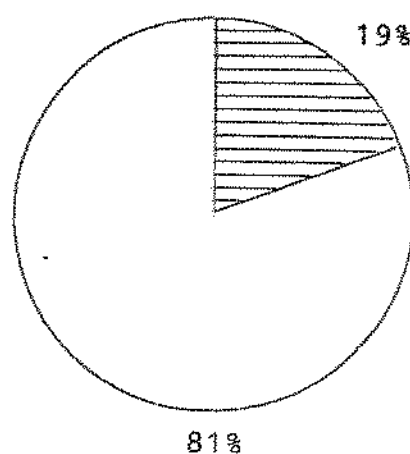
QUADRO 4.13 : A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PELAS CRIANÇAS



AQUISIÇÃO DAS DUAS LÍNGUAS

Quanto à AQUISIÇÃO DAS DUAS LÍNGUAS EM QUESTÃO, três informantes (19%) acharam que as crianças deveriam aprender alemão e português simultaneamente enquanto 13 informantes (81%) acharam melhor primeiro aprender alemão e depois português.

QUADRO 4.14 : A AQUISIÇÃO DAS DUAS LÍNGUAS



As razões que foram dadas para a aquisição do alemão em primeiro lugar foram:

- alemão aprende-se mais dificilmente por isso tem que começar em casa;
- português aprende-se "na rua".

4.4. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 4

No presente capítulo fornecemos uma descrição da situação lingüística que encontramos hoje na comunidade de fala alemã de Panambi.

Num primeiro momento de nossa descrição etnográfica introduzimos as noções de domínio público e privado para demonstrar que os membros da comunidade de fala alemã fazem usos diferentes das duas línguas, dependendo dos contextos institucionais nos quais as interações verbais se realizam.

Estávamos interessados em verificar se podemos pressupor que os domínios da língua alemã e da língua portuguesa são os mesmos para a zona urbana e para a zona rural de Panambi. Quanto aos domínios públicos podemos afirmar que há diferenças no uso das duas línguas.

Observamos que os membros da comunidade de fala alemã da zona urbana usam a língua portuguesa em quase todas as situações comunicativas que se realizam em domínios públicos, enquanto os membros da comunidade de fala alemã da zona rural mantêm a língua imigrante como língua principal nas interações verbais.

O Quadro 4.15., abaixo reproduzido, visualizará o uso da língua alemã (A) e da língua portuguesa (P) em domínios públicos da zona urbana e rural de Panambi.

QUADRO 4.15. : DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) EM DOMÍNIOS PÚBLICOS NA ZONA URBANA E RURAL

DOMÍNIO	LÍNGUA USADA NA ZONA URBANA	LÍNGUA USADA NA ZONA RURAL
Escola	P	P
Igreja	P / A	A
Vizinhos	P	A
Trabalho	P	A

Vários autores assinalam que o TIPO DE POVOAÇÃO, seja ou urbano ou rural, funciona como uma variável que favorece ou desfavorece a manutenção de línguas minoritárias. (8)

Acreditamos, com base na descrição fornecida no Quadro 4.15., que isso também se aplica à comunidade de fala alemã de Panambi. Isto é, observamos que a língua alemã está sendo mais mantida na zona rural do que na zona urbana de Panambi e que isto tenha conseqüências quanto à conservação da gramática da língua alemã na fala dos informantes. Uma das razões para a melhor conservação da língua alemã na zona rural poderia ser a maior possibilidade de segregação num ambiente rural.

Comparando os domínios privados, isto é: os núcleos familiares da zona urbana e rural, podemos afirmar que o uso das duas línguas em questão se distingue de maneira significativa.

Mostramos, através do Quadro 4.1. (ver página 101), que a língua portuguesa já entra nas interações verbais entre membros da 2ª geração da família A e também entre membros da 2ª com

membros da 3ª geração. A língua portuguesa domina a língua alemã nas interações comunicativas entre membros da 3ª geração.

O caso do núcleo familiar B (ver Quadro 4.2., página 104) já é um pouco diferente. Nessa família há um membro que não é falante nativo de alemão. Mesmo tendo aprendido alemão como segunda língua (ver biografia de C. B., página 103), todas as interações verbais com ele se realizam em português. Podemos afirmar então que a língua portuguesa domina claramente nesse núcleo familiar em quase todas as interações verbais que acontecem nas diversas díades. Nos núcleos familiares C e D da zona rural a realidade lingüística é outra. Observamos que a língua alemã domina em quase todas as situações comunicativas dentro das díades descritas nos Quadros 4.3. e 4.4. (ver página 111 e página 114).

A língua portuguesa está sendo introduzida nesses núcleos, principalmente através das crianças e adolescentes que estão ou em plena fase de aquisição do português como segunda língua (ver biografia de B. D., página 113) ou que ainda freqüentam a escola (ver biografia de V. D. e E. D., página 113).

As descrições fornecidas através dos Quadros 4.1., 4.2., 4.3. e 4.4. referentes ao uso das duas línguas que cada informante faz no seu núcleo familiar, deixam-nos pensar que realmente existem diferenças entre as três gerações, isto é, o fator IDADE também constitui uma variável. (9)

Podemos visualizar a situação de dominação da língua alemã (A) ou da língua portuguesa (P) nos núcleos familiares da zona urbana e rural através do Quadro 4.16., abaixo reproduzido.

QUADRO 4.16. : DESCRIÇÃO DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ (A) E PORTUGUESA (P) EM DOMÍNIOS PRIVADOS NA ZONA URBANA E RURAL

ZONA	FAMÍLIA	LÍNGUA DOMINANTE
Urbana	A	A / P
Urbana	B	P
Rural	C	A
Rural	D	A

Num segundo momento do presente capítulo, apresentamos os resultados de um estudo sobre atitudes dos imigrantes e seus descendentes frente à língua alemã e portuguesa. Estávamos conscientes que é difícil captar, de maneira mais profunda, as atitudes verdadeiras dos informantes frente à língua alemã e portuguesa através das perguntas que constituem o nosso questionário. Acreditamos que obtivemos, na realidade, somente uma visão parcial do problema, sendo ela a parte mais superficial, que se revela diretamente nas respostas dos informantes. As atitudes dadas através das respostas não refletem a visão individual de cada um dos informantes, mas sim algo da visão que o grupo étnico tem frente à manutenção da língua imigrante.

Para captar atitudes mais profundas é preciso combinar várias técnicas de coleta de dados, em vez de usar uma única, como aconteceu no nosso caso. Por isso consideramos o nosso estudo sobre atitudes ser um estudo preliminar, que será ampliado e intensificado num outro nível da pesquisa, em que combinaremos entrevistas profundas (Tiefeninterviews) com os "subjective reaction tests" e os "family background tests", propostos por Labov (1978). Através das entrevistas profundas é possível re-

construir tipos de atitudes, interpretando os discursos dos informantes. (10) Com ajuda dos subjective reaction tests e dos family background tests o pesquisador capta atitudes dos informantes frente a variedades linguísticas existentes na comunidade de fala. (11)

Em termos gerais podemos afirmar que a língua alemã é muito conservada dentro da comunidade de fala alemã. Podemos ir mais longe e afirmar que encontramos na comunidade de fala alemã o que é denominado na literatura lingüística de manutenção de uma língua imigrante.

Vários fatores indicam, a nosso ver, na direção de manutenção da língua alemã. São eles:

- o uso da língua alemã dentro dos domínios particulares da zona urbana e rural;
- o uso da língua alemã nos demais domínios públicos da zona rural;
- a aprendizagem da língua alemã como língua materna por quase todos os informantes;
- as atitudes positivas dos informantes frente a manutenção da língua alemã dentro da comunidade de fala;
- a intenção de continuar com a aquisição do alemão como língua materna pelas crianças; e
- a divisão dos lugares de aquisição da língua alemã e portuguesa:
 - alemão aprende-se na família e
 - português aprende-se na rua.

Através da análise lingüística dos dados de membros da comunidade de fala alemã, que será realizada nos capítulos 6 e 7 desta dissertação, descreveremos o estágio de conservação da língua imigrante ao nível sintático.

Com base nos resultados da análise qualitativa da comunidade de fala alemã de Panambi, que realizamos neste capítulo, acreditamos ser possível formular novas hipóteses a serem verificadas nos capítulos 6 e 7 da presente dissertação:

1. Esperamos encontrar baixos índices de interferência sintática do português em cima do alemão falado pelos moradores da zona rural. Essa hipótese será verificada através da análise quantitativa dos dados dos informantes que realizaremos no capítulo 6 da presente dissertação, onde formularemos alguns fatores extra-lingüísticos dos quais acreditamos que eles agem como possíveis condicionadores e distribuidores percentuais e probabilísticos. Os fatores extra-lingüísticos, que nós julgamos serem os mais fortes devido a nossa análise qualitativa da comunidade de fala alemã, são:

- ZONA (rural ou urbana)
- NÚCLEO FAMILIAR (Família A e B da zona urbana /
Família C e D da zona rural)

2. Esperamos também encontrar baixos índices de interferência sintática nos dados dos informantes da 1ª geração, devido ao pouco uso que eles fazem do português. Suponhamos que os falantes da 1ª geração tenham sido confrontados com menos situações de contato e que eles tenham aprendido o português ou de maneira muito rudimentar ou o teriam aprendido numa idade mais adiantada, quando alguns deles se mudaram para a zona urbana.

Já no caso dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO esperamos encontrar mais interferências sintáticas da língua portuguesa sobre a língua alemã devido às situações de contatos inter-étnicos que ocorrem com mais frequência no caso desses informantes. Assim chegamos à formulação de mais dois fatores extra-lingüísticos que nós julgamos serem relevantes para a análise dos dados. São eles:

- IDADE e
- INFORMANTE

Antes de verificar estas hipóteses apresentaremos no capítulo que se segue (capítulo 5) uma definição do objeto de estudo para apresentar depois, no capítulo 6 da presente dissertação, os resultados da análise quantitativa dos dados.

NOTAS DO CAPÍTULO 4

- (1) Este artigo é a revisão de "Who speaks what language to whom and when", publicado em La linguistique 1965, 2, 67-88.
- (2) O fenômeno de mudança de código é conhecido na literatura linguística como "code-switching". Seguimos a definição proposta por Clyne:
"Mudança de uma língua para uma outra ... dentro de uma oração ou dentro de um texto."
(Clyne 1975, 191) (Tradução pessoal).
- (3) Essa biografia se torna novamente importante quando interpretamos a análise linguística dos dados dos informantes no Capítulo 7, levando em conta a história individual de cada informante, como Dittmar (1983) e Labov e Harris (1986) propõem.
- (4) A denominação de técnicas e ferramentas agrícolas é feita quase exclusivamente em alemão.
- (5) Definimos repertório linguístico como proposto por Gumperz. Ele descreve repertório linguístico como:
"... the totality of linguistic resources which speakers may employ in significant social interaction."
(Gumperz 1971, 276)
- (6) Trabalhamos nessa parte da dissertação, que estuda as atitudes dos informantes, basicamente com o artigo de Fishman e Agheysi "Language Attitude Studies. A Brief Survey of Methodological Approaches." (1970).
- (7) Na elaboração das perguntas sobre atitudes frente às duas línguas em questão, nos baseamos na pesquisa sobre domínios e atitudes nos vales das Dolomitas ladínicas de J. Born (1983).
- (8) Vários autores afirmam isso em relação as comunidades pesquisadas por eles. Veja por exemplo:
Schlieben-Lange (1977:105)
Wiesinger (1980: 485 e 496)
Haarmann (1980: 32)
Huffines (1980: 43)
- (9) Um outro estudo que mostra que o fator IDADE pode constituir uma variável importante é aquele de Schlieben-Lange sobre a situação linguística no Sul da França, onde o Provençal convive com o Francês, publicado em 1977.

(10) No artigo "Soziolinguistik - Teil II. Soziolinguistik in der Bundesrepublik", Dittmar menciona duas pesquisas sobre atitudes que determinaram tipos de atitudes através da interpretação de discursos. São eles:
Saville -Troike (1982) e
Schlobinski (1982).

(11) Ver Labov 1978.

5. DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

5.0. ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Através da reconstrução do contexto sócio-histórico da colonização de Panambi sabemos que a comunidade de fala alemã é muito heterogênea quanto à sua composição dialetal. Houve várias levadas de colonos para o povoamento então fundado. Sabemos também que os colonos vindos das chamadas colônias antigas alemãs trouxeram os dialetos pomerano e "hunsrueckisch" para a nova colônia. Os suevianos formaram um outro grupo dialetal, cuja presença se torna numericamente marcante a partir dos anos 20.

As fontes históricas disponíveis mostraram, por outro lado, que, desde a fundação da colônia particular Neu-Wuerttemberg, dois grupos étnicos entraram em contato e temporariamente em conflito: o luso-brasileiro e o alemão. Assim, a história da colonização e das famílias imigrantes fornece dados interessantes quanto à situação de contato:

- dos vários dialetos regionais alemães e da variação do alemão padrão entre si, que compõem a língua alemã falada em Panambi e
- do alemão com o português.

No presente capítulo é nosso interesse descrever o contato que se deu entre as duas línguas ao nível lingüístico. Em um

primeiro momento queremos determinar em 5.1. se há indivíduos monolíngües em alemão; se há indivíduos bilíngües, que adquiriram o alemão e o português simultaneamente durante a infância; se há indivíduos que aprenderam português como segunda língua e se há indivíduos monolíngües em português na comunidade de fala alemã.

Nosso interesse está ainda em caracterizar o vernáculo alemão falado em Panambi em termos de ser mais ou menos dialetal, mais ou menos alemão padrão, língua oral, com ou sem influência do padrão escrito.

Em 5.2. reproduziremos cinco narrativas de três informantes de um núcleo familiar da zona rural e apresentaremos a escolha das duas variáveis a serem analisadas através de um tratamento quantitativo. São elas: preenchimento versus queda de sujeito e sujeito pré- e pós-verbal. Para situar a descrição e análise destas duas variáveis, realizaremos em 5.3. um levantamento bibliográfico sobre a possibilidade de ocorrer na língua alemã falada apagamentos de sujeitos e a ordem verbo-sujeito. Finalmente, em 5.4. apresentaremos a conclusão do capítulo.

5.1. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI

5.1.1. A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DE PANAMBI

Na comunidade de fala alemã de Panambi encontramos hoje uma situação lingüística, muito variada. Há falantes monolíngües em alemão, que são, na sua maioria, falantes nativos dos dialetos

pomerano, "hunsrueckisch" e sueviano. Encontramos falantes que aprenderam alemão e português simultaneamente, mas a maioria dos falantes aprendeu alemão como língua materna e português como segunda língua aos sete anos de vida, quando começaram a ser escolarizados. Este último grupo de falantes pode ser subdividido em: a) falantes que usam o português somente para fins de comunicação em situações de contato com membros do grupo étnico brasileiro (exemplo: escola, negócios) ou no próprio peer-group dos adolescentes. Esses informantes, na sua maioria, moram nas zonas rurais, e b) falantes que dominam bem as duas línguas, usando-as alternadamente em situações de comunicação diferentes. Falam o alemão no núcleo familiar; há casos de informantes que não ensinaram o alemão para os filhos, mas continuam a usá-lo com os irmãos e os pais, enquanto falam o português no trabalho, com os amigos, os filhos e com os vizinhos. Esses falantes moram, em geral, na zona urbana de Panambi.

O alemão falado em Panambi pode ser caracterizado como segue:

1. Uma língua de uso quase exclusivamente oral (com exceção do ensino da língua alemã no Colégio Evangélico Panambi, onde os alunos aprendem a escrever e a ler em alemão padrão) (ver capítulo 4, seção 4.1.1.);
2. Na zona rural o alemão é mais marcado por traços dialetais do que por traços típicos do alemão padrão. Na zona urbana há influência tanto dos dialetos, como também do alemão padrão;
3. O alemão falado em Panambi apresenta interferências do português ao nível lexical;

4. A língua alemã falada em Panambi é uma variedade local do alemão falado no Estado de Rio Grande do Sul, que reúne falantes de diversos dialetos alemães, que vieram para o Brasil em diferentes épocas;
5. Uma língua que se compõe de vários dialetos regionais alemães e de uma variedade do alemão padrão que estão em contato mútuo e que estão em contato com a língua nacional portuguesa.

O espaço do contato entre as variedades lingüísticas alemãs e a língua portuguesa é a comunidade de fala.

"Ou seja, é nas comunidades de fala ou entre elas que se concretizam diversos tipos de contato, os quais produzem, por sua vez, fenômenos de mescla ou de convivência/coexistência, mecanismo esse ativado pelos indivíduos que integram tais comunidades." (Tarallo e Alkmin, 1987:9)

Tarallo e Alkmin distinguem no livro acima citado dois tipos de mescla(i):

"a mescla intracomunidade (isto é, variantes convivendo e/ou se entrecruzando em uma mesma comunidade de fala, em que somente uma língua é falada...) versus a mescla intercomunidades (ou seja, línguas distintas coexistindo e se misturando em uma mesma comunidade: por exemplo o caso de o português conviver com o alemão, o polonês e o italiano na Região Sul do Brasil.)" (op. cit.: p. 9).

Quanto à comunidade de fala alemã de Panambi, encontramos tanto a mescla intracomunidade (porque vários dialetos se encontram numa situação de contato entre si), como também a mes-

cla intercomunidade (porque a língua alemã coexiste com a língua portuguesa na mesma comunidade).

5.1.1.1. A MESCLA INTRACOMUNIDADE

A noção de mescla intracomunidade parte do princípio básico da heterogeneidade de cada comunidade de fala, tal qual formulado pelo sociolinguísta americano William Labov, em "Empirical foundations for a theory of language change", artigo que ele escreveu em co-autoria com U. Weinreich e M. Herzog, publicado em 1968(2). Ilustraremos a mescla intracomunidade, descrevendo o comportamento lingüístico de três informantes de um núcleo da zona rural quanto à desinência dos participípios verbais.

Wh.C. imigrou para o Brasil quando tinha 18 anos. Nascido em Wurtemberg, Wh.C. é falante nativo do dialeto sueviano. O informante casou-se aqui no Brasil com uma mulher, também natural de Wurtemberg e, portanto, falante nativa do dialeto sueviano.

Wi.C., filho de Wh.C., nasceu na zona rural de Panambi e aprendeu o dialeto sueviano como língua materna. Quando entrou na escola aos sete anos de vida, aprendeu a variedade local do alemão que os moradores denominam "hunsrueckisch ou hunsbucklich". Esse informante afirma que começou a usar mais e mais essa variedade, alegando maior prestígio para ela do que para o dialeto que falava. Hoje ele não sabe mais falar sueviano - pelo menos foi isso que afirmou frente à nossa pergunta se ele ainda fala sueviano com alguém. Wi.C. casou-se com I.C., que nasceu

na zona rural de Panambi. Sua família veio de Estrela, uma antiga colônia alemã. I. C. fala a variedade local do hunsrueckisch.

H.C., neto de Wh.C. e filho de Wi.C. também fala somente o hunsrueckisch.

Em uma análise prévia para um projeto piloto, comparamos cinco narrativas desses três informantes acima mencionados, que representam respectivamente a 1a., a 2a. e a 3a. geração de imigrantes. Percebemos que há uma grande variação quanto à desinência do particípio passado no caso dos chamados verbos fortes da língua alemã.

Os verbos fortes são verbos:

"nos quais os tempos e os modos são expressos por modificações na raiz e nos quais o particípio termina em -en (binden-band-gebunden)".
(Eichler e Buenting, 1976:93)

A desinência do particípio passado dos verbos fortes no alemão padrão (doravante variedade standard = VS) é a forma -en (exemplo: fahren - fuhr - gefahren).

Analizamos as narrativas dos informantes e observamos que:

	Wh.C.	usa para marcar o particípio:	- e
	Wi.C.	" " " " " "	: - e
		" " " " " "	: - t
		" " " " " "	: - Ø
	H.C.	" " " " " "	: - en
		" " " " " "	: - e
		" " " " " "	: - t
		" " " " " "	: - Ø

A Tabela 5.1., a seguir reproduzida, mostra que o informante Wh.C., que representa a primeira geração, marca, na ocorrência

cia de 14 verbos fortes, a todos eles com a desinência - e no particípio: ou seja, 100% dos verbos fortes terminam com - e. A desinência - e no particípio passado é típica para o dialeto sueviano.

Já o informante Wi.C., que é da segunda geração, e que aprendeu o dialeto sueviano como língua materna, mostra uma variação maior quanto à desinência do particípio. De 18 ocorrências totais de verbos fortes, o informante usou a desinência - e em dois casos (11,1%), a desinência -t em três casos (16,7%) e a desinência -Ø em 13 casos (72,2%).

Quanto ao informante H.C., que representa a terceira geração, apresenta uma variação ainda maior quanto à marcação do particípio. Há 20 ocorrências totais de verbos fortes nas quais em um caso ele usou a desinência -en (5%), em três casos a desinência -t (15%), em quatro casos a desinência -e (20%) e em doze casos a desinência -Ø (60%).

TABELA 5.1.

DESINÊNCIA DO PARTICÍPIO PASSADO NOS VERBOS FORTES NA VARIEDADE STANDARD (VS), NA VARIEDADE DO INFORMANTE Wh.C., NA VARIEDADE DO INFORMANTE Wi.C. E NA VARIEDADE DO INFORMANTE H.C.						
EXEMPLOS	TERMINA COM:	NÚMERO DE VERBOS (PARTÍCIPIOS USADOS	NÚMERO DE VERBOS QUE TERMINAM COM:	PORCENTAGEM		
VS	- en gefahren	-	-	-		
Wh.C.	- e gfahre	14	- e = 14	- e = 100,0%		
Wi.C.	- e - t - Ø heimkomme gewest gefahrt	18	- e = 2 - t = 3 - Ø = 13	- e = 11,1% - t = 16,7% - Ø = 72,2%		
H.C.	- en - e - t - Ø treffen rumgelaufe gesprocht hingefahrt	20	- en = 1 - e = 4 - t = 3 - Ø = 12	- en = 5,0% - e = 20,0% - t = 15,0% - Ø = 60,0%		

A bibliografia sobre dialetos regionais na Alemanha que estava à nossa disposição para determinar características morfofonológicas e sintáticas de dialetos alemães inclui os trabalhos de Ammon (1977), Henn (1978), Beckers (1980) e de Koenig (1985). De grande importância para o nosso trabalho foi o artigo "Westmitteldeutsch" de Hartmut Beckers, publicado em 1980. O autor distingue entre o Westmitteldeutsch os dialetos:

- Ripaurisch
- Moselfraenkisch
- Hessisch e
- Pfaelzisch.

Beckers menciona tanto para o dialeto Moselfraenkisch como para o dialeto Pfaelzisch a possibilidade de marcar o participio passado com (e:Ø).

No caso do Pfaelzisch

"O Pfaelzisch se divide segundo Wrede (DSA Kt 56) em uma parte leste e oeste (linha gebroch/gebroche entre Bitsch e Mainz)." (Beckers, 1980: 473)

Um outro trabalho que menciona o uso da desinência -Ø para o participio passado é o de Beate Henn, "Mundartinterferenzen am Beispiel des Nordwestpfaelzischen", publicado em 1978.

A autora analisou o dialeto Pfaelzisch ao nível fonológico e sintático, contrastando as formas fonológicas e sintáticas do dialeto com as da língua padrão. O material analisado por Henn

são redações escritas por alunos da 3a. e 5a série da Escola Primária da cidade de Wolfstein, perto de Mainz. Wolfstein se situa dentro da linha gebroch/gebroche, mencionada por Beckers (1980).

Henn elaborou uma lista de verbos usados pelos alunos nas redações em que reproduz a desinência do infinitivo e do participio passado da variedade padrão (S) e do dialeto pfaelzisch (D).

Citaremos alguns verbos da lista de Henn (ver Henn, 1978:97-8), que encontramos também nas narrativas dos informantes Wh.C., Wi.C. e H.C. (ver as narrativas em sua totalidade às páginas 170 e seguintes desse capítulo).

Variedade	Infinitivo	Participio Passado
S	essen	gegessen
D	esse	gess
S	fangen	gefangen
D	fange	gefang
S	gehen	gegangen
	gehe	gang
S	hauen	gehauen
D	haue	gehau
S	saufen	gesoffen
D	saufe	gesoff

Podemos afirmar, com base nas análises feitas por Henn (1978) e nas observações de Beckers (1980), que o dialeto que os moradores de Panambi denominam hunsrueckisch se origina com certeza a partir do que Beckers chama de Westmitteldeutsch.

Através da análise da desinência -Ø do particípio passado na fala dos informantes Wi.C. (2a. geração) e H.C. (3a. geração), podemos levantar a hipótese segundo a qual o hunsrueckisch de Panambi tem traços dos dialetos moselfraenkisch e pfaelzisch.

Uma determinação da origem do dialeto hunsrueckisch de Panambi poderia ser feita mais detalhadamente através de um estudo morfo-fonológico e lexical, que não pretendemos realizar no presente trabalho.

Quanto à análise sintática dos dados, isto significa que o modelo que elaboraremos para descrever a variedade local do alemão falado em Panambi tem que levar em conta características sintáticas tanto da língua falada em geral como dos dialetos em questão (o sueviano, sendo falado mais pelos informantes da 1a. geração, e o hunsrueckisch, variedade falada pelos demais informantes).

5.1.1.2. A MESCLA INTERCOMUNIDADE

Definimos a mescla intercomunitária como sendo uma mescla que acontece numa determinada comunidade onde línguas distintas coexistem e se misturam (ver Tarallo e Alkmin, 1987: 9).

Gostaríamos de ilustrar a noção da mescla intercomunidade com o exemplo da interferência lexical que a língua portuguesa exerce sobre a língua alemã falada em Panambi.

Isolamos as seguintes palavras de origem portuguesa que foram incorporadas ao alemão falado pelos informantes. Retiramos todas essas palavras das narrativas que apresentaremos em 5.2.

APOSENTADORIA

(aposentadoria - português, Rente - alemão)

Un ich hab sogar vor drei Jahr unterschrieb fuer ihr, dass sie ihr Aposentadoria kricht. (R213c [112])

"E eu até assinei para ela três anos atrás para que ela receba a sua aposentadoria."

APOSENTIEREN

(aposentar - português, in Rente gehen - alemão)

Un von da an, wo se aposenziert war, is ihr Mann krank geworn...

"E desde que ela foi aposentada, o marido dela ficou doente." (R 213 C [117])

ASSINIEREN

(assinar - português, unterschreiben - alemão)

Hab ich ihr assiniert, und die is jetzt apossentiert.

(R 213c [115])

"Assinei para ela e agora ela está aposentada."

AVISIEREN

(avisar - português, Bescheid sagen - alemão)

Haett ihr mich avisiert. (R 313e [48])

"Se vocês me tivessem avisado."

FOLIA

(Folia - português, Bloedsinn - alemão)

Un Folia gemacht.

"E fizeram folia."

FAKONG

(Facão - português, Messer - alemão)

Un dann ham mer so'n lange Fakong gehabt ...

"E aí tivemos um facão ..." (R313e [74])

GALINJADE

(galinhada - português, Huehnereintopf - alemão)

Un dann kam mer hin bei dem. sollt der en Galinjade
mache fuer uns. (R 313e [18])

"E fomos lá na casa dele e ele deveria ter feito uma
galinhada para nós."

GARAFONG

(garrafão - português, grosse Flasche - alemão)

Un de Ivo dann so ringang, in so'n Zimmer ringang,
war da en Garafong Wein. (R313e [103])

"E o Ivo entrou, entrou num quarto, tinha lá um gar-
rafão de vinho."

GONGSELJOS

(conselhos - português, Rat - alemão)

Heut die Lehrer, die gebe Gongseljos, die sache das
kann mer so mache. (R213c [147])

"Hoje em dia os professores estão dando conselhos,
dizem que pode fazer assim."

KADEIE

(cadeia - português, Gefaengnis - alemão)

Un dann hent se den Schuh, den hent se dann - der
war ein Jahr lang in Kadeie. (R 113b [148])

"E aí eles prend - prend - , ele ficou na cadeia por
um ano."

KAMINJONG

(Caminhão - português, Lastwagen - alemão)

Weil heit kommet von auswaerts die grosse Kaminiong
und verkauft alles masseweis im Grosse. (R113b
[94])

"Porque hoje em dia vêm os caminhões de fora e ven-
dem tudo em grande quantidade."

KAIPIRE

(caipirinha - português)

Un ham Kaipire gemacht. (R313 [90])

"E fizemos caipirinha."

KAPITANG

(capitão - português, Kapitaen - alemão)

Un da waret welche gut an mit dem Kapitang Menelin.
(R113b [143])

"E alguns estavam bem com o capitão Menelin."

KOLONIE

(colônia - português, Kolonie - alemão)

1. no sentido de um território fora de um país. (Ex.
: as colônias de Portugal)
2. no sentido de um conjunto de pessoas que pertencem à mesma nacionalidade que moram no exterior e que mantêm os costumes e as tradições do país de origem.
3. na fala dos imigrantes no Rio Grande do Sul significa "um pedaço de terra de 25 hectares")

Und dann sind mer auf d' Kolonie. (R113b [22])

"E aí fomos morar na colônia."

MILJE

(milho - português, Mais - alemão)

Hab ich Milje drosche und zackert.

"Malhei o milho e arei (a terra)."

MILJEKOLBE

(espiga de milho - português, Maiskolben - alemão)

Auf de Miliekolbe. (R113b [28])

"Em cima das espigas de milho)."

MILJESCHORRE

(celeiro - português, Maischuppen - alemão)(3)

Un do hen mer au noch drei Woche gschlafe auf de auf

de Milie, Milieschobbe. (R113b [23])

"E dormimos também por três semanas e em cima do milho, do celeiro".

5.2. REPRODUÇÃO DE CINCO NARRATIVAS DOS INFORMANTES WH.C., WI.

C. E H.C. DE UM NÚCLEO FAMILIAR DA ZONA RURAL DE PANAMBI

A transcrição das narrativas foi feita da maneira simplificada, por não haver sido planejada uma análise do material ao nível fonético - fonológico.

Símbolos usados:

- ruptura (Satzabbruch)
- - intervalo curto
- - - - intervalo comrido
- transcrição incompleta por razões fonéticas
- () expressões extra-verbais como por exemplo risadas

Nome /Idade do Informante: Wh.C., 80 anos

Data da Gravação : 16.10.1985

Lugar da Gravação : casa do informante (zona rural)

Gravador : Uher 4400 Report Monitor, rolo 1, vermelho, M2

Posição : 000 - 028

Duração : 7 min. 20seg.

Título da Narrativa: A vida na colônia

- 1 E.: Herr C. koennet Sie sich erinnere als Sie von Deutschland rueberkomme sind?
- 3 Wh.C.: Ja.
- 4 E.: Ja? Wie war denn des? Wann sind Sie rueberkomme?
- 5 Wh.C.: Das war 1924.
- 6 Mir ware anno 24 in Deutschland fort
- 7 und neunzehnhundert- __ , wenn war-
- 8 mir send 18/19 Tag gfahre,
- 9 bis uff die Blumeinsel in Rio de Janeiro.
- 10 Dort ware mir 14 Tag.
- 11 Das war umsonst,
- 12 das war in de Landkart, in de Schiffskart inträge, ne.
- 13 Das war unentgeltlich,
- 14 da hat' s aber nur Bohne un Maniok gebe, ne.
- 15 Reis, bissel Fleisch halt, Scharke. - -
- 16 Ja.
- 17 E.: Un danach?
- 18 Wh.C.: Un danach.
- 19 No ware mer elf Tag dort
- 20 un dann sind mer mit em Kuesteschiff bis nach Fraie Igrid gfahre.
- 21 Un do ware mer dann auch nochmal eine Woche.
- 22 Un von dort sind mer dann hier ruffgfahre ,
- 23 ueber Santa Maria hierher, nach Belizário.
- 24 Un dann von Belizário sin mer hier rin

nach Panambi.

25 Dortmals hat's ja Nei-Wirtteberg gheisse, ne.

26 E.: Und wo hent Se dann geschlofe?

27 Wh.C.: Beim Goldhardt im Hotel, Walter Goldhardt.

28 Drei Woche.

29 Und dann sind mer auf d' Kolonie.

30 Un do hen mer au noch drei Woche geschlafe

31 auf de-, auf de Milje-, Miljeschobbe.

32 E.: Hier in dem Haus?

33 Wh.C.: Na, na, bei meim Bruder hier.

34 E.: Wo war des?

35 Wh.C.: Hier auch.

36 E.: Im Magdalenenland?

37 Wh.C.: Ja, in Magdalene.

38 Auf de Miljekolbe.

39 Unser Gepaeck haette se solle hier rum halte,

40 und hent's ruffglasses nach Barel.

41 Und dann kam das net zurueck.

42 Gwartet und gwartet,

43 und dann sind se alle nochgfahre.

44 Und musstet's ehrlich hole.

45 Und dann hent se noch die Koffer aufgrisse ket,

46 un hent viel Sache rausgholt. _ _

47 Ja. _ _

48 E.: Und dann, no waret se drei Woche beim Bruder uff

49 de Kolonie?

50 Wh.C.: Ja, erscht hab ich ja gsagt -, nein.

51 Erscht hab ich dann bei em andere geschafft

52 drausse in Palmeire.

53 Bei me Bidrowski.

54 Da hab ich ein Cruzeiro de Tag verdient.

55 Hab ich Milje drosche und zackert.

56 Des war im Juli, ne.

57 Un dann nacher bin ich hier rin,

58 no hat mei Bruder Land kauft.

59 Hab ich dem gholfe.

60 Un dann, anno 28, hab ich mich verheirat,

61 zweite November.

62 E.: Hent Se die Frau hier kenneglernt in Panambi?

63 Wh.C.: Ja, hier.

64 E.: Ja, wie hent Se die kenneglernt?

65 Wh.C.: Ja, ihre Eltere hent hier obe gwohnt auf de Kolonie.

66 Und do sin mir Bube zammekomme, do, ne.

67 Und die Maedle dann auch.

68 Un so hat mer sich dann kenneglernt.

69 E.: Und no hat mer gheiratet.

70 Wh.C.: Wie?

71 E.: No hat mer gheiratet-

72 dann hent Se gheiratet-Hochzeit gmacht.

73 Wh.C.: Zweite November.

74 E.: Und wo hent Se dann gwohnt?

75 Wh.C.: Hier.

76 E.: Ah, da ham Se scho hier kauft?

77 Wh.C.: Dann hab ich hier das Land kauft.

78 E.: Wieviel Hektar hent Se dann da kauft?

79 Wh.C.: Fuenfundzwanzig.

- 80 E.: Des war viel, gell?
- 81 Wh.C.: Ja, ei Kolonie, ne?
- 82 Die Kolonie ischt hier 25 Hektar. _ _ _ _
- 83 Und no hat mer so weitergwurschtlet, ne.
- 84 Milje pflanzt, Bohne pflanzt, Maniok pflanzt,
Kartoffel.
- 85 's war gut Land hier, ne.
- 86 Die erscht Jahr hent mir riesig guat ghandelt
hier.
- 87 Besser wie heit.
- 88 Dortmals war's-, 's is alles besser gwachse noch.
- 89 Ja, in Deitschland is des ja glaub ich au, ne?
- 90 's wachst au nenme so wie frueher.
- 91 E.: Scho schwieriger jetzt. _ _
- 92 Und no sind dann d'Kinder auf d'Welt komme?
- 93 Wh.C.: Ja, vier Schtick.
- 94 Zwei Maedle und zwei Bube.
- 95 Eins ischt __, die Gertrud ischt die Aeltscht.
- 96 Wann isch die gebore?
- 97 Anno 31.
- 98 Un dann der Wi.,
- 99 der isch spaeter angange,
- 100 37 glaub ich oder 36.
- 101 un dann kam der, die H., die wohnt obe in R.F..
- 102 Un dann kam der A..
- 103 E.: Des isch de Juengscht.
- 104 Wh.C.: Ja, vier Schtick.
- 105 E.: Und war des frueher schwerer oder leichter auf'm
- 106 Land zu lebe?
- 107 Wh.C.: Wie?
- 108 E.: War's frueher schwerer oder leichter auf de
- 109 Kolonie zu lebe wie heut?
- 110 Wh.C.: Hier?
- 111 E.: Mhm.
- 112 Wh.C.: Des war leichter wie in Deitschland.
- 113 E.: Ja?
- 114 Wh.C.: Ja. No ja, gleich am Anfang vielleicht net.
- 115 Aber so hier war alles freier
- 116 un mer konnt gleich pflanze und hat geerntet
- 117 un konnt gleich alles verkaufe,
- 118 das ging.
- 119 Das war ganz gut erst.
- 120 Und's hat ja alles so gut gerate hier.
- 121 Wenn mer Kartoffel, Bohne un des,
- 122 das hat's ja riesig geernt hier. _ _
- 123 Und die hat mer dann uff die Pferdefuhr glade,
- 124 un hat's in Panambi verkauft.
- 125 Heit geht das nemme.
- 126 Weil heit kommet von auswaerts die grosse Kaminjong
- 127 und verkaufet alles masseweis im Grosse.
- 128 Heit dut mer nix me los, so was.
- 129 E.: Heit ischs's anders, gell?
- 130 Wh.C.: Mer werd's noch los,
- 131 aber nemme so wie frueher.

Nome /Idade do Informante: Wi.C., 50 anos

Data da Gravação: 19.10.1985

Lugar da Gravação: casa do informante (zona rural)

Gravador: Uher 4400 Report Monitor, rolo 3, vermelho., M1

Posição: 012 - 027

Duração: 2 min. 45 seg.

Título da Narrativa: Pais

- 1 E.: Und Ihr Vater, war des mehr en gutmuetiger Mensch
 2 oder war er streng mit Ihne, als Kinder?
 3 Wi.C.: Ah, der Babbe war so a bisscnhe streng,
 4 aber war-, im Durchschnitt war er gut gewese,
 5 und die Mama auch.
 6 Ware alle gut gewest, gell.
 7 Aeh, Wicks ham mer wenich kricht.
 8 Mir ham nur kricht,
 9 wann mir's verdient ham.
 10 Aber sonst ham mir kein Wicks kricht, gell
 11 Sonst ham mir wenich Wicks kricht, gell.
 12 Mir ham-. Mein Schwester hat gesacht,
 13 was em Gaertner sein Frau is,
 14 sie haett frueher mehr Wicks kricht wie mir, gell.
 15 's war die Aeltst
 16 un die haett mehr Wicks kricht, gell.
 17 Aber ich weiss net ,
 18 ob's wahr, gell.
 19 Aber kann schon sin, gell.
 20 E.: Koennet Se sich erinnre,
 21 warum Se Wicks kricht habe, emol?
 22 Wi.C.: Ja, emol weil mer uns net geschickt hen.
 23 Mir ham einmal, mal gstritt vom Schul heim,
 24 mit dem Schmidt seiner Tochter
 25 ham mir mol gstritt, gell.
 26 Die war-, 's war hier obe am Friedhof.
 27 Hat es Problem geb
 28 un mal gsehn,
 29 was dann war.
 30 Dann ham mer uns scheints als Kinder mit 6,7, Jahr
 31 oder 8 Jahr ham mer uns verhaut.
 32 Un dann ham mer mittachs,
 33 wenn mer heimkomme , Wicks kricht,
 34 dann hat's Wicks geb.
 35 Aber das hat dann gebun,
 36 wenn de Babbe gehaue hat, gell.
 37 Das hat Ruh net gebt, gell.
 38 Das hat monatelang gebun,
 39 wenn de Babbe gehaue-,
 40 der hat wenich gehau,
 41 aber wenn er gehaut,
 42 dann hat's gebun,
 43 (lacht) das hat ma wochelang gspuert, gell.
 44 Das war-
 45 Aber so ware unsere Eltern arch gut mit uns, gell.
 46 Olha aí, não.
 47 Da war nix auszusetze, gell.

48 Deshalb tun mer'm heut auch gut pflege,
 49 weil die waret gut mit uns auch.
 50 Un die Mama war auch-,
 51 hoi, die Mama war fuer uns-,
 52 melhor impossivel.
 53 Besser, wie die Mama mit uns war,
 54 konnt se net, gell.
 55 Weil wo ich geheirat hab, gell,
 56 noja, die hat __
 57 Die hat__.
 58 Ich war dann aeh__.
 59 Ich hab en Haufe Kieh.
 60 Mir ham siebe oder acht Kieh gehat
 61 un dann hab ich__
 62 hat die Mama mir auf die Bein geholfe un gsacht:
 63 "Wenn du die Kieh aufbasst,
 64 nachher, wenn du gehst,
 65 kannst du all mitnehme."
 66 Dann hab ich sechs Kieh mitgenomm,
 67 wo ich geheirat hab.
 68 Un die Frau hat dann noch ein kricht
 69 un noch en Rind, gell
 70 Dann ham mer nachher so-
 71 un dann gearbeit, viel gearbeit, gell.
 72 Ma musst arbeite, gell.
 73 Und spare gell.
 74 Mir ham immer gspart, gell.
 75 Ich fahr schon__ 38 Jahr in Panambi.
 76 Aber in die Tach, die__die 38 Jahr,
 77 wo ich in Panambi gefahr,
 78 weiss ich net,
 79 ob ich schon zwei Kiste Bier getrunck hab,
 80 in die 38 jahr.
 81 Daheim, ja.
 82 Mir ham immer unser Bier,
 83 immer zum Trinke im Keller, gell,
 84 aber in Panambi selte mol ins Wirtshaus gang.
 85 Frueher, die alte Schwobe sin ins Wirtshaus gang,
 86 die ham ja de Mahlelohn versoff,
 87 ham die, gell.
 88 Die Mama hat oft gesacht:
 89 "Der Babbe hat kein Mahlelohn,
 90 der hat der alles versoff."
 91 Wenn der in die Stadt gang is,
 92 is der besoff heimkomme, gell.
 93 's is wahr.
 94 Un bei na-
 95 Ich war einfach-,
 96 ich, ich bin die Mama nachgeschlach, gell.
 97 Weil de, dem, de Babbe war net sparsam, gell.
 98 Der Babbe hat net gspart,
 99 wenn der noch a Mill gehat hot,
 100 dann hat er druffgekloppt
 101 un ich net.
 102 Wenn ich noch zwei hab gehat,
 103 dann haett ich gern drei gehat.

104 Un de Babbe net, gell.
 105 Un die Mama war auch so, gell.
 106 Der Mill, wo die gehat hat,
 107 hat die gehat.
 108 un der Babbe net,
 109 der hat de Mahlelohn versoff,
 110 wenn montachs au nix war zum Esse.
 111 Dann is halt gess wor,
 112 was do war, gell.
 113 So war des frueher.
 114 E.: So ware die Schwobe, gell.
 115 Wi.C.: Ja, so ware die Schwobe, gell.

Nome / Idade do Informante: Wi.C., 50 anos
 Lugar da Gravação: casa do informante (zona rural)
 Data da gravação: 19.10.1985
 Gravador: Uher 4400 Report Monitor, rolo 3, vermelho, M1
 Posição: 027 - 033
 Duração: 2 min.
 Título da Narrativa: Escola

1 E.: Und wie war des in de Schul?
 2 Ihr seid doch da in Morengaba in d'Schul gange?
 3 Wi.C.: Ich bin hier in d'Schul gang.
 4 E.: Jetzt moecht ich amol wisse,
 5 wie war die damals?
 6 Wi.C.: Ah, ja, fuer mich war's erst bissche schwer,
 7 weil wir hattn -aeh- en Brasilianerlehrerin gehat,
 8 gell.
 9 Die Lourdes.
 10 Die lebt heut noch, gell.
 11 Die, die kommt immer bei
 12 un kauft jetzt von mich, gell.
 13 Aber ich hab bissche schwer gelernt.
 14 Mein Anfang war a bissche schwer, gell,
 15 aber die sacht heut immer, gell,
 16 die haett mich so gern gehat,
 17 weil ich haett ihr immer gehoert.
 18 Un hab ja auch gehoert, gell.
 19 Die kommt jetzt all acht, zehn Tach kommt die,
 20 wenn ich raus mit Maniok verkaufe tu,
 21 kommt se bei
 22 un kauft un verzaehlt aber immer mit.
 23 Un ich hab sogar vor drei jahr unterschrieb fuer ihr
 24 dass sie ihr aposentadoria kricht,
 25 dass ich ihr Schulkind war
 26 hier in Morengaba, gell..
 27 Hab ich ihr assiniert,
 28 un die is jetzt aposentierrt, gell.
 29 Un von da an, wo se aposentiert war,
 30 is ihr Mann krank geworn,
 31 nach 14 Tach is ihr Mann gstorb.
 32 Noch jung,
 33 die sin an sechzich, gell.

34 Ich glaub, ihr Mann war noch bissche juenger wie
 sie, gell. --
 35 Aber 's war-,
 36 's war schoen,
 37 wenn die Schul war.
 38 Mir ham's dicht gehat.
 39 Nur mir ham hier der,
 40 der wo mir die Tache abends war,
 41 der L., der H. L.,
 42 dem sein Vatter war Schullehrer,
 43 der war grob, gell.
 44 Der war grob.
 45 Wenn der gehaue hat,
 46 das hat drei Tach wehgetan, gell.
 47 E.: Und warum --.
 48 Gab's da irgendwo mal en Fall,
 49 wo er ein gehaue hat?
 50 Wi.C.: Aeh, en Feind?
 51 E.: En Fall.
 52 Wi.C.: Ja, wenn ma was nisch-, die Theme nisch gemach hat,
 53 dann hat's Wicks geb, gell.
 54 E.: Hat de A. mal Wicks kricht? (A.=irmão de Wi.)
 55 Wi.C.: Wer?
 56 E.: Der A..
 57 Wi.C.: Der A. hat auch Wicks gekricht.
 58 Jawohl, der hat auch Wicks kricht, gell.
 59 Ja, auch wenn mer die Theme net gemach.
 60 Ma konnt was net,
 61 wenn de do was net konnt, gell.
 62 Un der hat dann nisch ausgeleht.
 63 Der, wenn de was nisch konnt,
 64 hat's Wicks geb.
 65 Der hat net gesacht,
 66 das werd so gemach un so gemach.
 67 Heut die Lehrer gebe ja gongseljós,
 68 die sache ,
 69 das kann ma so mache.
 70 Jetzt die Brasilianerlehrerin, wo mir hatte,
 71 grad die Lourdes,
 72 die hat besser ausgeleht, gell.
 73 Aber der alte L. hat dann des net ausgeleht,
 74 gell.
 75 Do hat's dann einfach Schwart geb,
 76 wenn ma was net konnt, gell,
 77 dann hat's mit die Régua geb oder hat__,
 78 der hat en Rut gehat, gell.
 79 Un dann hat er die Hos angespannt
 80 un dann hat's natuerlich gebt,
 81 der hat schwer gehau.
 82 Hat schwer gehau.
 83 Aber ich hab'n immer gern gehat.
 84 Immer gern.
 85 Das war nachher unser Dirigent.
 86 Wo -, mer ware sogar,
 87 wo er siebzich Jahr gewese,
 88 uff sei Gebortstach

89 un nach 15 Tach nach sem Gebortstach
is er gstorb.

Nome / Idade do Informante: H.C., 22 anos
Data da Gravação: 20.10.1985
Lugar da Gravação: casa do informante (zona rural)
Gravador: Uher 4400 Report Monitor, rolo 3, vermelho M2
Posição : 187 - 195
Duração : 45 seg.
Título da Narrativa: Viagem para Porto Alegre

1 E.: Então não tem mais__
2 Não,não tem nada engraçado que aconteceu aqui,gente?
3 H.C.: Não.
4 E.: Piadas.
5 H.C.: Isto é , isto é piada quase ninguém conta aqui.
6 E.: E histórias engraçadas, também ninguém conta aqui?
7 Bah, hoje aconteceu uma (dando risadas)
8 (todos rindo)
9 H.C.: Eh, do, hier is so en Gerd.
10 Da gibt's so'n Gerd hier.
11 Der kommt immer in die Jugend.
12 Da ham mer en viagem gemacht nach Porto Alegre.
13 Un dann is er
14 un dann, wo sind
15 un dort runnerzus.
16 Un dann, wo sind Nachbar gsprocht, olha-
17 No.C.: weil,
18 wenn der en viagem macht, ne,
19 nemmt der immer ein Teil Maladings als mit.
20 H.C.: Un dann, aeh, hat er gesacht:
21 "Oje, morche fahr ich mit nach Mato Grosso.
22 Mir bleibe a paar Monat jetzt aus.
23 Ganz ruff in de Mato Grosso, ne.
24 Nemme se en grossem Schiever mit, ne.
25 Ah, ham se'n troffen.
26 Hen die Leut 's rauskricht,
27 ach, in Porto Alegre war der Mann.
28 No.C.: Die Leut ham denkt,
29 der war gewes in Mato Grosso.

Nome /Idade do Informante: H.C., 22 anos
Lugar da Gravação: casa do informante (zona rural)
Data da Gravação: 20.10.1985
Gravador: Uher 4400 Report Monitor, rolo3, vermelho,M2
Posição : 195 - 220
Duração : 6 min.
Título da Narrativa: Galinhada

1 H.C.: Un doletzt ham mer immer angefang so Galinjade
2 mache fuer die Leut.
3 Un kam mer hin bei dem,

4 sollt der en Galinjade mache fuer uns.
 5 Hat er sich versteckelt.
 6 Un kam mer hin,
 7 hat dem sin Babbe gsacht,
 8 der heisst Ari, ne,
 9 "Der Ari is nach Palmeire gemacht heut mittach."
 10 Un hat er sich versteckelt gehat daheim.
 11 (todos rindo)
 12 Der Ari is nach Palmeire gemacht.
 13 Der is net daheim."
 14 E.: Und wie kam's dann raus?
 15 Habt ihr'h gsehe oder wie?
 16 H.C.: Ja, un dem sin Nachbar, ja, der hat gesacht,
 17 ja, er haett'n ebe grad noch daheim gsihe.
 18 No.C.: Un ein Abend war's mal so gewese, ne.
 19 Un da sin mer an ande Abend bei dem hingefahr.
 20 No war hier obe en Gaertner, war dabei gewese, ne.
 21 Un dann hat er gsacht:
 22 "Gerd heut abend musst en Galinjad ausgebe."
 23 "Na," hat der Gerd gesacht,
 24 er koennt ken Galinjad ausgebe,
 25 dem sei Babbe waer schon im Bett, ne.
 26 Un wer wollt de Hahn schlachte-
 27 Neu.: Erzaehl doch-(4)
 28 No.C.: Wer wollt de Hahn schlachte, ne.
 29 Un de Gerd hat gesacht,
 30 er daet kein Han schlachte, ne.
 31 (muda o falante, No.C. sai da sala, H.C. continua
 32 contando a história.)
 33 H.C.: Un dann hat da obe de dem Gaertner seine Brime,
 34 dann is er__
 35 dann sin mer hingang do,
 36 der wollt doch en Galinjade mache fuer uns.
 37 Un ham mer hin
 38 un stehn am Momsbaum.
 39 Un hat de Hahn, hat'n Hahn druffghockt,
 40 en Hinkel so'n.
 41 Un dann ham mer gsacht:
 42 "Gerd, heut machscht en Galinjade fuer uns."
 43 Der hat ja e Woch vorher ab -hat gsacht,
 44 er waer nach Palmeire gewese.
 45 Un dann sag er:
 46 "Nein, de Babbe sin schon im Bett,
 47 's is schon neun Uhr."
 48 Halb neun war's.
 49 "Das is zu spaet.
 50 Waert ihr ehnder komme,
 51 haett ihr mich avisiert.
 52 Kommt am Montach wieder."
 53 "Nein", ham mer gesacht,
 54 "dann bist du net daheim." (risadas)
 55 "Nein. Kommt die Tach wieder,
 56 de Babbe sin im Bett.
 57 Ich kann kein Galinjade koche, mei."
 58 (todos rindo)
 59 Un dann sin mer-

60 Er koennt kein Galinjade koche.
 61 "Na, Gerd, heut abend esse mir en Galinjade."
 62 Dann sin mer rumgelaufe.
 63 Der Hahn hat gehockt.
 64 Der Gerd mit obe,
 65 holt de Hahn.
 66 Gell, un der schlachte mir heut."
 67 un der meint:
 68 Nein, -er koennt kein Galinjade koche.
 69 Un da meint der Gaertner:
 70 "Wenn's fehle daet,
 71 weil der's is,
 72 mir ghen in d'Schul
 73 un dort mache se sich selber esse."
 74 Não, wenn's am Koche fehlt,
 75 er kocht'n.
 76 Un ham mer, dann ham mer-,
 77 de Hahn hat er gfang.
 78 Un dann ham mer so'n lange Fakong gehad,
 79 an de Seit so gehang,
 80 der hackt em de Kopp ab.
 81 "Nein, nein, nicht so vorn dran."
 82 Da sin mer a Stickche weggang,
 83 der Koppe abgehackt un de Hahn_.
 84 "Da Gerd, hier is de Hahn,
 85 is kaputt."
 86 Un dann meint mer:
 87 "Hat__, du hast Schnaps daheim?
 88 Nein, er haett nix me daheim, nix me daheim.___
 89 Un dann sin mer Schnaps loskauft,
 90 zwei Flasche Schnaps hier unne
 91 beim Bulrich ham mer kauft.
 92 Un ham Kaipire gemacht.
 93 Do war mer zu siebt gewest.
 94 Ham Kaipire getrunk.
 95 Un de Hahn- un dann-.
 96 Un dann de Gaertner hat'n gschlacht,
 97 mir hen all a bissche geholf.
 98 Ich un de Jacó ham zwei Flasche Schnaps uffgfahr,
 ne.
 100 Der Gaertner hat angefange de Hahn roppe
 101 un so angefange koche.
 102 Un Folia gemacht.
 103 Un dann nachher, dann hat er, da hat er gesach,
 104 Wein haett er kein, Wein haett er kein
 105 Na un de Ivo dann so ringang,
 106 in so'n Zimmer ringang,
 107 war da en Garrafong Wein.
 108 Hat der Gerd-, hat'n gehobt
 109 "Nein, der Wein kann mer net trinke,
 110 do is was drin."
 111 Der Wein hier kann mer net trinke."
 112 Un no han se'n net getrunke.
 113 Un do ham mer nachher-.
 114 "Gerd, wo is die Kaffemuehl?"
 115 Er koennt kein Kaffe abbriehe.

116 Der konnt kein Kaffe abbriehe.
 117 "Ah,"ham mer gsacht,
 118 "Kaffebriehe koenne mer."
 119 Da ham mer Kaffe, a bissche Kaffe, Kaffee,
 120 dann Wasser uffgestellt,
 121 dann ham mer Kaffee un Galinjade gesst.
 122 Dann ham mer, zu siebt ware mer,
 123 ham mer siebe Tasse Reis un de Hahn.
 124 Do han se aber gesst bis nix me do war.
 125 Dann ham mer um elf Uhr, ham mer Galinjade
 126 gesst.
 127 Um elf Uhr ham mer Galinjade gesst.
 128 Der Jacó, der war dabei gewes,
 129 ich glaub zwei,
 130 Tasse Reis hat er gesst.
 131 Neu.: Um elf Uhr erst.
 132 E.: Gibt Hunger, ne? Klar.
 133 Neu.: Ja, nemmt mer denn au Tempere?
 134 H.C.: Ne, halt nur Reis un Salz un Wasser.
 135 Neu.: Ja, não ficou marrom?
 136 Ficou marronzinho?
 137 H.C.: Ficou. Ficou um pouco, sim.
 138 Neu.: (dá risadas) Das werd gschmeckt han.
 139 H.C.: Der war gut.
 140 Wenn nur Salz un Pepper drin is.
 141 Neu.: Salz un Pepper.
 142 Nós nunca botemo pimente.
 143 (observações gerais sobre sopas e galinhadas em
 144 português.)
 145 H.C.: Ha, no ham mer noch Galinjade gesst der Abend.____
 146 Un dann doletzt war mer nomal dort.
 147 Do hat er dann Gebortstag gehabt.
 148 Der hat nie gesach,
 149 wenn er Gebortstag haett.
 150 Er haett doch kein Gebortstag.
 151 Un no hab ich mal rausgfun,
 152 am 3.Abril.
 153 Ah, wie dann de 3.Abril mol war,
 154 hab ich gedacht-, en ganze Tropp.
 155 No hatt er gsach,
 156 er daet aeh-,
 157 do hat er en Wein kauf__
 158 No hat er dort so en Tisch gehabt so vordran
 159 Han se all uff de Disch gehockt,
 160 dann war die zammegebroch.
 161 Dann ham se nomol en Hammer geholt, Naegle
 162 un han dem nomol genagelt.
 163 Un dann ham se en Galinjade gut gehabt.
 164 Do hat-, do war dann dem sein Mama uff noch.
 165 Die hat die dann gemacht, ne.
 166 Un vorher wie mer ware,
 167 no ware die all im Bett.
 168 Un nachdem, wie mer nochmol hingang sin,
 169 no ham die-, do wusste se aber, ne-
 170 un die Kerl schon all am Disch gehockt
 171 un dann ham se mol Gscherr hingetan,

172 dass jeder einmal so'n Teller do hat,
 173 dann hat se-, ham se mol zwei Toepp vorn Tisch
 174 gstellt
 175 un dann han se gscheppt.
 176 Un nachher meint der Alt:
 177 "Wieviel Jahr hat der Ari?"
 178 "Dje, so fuenfundzwanzig taquaero." (risadas)
 179 E.: Do war se dann besser die Galinjade, ne?"

Embora nas narrativas aqui transcritas, que servem como pequena amostra do rico material à disposição para análise, vários pontos indicativos da possível interferência das duas línguas em contato pudessem ser investigados, optamos por dois aspectos que caracterizam a sintaxe do alemão falado pelos informantes os quais revelam, a um só tempo, dois focos centrais de interesse: de um lado, a própria gramática do alemão coloquial (Umgangssprache) prevê a possibilidade de cancelamento e de inversão do sujeito, com restrições e em contextos específicos, enquanto o português, embora também sofra algumas restrições, parece ser mais livre do que o alemão no uso dessas variáveis; de outro lado, as variáveis selecionadas para a análise são de grande interesse para a teoria sintática, uma vez que se relacionam ao parâmetro das línguas pro-drop.

Apresentamos, pois, a seguir, um levantamento bibliográfico sobre a possibilidade de cancelamento e de inversão de sujeito na língua alemã falada, de maneira a situar a descrição e análise das variáveis que serão realizadas nos capítulos 6 e 7.

5.3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A POSSIBILIDADE DE APAGAMENTO DE SUJEITO E A ORDEM VERBO-SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ ATUAL

5.3.1. APAGAMENTO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ

Realizamos o levantamento bibliográfico em três tipos de descrições sintáticas que não somente se distinguem entre si quanto às suas pressuposições, como também quanto à designação deste fenômeno sintático. São elas:

- uma descrição sintática da língua alemã, que parte da fala espontânea das pessoas, isto é da sua produção.

A bibliografia de que dispomos reúne os trabalhos de Henn (1978), Rath (1979) e Klein e Rieck (1982). Quanto à designação do fenômeno lingüístico, Henn e Rath designam-no de ELIPSE enquanto Klein e Rieck chamam-no de OMISSÃO ou APAGAMENTO. (5)

- uma descrição normativa da língua alemã padrão, com base em normas sintáticas estabelecidas através das gramáticas tradicionais.

Revimos duas gramáticas normativas da língua alemã:

- "DUDEN. Die Grammatik." (1984).
- "DEUTSCHE Grammatik." de Helbig e Buscha (1986).

Nenhuma das duas gramáticas fala em queda ou apagamento de sujeito. Em vez disso, usam a expressão "economia de partes iguais do discurso em orações equivalentes" (veja por exemplo Duden, 1984: 636).

- uma descrição sintática da língua alemã coloquial, que se enquadra dentro da gramática gerativa. Encontramos dois trabalhos que mencionam a possibilidade de apagamento de sujeito para a língua alemã. São eles: Ross (1982) e Huang (1984).

5.3.1.1. O APAGAMENTO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ SEGUNDO AUTORES QUE TRABALHAM COM A SINTAXE DA LÍNGUA FALADA E SEGUNDO A GRAMÁTICA NORMATIVA

Neste sub-ponto apresentaremos exemplos de queda de sujeito que encontramos em Henn (1978), Klein e Rieck (1982) e na Gramática Duden, classificando-os segundo o TIPO DE ORAÇÃO na qual eles aparecem. (6)

- QUEDA DE SUJEITO NAS COORDENADAS

Encontramos casos de apagamento de sujeito nas:

COORDENADAS ADITIVAS

Henn (1978) afirma que, numa série de coordenadas aditivas encadeadas, o sujeito que é comum a todas pode ser mencionado somente uma vez.

Exemplo:

- (1) "... ich bin und war, war..., hatte..., "
 (Henn, 1979: 42)
 "... eu sou e fui, fui..., tinha..., "

Ela indica que esse tipo de elipse é típico para as narrativas em que nove ou mais coordenadas aditivas podem ser justapostas.

Os autores Klein e Rieck (1982) fornecem outro exemplo para a queda de sujeito em coordenadas aditivas.

Exemplo:

(2) Der Mann stieg aus und $\left\{ \begin{array}{l} \text{er/der} \\ \text{der Mann} \end{array} \right\}$ ging auf das Haus zu.

O homem desceu e $\left\{ \begin{array}{l} \text{ele} \\ \text{o homem} \end{array} \right\}$ foi em direção da casa.

Os autores explicam o exemplo acima citado como segue:

"... se o falante usou como sujeito de uma oração "o homem", então ele pode, sob certas condições contextuais, retomar este sujeito alternativamente ou por um pronome pessoal ou repeti-lo ou omiti-lo (apagamento)." (7)
(Klein e Rieck, 1982: 53)

A Gramática Duden também apresenta um exemplo com apagamento de sujeito em uma coordenada aditiva.

Exemplo:

(3) Weil du boese warst und () deine Aufgaben nicht gemacht hast, bleibst du zu Hause.
(Duden, 1984: 636)

Porque você chato foi e () as suas tarefas não fez, fica você em casa.

"Porque você foi chato e () não fez as suas tarefas, você tem que ficar em casa."

A explicação fornecida para a omissão do sujeito é:

"A economia de partes do discurso se baseia no esforço de exprimir o que há em comum somente uma vez."
(Duden, 1984: 636). (8)

Um outro caso de coordenada que apresenta queda de sujeito é a COORDENADA ASSINDÉTICA.

Henn (1978: 43) menciona um exemplo que reproduziremos abaixo:

- (4) ... es ist ja heute noch so, [...] machen es ja heute noch.
 ... é hoje ainda assim, [...] fazem isto hoje ainda.
 "... ainda hoje é assim, [...] fazem isto hoje ainda."

A Gramática Duden também fornece um exemplo para a possibilidade de queda de sujeito nas coordenadas assindéticas.

Exemplo:

- (5) Auf dem Hofe ... gingen die Schueler in Reihen auf und nieder, () standen in Gruppen, () lehnten halb sitzend an den glasierten Mauervorspruengen des Gebaeudes.
 (Duden, 1984: 636, citação de Th. Mann)

No pátio ... andaram os alunos formando filas para baixo e para cima, () estavam em pé em grupos, () encostavam quase sentados na sacada esmaltada do prédio..

"No pátio os alunos andaram para cima e para baixo, () estavam em pé em grupos, ..."

Sabemos também que nas COORDENADAS ALTERNATIVAS é possível omitir o sujeito. Porém, não localizamos nenhum exemplo nem nas descrições sobre a língua alemã falada nem nas duas gramáticas normativas. Como não dispomos de um corpus da língua alemã falada atualmente na Alemanha para poder provar que é típico ocorrer sujeito nulo nas coordenadas alternativas, utilizamos um outro meio para obter um exemplo. Encontramos coordenadas alternativas com sujeito apagado numa história infantil de Janosch, um autor que escreve para crianças usando um estilo literário que se baseia muito no alemão coloquial. Vejamos o

exemplo a seguir reproduzido (9):

Exemplo:

- (6) Er hielt keine grossen Reden, () stand meist beim Zaun und () guckte ueber die Felder oder () pfiff mit den Voegeln.

Ele não falou muito, () estava em pé perto da grade e () olhou em direção dos campos ou () assobiou com os pássaros.

- QUEDA DE SUJEITO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES

Uma outra história infantil de Janosch (10) indica que a queda de sujeito nas orações independentes é possível na língua alemã.

- (7) "Einmal kam ein alter, roter Lastwagen ueber den Huegel gefahren. () Fuhr auf der Landstrasse, () fuhr ueber den Huegel und () kam in unser Dorf." (Janosch, 1981: 131).

Uma vez chegou um velho caminhão vermelho sobre a colina andada. () Andou na estrada secundária, () ultrapassou a colina e () veio para a nossa vila.

"Uma vez um velho caminhão vermelho atravessou a colina. () usou a estrada secundária, () ultrapassou a colina e () veio parar em nossa vila."

Mostramos, com ajuda dos exemplos acima reproduzidos, que a literatura consultada menciona a possibilidade de queda de sujeito para as COORDENADAS ADITIVAS, ALTERNATIVAS E ASSINDÉTICAS e para as orações INDEPENDENTES.

5.3.1.2. O APAGAMENTO DE SUJEITO SEGUNDO AUTORES DA GRAMÁTICA GERATIVA

Foi a partir da publicação de "Lectures on Government and Binding" de Chomsky em 1981 que a noção de categoria vazia foi finalmente introduzida na teoria da gramática gerativa. Distinguem-se a partir daí as chamadas línguas pro-drop (isto é: línguas que permitem sujeito nulo) das chamadas línguas não-pro-drop (isto é: línguas que não permitem a queda de pronomes).

Chomsky caracteriza os dois tipos de línguas como segue:

"In pro-drop languages (e.g., Italian), we tend to find among others the following clustering of properties:

- (i) (i) missing subject
- (ii) free inversion in simple sentences
- (iii) "long wh-movement" of subject
- (iv) empty resumptive pronouns in embedded clause
- (v) apparent violations of the * that-t filter

Non-pro-drop languages (e.g., French and English) lack all of these properties, characteristically."

(Chomsky, 1981: 240). (11)

No decorrer dos próximos capítulos um dos nossos objetivos é investigar a relação entre o fenômeno de queda de sujeito e a inversão de sujeito-verbo para a língua alemã falada na Alemanha e para a língua alemã falada em Panambi.

Trataremos nessa seção primeiramente da ocorrência de sujeito nulo na língua alemã segundo os autores Ross (1982) e Huang (1984) para depois fornecer uma descrição da ocorrência de inversão do sujeito na língua alemã em 5.3.2.

- A PROPOSTA DE ROSS (1982)

O primeiro a descrever o fenômeno de queda de sujeito para a língua alemã foi Ross em sua apresentação sobre "Pronoun Deleting Processes in German" na LSA Annual Meeting - San Diego em 1982. Não existe uma versão escrita da apresentação, mas dispomos do "hand-out" usado por Ross.

Reproduziremos a seguir as idéias principais do hand-out. (12)

Em primeiro lugar Ross descreve o FATO SINTÁTICO através de exemplos da língua alemã:

- (8) a. Wie schmeckte die Suppe?
How tasted the soup?

b. { Sie (nom.) } war lecker.
①

It was yummy.

(Ross, 1982: 2)

- (9) a. Wie schmeckten die Kekse?

b. { Sie (nom) } waren lecker.
①

They were yummy.

(Ross, 1982: 2)

A seguir o autor descreve as CONDIÇÕES em que podem ocorrer apagamentos de sujeitos.

Forneceremos aqui somente a condição que julgamos ser a mais importante. Ross afirma que a queda de sujeito pode somente acontecer em posição INICIAL. (13) Vejamos um outro exemplo dado por ele:

Exemplo:

- (10) a. Wie fand Pitterchen den Film?
 How found Pete the movie?
 ("How did Pete like the movie?")
- b. {Der (nom)} hat ihm gut gefallen.
 0 has him well pleased.
 "He liked him okay."
 (Ross, 1982: 2)

Ross fornece uma interpretação para explicar a queda de sujeito em posição inicial em língua alemã a qual reproduzimos a seguir:

"... German may be on its way from being a "hot language" like English (with no zeroing, little inference needed) to being a "cool" language like Chinese."
 (Ross, 1982: 3)

A partir da resenha do artigo "On the distribution and reference of empty pronouns" de Huang, que apresentaremos a seguir, esperamos esclarecer essa transformação de língua quente para fria, que o alemão estaria sofrendo.

Neste artigo Huang retoma, explica e amplia a classificação de línguas "quentes" e "frias" proposta por Ross.

(14).

- A PROPOSTA DE HUANG (1984)

Como já mencionamos anteriormente, Huang retoma o conceito da divisão das línguas em "quentes" e "frias".

"For example, English may be said to be a "hot" language because pronouns cannot in general be omitted from grammatical sentences, and the information required to understand each sentence is largely obtainable from what is overtly seen and heard in it. On the other hand, Chinese may be said to be a very "cool" language in that such pronouns are usually omissible (and are often more naturally omitted) from grammatical sentences, and understanding a sentence requires some work on the reader's or the hearer's part, which may involve inference, context and knowledge of the world, among other things. Other languages can be depicted as having a status somewhere between these two extremes, allowing more freedom than the "hot" languages, but less than the "cool" ones, for the use of empty or zero pronouns."
(Huang, 1984: 531-532)

Em seguida o autor fornece exemplos para ilustrar o parâmetro de queda de sujeito com base na classificação das línguas "quentes" e "frias".

1. LÍNGUAS QUENTES

O inglês e o francês são exemplos de línguas quentes. A Tabela 5.2. abaixo reproduzida demonstra as categorias vazias (doravante CV), que a língua inglesa permite. (15)

Reproduziremos na coluna dos exemplos da Tabela 5.2. os exemplos que Huang fornece para o inglês.

TABELA 5.2.

CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS QUENTES COM EXEMPLOS DO INGLÊS

TIPOS DE CV	LÍNGUAS QUENTES	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em orações sem tempo?	SIM	(11) John promised Bill () to see Mary.
Sujeito nulo (pro) em orações com tempo?	NÃO	(12) *John promised Bill that () would see Mary.
Objeto nulo (pro)	NÃO	(13) *John promised Bill that Mary would see () .
Tópico nulo?	NÃO	(14) Did John see Bill yesterday? *Yes, () saw him.

2. LÍNGUAS MÉDIAS

São, por exemplo, o italiano e o espanhol. Estas línguas se enquadram no meio desta classificação de "quente-frio", por isso Huang as denomina de "medium".

Em seguida reproduziremos a Tabela 5.3., a partir da qual mostraremos orações que apresentam categorias vazias na língua espanhola. Os exemplos 16 e 17 pertencem ao texto de Huang, enquanto os exemplos 15 e 18 foram colhidos por nós junto a falantes nativos de espanhol.

TABELA 5.3.

CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS MÉDIAS COM EXEMPLOS DO ESPANHOL

TIPOS DE CV	LÍNGUAS Medium	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em orações sem tempo?	SIM	(15) José prometió visitar a Maria.
Sujeito nulo (pro) em orações com tempo?	SIM	(16) José sabe que () ha sido visto por Maria.
Objeto nulo (pro) ?	Não	(17) *José sabe que Maria () ha sido visto.
TÓPICO NULO	Não	(18) *José vió o Pedro ayer? *Sim, viu lo Si, lo vió Si, el lo vió

3. LÍNGUAS FRIAS

São, por exemplo, o chinês, o japonês e o português. Elas são consideradas línguas frias porque apresentam uma liberdade total para o uso do pronome nulo. Mostraremos isto no caso do português do Brasil. Os exemplos 20 e 21 são de Huang enquanto 19 e 22 são nossos.

TABELA 5.4.

CATEGORIAS VAZIAS NAS LÍNGUAS FRIAS COM EXEMPLOS DO PORTUGUÊS

TIPOS DE CV	LÍNGUAS FRIA	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em orações sem tempo?	SIM	(19) João prometeu () visitar Maria.
Sujeito nulo (pro) em orações com tempo?	Sim	(20) João disse que viu o Pedro.
Objeto nulo (pro) ?	Não	(21) *João disse que Pedro viu () .
Tópico nulo?	Sim	(22) João viu Pedro ontem? () Sim, () viu ele

- UM PROBLEMA: QUEDA DE PRONOMES NA LÍNGUA ALEMÃ

A língua alemã falada apresenta tanto queda de sujeito como também queda de objeto enquanto pronome. Essas orações são consideradas gramaticais.

Para Huang:

"German is like Chinese in that it allows an object NP to be missing in a grammatical sentence. However, what appears to be a zero object pronoun in German turns out to be a variable bound by zero topic - it must first be topicalized before it is deleted from the topic position. This is exactly how I proposed to look at apparent zero object pronouns in Chinese. The two languages share the property of allowing a variable bound by a zero topic, although the evidence for this property is directly "visible" only in German, since only German has the "verb-second" requirement. Another piece of support is derivable from the one-gap-per-sentence restriction in German, which distinguishes it from Chinese-type languages. The German requirement suggests that every NP to be deleted must be topicalized

first: there is no genuine zero pronoun at all in a tensed clause in this language, only zero topics." (16) (Huang, 1984: 548)

Desenvolvemos a seguir uma tabela (veja Tabela 5.5.) para mostrar quais são, segundo Huang, as possibilidades de aparecerem categorias vazias na língua alemã. Os exemplos 25 a e b e 26 a e b foram retirados do artigo de Huang, enquanto os exemplos 23 e 24 são nossos.

TABELA 5.5.

CATEGORIAS VAZIAS NA LÍNGUA ALEMÃ

TIPOS DE CV	ALEMÃO	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em orações sem tempo?	Sim	(23) Hans versprach Willi, () Maria zu besuchen.
Sujeito nulo (pro) em orações com tempo?	Não	(24) *Hans versprach Willi, dass () Maria besuchen wuerde.
Objeto nulo (pro) ?	Não	(25) a. *Ich trage () schon. b. *Die trage () schon.
Tópico nulo?	Sim	(26) a. () Hab ihn schon gesehen. b. () Hab ich schon gesehen.

Para Huang a língua alemã não pode ser considerada nem uma língua quente e tão pouco uma língua fria.

Em vez disso ele propõe uma classificação mais ampla que dois parâmetros distintos:

"One distinguishes ZERO-TOPIC LANGUAGES like Chinese from NON-ZERO-TOPIC languages like English and Italian. The other distinguishes languages that allow zero subjects in tensed sentences from those that do not (the PRO-DROP PARAMETER). Logically, then, there can be found four different types of languages. English and French are neither zero-topic nor pro-drop languages. Italian and Spanish are pro-drop, but not zero-topic languages. Chinese, Japanese, Portuguese, etc., are both pro-drop and zero-topic languages, GERMAN appears to be an example of the fourth type: a zero-topic but non-pro-drop language."

(Huang, 1984: 549). (17)

5.3.1.3. PROPOSTA DE UM MODELO DE DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA

Nessa seção temos por objetivo principal ampliar o modelo das categorias vazias para a língua alemã falada na Alemanha que apresentamos na Tabela 5.5., acima reproduzida. Acreditamos ser interessante descrever a ocorrência de sujeitos nulos de maneira mais minuciosa, incluindo os resultados que obtivemos através da revisão bibliográfica a respeito desse fenômeno. Vejamos agora a Tabela 5.6. a seguir reproduzida.

TABELA 5.6. MODELO DE DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS NA LÍNGUA ALEMÃ

TIPOS DE CV	LÍNGUA ALEMÃ FALADA	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em orações sem marcação de tempo?	SIM	(27) Hans versprach Willi, () Maria zu besuchen.

TABELA 5.6. MODELO DE DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS NA LÍNGUA
ALEMÃ (Continuação)

TIPOS DE CV	LÍNGUA ALEMÃ FALADA	EXEMPLOS
Sujeito nulo (pro) em SUBORDINADAS?	NÃO	(28) *Hans versprach Willi, dass () Maria besuchen wuerde.
Sujeito nulo em COORDENADAS Aditivas, ALTERNATIVAS e ASSINDÉTICAS?	SIM	(29) Der Mann stieg aus und () ging auf das Haus zu.
Objeto nulo (pro)?	NÃO	(30) *Ich trage () schon.
TÓPICO nulo?	SIM	(31) () Hab ihn schon gesehen.

Acreditamos que a classificação da língua alemã como uma língua de tópico nulo mas não-pro-drop, como é proposto por Huang, se justifica por duas razões:

1. Os ambientes que favorecem a queda de sujeito são poucos e por isso a ocorrência de sujeito nulo é restrita a uma determinada posição na oração (mostramos que é somente a posição topical) em determinados tipos de orações (são eles as coordenadas aditivas, alternativas e assindéticas e as independentes).

2. Apesar de permitir a queda de sujeito nos ambientes acima mencionados, a língua alemã ainda se distingue de maneira significativa das chamadas línguas pro-drop, como é por exemplo o português, que apresenta mais liberdade quanto à possibilidade de queda de sujeito.

Vejamos agora a Tabela 5.7. em que descreveremos a língua alemã em termos de uma língua não-pro-drop. No decorrer da presente dissertação ampliaremos essa tabela incluindo descrições de outros fenômenos lingüísticos ligados à queda de sujeito e à inversão de sujeito na língua alemã atualmente falada na Alemanha para depois contrastá-las com descrições dos mesmos fenômenos lingüísticos na língua alemã falada em Panambi. (18)

TABELA 5.7. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ (I)

LÍNGUA	TÓPICO ZERO	PRO- DROP
ALEMÃ (ALEMANHA)	+	-

5.3.2. A ORDEM VERBO-SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ

5.3.2.1. A ORDEM VERBO-SUJEITO SEGUNDO AUTORES QUE TRABALHAM COM A SINTAXE DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA E SEGUNDO A GRAMÁTICA NORMATIVA

O nosso ponto de partida para descrever o fenômeno da ordem verbo-sujeito foi, novamente, uma revisão da bibliografia na área da sintaxe da língua alemã falada, e na área da gramática normativa. Foi no trabalho de Henn (1978) que encontramos a primeira referência que a ordem verbo-sujeito pode ocorrer na língua alemã falada.

"A ordem das palavras se distingue da ordem das palavras da língua alemã padrão de maneira que PT + E (Predicado e Sujeito) é tão possível como E/A + PT (sujeito e predicado)." (19)
(Henn, 1978: 43)

Isto significa que a ordem das palavras na língua falada pode variar entre:

- sujeito-verbo

- verbo-sujeito

A autora dá um exemplo para a ordem verbo-sujeito que ocorre numa coordenada assindética (Henn, 1979: 43):

(32) Dann zapfen wir dort unsere Wagen voll und fahren sie ins Brechwerk, kippen wir sie dort und fahren wieder heim.

Aí abastecemos nós lá os nossos carros, e os levamos para a fábrica, esvaziamos nós eles lá e voltamos de novo para casa.

"Aí abastecemos lá os nossos carros e os levamos para a fábrica, nós os esvaziamos lá e voltamos de novo para casa."

Henn assinala que quase todos os informantes das gravações de que ela dispunha, usavam freqüentemente a ordem verbo-sujeito. Ela explica este uso com a não-repetição dos advérbios como, por exemplo, da (aí) e dann (então). Nenhum dos outros autores, anteriormente mencionados, que trabalham com aspectos sintáticos, da língua falada alemã descrevem a possibilidade de ocorrer, na língua alemã falada, a ordem verbo-sujeito. Para nós, porém, a ocorrência de sujeitos pospostos é um traço típico da língua alemã falada, como proposto por Henn (1978).

Verificamos também nas duas gramáticas normativas (Duden - Die Grammatik (1984) e Helbig e Buscha: Deutsche Grammatik (1986)) se existem, além das coordenadas assindéticas, outros tipos de orações nas quais o sujeito pode ocorrer em posição pós-verbal.

Helbig e Buscha mencionam para a língua alemã a possibilidade de o verbo finito ocorrer na 2ª posição, em posição inicial e final. Se o verbo finito ocorrer em posição inicial, aí a ordem das palavras é verbo-sujeito-objeto (sendo o último facultativo).

Exemplo:

VERBO FINITO	CONSTITUINTE 2	CONSTITUINTE 3	CONSTITUINTE N
Liest	er	das Buch	heute?

O verbo finito em primeira posição permite formar:

- PERGUNTAS DE DECISÃO

Exemplo:

- (33) Liest er das Buch?
Lê ele o livro?
Ele está lendo o livro?

- IMPERATIVOS

Exemplo:

- (34) Lies nun endlich das Buch.
Leia enfim o livro.

- ORAÇÕES CONDICIONAIS SEM CONECTIVO

Exemplo:

- (35) Habe ich am Wochenende Zeit, lese ich das Buch.
Tenho eu no fim de semana tempo, leio eu o livro.
"Se eu tiver tempo no fim de semana, então eu leio o livro."

- PRINCIPAIS POSPOSTAS

Exemplo:

- (36) Wenn er Zeit hat, liest er das Buch.
 Se ele tempo tem, lê ele o livro.
 "Se ele tiver tempo, ele lê o livro."

O exemplo da oração condicional sem conectivo e da oração principal posposta é de grande interesse para nós porque ambas apresentam um sujeito posposto devido à possibilidade de ocorrer a ordem verbo-sujeito (VS).

A revisão bibliográfica das gramáticas normativas revelou também que a posposição de sujeito ocorre junto com a presença de engatilhadores de sujeito em posição inicial da oração. (20) Os engatilhadores podem ser tanto advérbios, como também objetos e predicativos. A presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração provoca obrigatoriamente uma mudança na ordem das palavras. Existem, porém, algumas exceções que trataremos a seguir. Vejamos um exemplo a seguir reproduzido:

- (37) Die Beratung dauerte zwei Stunden.
 S V Advérbio
 A orientação durou duas horas.

- (38) Zwei Stunden dauerte die Beratung.
 Advérbio V S
 Duas horas durou a orientação.

Podemos descrever a estrutura dessa última oração como segue: engatilhador de sujeito-verbo-sujeito-objeto (sendo o último facultativo), isto é: E + VS (O).

Isto significa que estamos confrontados com dois tipos de posposição de sujeito que podem ocorrer na língua alemã. São eles:

- a posposição que se dá devido à ocorrência da ordem das palavras verbo-sujeito em determinados tipos de orações e
- a posposição de sujeito que ocorre em qualquer tipo de oração devido à presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração.

Elaboramos a seguir um modelo para descrever de maneira mais detalhada as posições em que o sujeito pode ocorrer a partir das descrições que as gramáticas da língua alemã falada e das gramáticas normativas fornecem.

TABELA 5.8. POSIÇÕES POSSÍVEIS DO SUJEITO EM LÍNGUA ALEMÃ

POSIÇÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLOS
1.ENGATILHADORES	
a)Posposição de sujeito com presença de um engatilha- dor de sujei- to em posição inicial da o- ração.	E + VS (O)

TABELA 5.8. POSIÇÕES POSSÍVEIS DO SUJEITO EM LÍNGUA ALEMÃ
(Continuação)

POSIÇÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLOS
- Advérbios Temporais	(39) <u>Jetzt</u> habe ich Zeit. (Duden, 1984:348) Agora tenho eu tempo. "Agora eu tenho tempo."
- Advérbios Locais	(40) <u>Dort</u> liegt ein Buch. (Schuelerduden 1971: 198) Lá está um livro.
- Advérbios Modais	(41) Wahrscheinlich kommt sie. (Duden, 1984:586) Possivelmente vem ela. "É possível que ela venha."
- Advérbios Causais	(42) Wir sind zur Zeit in Urlaub. <u>Deshalb</u> koennen wir sie erst spaeter besuchen. (Duden, 1984: 352) Nós estamos em férias. Porisso podemos nós a visitar somente mais tarde. "Porisso nós podemos visitá-la somente mais tarde."
- Predicativos	(43) <u>Gross</u> ist er. Alto é ele.
- Objeto	(44) <u>Romane</u> liest er gern. (Helbig e Buscha, 1986: 553) Romances lê ele com muito prazer. "Romances ele lê com muito prazer."
b)Preposição do sujeito com presença de um engatilha- dor de sujei- to no início da oração na língua alemã coloquial	E + SVC (O)
- Advérbio Modal "Sicher"	(45) <u>Sicher</u> sie kommt. Certamente ela vem.

TABELA 5.8. POSIÇÕES POSSÍVEIS DO SUJEITO EM LÍNGUA ALEMÃ
(Continuação)

POSIÇÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLOS
- Advérbio Causal "also"	(46) Also wir gehen gemeinsam ins Kino. Então nós vamos juntos ao cinema.
2. Posposição de sujeito sem presença de um engatilha- dor de sujei- to em posição inicial	V S
- Principais Propostas	Veja exemplo (36), p. 184.
- Orações Condicionais sem conecti- vo	Veja exemplo (35), p. 183.
- Coordenadas Assindéticas	Veja exemplo (32), p. 182.

Mostramos até agora que a posposição de sujeito ocorre OBRIGATORIAMENTE se houver um ENGATILHADOR DE SUJEITO em posição inicial da oração, sendo ele ou um objeto, um predicativo, um advérbio temporal, local, causal ou modal. Há, porém, determinados advérbios modais (por exemplo "sicher" e causais (como por exemplo "also") que, quando ocorrem em posição inicial da oração, não exigem a posposição do sujeito, isto é, o sujeito pode ocorrer tanto em posição pré- como também em posição pós-verbal. Mostramos também que existem determinados TIPOS DE ORAÇÕES que constituem um ambiente muito favorável à ocorrência de um sujeito posposto. São eles as principais pospostas, as orações condicionais sem conectivos e

as coordenadas assindéticas. Vejamos agora na seção que se segue de que maneira a gramática gerativa trata da ocorrência verbo-sujeito na língua alemã.

5.3.2.2. A ORDEM VERBO-SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ SEGUNDO A GRAMÁTICA GERATIVA

Consultamos basicamente o artigo "Clause Initial Elements in German" de McCray (1981) para ver de que maneira autores da gramática gerativa abordam a ocorrência da ordem verbo-sujeito na língua alemã. McCray assinala que a posição na qual o verbo pode ocorrer, varia. Ela assume como ordem básica da língua alemã a ordem das palavras SOV, isto é, o verbo finito ocorre em posição final da oração. Vejamos agora alguns exemplos que encontramos no artigo de McCray. Ela distingue:

1. ORAÇÕES QUE APRESENTAM OBRIGATORIAMENTE O VERBO FINITO EM POSIÇÃO FINAL

- Orações subordinadas introduzidas por complementadores, como por exemplo, "dass" (que), "ob" (se), "weil" (porque) e "obwohl" (embora). Reproduziremos abaixo somente um dos exemplos dados pela autora:

(47) Ich weiss, dass Peter hier wohnt.
Eu sei que Pedro aqui mora.

"Eu sei que Pedro mora aqui."

- Orações relativas que são introduzidas por pronomes relativos como por exemplo "der" (a quem), advérbios interrogativos, como por exemplo, "warum" (porque) e pronomes interrogativos, como por exemplo, "wen" (quem). Limitar-nos-emos a reproduzir somente um único exemplo dado pela autora:

(48) Er kennt die Frau, der Maria das Geld schuldet.
 Ele conhece a mulher a quem Maria o dinheiro deve.
 "Ele conhece a mulher a quem Maria deve o dinheiro."

- Orações condicionais que são iniciadas com "wenn" (se), que é uma marca de subordinação e por isso também faz parte da classe dos complementadores. Vejamos por exemplo:

(49) Wenn Peter genug Geld haette,
 wuerde er es kaufen.
 Se Pedro suficientemente dinheiro tivesse,
 iria ele o comprar.
 "Se Pedro tivesse dinheiro suficiente,
 ele o compraria."

2. ORAÇÕES QUE APRESENTAM OBRIGATORIAMENTE O VERBO FINITO EM SEGUNDA POSIÇÃO

(50) Jutta findet diese Bilder schoen.
 Jutta acha esses quadros lindos.

(51) Morgen wird Ute sie kaufen.
 Amanhã irá Ute as comprar.
 Amanhã Ute as comprará.

b. Spec. ---> (X)V (V= finite verb)

Essa regra implica:

- + Cada oração está sendo introduzida por um especificador (regra a).
- A posição do especificador pode ser ocupada tanto por um complementador como também por elementos que foram movidos para a frente da oração - até o verbo finito pode ocupar essa posição (regra b).

Em seguida a autora apresenta as três opções de orações que são derivadas através da regra 27. São elas:

1. OPÇÃO COMP

- ORAÇÃO RELATIVA

(53) Der Mann, mit dem ich schon laenger befreundet bin, gab mir gestern ein sehr schoenes Geschenk.
O homem com quem eu faz tempo amizade tenho, deu me ontem um muito bonito presente.
"O homem com quem eu estou namorando faz tempo, me deu ontem um presente muito bonito."

- PERGUNTA INDIRETA

(54) Mir ist immer noch nicht klar, wer ihm das erzahlt hat.
Para mim está ainda não claro, quem lhe contou isso.
"Não está claro para mim, quem contou isso para ele."

- ORAÇÃO CONDICIONAL

(55) Wenn er aelter waere, dann waere es vielleicht moeglich.

Se ele mais velho fosse, então seria aquilo mais fácil.
 "Se ele fosse mais velho, então aquilo seria mais fácil."

- ORAÇÃO COMPLEMENTAR (subordinada)

(56) Lieselotte glaubt, dass die Welt flach ist.
 Lieselotte acredita que o mundo plano é.
 "Lieselotte acredita que o mundo é plano."

- ORAÇÃO EXCLAMATÓRIA

(57) Dass er sich immer so schlecht benehmen muss.
 Que ele se sempre tão estranho comportar tem que.
 "Que ele tem que sempre se comportar de maneira tão estranha."

- PERGUNTA RETÓRICA

(58) Wen er wohl einladen wird.
 Quem ele convidará?

2. ORÇÃO XV

- ORAÇÃO INDEPENDENTE

(59) Dieser Frau schulde ich viel Geld.
 A esta mulher devo eu muito dinheiro.
 "Eu devo muito dinheiro a esta mulher."

- ORAÇÃO RESULTATIVA

(60) Morgen Abend wird er bestimmt ins Kino gehen, wenn seine Eltern es erlauben.
 Amanhã de noite vai ele com certeza ao cinema ir, se os pais dele isto permitem.
 "Amanhã de noite ele irá com certeza ao cinema, se os seus pais assim o permitirem."

- PERGUNTA DO TIPO WH

(61) Wie lange muessen wir noch warten?
 Quanto tempo temos nós ainda que esperar?
 "Quanto tempo nós ainda temos que esperar?"

3. ORÇÃO V

- PERGUNTA DECISIVA

- (62) Er beginnt er schon wieder damit an?
Começa ele novamente com isso?
"Ele está começando novamente com isso?"

- ORAÇÃO CONDITIONAL SEM COMP

- (63) Waere ich zu hause geblieben, dann waere er
zufrieden.
Tivesse eu em casa ficado, aí seria ele contente.
"Se eu tivesse ficado em casa, aí ele ficaria
contente."

- ORAÇÃO OPTATIVA

- (64) Haette ich nur das Geld!
Tivesse eu somente o dinheiro.
"Se eu tivesse o dinheiro."

- ORAÇÃO IMPERATIVA

- (65) Bring (du) mir das Buch.
Traga (você) para mim o livro.
"Traga para mim o livro."
- (66) Bringen Sie mir bitte die Zeitung.
Traz o senhor/a senhora para mim por favor o
jornal.
"Traga o senhor/a senhora o jornal para mim."

Resumindo o que foi dito até agora, vimos que os autores da área da gramática gerativa acreditam que existem dois tipos de regras na língua alemã através das quais podemos explicar a ocorrência do verbo finito em 2ª posição e em posição inicial da oração. São eles a regra de topicalização que leva advérbios e SNs para a posição inicial da oração e a regra de frenteamento do verbo finito para a 2ª posição. Como vimos, a gramática gerativa também prevê a ocorrência de VS, mas ficou claro que a inversão de sujeito-verbo somente pode acontecer se não houver nenhum COMP introduzindo a oração e somente em

alguns determinados tipos de oração, que acabamos de apresentar
nessa seção.

Em termos da gramática gerativa podemos descrever a língua
alemã da seguinte maneira:

TABELA 5.9. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ (II)

LÍNGUA	VS-LIVRE	VERB-FRONTING
ALEMÃ	-	+

5.4. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 5

No capítulo da definição do objeto de estudo abordamos primeiramente os tipos de mescla que encontramos na comunidade de fala alemã. São eles:

- MESCLA INTRACOMUNIDADE

Essa mescla ocorre porque vários dialetos alemães se encontram em situação de contato. Ilustramos a mescla intracomunidade pela descrição do comportamento lingüístico de três informantes de um núcleo familiar da zona rural de Panambi, através da desinência dos participios verbais (veja Tabela 5.1., p. 145).

- MESCLA INTERCOMUNIDADE

Essa mescla se dá porque a língua alemã coexiste com a língua portuguesa na mesma comunidade de fala. Ilustramos a noção da mescla intercomunidade com o exemplo da interferência lexical que a língua portuguesa exerce sobre a língua alemã (veja as palavras de origem portuguesa que encontramos no alemão falado pelos informantes, p. 149).

Caracterizamos o vernáculo alemão falado em Panambi em termos de ser mais dialetal e mais oral na zona rural e ser

mais oral com influência tanto dos dialetos como também do alemão padrão na zona urbana de Panambi. Por isso, o modelo de análise sintática que elaboramos para a análise quantitativa dos dados dos informantes levou em conta características sintáticas que são típicas da língua falada alemã e dos dialetos sueviano e hunsrueckisch.

Reproduzimos também cinco narrativas de três informantes de um núcleo familiar da zona rural de Panambi para fornecer uma pequena amostra do material à nossa disposição para análise e explicamos a escolha das duas variáveis linguísticas. Optamos por analisar dois aspectos da sintaxe alemã falada pelos informantes que revelam, a um só tempo, dois focos centrais de interesse:

- a variável preenchimento versus queda de sujeito e
- a variável pré- versus posposição do sujeito.

Em seguida apresentamos um levantamento bibliográfico sobre a possibilidade de cancelamento e de inversão do sujeito na língua alemã de maneira a situar a descrição e análise das variáveis.

A revisão dos trabalhos de Henn (1978), Rath (1979) e Klein e Rieck (1982), linguistas que trabalham com a sintaxe da língua alemã falada, e a revisão de duas gramáticas normativas da língua alemã (Duden - Die Grammatik (1984) e Helbig e Buscha: Deutsche Grammatik (1986)) revelavam que há casos de queda de sujeito em determinados TIPOS DE ORAÇÕES. São eles as COORDENADAS ADITIVAS, ALTERNATIVAS E ASSINDÉTICAS E AS ORAÇÕES INDEPENDENTES.

O levantamento bibliográfico de trabalhos que se enquadram na área da gramática gerativa demonstrou que a queda de sujeito somente pode ocorrer em posição inicial, condição proposta primeiramente por Ross (1982) e retomada depois por Huang (1984).

Juntando os resultados da pesquisa bibliográfica nas áreas acima mencionadas, chegamos à conclusão de que a queda de sujeito pode somente ocorrer em posição inicial em determinados tipos de orações. Como os ambientes previstos para a ocorrência de sujeitos nulos são poucos, acreditamos ser justificável manter a classificação da língua alemã como uma língua de tópico-zero mas não-pro-drop.

Quanto à variável sujeito pré- e pós-verbal distinguimos dois tipos de posposição de sujeito que podem ocorrer na língua alemã segundo autores que trabalham na área da sintaxe da língua alemã falada e segundo as duas gramáticas normativas que consultamos. São eles:

- a posposição que se dá devido à ordem verbo-sujeito em determinados tipos de orações, e
- a posposição que ocorre em qualquer tipo de oração que apresenta um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração.

Gostaríamos de assinalar nesse contexto que em Henn (1978) a ocorrência da ordem verbo-sujeito se dá devido ao que ela chama de não-repetição dos advérbios que aparecem em posição inicial da oração e que são os elementos que provocam as mudan-

ças ao nível da ordem das palavras. A afirmação da não-repetição dos engatilhadores de sujeito possibilita dois tipos de interpretação:

1. O problema é de natureza discursiva, isto é, a não-repetição dos advérbios pode ser relacionada à "economia de partes do discurso" ou
2. O problema é de natureza sintática, isto é, a inexistência de engatilhadores pode significar que estamos confrontados com fenômenos de apagamento ou queda de engatilhadores de sujeito.

Uma discussão mais detalhada a respeito das possíveis interpretações será feita no último capítulo da presente dissertação.

Os trabalhos revisados a respeito da posposição de sujeito que se enquadram na área da gramática gerativa, mencionam a ocorrência de inversão de sujeito junto com fenômenos ligados à ordem das palavras.

Tanto para McCray (1981) como para Haider (1986) a ordem básica da língua alemã é SOV, isto é, o verbo aparece em posição final da oração. Mostramos que eles explicam a ocorrência do verbo finito em segunda posição (isto é, ordem das palavras SVO) e em posição inicial (isto é, ordem das palavras VS) através do funcionamento de duas regras:

- a regra de topicalização que move SNs e advérbios para a posição inicial e

- a regra de fronteamento do verbo finito da posição final para a segunda posição ou para a posição inicial da oração.

Para os autores acima mencionados a ocorrência de VS é limitada a alguns tipos de orações, isto é, somente em alguns ambientes muito especiais encontramos a inversão do sujeito e por isso não se pode afirmar que a língua alemã seja uma língua que permite livremente, isto é, sem restrições, a ordem VS.

Vejamos agora a Tabela 5.11. em que juntaremos as descrições sobre a língua alemã fornecidas nas Tabelas 5.9. e 5.10.

TABELA 5.10. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ (III)

LÍNGUA	TÓPICO ZERO	PRO-DROP	VS-LIVRE	FRONTEAMENTO DO VERBO
ALEMÃ (ALEMANHA)	+	-	-	+

NOTAS DO CAPÍTULO 5

(1) O uso do termo *mescla* para os autores não tem conotação negativa. Eles assinalam que a proposta central do livro citado é "demonstrar que tanto as chamadas "purezas" da coexistência como as negligências das "impurezas" da *mescla* são, na realidade, fenômenos aparentes e que, com base em dados lingüísticos, nossa percepção do mundo não se divide necessariamente nesses dois compartimentos." (Tarallo e Alkmin, 1987: 8).

(2) A atualização do artigo foi publicada por Labov em 1982 sob o título: "Building on Empirical Foundations."

(3) Acreditamos ser o sentido da oração o seguinte:
 "Un do hen mer au noch drei Woche geschlafe, im Miljeschobbe."
 "E aí dormimos nós também três semanas no celeiro."

(4) Nesta entrevista nós gravamos alguns membros da 3ª geração da família C em grupos com a presença de Neu., namorada de H.C.

(5) Acreditamos ser necessário esclarecer de que maneira o termo *elipse* está sendo usado na literatura lingüística alemã.

A literatura à minha disposição distingue dois pontos de partida para a definição de *elipse*: A primeira linha toma como ponto de partida o contexto discursivo. Os autores que seguem essa linha afirmam que a forma longa da *elipse* pode ser reconstruída através do contexto lingüístico e/ou do contexto situacional, como também da própria *elipse*. Reproduziremos a seguir um exemplo, dado por Rath (1979: 140), para mostrar o que é uma *elipse* que somente pode ser entendida através do seu contexto discursivo.

Falante A: Ja, das genuegt mir auch.

Sim, isto satisfaz a mim também.

Falante B: Ja, mir nicht.

Sim, a mim não.

A segunda linha de definição de *elipse* é mais gramatical. Os autores que seguem esse conceito mais gramatical de *elipse* afirmam que a forma longa é reconstruível basicamente a partir da própria *elipse*, sem levar em conta o contexto lingüístico ou situacional. Henn (1978) baseia-se nesse conceito mais gramatical da definição de *elipse*. A autora classifica as *elipses* segundo os elementos omitidos.

O seguinte exemplo ilustra como Henn classifica as *elipses*:

Exemplo:

Als ich ihm das Buch, lehnte er ab.

(Henn, 1978: 133)

Quando eu lhe o livro, recusou ele.

Henn classifica essa elipse somente como desvio de predicado, por não poder determinar que elemento gramatical na adjunção teria sido omitido (verbo, predicado adjetivo ou conectivo).

- (6) Optamos por esta classificação preparando desta maneira a descrição das variáveis no Capítulo 6, onde o TIPO DE ORAÇÃO forma um grupo de fatores de natureza linguística.
- (7) Tradução pessoal.
- (8) Tradução pessoal.
- (9) O exemplo foi retirado da história: "Die Bienenkoenigin." (Janosch, 1981).
- (10) O exemplo foi retirado da história: "Der Baerenzirkus Zampano." (Janosch, 1981).
- (11) Trataremos na presente dissertação somente das propriedades:
 - (i) sujeito nulo
 - (ii) inversão livre em orações simples
- (12) Ross descreve neste hand-out a queda de pronomes enquanto sujeitos e objetos. Não trataremos aqui da queda de objeto em posição inicial por ela não ser uma variável analisada por nós, mesmo tendo sido encontrados casos de queda de objeto nos dados dos informantes.
- (13) Esta condição de queda de pronomes em posição inicial é válida também para o objeto.
- (14) Segundo essa divisão, primeiramente proposta por Marshall Mc Luhan para classificar mídias de massa, uma mídia é "quente" se o processo de comunicação envolve pouco ou nenhuma participação do lado da audiência (é o que ocorre, por exemplo, no caso da mídia "filme"); uma mídia é considerada fria se a participação da audiência tornou-se necessária no processo de comunicação, para ela ser bem sucedida (é o caso, por exemplo, da mídia "telefone").
- (15) As Tabelas 5.2., 5.3., 5.4., 5.5. e 5.6., a seguir reproduzidas, se originam na Tabela 1 de Huang (veja p. 546 do artigo citado) e são, na realidade, uma descrição mais minuciosa das categorias vazias para as diferentes línguas analisadas por Huang.
- (16) A ênfase é nossa.
- (17) Um outro trabalho na área da gramática gerativa que menciona a possibilidade de queda de pronomes nominativos e

acusativos em posição inicial na língua alemã é o de Haider(1986). Ele afirma que o apagamento de pronomes em posição não-inicial gera orações agramaticais.

Exemplo:

a) Gestern habe *(ich) *(es) auf den Tisch gestellt.

Yesterday have I it on the table put.

b) () habe es gestern auf den Tisch gestellt.

c) () habe ich gestern auf den Tisch gestellt.

(Veja Haider, 1986: 56).

(18) A nossa Tabela 5.8. que ampliaremos no decorrer do presente estudo se baseia, na realidade, nas Tabelas 3 e 5 de Kato e Tarallo (1987).

(19) Tradução pessoal.

(20) O termo engatilhador de sujeito se tornará importante no Capítulo 6, onde forneceremos a descrição da variável pré- e posposição de sujeito. Eles formam, na nossa análise quantitativa da variável sujeito pré- e pós-verbal, um fator de natureza lingüística (Veja Capítulo 6, p. 237).

6. DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS
PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO E
SUJEITO PRÉ-E PÓS-VERBAL

6.0 ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

No presente capítulo pretendemos descrever o vernáculo falado pelos informantes ao nível sintático quanto à ordem das palavras e forneceremos uma ampla descrição das duas variáveis (preenchimento versus queda de sujeito e sujeito pré-verbal versus sujeito pós-verbal), apresentando tanto os grupos de fatores linguísticos quanto extralinguísticos que hipotetizamos como possíveis condicionadores ou distribuidores percentuais e probabilísticos da amostra de dados, como também os resultados da análise quantitativa dos dados.

No caso da variável preenchimento versus queda de sujeito, analisamos 2494 dados, enquanto no caso de variável sujeito pré- e pós-verbal quantificamos 2174 dados dos informantes da comunidade de fala de Panambi.

Em 6.1. apresentaremos num primeiro momento os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos da variável sujeito preenchido versus sujeito nulo e num segundo momento descreveremos os resultados da análise quantitativa.

Em 6.2. faremos o mesmo com a variável sujeito pré- versus sujeito pós-verbal e em 6.3. apresentaremos a conclusão do capítulo.

6.1. PREENCHIMENTO E QUEDA DE SUJEITO

Na questão da variável sujeito preenchido versus sujeito nulo, estabeleceu-se que a forma subjacente seria o sujeito preenchido; contrariamente, o outro lado da variável dependente, que na interpretação dos resultados figurará como aplicação da regra, será o sujeito nulo, conforme exemplificado nas sentenças (67) e (68) abaixo:

(67) Mir ware sechs Persone. (U1111(2)) (1)
Nós éramos seis pessoas.

(68) ... un (...) hat noch ne Wirtschaft gehabt.
(U1111(9)),
e (...) tinha também um restaurante.

Para resolver essa variação entre preenchimento e queda de sujeito no alemão falado em Panambi foram hipotetizados os seguintes grupos de fatores como possíveis condicionadores ou distribuidores percentuais e probabilísticos da amostra de dados.

São eles:

GRUPO 1 : TIPO DE ORAÇÃO

Embora a língua alemã padrão seja considerada uma língua que obrigatoriamente tenha um sujeito preenchido, a literatura existente sobre a língua alemã falada e sobre dialetos regionais alemães, menciona a ocorrência de sujeitos nulos nas coordenadas aditivas, alternativas e assindéticas e nas orações in-

dependentes (veja 5.3.1.1.).

Contrariamente ao alemão, o português permite tanto preenchimento quanto cancelamento de sujeito e não parece apresentar as restrições rígidas do alemão, que reserva o sujeito nulo para as coordenadas e, em alguns casos, para as independentes.

Assim, o grupo de fatores TIPO DE ORAÇÃO foi hipotetizado como condicionador para o sujeito nulo em alemão uma vez que encontramos em Panambi a língua alemã, que se compõe de vários dialetos regionais alemães e de uma variação do alemão padrão, em contato com a língua portuguesa. Dessa situação de contato hipotetizamos a possibilidade de encontrar interferência sintática do português na estrutura sintática do alemão falado em Panambi. Vejamos os exemplos a seguir para cada um dos sub-fatores:

INDEPENDENTE

Exemplos:

(69) Die hatten frueher_eine Backsteinbrennerei gehabt.
(U2112(2))

Eles tinham antigamente uma fábrica de tijolos.

(70) [...] Haett solle am 24. Januar wegfahre... (U1111(51))

Ter deveria no dia 24. de janeiro saído...

"Deveria ter saído no dia 24. de janeiro..."

SUBORDINADA

Exemplos:

(71) ... dass da Mord oder sowas vorkam, ... (U2112(73))

... que aí assassinato ou algo parecido houve...

"... que houve assassinato ou algo parecido..."

- (72) Weil [...] koennen lesen und schreiben und erzaehlen, ...
 (U2213(32))
 Porque sabem ler e escrever e contar histórias,...

COORDENADA ASSINDÉTICA

Exemplos:

- (73) Ich hab mal einen Mann kennengelernt,
 der is jetzt gestorben. (U2112(31))
 Eu conheci uma vez um homem, ele já morreu
- (74) Der wohnte allerdings im Munizip Kondor,
 [...] kam aber immer nach Panambi mit em altem Pferd.
 (U2112(34))
 Ele morava no município Condor,
 vinha mas sempre para Panambi com um velho cavalo.
 "...mas sempre vinha para Panambi com um velho cavalo."

COORDENADA ADITIVA

Exemplos:

- (75) Un dann sind mer auf d' Kolonie, ... (R113b(22))
 E aí fomos nós para a colônia,...
 "E aí nós fomos para a colônia,..."
- (76) Unser Gepaeck haette se solle hier rum halte,
 und [...] hent 's ruffglasse nach Barrel. (R113b(30))
 A nossa bagagem deveriam eles ter deixado aqui e a deixa-
 ram em Barrel.
 "Eles deveriam ter deixado a nossa bagagem aqui e a deixa-
 ram em Barrel."

COORDENADA ADVERSATIVA

Exemplos:

- (77) Aber er haett auch nix getaucht auch net. (U1126(9))
 Mas ele não prestava também nada.
 "Mas ele também não prestava nada."
- (78) Mir ham immer unser Bier, immer zum Trinke im Keller,
 gell, aber [...] in Panambi selte mol ins Wirtshaus gang.
 (R213c(68))
 "... mas em Panambi raras vezes fui ao bar.
 "... mas raras vezes fui ao bar em Panambi."

COORDENADA EXPLICATIVA

Exemplos:

- (79) Denn die groesste Schwierigkeit allerdings ist Chor-dirigenten. (U2112(104))
 Pois a maior dificuldade hoje em dia é o dirigente de coro.
- (80) Não foram encontrados no corpus exemplos de coordenadas explicativas com o sujeito nulo.

COORDENADA ALTERNATIVA

Exemplos:

- (81) ... oder wir ham hier von Tuerken auch en paar, ...
 (U2112(28))
 ...ou nós temos aqui de turcos também umas, ...
 "...ou nós temos aqui também umas [crianças] de turcos,..."
- (82) ... oder [...] ham ihre eigen Chorversammlung (U2112(121))
 ... ou [] tem a sua própria reunião de coro...

PRINCIPAL

Exemplos

- (83) Weil wenn ich zu Hause mit den Kindern nich Deutschspreche, ja, ~~die~~ verlernen das. (U2212(6))
 Porque se eu em casa com as crianças não alemão falo, elas desaprendem isto.
 "Porque se eu não falo alemão com as crianças em casa, elas desaprendem isto."
- (84) [...] daet's vielleicht lerne,
 wenn 's mehrere haett. (R313f(157))
 [...] iria aprender isto,
 se tivesse mais.

GRUPO 2 : ORDEM DAS PALAVRAS

O fator ordem das palavras foi estabelecido a fim de dar conta da descrição estrutural dos constituintes somente nas sentenças com sujeito preenchido. Portanto, este grupo não considerou a variável dependente do sujeito nulo. Vejamos os exem-

plos, para cada um dos sub-fatores:

SVO

Exemplos:

(85) Das ist en schlimm Krankheit.

S V O

Isto é uma ruim doença.

"Isto é uma doença ruim."

SV (O) + FATEAMENTO DE [- COMPLEMENTO PREPOSICIONAL] (2)

Exemplo:

(86) Der wohnt in Porto Alegre jetzt. (U1227(22))

S V FT [-CP]

Ele mora em Porto Alegre agora. (U1227(31))

"Agora ele mora em Porto Alegre."

SV (O) + FATEAMENTO DE [+ COMPLEMENTO PREPOSICIONAL] (3)

Exemplo:

(87) Ihre Eltern hent hier obe gwohnt auf de

S V FT [+CP]

Kolonie. (R113b(50))

Os seus pais moravam lá em cima na colônia.

OVS

Exemplo:

(88) Unser Gepack haette se solle hier rum halte, ... (R113b(29))

O V S

A nossa bagagem eles deveriam ter segurado aqui, ...

"Eles deveriam ter deixado a nossa bagagem aqui..."

SUJEITO DUPLO

Exemplo:

(89) Un dann der Willi, der isch dann spaeter angange.

(R113b(76))

E aí o Willi, ele nasceu mais tarde.

ENGATILHADORES DE SUJEITO + VS(O) (3).

Exemplos

- (90) dann hat's Wachs geb. (R213c(24))
 E V S O
 , aí receberam-se batidas.

ENGATILHADORES DE SUJEITO + VS (O) + FATEAMENTO DE - [COMPLE-
MENTO PREPOSICIONAL]Exemplo:

- (91) Die erscht Jahr hent mir riesich quat gehandelt
 E V S
 hier. (R113b(66))
 FTC-CPJ
 Nos primeiro anos nós fizemos bons negócios aqui.

ENGATILHADORES DE SUJEITO + VS (O) + FATEAMENTO DE [+ COMPLE-
MENTO PREPOSICIONAL]Exemplo:

- (92) Un dann von Belizário sin mer hier rin nach Panambi
 E V S FTC+CPJ
 (R113b(18))
 E aí de Belizário fomos nós para Panambi.

SV

Exemplo:

- (93) Ich weiss, ... (R23d(10))
 S V
 Eu sei, ...

QUEDA DE AUXILIAR

Exemplo:

- (94) ... und die Mama gleich en Pflaster gemacht ...
 (R223d(71))
 ... e a mãe já um band-aid fez.
 "... e a mãe aplicou um band-aid na hora ..."

SOV

Exemplo:

- (95) Wenn mer lauter Deutsche drumrum hat. (R113(156))
 S O V
 Se a gente tem um monte de alemães ao redor

SOV + FATEAMENTO DE [+ COMPLEMENTO PREPOSICIONAL]

Exemplo:

- (96) ... wo die vier mol Kindstauß gefeiert hant beim
 S O V FTC+CPJ
 alte Schiele. (R214i(46))
 ... quando os quatro uma vez batizado festejaram
 na casa do velho Schile.
 "... quando os quatro festejaram uma vez o batizado na casa
 do velho Schiele."

SOV + AUSKLAMMERUNG DE [- COMPLEMENTO PREPOSICIONAL]

Exemplo:

- (97) ... die zwei bei die Maed gehn dort... (R223d(117))
 S O V FTC-CPJ
 ... os dois para as moças vão lá:
 "... os dois vão lá onde moram as moças."

VS

Exemplo:

- (98) Sin se all ausgeriss, ja. (R313f(11))
 V S
 Fugiram eles todos sim.
 "Todos fugiram, sim."

VSO

Exemplo:

- (99) AH, dut mer se verspotte, ne. (R313f(37))
 V S O
 Ah, fazemos nós eles passar vergonha
 "Ah, nós fazemos eles passarem vergonha."

VS + FATEAMENTO DO OBJETO

Example:

- (100) Haette se en Stund gerufe em Gered sein Schwester.
V S
(R232h(45)) FT01
Teriam eles chamado por uma hora a irmã do Gered.
"Eles chamaram a irmã do Gered durante uma hora."

VS (O) + FATEAMENTO DE [+ COMPLEMENTO PREPOSICIONAL]

Exemplo:

- (101) Un dann nach her gekotzt, hat der Wein schon geschmeckt
vor die Hochzeit. V S
 FTL+CPJ
 (R224j(18))
 ... foi o vinho já saboreado antes do casamento.
 "... o vinho já foi saboreado antes do casamento."

ENGATILHADORES DE SUJEITO + V + FATEAMENTO DE SUJEITO

Exemple 10 :

- (102) Fuenf Jahr war rausgefall gewes Panambi. (R3139(94))
 E U FTCSJ
 Cinco anos tem caído fora Panambi.
 "Panambi caiu fora durante cinco anos."

SV + FATEAMENTO DE ([+ COMPLEMENTO PREPOSICIONAL]) + FATEA-
 MENTO DE OBJETO

Exemplo:

- (103) ... des war von die erste ein. (R323h (12o))
S V FIC01
... ele foi dos primeiros um.
"... ele foi um dos primeiros."

ENGATILHADORES DE SUJEITO + SV { 0 }

Exemplo:

- (104) Dann de Nelson un de Kompanjeire is laengs. (R323h (29))
E S U
Ai o Nelson e o companheiro foi embora.
"Ai o Nelson e seu companheiro foram embora."

GRUPO 4: CONTEXTO

O grupo de fatores que corresponde à mais resposta ou menos resposta à pergunta foi hipotetizado como condicionador para a queda de sujeito, uma vez que encontramos, na língua alemã, em contexto de pergunta - resposta, o que é denominado de respostas elípticas. (4)

+ resposta à pergunta

Exemplo:

- (107) E: Was macht ihr denn so am Wochenende?
 I: Uff Feste gehn, ... (R313f(32))
 E: O que vocês fazem no fim de semana?
 I: Ir para festas, ...

- resposta à pergunta

Exemplo:

- (108) Kate, Botsche gehn mer.
 Do macht mer Spass so mit, ne. (R313f(35-6))
 Baralho, boccia jogamos nós.
 Aí fazemos nós folia, né.
 Nós jogaremos baralho, boccia.
 Aí nós fazemos folia, né.

Além desses fatores foram hipotetizados fatores de natureza extralinguística, conforme consta deste trabalho na seção da descrição etnográfica da presente dissertação (ver cap. 4).

São eles:

- 1º Urbano e Rural
- 2º Idade
- 3º Sexo
- 4º Núcleo Familiar
- 5º Informante

Após a discussão dos dados lingüísticos, esses fatores externos serão interpretados à luz da descrição etnográfica da comunidade de fala apresentada no capítulo 4 e à luz do tratamento quantitativo dos dados.

6.1.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS

No grupo de fatores sobre o TIPO DE ORAÇÃO os resultados demonstram que as coordenadas constituem um ambiente favorável ao apagamento do sujeito. Conforme a Tabela 6.1. e 6.2. a seguir demonstram, em comparação com as subordinadas e as principais que apresentam uma frequência alta de preenchimento, as coordenadas se distribuem da seguinte maneira:

- As COORDENADAS ALTERNATIVAS demonstram o maior índice de apagamento de sujeito. Em dez ocorrências totais há cinco casos de sujeito nulo. Assim, 50% das coordenadas alternativas têm sujeito nulo, enquanto as restantes apresentam 50% de sujeito preenchido.
- As COORDENADAS ADITIVAS ocupam o segundo lugar. Entre 447 ocorrências totais há 108 casos de apagamento de sujeito. Isto significa que 24% dos sujeitos nas coordenadas aditivas são nulos, enquanto 76% dos sujeitos são preenchidos.

- As COORDENADAS ADVERSATIVAS ficam em terceiro lugar. Em 84 ocorrências, há quinze casos de apagamento de sujeito. Isto significa que 18% dos sujeitos são nulos, enquanto 82% são preenchidos.
- As COORDENADAS ASSINDÉTICAS ocupam, junto com as INDEPENDENTES, o quarto lugar. No caso das COORDENADAS ASSINDÉTICAS há, entre 403 ocorrências, 50 casos de apagamento do sujeito, isto é, 12% dos sujeitos são nulos enquanto 88% dos sujeitos são preenchidos. Há 911 ocorrências de INDEPENDENTES em que encontramos 111 casos de apagamento. Assim, 12% dos sujeitos são nulos enquanto 88% dos sujeitos são preenchidos.
- As PRINCIPAIS ocupam o penúltimo lugar. Em 206 ocorrências totais há 17 casos de apagamento de sujeito, isto é, a percentagem dos sujeitos nulos é 8% enquanto 92% dos sujeitos são preenchidos.
- As SUBORDINADAS demonstram o menor índice de apagamento de sujeito. Em 429 ocorrências há 14 casos de apagamento de sujeito. Isto significa que somente 3% dos sujeitos são nulos, enquanto 97% dos sujeitos são preenchidos.

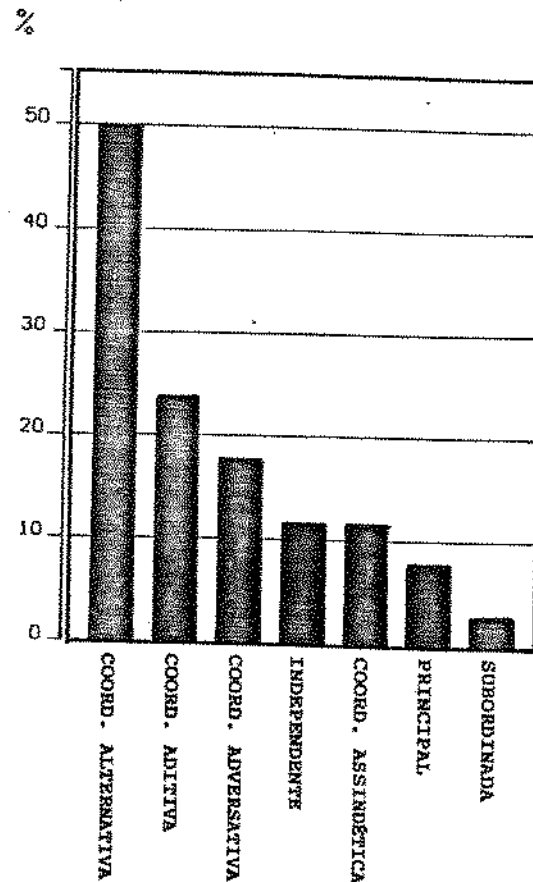
TABELA 6.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO	APAGA- MENTOS	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEM	PROBALI- DADE
Coordenada Alternativa	5	10	50%	.83
Coordenada Aditiva	108	447	24%	.63
Coordenada Adversativa	15	84	18%	.54
Independente	111	911	12%	.44
Coordenada Assindética	50	403	12%	.41
Principal	17	206	8%	.33
Subordinada	14	429	3%	.15
Coordenada Explicativa	0	4	0%	.00
Total	320	2494	13%	

TABELA 6.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO	APAGA- MENTOS	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM
COORDENADA alternativa explicativa aditiva adversativa	128	545	23,6%
COORDENADA ASSINDÉTICA + INDEPENDENTE	161	1314	12%
PRINCIPAIS	17	206	8%
SUBORDINADA	14	429	3%
Total	320	2494	13%

QUADRO 6.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO



No grupo de fatores sobre o CONTEXTO DISCURSIVO da oração, os resultados da avaliação quantitativa demonstram que o fator "mais resposta" constitui um ambiente mais favorável ao fenômeno de apagamento do sujeito do que o fator "menos resposta" à pergunta (Ver Tabela 6.3. a seguir reproduzida).

A distribuição de sujeito nulo e sujeito preenchido se dá como segue:

- O fator MAIS RESPOSTA À PERGUNTA tem um número total de 102 ocorrências das quais 16 apresentam apagamento de sujeito. Assim, 16% dos sujeitos são apagados, enquanto 84% dos sujeitos são preenchidos.

- O fator MENOS RESPOSTA À PERGUNTA conta com 2392 ocorrências totais das quais 304 sujeitos são casos de apagamento, isto é, 13% dos sujeitos são nulos, enquanto 87% dos sujeitos são preenchidos.

TABELA 6.3. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: CONTEXTO DISCURSIVO MAIS RESPOSTA, MENOS RESPOSTA

CONTEXTO	APAGA- MENTO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBA- BILIDADE
+ resposta	16	102	16%	.55
- resposta	304	2392	13%	.45
Total	320	2494	13%	

Conforme indicado anteriormente, o fator de ORDEM DAS PALAVRAS foi estabelecido para fins de uma descrição das sentenças com sujeito preenchido, isto é: sem considerar a variável dependente do sujeito nulo.

A distribuição dos dados quanto à ordem e aos tipos de estrutura interna das sentenças será apresentada em ordem decrescente a partir dos resultados expostos no Quadro 6.2. Das 2174 ocorrências totais de orações com retenção de sujeito, a ordem das palavras se distribui como segue:

A ordem de palavras sujeito-verbo (SV) e engatilhador de sujeito - verbo-sujeito-objeto (sendo o último facultativo), (E+SV(O)), são as mais frequentes. Há 552 casos de ordem sujeito-verbo, isto é 25% das orações têm a ordem SV, enquanto 548

das orações tem a ordem engatilhador de sujeito - verbo - sujeito-objeto (facultativo). Em termos de percentagem, isto significa também 25%.

A ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) fica em segundo lugar, com 379 ocorrências, isto é, 17% das orações examinadas apresentam a estrutura SVO.

Em terceiro lugar, fica a ordem verbo-sujeito (VS). Há 134 casos, isto é, 6% das orações têm a sequência sintática de VS.

A ordem das palavras sujeito-objeto-verbo (SOV) fica em quarto lugar, com um total de 117 ocorrências. A percentagem das orações com estrutura SOV é 5%.

Encontramos a ordem objeto-verbo-sujeito (OVS) em 99 casos, isto é, 5% das orações têm a ordem OVS.

Há 59 ocorrências de ordem sujeito-verbo-objeto (facultativo) mais "fateamento" de um complemento mais preposicionado (SV (O) + FT de [+ CP]): isto significa que 3% das orações apresentam essa sequência sintática

A ordem verbo-sujeito-objeto (VSO) conta com 55 ocorrências totais. A percentagem das orações que apresentam a ordem VSO é de 3%.

Há 50 orações que têm um sujeito duplo, isto é, 2% dos sujeitos são duplamente preenchidos.

Encontramos 40 ocorrências totais da ordem sujeito-verbo-objeto (facultativo) mais "fateamento" de um complemento não-preposicionado (SV (O) + FT de [- CP]). Esse tipo de ordem das palavras apresenta a percentagem de 2%.

Como constatamos queda de auxiliar nos dados dos informantes, abrimos um sub-fator para descrever esse fenômeno. O núme-

ro total de queda de auxiliar nas sentenças que apresentam sujeito preenchido é 29: isto significa que 1% das frases apresentam queda de auxiliar.

Há 27 casos da ordem de palavras engatilhador de sujeito + verbo + sujeito + objeto (facultativo) mais fateamento de um complemento não-preposicionado, isto significa que 1% das orações apresentam a estrutura E + VS O + FT de [- complemento preposicionado].

A ordem de palavras engatilhador mais verbo-sujeito-objeto (facultativo) mais "fateamento" de um complemento mais preposicionado também conta com 27 ocorrências, assim, 1% das orações têm a ordem E + VS (O) + FT de [+ CP].

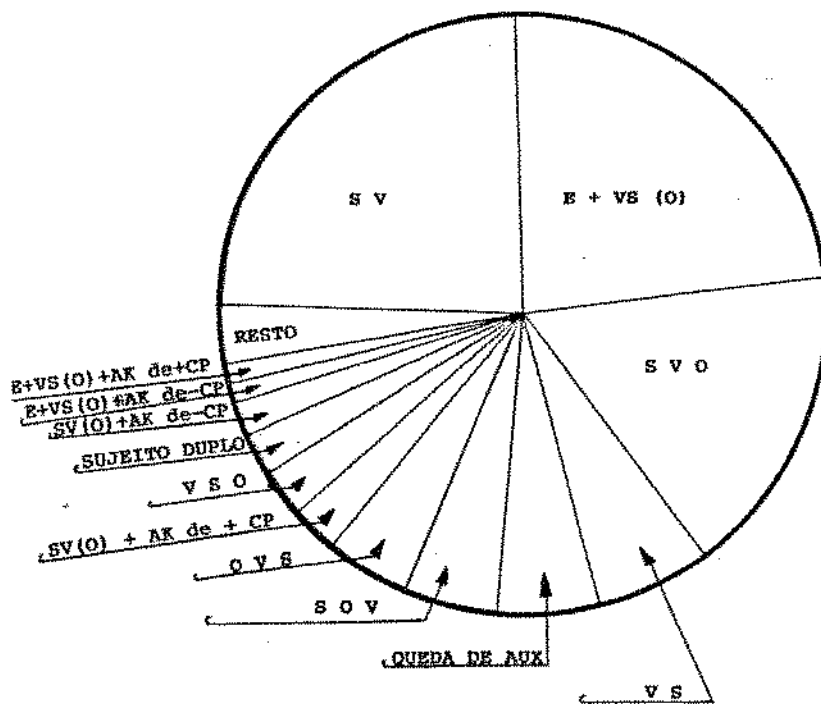
Em seguida, reunimos os tipos restantes de ordem de palavras, por terem uma ocorrência abaixo de 20, embora os resultados não possam ser desprezados. São eles:

- engatilhador de sujeito mais sujeito-verbo-objeto sendo o último facultativo que conta com 16 ocorrências (1%),
- verbo-sujeito+"fateamento" de um complemento mais preposicional com 11 ocorrências (1%)
- sujeito-verbo+"fateamento" de um complemento mais preposicionado (facultativo) mais fateamento de objeto com 10 ocorrências (1%)
- sujeito-objeto-verbo mais "fateamento" de um complemento mais preposicionado com 6 ocorrências (0,3%)
- engatilhador mais verbo-sujeito mais "fateamento" de objeto com 6 ocorrências (0,3%)
- sujeito-objeto-verbo mais "fateamento" de um complemento não preposicionado com 3 ocorrências (0,1%),

- verbo-sujeito-objeto mais "fateamento" de um complemento não-preposicionado com 2 ocorrências (0,1%),
- verbo-sujeito mais "fateamento" de objeto com 2 ocorrências (0,1%) e
- engatilhador de sujeito mais verbo mais "fateamento" de sujeito com duas ocorrências (0,1%)

Visualizamos a seguir a distribuição percentual dos tipos de ordem de palavra no Quadro 6.2.

QUADRO 6.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS TIPOS DE ORDEM DAS PALAVRAS ENCONTRADAS NO VERNÁCULO DOS INFORMANTES



Os grupos de fatores que prosseguem a análise são todos de natureza extralingüística. O grupo de fatores RURAL VERSUS URBANO foi estabelecido porque hipotetizamos que a língua imigrante poderia estar mais conservada na zona rural devido à possibilidade de segregação maior nesse ambiente.

A análise quantitativa, porém, não indicou diferença quanto à variável analisada. A tabela 6.4., a seguir reproduzida, mostra que na zona rural há 1443 ocorrências totais das quais 188 orações apresentam sujeito nulo, isto é, 13% dos sujeitos são nulos, enquanto 87% das orações têm sujeito preenchido. Na zona urbana há um total de 1051 ocorrências, com 132 orações de sujeito nulo. Assim, 13% dos sujeitos são apagados enquanto 87% dos sujeitos são preenchidos.

TABELA 6.4. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: ZONA RURAL E URBANA DE PANAMBI

ZONA	APAGAMENTO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
rural	188	1443	13%	.52
urbana	132	1051	13%	.48
TOTAL	320	2494	13%	

O fator extralingüístico IDADE foi hipotetizado por acreditarmos que há interferência maior do português na estrutura sintática do alemão a partir da segunda e, especialmente, da terceira geração, por situações de contatos interétnicos mais freqüentes. Os resultados da avaliação quantitativa indicam es-

sa direção. Conforme a Tabela 6.5. a seguir demonstra, a primeira geração, isto é, os imigrantes, demonstram o menor índice de apagamento de sujeito. O número total de ocorrências é 643 dos quais 75 orações apresentam queda de sujeito, isto é: 12% dos sujeitos são nulos, enquanto 88% dos sujeitos são preenchidos.

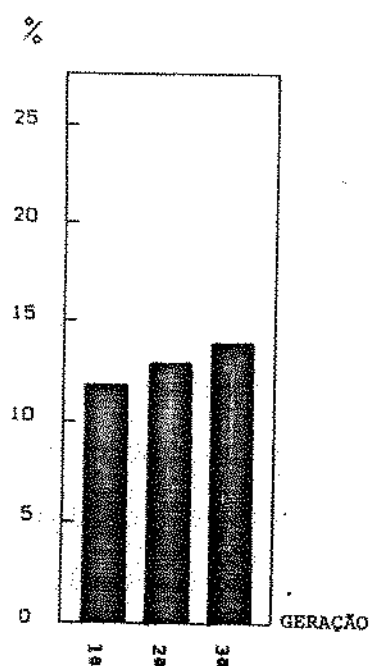
A segunda geração tem o segundo maior índice de apagamento de sujeito. O número total de ocorrências é de 1111 nas quais encontramos 144 casos de queda de sujeito, isto é 13% dos sujeitos são nulos e 87% dos sujeitos são preenchidos.

A maior percentagem de queda de sujeito é registrada pela terceira geração, os adolescentes. Em um total de 740 ocorrências, há 101 casos de apagamento de sujeito, isto é, 14% dos sujeitos são nulos, enquanto 86% dos sujeitos são preenchidos.

TABELA 6.5. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: IDADE

IDADE	APAGA- MENTO	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEN	PROBABI- LIDADE
1a. geração	75	643	12%	.47
2a. geração	144	1111	13%	.52
3a. geração	101	740	14%	.52
TOTAL	320	2494	13%	

QUADRO 6.3. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: IDADE



Hipotetizamos o grupo de fatores SEXO porque achamos que encontraríamos diferenças entre a fala dos homens e das mulheres. Os resultados demonstram que os homens são mais conservadores quanto à retenção do sujeito. Conforme a Tabela 6.6. a seguir demonstra, em 1450 ocorrências totais, há 160 casos de queda de sujeito na fala dos homens, isto é 11% dos sujeitos são nulos, enquanto 89% dos sujeitos são preenchidos.

No caso das mulheres, há um total de 1044 ocorrências das quais há queda de sujeito em 160 orações, isto é, 15% dos sujeitos são nulos e 85% dos sujeitos são preenchidos.

TABELA 6.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: SEXO

sexo	APAGA- MENTO	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEM	PROBABI- LIDADE
masculino	160	1450	11%	.46
feminino	160	1044	15%	.54
TOTAL	320	2494	13%	

O grupo de fatores NÚCLEO FAMILIAR foi estabelecido porque hipotetizamos que a língua imigrante poderia ser mais conservada nos núcleos familiares da zona rural do que na zona urbana, além de a consideração de cada um dos núcleos familiares poder revelar dados quantitativos diretamente interpretáveis via análise etnográfica.

A avaliação quantitativa desse grupo demonstra que as duas famílias A e B da zona urbana têm uma probabilidade maior de apagamento de sujeito do que as famílias C e D da zona rural (5).

A Tabela 6.7., a seguir, mostra que a Família A tem o maior índice de cancelamento de sujeito com 75 casos de sujeitos nulos em 576 ocorrências, isto é 13% dos sujeitos são cancelados e 87% dos sujeitos são preenchidos. A probabilidade de apagamento de sujeito é de .53.

No caso da família B, encontramos, em 476 ocorrências, 57 casos de sujeitos nulos. Isto significa que há queda de sujeito em 12% e retenção de sujeito em 88% dos casos. O valor da probabilidade é de .50.

Em comparação a essas duas famílias da zona urbana, as famílias da zona rural se comportam como segue:

Há 144 casos de sujeito nulos no total de 1085 ocorrências na família C. Isto é: 13% dos sujeitos são apagados enquanto 87% dos sujeitos são retidos. A probabilidade de queda de sujeito é de .49.

O núcleo familiar D demonstra o menor índice de queda de sujeito. Em 357 ocorrências, há 44 casos de sujeito nulo. Isto significa que 12% dos sujeitos são cancelados, enquanto 88% são preenchidos. A probabilidade de queda de sujeito é .48.

TABELA 6.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: NÚCLEO FAMILIAR

NÚCLEO FAMILIAR	APAGAMENTO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
A	75	576	13%	.53
B	57	476	12%	.50
C	144	1085	13%	.49
D	44	357	12%	.48
TOTAL	320	2494	13%	

No grupo de fatores INFORMANTES, os resultados da avaliação quantitativa mostram o comportamento lingüístico individual de cada informante frente à variável dependente de queda de sujeito. Hipotetizamos que encontraríamos um comportamento lingüístico mais ou menos homogêneo entre os membros de uma mesma geração, isto é, os informantes da primeira geração formariam um grupo com um índice relativamente baixo quanto ao apagamento de sujeito, os membros da segunda geração formariam outro agrupamento e os informantes da terceira geração formariam o último

agrupamento.

A avaliação quantitativa e probabilística demonstrou, porém, que tal não é o caso.

Conforme a Tabela 6.8. demonstra, encontramos informantes da 1a., da 2a. e da 3a. geração com um valor de probabilidade relativamente elevado de apagamento de sujeito na ponta da hierarquia, como também achamos falantes da 1a. e da 3a. geração nos últimos lugares da hierarquia. Ne. C. e C. A., informantes que pertencem à terceira geração, são os líderes quanto ao apagamento. Ne. C., que mora na zona rural de Panambi, cancela 32 sujeitos em 135 ocorrências, isto é, 24% dos sujeitos são nulos, enquanto 76% dos sujeitos são preenchidos. A probabilidade de apagamento de sujeito no caso desse informante é .73. G. A., que mora na zona urbana de Panambi, apresenta 12 sujeitos nulos em 52 ocorrências, isto é, 25% dos sujeitos são cancelados e 75% dos sujeitos são retidos. A probabilidade dessa informante é .66.

Os resultados da avaliação quantitativa e probabilística desses dois informantes se enquadra dentro de nossas perspectivas, isto é hipotetizamos que os informantes da 3a. geração demonstrariam o índice mais alto de sujeito nulo.

A distribuição dos informantes que seguem, porém, não possibilita mais agrupamentos que se baseiam na filiação de geração. A informante M. B. (2a. geração, zona urbana) apresenta em 160 ocorrências 25 casos de queda de sujeito. Isto significa que 16% dos sujeitos são nulos enquanto 84% dos sujeitos são preenchidos. A probabilidade de apagamento de sujeito é .58.

Em seguida, vem D. B. (1a. geração, zona urbana) que apaga 26 sujeitos em 159 ocorrências, isto é, 16% dos sujeitos são cancelados e 84% dos sujeitos são preenchidos. A probabilidade de apagamento de sujeito dessa informante é .57.

Depois, segue-se E. A. (1a. geração, zona urbana) em quem encontramos 24 casos de queda de sujeito em 170 ocorrências. Isto significa que 15% dos sujeitos são apagados enquanto 85% são retidos. Esse informante apresenta uma probabilidade de .57.

Os três informantes que vêm em seguida apresentam o mesmo valor probabilístico em relação à ocorrência da variável sujeito nulo. A probabilidade é .54 para:

- I. C. (2a. geração, zona rural) que apresenta em 156 ocorrências 30 casos de apagamento de sujeito, isto é, 19% dos sujeitos são cancelados e 81% são preenchidos;
- I. D. (2a. geração, zona rural) que apaga 26 sujeitos em 160 ocorrências. Isto significa que 16% dos sujeitos são nulos enquanto 84% dos sujeitos são retidos e
- Wh. C. (1a. geração, zona rural) que cancela em 158 ocorrências 19 sujeitos, isto é, 12% dos sujeitos são cancelados e 88% são preenchidos.

Em seguida situa-se o informante H. C. (3a. geração, zona rural), que registra 19 casos de sujeito nulo em 160 ocorrências. Isto significa que 12% dos sujeitos são apagados enquanto 88% dos sujeitos são retidos. A probabilidade desse informante é .50.

Depois seguem-se dois informantes que apresentam o mesmo valor probabilístico: .48.

- K. A. (2a. geração, zona urbana) apaga 18 sujeitos em 162 ocorrências, isto é, 11% dos sujeitos são nulos e 89% são preenchidos.
- R. A. (2a. geração, zona urbana) apresenta 18 sujeitos nulos em 160 ocorrências. Isto significa que 11% dos sujeitos são apagados e 89% são retidos.

O informante A. D. (2a. geração, zona rural) cancela 14 sujeitos em 151 ocorrências, isto é, 9% dos sujeitos são nulos e 91% dos sujeitos são preenchidos. A probabilidade de apagamento de sujeito no caso desse informante é .46.

Quanto ao informante W. C. (2a. geração, zona rural), encontramos em 161 ocorrências 13 sujeitos nulos. Isto significa que 8% dos sujeitos são apagados enquanto 92% são retidos. A probabilidade é .44.

Os informantes M. C. e B. D., ambos membros da 3a. geração e moradores da zona rural de Panambi, apresentam o mesmo valor probabilístico, que é .43.

A informante M. C. apaga 20 sujeitos em 158 ocorrências, isto é 13% dos sujeitos são nulos e 87% dos sujeitos são preenchidos.

No caso do informante B. D. há 4 casos de queda de sujeito em 47 ocorrências. Isto significa que 9% dos sujeitos são apagados enquanto 91% dos sujeitos são retidos.

Os informantes H. A. e N. C. que são da terceira geração, também apresentam um valor idêntico de probabilidade: .38. Eles mostram o mais baixo índice de apagamento de sujeito entre os informantes mais jovens. A informante H. A. mora na zona urbana, apresentando 3 casos de apagamento em 33 ocorrências, isto

é, 9% dos sujeitos são cancelados enquanto 91% dos sujeitos são retidos.

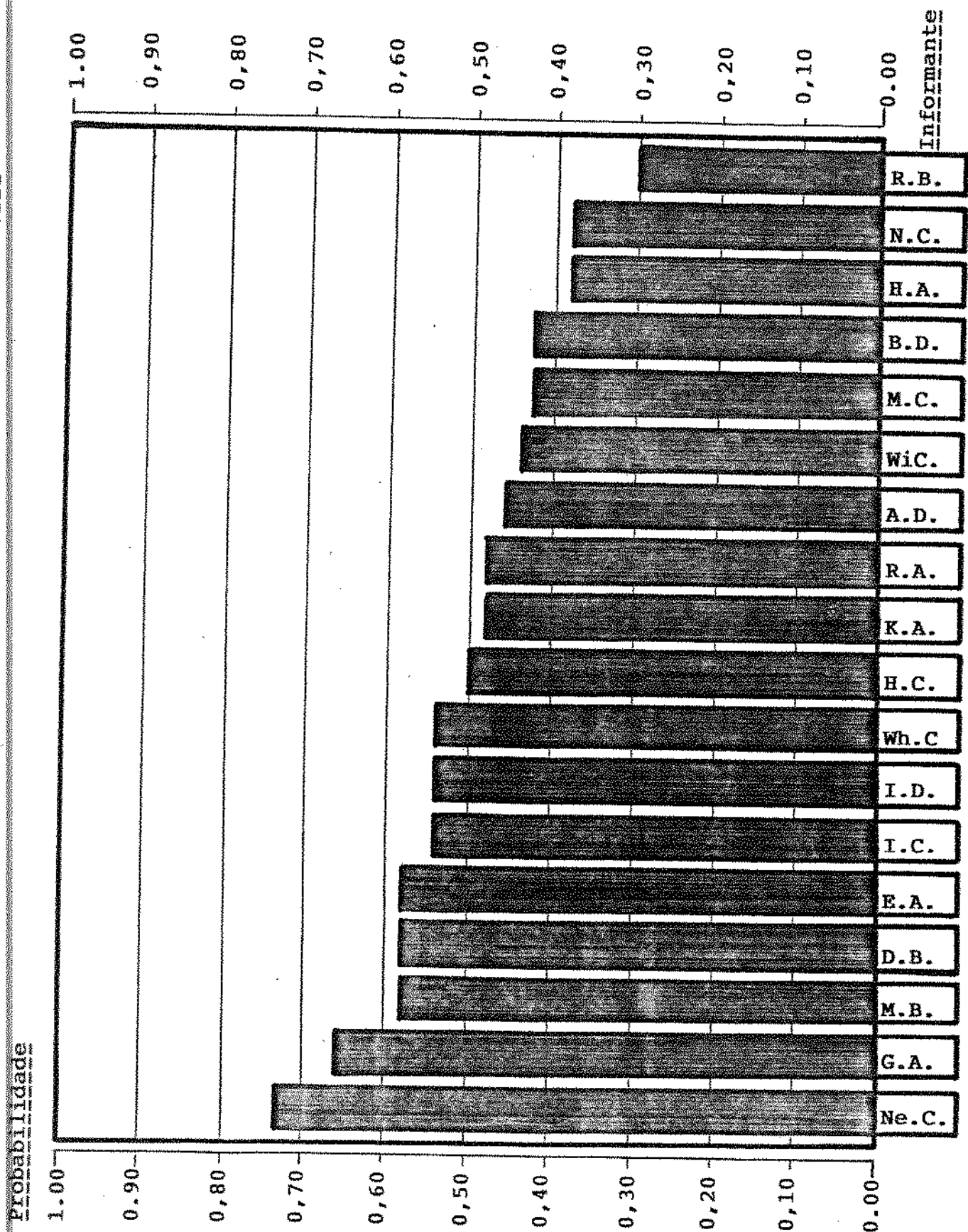
O informante N. C., morador da zona rural, apaga em 156 ocorrências 11 vezes o sujeito. Isto significa que 7% dos sujeitos são nulos enquanto 93% dos sujeitos são preenchidos.

R. B. é o informante que mais retém o sujeito. Ele é da 1ª geração e mora na zona urbana de Panambi. Nos dados desse informante, há 156 ocorrências das quais 6 sujeitos são apagados, isto é, 4% dos sujeitos são cancelados e 96% são preenchidos. A probabilidade é .30.

TABELA 6.8. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES

INFORMANTE	APAGAMENTOS	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
Ne. C.	32	135	24%	.73
G. A.	12	52	25%	.66
M. B.	25	160	16%	.58
D. B.	26	159	16%	.57
E. A.	24	170	15%	.57
I. C.	30	156	19%	.54
I. D.	26	160	16%	.54
Wh. C.	19	158	12%	.54
H. C.	19	160	12%	.50
K. A.	18	162	11%	.48
R. A.	18	160	11%	.48
A. D.	14	151	9%	.46
Wi. C.	13	161	8%	.44
M. C.	20	158	13%	.43
B. D.	4	47	9%	.43
H. A.	3	33	9%	.38
N. C.	11	156	7%	.38
R. B.	6	156	4%	.30
TOTAL	320	2494	13%	

QUADRO 6.4. PROBABILIDADE DE SUJEITO NULO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES



6.2. PRÉ- E PÓSPOSIÇÃO DO SUJEITO

No caso da variável sujeito pré-verbal versus sujeito pós-verbal, estabeleceu-se que a forma subjacente seria o sujeito pré-verbal; contrariamente, o outro lado da variável dependente, que na aplicação dos resultados figurará como aplicação da regra, será o sujeito pós-verbal, conforme exemplificado nas sentenças (82) e (83).

(109) Das Klima isch hier net so gsund. (R113b(213))
O clima é aqui não muito saudável.
 "O clima aqui não é muito saudável."

(110) Nemme se en grosse Schiever mit. (R313e(13))
 Levam eles um bom lanche.
 "Eles levam um bom lanche."

Foram hipotetizados os seguintes grupos de fatores como possíveis condicionadores ou distribuidores percentuais e probabilísticos da amostra de dados para resolver essa variação entre sujeito pré- e pós-verbal.

São eles:

GRUPO 1: TIPO DE ORAÇÃO

A língua alemã padrão é considerada uma língua que tem obrigatoriamente um sujeito pré-verbal. Sabemos, porém, que a língua alemã falada se distingue da língua alemã padrão por po-

der variar entre sujeito pré- e pós-verbal, assim como foi observado por Henn (1978) para o dialeto pfaelzisch (Veja 5.3.2.).

Quanto à língua portuguesa, sabemos que ela permite tanto sujeito pré-verbal como sujeito pós-verbal - o último em construções bem limitadas (ver Kato e Tarallo, (1987) e Kato (1987)).

O grupo de fatores TIPO DE ORAÇÃO foi hipotetizado como possível condicionador para a posposição do sujeito em alemão com o fim de verificar se há tipos de orações que favorecem mais a posposição do sujeito.

Como existe a possibilidade de um sujeito pós-verbal nas duas línguas em contato, no presente estudo, hipotetizamos a possibilidade de interferência sintática do português na estrutura sintática do alemão falado pelos membros da comunidade de Panambi. Deveríamos encontrar então sujeitos pós-verbais na língua alemã falada pelos informantes em ambientes parecidos com os que Kato e Tarallo (1987) determinam para o português. Outra hipótese seria que a aplicação da regra de posposição de sujeito está sofrendo mudanças na gramática dos falantes e que eles a aplicam de maneira generalizada.

Apresentaremos os exemplos para cada um dos sub-fatores a seguir:

INDEPENDENTE

Exemplos:

(iii) Die wohnt in Horizontine. (R223d(46))

Ela mora em Horizontina.

- (112) Hat mer erst mal Angst gehabt bissche. (R223d(3))
 Tem a gente primeiro medo tido um pouco.
 "Primeiro a gente tinha um pouco de medo."

SUBORDINADA

Exemplos:

- (113) Er war auch sehr beliebt gewesen von allen Deutschen,
WEIL ER IMMER GERECHT GEHANDELT HAT, NE. (U2112(43))
 Ele sempre foi querido pelos alemães,
PORQUE ELE SEMPRE JUSTO AGIU.
 "... porque ele sempre agiu justo."
 (114) Ich weiss, WO SIND DIE NESTERCHÉ. (R314k(9))
 Eu sei ONDE ESTÃO OS NINHOS.

COORDENADA ASSINDÉTICA

Exemplos:

- (115) Kein Deutsch gesprochen in die sala,
DIE LEHRERIN LASST'S NET, NE. (R223h(96))
 Não falou alemão na sala de aula,
A PROFESSORA DEIXA ISTO NÃO.
 "NÃO FALAMOS ALEMÃO NA SALA DE AULA,
 a professora não deixa, né."
 (116) Uff oimol im Dunkle haette se gsehn,
HAETT EN AUTO GSTAND. (R313h(64))
 De repente no escuro teriam eles visto,
TERIA UM CARRO PARADO.
 "De repente eles viram no escuro,
 um carro estava parado."

COORDENADA ADITIVA

Exemplos:

- (117) Und die Frau hat dann noch ein kricht
 un noch en Rind. (R213c(52))
 E a mulher tem também mais um recebido
 e mais uma vaca.
 "E a mulher recebeu também mais um e mais uma vaca."

- (118) Un no kam auch einer angefahr

UN IS ER UMKOMM. (R313g(50))
 E aí veio também um outro
 E TEM ELE MORRIDO.
 "... e ele morreu."

COORDENADA ADVERSATIVA

Exemplos:

- (119) Aber mir hatte ja ein Lehrer nur gehabt von die
 erst bis in die viert Klass. (U2228(34))
 Mas nós tínhamos somente um professor da
 primeira até a quarta série.
- (120) Aber sonst ham mir kein Wichts kricht, gell. (R212c(34))
 Mas temos nós nenhuma batida recebido.
 "Mas nós não recebemos batidas."

COORDENADA ALTERNATIVA

Exemplos:

- (121)... oder mir ham hier von Tuerken auch en paar,...
 (U2112(28))
 ... ou nós temos aqui de turcos algumas...
 "... ou nós temos também aqui algumas (crianças) de
 turcos..."
- (122) Oder schlaft der Maxi drinne im Haus mit em Schorli
 oder schlaft er oben am Dachboden vom Haus.
 (U3215(37/38))
 Ou dorme o Maxi dentro da casa com o Schorli
 ou dorme ele em cima, no telhado da casa.
 "ou o Maxi dorme dentro de casa com o Schorli
 ou ele dorme encima, no telhado da casa."

COORDENADA EXPLICATIVA

Exemplo:

- (123) Deshalb tun mer'm heut auch gut pfllege.
 Porisso faremos nos-lo hoje também bem cuidar.
 "Porisso nós também o cuidamos bem hoje em dia."
- (124) Não foram encontrados no corpus exemplos de Coordenadas
 Explicativas com sujeito pré-verbal.

PRINCIPAL

Exemplos:

(125) DIE HENT GENAU UFFPASST,
 wenn die Luft sauber war. (R113b(135))
ELES TÊM COM CUIDADO OLHADO,
 se o ar estava limpo.
 "Eles olharam com todo cuidado,
 se o ar estava limpo."

(126) Oft, wenn unsre Eltern weggang sin,
 SIN MIR HEIM VON DIE SCHUL
 un sin dort geblieb in Magdalene. (R223d(16/17/18))
 Muitas vezes, quando os nossos pais saíam,
 VOLTAMOS NÓS DA ESCOLA
 e ficamos lá em Magdalene.
 "Muitas vezes, quando os nossos pais saíam,
 nós voltávamos da escola
 e ficávamos lá em Magdalene."

GRUPO 3: ENGATILHADORES DE SUJEITO

Na língua alemã padrão, na língua alemã falada e nos vários dialetos regionais alemães, há os chamados engatilhadores de sujeito, que provocam a posposição do sujeito. São eles advérbios temporais, locais, modais e causais, objetos, predicativos e interjeições.

Encontramos casos nos dados em que o sujeito estava posposto sem presença de engatilhador, fenômeno esse que descrevemos como "nada", isto é, não há engatilhador anterior ao verbo.

Vejamos em seguida os exemplos para cada um dos sub-fatores:

ADVÉRBIOS TEMPORAIS

Exemplo:

- (127) NO WARE MER ELF DAG DORT
 un dann sind mer mit em Kueschtedampfer bis Fraie
 gefahre. (R113b(13/14))
 . Aí fomos nós onze dias lá,
 e aí pegamos nós um barco movido por vapor até Fraie
- (128) Dann de Nelson un de Kompanjeiro is laengs. (R313h(29))
 "Aí o Nelson e o companheiro foram embora."

ADVÉRBIOS LOCATIVOS

Exemplo:

- (129) DORI WARE MER VIERZEHN TAG. (R113b(6))
 Lá ficamos nós quatorze dias.
- (130) Aber wisset Se,
hier dann das Volk is dann niedertraechtig.
 (R113b(141-142)).
 Mas sabe a senhora.
aqui aí o povo é aí infame.
 "Mas a senhora sabe
 aqui o povo é infame."

ADVÉRBIOS MODAIS

Exemplo:

- (131) UND SO HAT MER SICH KENNEGLERNT. (R113b(53)).
 E assim tem a gente se conhecido.
 "E assim a gente se conheceu."
- (132) ... sicher 's hat Land. (R214i(176))
 ... sicher es hat Land.
 ... sem dúvida há terra.
 "... há terra sem dúvida."

ADVÉRBIOS CAUSAIS

Exemplo:

- (133) No haette se die Motos dort in-, einstelle in die Kuech,
WEIL SONSI HAETTE SE DIE MOTOS WEGGSTEHLT. (R323h(53/54))
 Aí teriam eles as motos lá guardadas na cozinha,
PORQUE SENÃO TERIAM ELES AS MOTOS ROUBADAS.
 "Aí eles deixaram as motos guardadas lá na cozinha,
 porque senão eles (os ladrões) teriam roubado as motos."
- (134) Also mir machen zueimal oder

dreimal- drei Gaenge sozusagen, ne.
 (U1111(124))
 Então nós fazemos duas vezes ou três
 vezes - três pratos por assim dizer, né.

PREDICATIVO

Exemplo:

(135) RODE HAT ER GEHEISS, Rudi Rode. (R323g(14))
 Rode tem ele chamado, Rudi Rode.
 Rode, ele se chamou, Rudi Rode.

Exemplo com preposição:

Não foram encontrados no corpus exemplos de preposição de
 sujeito no caso dos predicativos.

OBJETO

Exemplo:

(136) Un die hat mer dann auf die Pferdefuhr
 glade, ... (R113b(91))
 E ela tem a gente colocado em cima de uma carroça, ...
 "E a gente a colocou em cima de uma carroça..."

(137) Der, wenn's der merkt, oje. (R13f(91))
 Ele, se isto ele percebe, meu Deus.
 Ele, se é que ele percebe isto, meu Deus.

INTERJEIÇÕES

Exemplo:

(138) AH, HAM SE'N TROFFEN. (R313e(14))
 Ah, encontraram eles ele.
 "Ah, eles o encontraram."

(139) Ha, 's faengt au Feuer. (R224j(32))
 Ha, isto pega também fogo.
 "Ha, isto também pega fogo."

NADA

Exemplo:

(140) Ich hat mich amuesiert mit ihne. (U2213(88))
 Eu tenho me divrtido com eles.
 "Eu me diverti com eles."

(141) HAT MER DIE LEHRERINNE KENNEGLERNT. (R323h(82))
 Conheceu a gente a professora.
 "A gente conheceu a professora."

Foram hipotetizados também fatores de natureza extralingüística. São os mesmos utilizados na análise do sujeito nulo:

1. URBANO e RURAL
2. IDADE
3. SEXO
4. NÚCLEO FAMILIAR
5. INFORMANTE

Esses fatores serão apresentados após a descrição dos dados lingüísticos, à luz da descrição etnográfica da comunidade de fala (ver cap. 7) e do tratamento quantitativo dos dados (ver cap. 7).

6.2.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS

No grupo de fatores sobre o TIPO DE ORAÇÃO, os resultados da avaliação quantitativa demonstram que as coordenadas constituem o ambiente mais favorável à posposição do sujeito, enquanto as subordinadas representam o ambiente menos favorável para sujeitos pospostos.

Conforme as Tabelas 6.5. e 6.9., a seguir reproduzidas, os tipos de oração se distribuem como segue:

As COORDENADAS EXPLICATIVAS e as COORDENADAS ALTERNATIVAS demonstram o maior índice de posposição de sujeito. Em 4 ocorrências de coordenadas explicativas, há 4 casos de sujeito posposto, isto é, 100% têm sujeitos pós-verbais. No caso das coordenadas alternativas, há três casos de posposição de sujeito em cinco ocorrências. Assim, 60% das coordenadas alternativas têm sujeito pós-verbal e 40% têm sujeito pré-verbal.

Em segundo lugar, ficam as COORDENADAS ASSINDÉTICAS. Em 353 ocorrências, há 188 casos de posposição de sujeito, isto significa 53% dos sujeitos são pós-verbais e 47% são pré-verbais.

As PRINCIPAIS ocupam o terceiro lugar, com 104 casos de sujeito posposto em 189 ocorrências. A percentagem dos sujeitos pós-verbais é 57% e 43% dos sujeitos são pré-verbais.

As COORDENADAS ADITIVAS e as INDEPENDENTES ficam em quarto lugar. A COORDENADA ADITIVA conta com 339 ocorrências, das quais 226 casos apresentam sujeito posposto, isto é, 67% dos sujeitos são pospostos e 33% são pré-verbais.

Quanto às INDEPENDENTES, há 344 casos de sujeitos pospostos em 800 ocorrências. Assim, 43% dos sujeitos são pós-verbais, enquanto 57% dos sujeitos são pré-verbais.

As COORDENADAS ADVERSATIVAS ficam em penúltimo lugar. Há 26 casos de sujeito posposto no total de 69 ocorrências. Assim, 37% dos sujeitos são pós-verbais, enquanto 63% dos sujeitos são pré-verbais.

As SUBORDINADAS apresentam o menor índice para o fenômeno de posposição. Em 415 ocorrências, há 21 casos de posposição do sujeito, isto é, 5% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal, e 95% dos sujeitos em posição pré-verbal.

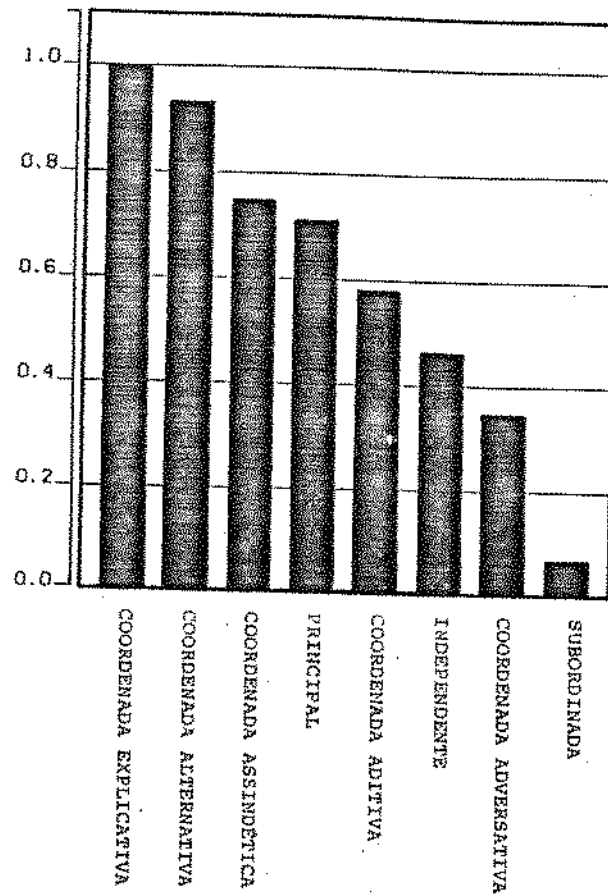
TABELA 6.9. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO	POSPOSIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
Coordenada Explicativa	4	4	100%	1.00
Coordenada Alternativa	3	5	60%	.94
Coordenada Assindética	188	353	53%	.75
Principal	104	189	55%	.72
Coordenada Aditiva	226	339	67%	.59
Independente	344	800	43%	.47
Coordenada Adversativa	26	69	38%	.35
Subordinada	21	415	5%	.07
TOTAL	916	2174	42%	

TABELA 6.10. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO	POSPOSIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM
Coordenada Explicativa	4	4	100%
Coordenada Alternativa + Assindética	191	358	53%
Principal	104	189	55%
Coordenada Aditiva + Independente	570	1139	50%
Coordenada Adversativa	26	69	38%
Subordinada	21	415	5%
TOTAL	916	2174	42%

QUADRO 6.5. PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO



No grupo de fatores sobre ENGATILHADORES DE SUJEITO, os resultados demonstram que os predicativos, objetos e os advérbios locais, temporais, modais e causais constituem um ambiente mais favorável à posposição de sujeito do que a presença de interjeições e a ausência de engatilhadores de sujeito (sub-fator denominado NADA).

Segue-se a descrição da distribuição dos engatilhadores de sujeito (ver Tabelas 6.11. e 6.12.).

PREDICATIVOS e OBJETOS apresentam o maior índice de posposição. Há 16 ocorrências de PREDICATIVOS - todas com posposição do sujeito. Isto significa que 100% dos sujeitos são pós-ver-

bais. No caso dos OBJETOS, os dados apresentam 96 casos de sujeito posposto em 97 ocorrências, ou seja, 99% dos sujeitos são pós-verbais enquanto 1% são sujeitos pré-verbais.

Os ADVÉRBIOS LOCAIS contam com 103 ocorrências das quais 101 apresentam sujeito posposto. Assim, 98% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e 2% em posição pré-verbal.

Os ADVÉRBIOS TEMPORAIS apresentam posposição de sujeito em 446 casos com um total de 458 ocorrências. A percentagem dos sujeitos que ocorrem em posição pós-verbal é 97% e 3% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal.

Os ADVÉRBIOS CAUSAIS e MODAIS apresentam, na avaliação quantitativa, resultados muito próximos. Há 9 ocorrências de ADVÉRBIOS CAUSAIS com 8 posposições de sujeito. Isto significa que 89% dos sujeitos são pós-verbais e 11% dos sujeitos são pré-verbais.

No caso dos ADVÉRBIOS MODAIS, há 40 sujeitos pospostos em 45 ocorrências, isto é, 89% dos sujeitos são pós-verbais enquanto 11% são pré-verbais.

Em 10 orações com INTERJEIÇÕES, 5 sujeitos são pospostos, isto é 50% dos sujeitos são pospostos e 50% dos sujeitos são pré-verbais.

O subfator NADA (= ausência de engatilhador de sujeito) indica o ambiente menos favorável à posposição de sujeito. Em 1436 ocorrências, há 204 casos de posposição de sujeito, isto significa que somente 14% dos sujeitos são pós-verbais enquanto 86% dos sujeitos são pré-verbais.

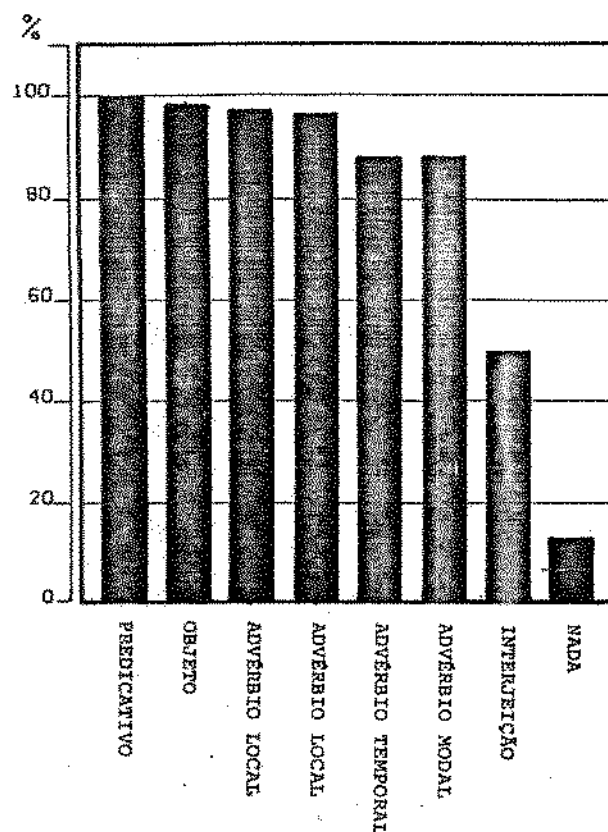
TABELA 6.11. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO

ENGATILHADOR	POSPO-SIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCEN-TAGEM	PROBABI-LIDADE
PREDICATIVO	16	16	100%	1.0
OBJETO	96	97	99%	.94
ADVÉRPIO LOCAL	101	103	98%	.89
ADVÉRPIO TEMPORAL	446	458	97%	.77
ADVÉRPIO CAUSAL	8	9	89%	.63
ADVÉRPIO MODAL	40	45	89%	.43
INTERJEIÇÃO	5	10	50%	.05
NADA	204	1436	14%	.01
TOTAL	916	2174	42%	

TABELA 6.12. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO

ENGATILHADOR	POSPO-SIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCEN-TAGEM
PREDICATIVO	16	16	100%
OBJETO	96	97	99%
ADVÉRPIO - LOCAL - TEMPORAL - CAUSAL - MODAL	595	615	97%
INTERJEIÇÃO	5	10	50%
NADA	204	1436	14%
TOTAL	916	2174	42%

QUADRO 6.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO



Os grupos de fatores que apresentaremos a seguir são todos de natureza extralingüística.

O grupo de fatores URBANO VERSUS RURAL indicou leve diferença quanto à variável da posposição do sujeito.

Conforme a Tabela 6.13 demonstra, encontramos na zona RURAL 549 casos de sujeitos pospostos em 1254 ocorrências, isto é, 44% dos sujeitos são pós-verbais e 56% dos sujeitos são pré-verbais.

Na zona URBANA há 367 sujeitos pospostos em 920 ocorrências. Assim, 40% dos sujeitos são pré-verbais enquanto 60% dos sujeitos são pré-verbais.

TABELA 6.13. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: ZONA URBANA E RURAL

ZONA	POSPO- SIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEM	PROBABI- LIDADE
Rural	549	1254	44%	.54
Urbana	367	920	40%	.46
TOTAL	916	2174	42%	

Os resultados da análise quantitativa do fator extralingüístico IDADE demonstram que é a 3a. geração que pospõe mais os sujeitos. Em 638 ocorrências, há 311 casos de posposição de sujeito. Isto significa que 49% dos sujeitos são pospostos, enquanto 51% dos sujeitos ocorrem na posição pré-verbal.

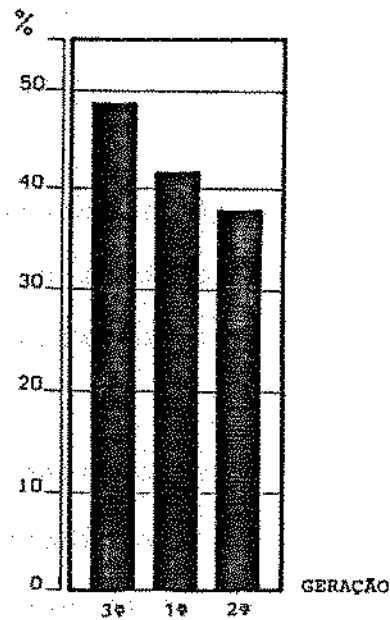
Em segundo lugar, fica a 1a. geração que apresenta, em 573 ocorrências, 239 casos de posposição de sujeito, isto é, 42% dos sujeitos são pós-verbais e 58% são pré-verbais.

A 2a. geração é a faixa etária que menos pospõe sujeitos. Há 366 casos de sujeito posposto em 963 ocorrências. Isto significa que somente 38% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e 62% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal (Ver Tabela 6.14. a seguir).

TABELA 6.14. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: IDADE

Idade	POSPOSIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
3a. Geração	311	638	49%	.60
1a. Geração	239	573	42%	.45
2a. Geração	366	963	38%	.45
TOTAL	916	2174	42%	

QUADRO 6.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: IDADE



O fator extralingüístico SEXO demonstrou nos resultados probabilísticos que as mulheres têm mais tendência a pospor o sujeito do que os homens.

Conforme se verifica na Tabela 6.15., a distribuição se dá como segue: (1) As mulheres apresentam 392 casos de posposição de sujeito em 868 ocorrências, isto é, 45% dos sujeitos são pós-verbais e 55% são pré-verbais. (2) Há 524 casos de posposição nos homens em 1306 ocorrências. Isto significa que 40% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal, enquanto 60% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal.

TABELA 6.15. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: SEXO

SEXO	POSPO- SIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEM	PROBABI- LIDADE
FEMININO	392	868	45%	.58
MASCULINO	524	1306	40%	.42
TOTAL	916	2174	42%	

A avaliação quantitativa do grupo de fatores NÚCLEO FAMILIAR demonstra que as duas famílias da zona urbana, A e B, têm uma probabilidade igual quanto à posposição do sujeito. A família C mostra o valor probabilístico mais baixo quanto à variável dependente.

A Tabela 6.16, a seguir, demonstra que o núcleo familiar A (zona urbana) apresenta 215 posposições de sujeito em 496 ocorrências, isto é, 43% dos sujeitos são pós-verbais e 57% são pré-verbais. A probabilidade é .53. No núcleo familiar B (zona urbana), há 154 posposições de sujeito em 426 ocorrências. Assim, 36% dos sujeitos ocorrem em posposição e 64% ocorrem em pré-posição. O valor probabilístico é também .53.

O núcleo familiar D (zona rural) conta em um total de 315 ocorrências, com 132 casos de sujeito posposto. Isto significa que 42% dos sujeitos são pós-verbais e 58% são pré-verbais. A probabilidade é .52.

A família C é o núcleo familiar que apresenta o valor probabilístico mais baixo quanto à posposição de sujeito. Há 132 casos de posposição de sujeito em 315 ocorrências, isto é, 42% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e 58% em posição pré-verbal. A probabilidade é .42.

TABELA 6.16. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: NÚCLEO FAMILIAR

NÚCLEO FAMILIAR	POSPOSIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
A	215	496	43%	.53
B	154	426	36%	.53
D	132	315	42%	.52
C	115	277	41%	.42
TOTAL	916	2174	42%	

Os resultados da avaliação quantitativa do grupo de fatores INFORMANTES mostram o comportamento lingüístico de cada informante frente à variável dependente da posição do sujeito. Conforme a Tabela 6.17. e o Quadro 6.8., que reproduziremos em seguida, a distribuição hierárquica se deu de tal forma que não podemos agrupar os informantes segundo a sua filiação a uma geração.

O índice mais elevado de posposição, porém, apresentam os informantes H. C., H. A., Ne. C. e B. D.: todos são membros da terceira geração. O índice mais baixo de posposição é dos informantes A. D. (segunda geração, zona rural) e G. A. (terceira geração, zona urbana). Descreveremos a seguir a distribuição dos informantes de maneira minuciosa.

H. C. (terceira geração, zona rural), apresenta, como já mencionamos acima, o índice mais alto de posposição de sujeito. Há 86 casos de sujeito posposto em 140 ocorrências, isto é, 61% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e somente 39% em posição pré-verbal. A probabilidade é de .71. Em seguida, situa-se H. A. (terceira geração, zona urbana) em cujos dados, há 15 casos de posposição em 29 ocorrências. Assim, 52% dos sujeitos são pós-verbais e 48% são pré-verbais. A probabilidade dessa informante é de .66. Ne. C. (3ª geração, zona rural) apresenta 44 posposições de sujeito no total de 103 ocorrências, isto é, 43% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal enquanto 57% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal. A probabilidade de posposição de sujeito dessa informante é de .66.

Em seguida, situa-se B. D. (3ª geração, zona rural) que pospõe 23 sujeitos em 44 ocorrências, isto significa que 52%

dos sujeitos ocorre em posposição e 48% dos sujeitos em pre-posição. Este informante apresenta uma probabilidade de .63.

I. D. (2ª geração, zona rural) pospõe o sujeito em 73 casos em 134 ocorrências. A percentagem dos sujeitos pós-verbais é de 54%, enquanto 46% dos sujeitos são pré-verbais. A probabilidade dessa informante é .60.

Em seguida, vem a informante M. C. (3ª geração, zona rural) que conta com 79 casos de sujeito posposto em 138 ocorrências, isto é, 57% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal, enquanto 43% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal. A probabilidade desse falante é .55.

Segue-se o informante E. A. (1ª geração, zona urbana), que apresenta, em 145 ocorrências, 70 casos de posposição de sujeito. Isto significa que 48% dos sujeitos são pós-verbais e 52% dos sujeitos são pré-verbais. O valor probabilístico é .50.

M. B. (2ª geração, zona urbana) pospõe 45 sujeitos em 135 ocorrências. Assim, 33% dos sujeitos são pospostos, enquanto 67% dos sujeitos encontram-se em pré-posição. A probabilidade dessa informante é .49.

Em seguida vem Wh. C. (1ª geração, zona rural): conta com 61 casos de posposição de sujeito em 141 ocorrências, isto é, 43% dos sujeitos são pós-verbais e 57% são pré-verbais. O valor probabilístico desse falante é .49.

R. A. (2ª geração, zona urbana) apresenta, em 143 ocorrências, 53 casos de posposição. Isto significa que 37% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal enquanto 63% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal. A probabilidade dessa informante é .48.

Há 41 casos de posposição de sujeito em 145 ocorrências, nos dados analisados do informante Wi. C. (2ª geração, zona rural), isto é, 28% dos sujeitos são pós-verbais e 72% dos sujeitos são pré-verbais. O valor probabilístico é .47.

No caso da informante K. A. (2ª geração, zona urbana), encontramos 66 casos de posposição de sujeito em 144 ocorrências. A percentagem dos sujeitos que ocorrem em posposição é 46%, enquanto 54% dos sujeitos ocorrem em pré-posição. A probabilidade é .46.

Segue-se R. B. (1ª geração, zona urbana) que apresenta, em 152 ocorrências, 52 sujeitos pospostos, isto é, 34% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e 66% dos sujeitos em posição pré-verbal. A probabilidade desse informante é .46.

A informante I. C. (2ª geração, zona rural) pospõe 53 sujeitos em 126 ocorrências. Isto significa que 42% dos sujeitos são pós-verbais, enquanto 58% dos sujeitos são pré-verbais. O valor probabilístico desse informante é .45.

Há 55 casos de posposição em 134 ocorrências nos dados da informante D. B. (1ª geração, zona urbana). Assim, 41% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal e 59% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal. A probabilidade de ocorrer sujeito posposto na fala dessa informante é .44.

Em seguida vem N. C. (3ª geração, zona rural). Ele apresenta, em 145 ocorrências, 52 sujeitos pospostos. Isto significa que 36% dos sujeitos ocorrem em posposição e 64% dos sujeitos em preposição. A probabilidade é .39.

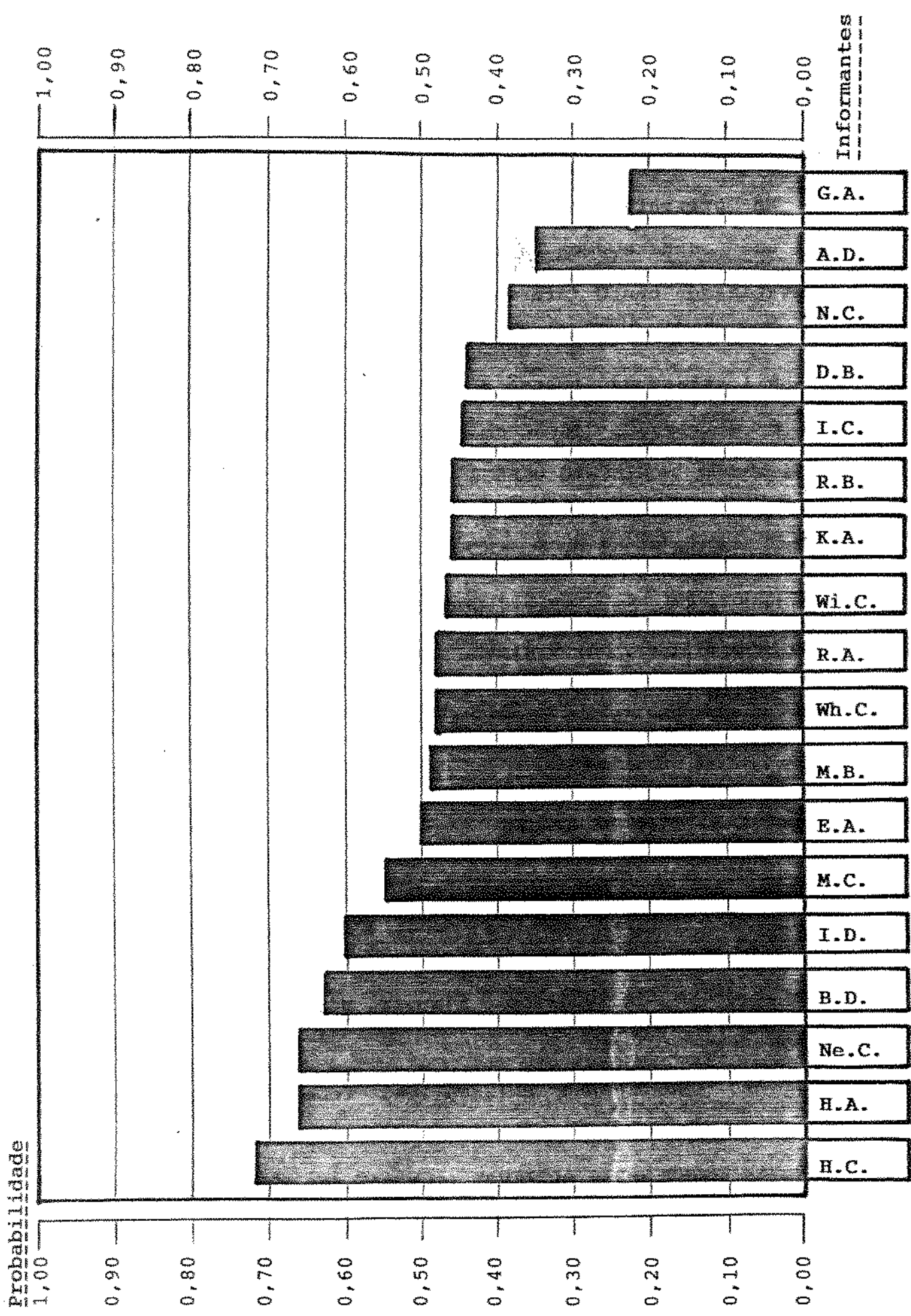
Os informantes A. D. e G. A. são os informantes que menos pospõem. A. D. (2ª geração, zona rural) conta com 36 posposições de sujeito em 137 ocorrências. A percentagem dos sujeitos que são pós-verbais é 26%, enquanto 74% dos sujeitos são pré-verbais. O valor probabilístico é .35.

G. A. (3ª geração, zona urbana) é a informante que menos apresenta posposição de sujeito. Há 12 casos em 39 ocorrências. Isto significa que somente 31% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal, enquanto 79% dos sujeitos ocorrem em posição pré-verbal. A probabilidade desse informante é de .23.

TABELA 6.17. FREQUÊNCIA PERCENTUAL E PROBABILIDADE DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES

INFOR- MANTE	POSPO- SIÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCEN- TAGEM	PROBABI- LIDADE
H. C.	86	140	61%	.71
H. A.	15	29	52%	.66
Ne. C.	44	103	43%	.66
B. D.	23	44	52%	.63
I. D.	73	134	54%	.60
M. C.	79	138	57%	.55
E. A.	70	145	48%	.50
M. B.	45	135	33%	.49
Wh. C.	61	141	43%	.48
R. A.	53	143	37%	.48
Wi. C.	41	145	28%	.47
K. A.	66	144	46%	.46
R. B.	52	152	34%	.46
I. C.	53	126	42%	.45
D. B.	55	134	41%	.44
N. C.	52	145	36%	.39
A. D.	36	137	26%	.35
G. A.	12	39	31%	.23

QUADRO 6.8. - PROBABILIDADE DE PÓSPOSIÇÃO DE SUJEITO NO GRUPO DE FATORES: INFORMANTES



6.3. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 6

No presente capítulo, apresentamos o envelope de variação em que descrevemos minuciosamente as duas variáveis. Hipotetizamos tanto fatores lingüísticos como extralingüísticos como possíveis condicionadores ou distribuidores percentuais e probabilísticos da amostra dos dados.

Primeiramente fornecemos o envelope de variação para a variável PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO.

I. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS DA VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO

GRUPO 1: TIPO DE ORAÇÃO

A análise quantitativa deste sub-fator revelou que as COORDENADAS constituem um ambiente mais favorável ao apagamento de sujeito. Elas se distribuem da seguinte maneira:

1. As COORDENADAS ALTERNATIVAS (com 50% dos sujeitos nulos);
2. As COORDENADAS ADITIVAS (com 24% dos sujeitos nulos);
3. As COORDENADAS ADVERSATIVAS (com 18% dos sujeitos nulos); e

4. As COORDENADAS ASSINDÉTICAS (com 12% dos sujeitos nulos).

Em seguida vem a INDEPENDENTE que apresentou 12% de sujeitos nulos.

Podemos afirmar então que a hipótese estabelecida no capítulo anterior, segundo a qual encontraríamos mais casos de apagamento de sujeito nas COORDENADAS ALTERNATIVAS, ADITIVAS e ASSINDÉTICAS foi verificada.

O grau relativamente alto de queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS (18% de sujeitos nulos) é um fato surpreendente, não descrito na literatura sobre a sintaxe da língua alemã que estava a nossa disposição.

Quanto à queda de sujeito nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS, a análise quantitativa demonstrou que esses tipos de orações apresentam uma percentagem relativamente baixa (8% e 3% de sujeitos nulos respectivamente). Novamente estamos frente a um fenômeno de queda de sujeito não mencionado pelos trabalhos da área da sintaxe da língua alemã.

O caso de sujeitos nulos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS será analisado de maneira mais minuciosa no capítulo que se segue, o 7º da presente dissertação.

As COORDENADAS EXPLICATIVAS são as únicas orações que não apresentam nenhum caso de apagamento de sujeito.

GRUPO 2: CONTEXTO DISCURSIVO

No grupo de fatores "contexto discursivo" da oração, os resultados demonstram que o fator "mais resposta à pergunta" constitui um ambiente mais favorável ao apagamento de sujeito em que 16% dos sujeitos são apagados, do que o contexto "menos resposta" à pergunta, em que a percentagem de queda de sujeito é de 13%.

GRUPO 3: ORDEM DAS PALAVRAS

Este fator foi estabelecido, conforme indicamos anteriormente, com o fim de prover uma descrição das orações com sujeito preenchido, isto é, sem considerar a variável dependente do sujeito nulo. Repetiremos aqui somente os resultados mais significativos. A maioria das orações com sujeito preenchido tem a ordem:

- sujeito -verbo (25%)
- engatilhador + verbo-sujeito + objeto (facultativo) (25%)
- sujeito-verbo-objeto (17%) e
- verbo-sujeito (6%).

II. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS DA VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO

1. URBANO VERSUS RURAL

A análise quantitativa não indicou diferença quanto à variável analisada: a percentagem de queda de sujeito, tanto na zona rural como na zona urbana, é de 13%. A hipótese formulada a partir dos resultados da análise qualitativa da comunidade de fala alemã foi de que encontraríamos mais casos de sujeito apagado nos dados dos informantes da zona urbana não foi verificada.

2. IDADE

Os resultados da análise quantitativa demonstram que a primeira geração, isto é, os imigrantes apresentam o menor índice de apagamento de sujeito (12% dos sujeitos são nulos), a segunda geração tem o segundo maior índice de apagamento de sujeito (13% dos sujeitos são nulos); a terceira geração, os adolescentes, apresenta o número mais elevado de queda de sujeito (14% dos sujeitos são nulos). A hipótese de que encontraríamos mais casos de apagamento de sujeito, a partir da segunda e

especialmente, na terceira geração, por situações de contatos interétnicos mais frequentes, pode ser considerada verificada em parte, porque na realidade os resultados demonstram diferenças percentuais menores entre as três gerações do que esperávamos encontrar.

3. SEXO

A análise quantitativa indicou uma ligeira diferença entre o comportamento lingüístico dos homens e das mulheres frente à variável analisada. Os homens, mais conservadores quanto à retenção do sujeito, apagam somente 11% dos sujeitos, enquanto as mulheres apresentam 15% de sujeitos nulos. Podemos considerar parcialmente verificada a hipótese que levantamos, segundo a qual encontraríamos diferenças entre a fala dos homens e a das mulheres.

4. NÚCLEO FAMILIAR

Os resultados da avaliação quantitativa desse grupo de fatores demonstra que os dois núcleos familiares A e B, ambos da zona urbana, apresentam uma probabilidade maior de apagamento de sujeito do que os núcleos familiares C e D da zona rural. Podemos afirmar, porém, que a diferença é mínima e, assim, a hipótese levantada a

partir da descrição etnográfica da comunidade de fala alemã de Panambi de que encontraríamos a língua alemã mais conservada nos núcleos familiares da zona rural do que nos da zona urbana não foi verificada.

5. INFORMANTE

A análise quantitativa neste grupo de fatores não confirmou a hipótese que estabelecemos para este grupo de fatores, segundo o qual encontraríamos um comportamento lingüístico mais ou menos homogêneo entre os membros de uma mesma geração. Encontramos informantes da 1ª, da 2ª e da 3ª geração com um valor relativamente elevado de apagamento de sujeito na ponta da hierarquia, como também achamos falantes da 1ª, da 2ª e da 3ª geração nos últimos lugares da hierarquia.

Num segundo momento desse capítulo, apresentamos o envelope de variação para a variável PRÉ- VERSUS POSPOSIÇÃO DE SUJEITO.

I. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS DA VARIÁVEL PRÉ-VERSUS POSPOSIÇÃO DE SUJEITO

GRUPO 1: TIPO DE ORAÇÃO

A análise quantitativa deste sub-grupo revelou que as COORDENADAS constituem o ambiente mais favorável à

posposição do sujeito. Elas se distribuem da seguinte maneira:

1. AS COORDENADAS EXPLICATIVAS (com 100% de sujeitos pós-verbais)
2. AS COORDENADAS ALTERNATIVAS (com 60% de sujeitos pós-verbais)
3. AS COORDENADAS ASSINDÉTICAS (com 53% de sujeitos pospostos)
4. AS PRINCIPAIS (com 57% de sujeitos pós-verbais)
5. AS COORDENADAS ADITIVAS (com 67% de sujeitos pós-verbais)
6. AS INDEPENDENTES (com 43% de sujeitos pós-verbais)
7. AS COORDENADAS ADVERSATIVAS (com 37% de sujeitos pós-verbais)

O menor índice para o fenômeno da posposição do sujeito apresentam as SUBORDINADAS com 5% de sujeitos pós-verbais.

GRUPO 2: ORDEM DAS PALAVRAS

Este fator foi estabelecido, conforme indicamos anteriormente, somente com o fim de oferecer uma descrição. Como nós já descrevemos os resultados deste grupo de fatores para a variável sujeito preenchido versus sujeito nulo, não repetiremos aqui os resultados.

GRUPO 3: ENGATILHADORES

Os resultados da análise quantitativa deste sub-fator demonstram que os PREDICATIVOS, os OBJETOS e ADVÉRBIOS LOCAIS, TEMPORAIS, CAUSAIS e MODAIS constituem o ambiente mais favorável à posposição de sujeito. Vejamos como elas se distribuem:

1. OS PREDICATIVOS (com 100% de sujeitos pós-verbais)
2. OS OBJETOS (com 99% dos sujeitos em posição pós-verbal)
3. OS ADVÉRBIOS LOCAIS (com 98% dos sujeitos em posição pós-verbal)
4. OS ADVÉRBIOS TEMPORAIS (com 97% dos sujeitos em posição pós-verbal)
5. OS ADVÉRBIOS CAUSAIS e MODAIS (com 89% dos sujeitos em posição pós-verbal)

As INTERJEIÇÕES ficam em penúltimo lugar com a ocorrência de 50% de sujeitos pospostos. O subfator NADA (= ausência de engatilhador de sujeito) demonstra o ambiente menos favorável à posposição de sujeito, com 14% de sujeitos pós-verbais.

II. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS DA VARIÁVEL PRÉ-VERSUS POSPOSIÇÃO DE SUJEITO

1. URBANO E RURAL

A análise quantitativa deste sub-fator demonstrou que foram encontrados 44% sujeitos pospostos nos dados dos

informantes da zona rural e 40% de sujeitos pós-verbais nos dados dos informantes da zona urbana. Desta maneira, podemos afirmar que há uma leve diferença quanto à posposição de sujeito nas duas zonas.

2. IDADE

Os resultados da análise quantitativa do fator idade podem ser considerados significativos porque demonstrou-se diferenças entre as três gerações quanto a variável analisada. A 3ª geração apresenta o maior número de posposição de sujeito e por isso se situa na ponta da hierarquia, com 49% de sujeitos pospostos. Em segundo lugar, fica a 1ª geração, que apresenta 42% dos sujeitos em posição pós-verbal. A 2ª geração ocupa o último lugar da hierarquia, com 38% dos sujeitos pospostos.

3. SEXO

A análise quantitativa deste sub-fator demonstrou que as mulheres têm mais tendência a pospor sujeitos (a percentagem é de 45%) do que os homens (a percentagem é de 40%).

4. NÚCLEO FAMILIAR

Os resultados da análise quantitativa referentes ao sub-grupo núcleo familiar demonstram uma diferença

probabilística gradativa dos núcleos familiares A (.53 de sujeitos pospostos) e B (.53 de sujeitos pós-verbais) para o núcleo familiar D (.52 dos sujeitos são pospostos) quanto à posposição do sujeito. O núcleo familiar C apresenta o menor índice de posposição de sujeito (.42 dos sujeitos são pós-verbais).

5. INFORMANTE

A avaliação quantitativa do grupo de fatores informantes demonstrou que a distribuição hierárquica se deu de tal forma que não foi possível agrupar os informantes segundo a sua filiação a uma geração, pois encontramos informantes da 3ª geração com um valor probabilístico relativamente alto de posposição de sujeito na ponta da hierarquia, para depois achar falantes da 1ª, da 2ª e da 3ª geração com diferentes valores probabilísticos de posposição de sujeito ocupando diferentes lugares na hierarquia.

No capítulo que segue, o 7º da presente dissertação, apresentaremos os comentários finais sobre as duas variáveis em questão.

NOTAS DO CAPÍTULO 6

- (1) U = urbano (em oposição a R = rural)
 1 = 1ª geração (em oposição a 2, 3 = 2ª e 3ª geração)
 1 = masculino (em oposição a 2 = feminino)
 1 = família 1 (em oposição a 2, 3, 4)
 1 = informante 1 (até 9, a até k)
 2 = número da ficha da narrativa do informante em nosso arquivo

- (2) O termo "Ausklammerung" poderia ser traduzido para o português como fateamento. Explicaremos a seguir o que é Ausklammerung (fateamento), introduzindo primeiramente a noção de Satzklammer.

Uma das características mais significativas da construção da frase alemã é a chamada "Satzklammer" ou "Satzrahmen". Em orações afirmativas ou interrogativas, um predicado, que se compõe de vários elementos, pode ter uma ordem descontínua de tal forma que este predicado forme um Rahmen ou uma Klammer.

Rath (1979: 166) dá o seguinte exemplo para "Satzklammer":

- (1) Gestern bin ich erst gegen 9Uhr aufgestanden.

|-----|

Satzklammer

(Rath, 1979: 160)

Ontem fui eu somente perto das 9 horas levantar.

Ontem eu me levantei somente perto das 9 horas.

Na língua falada existe a possibilidade de quebrar a "Satzklammer", tirando elementos para fora da "Klammer" e colocando-os no final da sentença. Esse tipo de construção é denominado "Ausrahmung" ou "Ausklammerung" (fateamento).

Um exemplo para o fateamento é o que se segue:

Er kam gestern an in unserer Stadt.

|-----| |-----|

Ausklammerung

(Rath, 1979: 160)

Ele chegou ontem à nossa cidade.

Ontem ele chegou à nossa cidade.

- (3) Engatilhadores de sujeito podem ser tanto advérbios temporais, locais modais e causais, como também objetos, predicativos e interjeições.

- (4) Veja por exemplo Rath (1979, p. 138). Reproduziremos a seguir um exemplo dado por ele.

Exemplo:

Pergunta: Hat Peter seinen Brief bekommen?

Tem Pedro a carta dele recebido?

Pedro recebeu a carta dele?

RESPOSTAS POSSÍVEIS PROPOSTAS POR RATH:

- resposta explícita:

Ja, Peter hat den Brief bekommen.

Sim, Pedro tem a carta recebido.

Sim, Pedro recebeu a carta.

- resposta não explícita, isto é, pronominalizada:

Ja, er hat ihn bekommen.

Sim, ele tem a recebido.

Sim, ele a recebeu.

- resposta elíptica:

Ja.

Sim.

OUTRA RESPOSTA POSSÍVEL (exemplo nosso):

- resposta que apresenta queda de sujeito:

Ja. [] Hat ihn bekommen.

Sim. [] tem a recebido.

Sim. [] Recebeu-a.

- (5) Neste caso o valor da probabilidade tem mais força explicativa do que o valor em percentagem. O valor da probabilidade mede o efeito de aplicação de regras em relação a um fator independente do efeito dos outros fatores. O valor da probabilidade é um resultado não mascarado, de peso absoluto.

7. COMENTÁRIOS FINAIS SOBRE AS DUAS VARIÁVEIS ANALISADAS

7.0. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A análise quantitativa, que apresentamos no capítulo anterior da presente dissertação, revelou resultados significativos para as duas variáveis.

Em 7.1. forneceremos os comentários finais sobre a variável preenchimento versus queda de sujeito. Os resultados dessa análise quantitativa mostraram que há quedas de sujeito em ambientes, isto é, em determinados tipos de orações, onde elas estão previstas pela própria gramática da língua alemã. São elas as COORDENADAS ADITIVAS, ALTERNATIVAS e ASSINDÉTICAS e as INDEPENDENTES. Porém, há quedas de sujeitos em tipos de orações onde acreditamos que elas não são aceitáveis, isto é, a língua alemã falada em Panambi apresenta categorias vazias que não constam na literatura consultada. Essas categorias vazias são classificadas em 7.1.1. segundo o modelo desenvolvido por nós no capítulo 5 da presente dissertação.

Em 7.1.2. faremos uma comparação das categorias vazias da língua alemã falada na Alemanha, da língua alemã falada em Panambi e da língua portuguesa do Brasil. Para a melhor interpre-

tação dessas categorias vazias da língua alemã falada em Panambi, realizaremos em 7.1.3. o chamado cruzamento de fatores. Cruzaremos o fator lingüístico TIPO DE ORAÇÃO com os fatores extralingüísticos IDADE e INFORMANTE. Em 7.1.4. tentaremos interpretar os dois resultados mais importantes desse cruzamento de fatores: as diferenças percentuais significativas que encontraremos nos casos da retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados das três gerações e a homogeneidade da 1ª GERAÇÃO em oposição a heterogeneidade da 2ª e da 3ª GERAÇÃO. Finalmente, em 7.1.5. apresentaremos as conclusões preliminares da variável preenchimento versus queda de sujeito. Em 7.2. apresentaremos os comentários finais sobre a variável pré- versus posposição de sujeito. Os resultados da análise quantitativa dessa variável revelaram a importância do fator "engatilhadores de sujeito". Se há um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração, seja ele um predicativo, um objeto ou um advérbio temporal, local, modal ou causal, então a posposição de sujeito é quase categórica. Mas há também posposições de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração, sub-fator que denominamos "NADA" em nossa análise. E são justamente esses dois tipos de posposições de sujeito que distinguimos em 7.2.1. onde forneceremos exemplos para descrevê-los dentro de um modelo que desenvolvemos anteriormente.

Em 7.2.2. forneceremos uma comparação desses dois tipos de posposições de sujeito na língua alemã falada na Alemanha com aqueles que ocorrem na língua alemã falada em Panambi. Em 7.2.3. realizaremos o cruzamento de fatores ENGATILHADORES DE

SUJEITO com ZONA, IDADE e INFORMANTE para obter a distribuição percentual dos dois tipos de posposição nos dados dos informantes. Os resultados mais interessantes desse cruzamento de fatores serão apresentados em 7.2.4.: a alta ocorrência de posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração nos dados dos informantes que constituem a amostra da zona rural e da 2ª e da 3ª geração e o comportamento linguístico muito heterogêneo de informantes da 1ª, 2ª e da 3ª geração.

As conclusões preliminares dessa variável serão apresentadas em 7.2.5.

7.1. A VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO:

COMENTÁRIOS FINAIS

7.1.1. CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI

Nessa seção temos como objetivo básico a tentativa de interpretar as categorias vazias que a língua alemã falada em Panambi permite. Para esse fim classificaremos tais categorias vazias segundo o modelo modificado de Huang que desenvolvemos em 5.3.1. (veja a Tabela 7.1. reproduzida à página seguinte).

TABELA 7.1. CATEGORIAS VAZIAS NO ALEMÃO FALADO EM PANAMBI

TIPOS DE CV	LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PA- NAMBI	EXEMPLOS
Sujeito nulo(pro) em ora- ções sem marcação de tem- po?	SIM	(126) ... sicher's hat Land, aber's fangt an fehlt. (R214i(178_9)). ... com certeza há terra, mas ela começa a falta. "... com certeza há terra, mas ela começa a faltar."
Sujeito nulo(pro) em Su- bordina- das?	SIM	(127) Aber so, ihne hat's gefalle, weil () kamen immer wieder. (U5513(92_3)). Mas mesmo assim, eles tem gos- tado, porque vieram sempre no- vamente. "Mas mesmo assim, eles gosta- ram, porque sempre vieram no- vamente."
Sujeito nulo(pro) em COOR- DENADAS (aditi- vas, al- ternati- vas e as- sindéti- cas)	SIM	(128) Unser Gepaeck haette se solle hierrum halte und () hent's ruffglasse nach Barrel. (R113b(29)). A nossa bagagem teriam eles parado aqui, e () tem ele levado para cima para Barrel. "A nossa bagagem eles deveriam ter deixado aqui, mas a leva- ram para Barrel."
Sujeito nulo(pro) em COOR- DENADAS ADVERSA- TIVAS	SIM	(129) Mir ham immer anser Bier, aber in Panambi selte mol ins Wirtshaus gang. (R213c(68)) Nós temos sempre a nossa cerveja, mas em Panambi raras vezes a um bar fomos. "Nós sempre temos a nossa cerveja, mas em Panambi fomos raras vezes à um bar."
Objeto nulo (pro)?	NÃO	/
Tópico nulo?	SIM	(130) () Durfte nich aus em Bett raus. (R223d(109)). () Podiam não sair da cama. "Não podiam sair da cama."

7.1.2. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALEMÃ DA ALEMANHA, DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI E DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

Gostaríamos, neste momento, de comparar as categorias vazias que a língua alemã falada na Alemanha permite com aquelas que ocorrem na língua alemã falada em Panambi. Faremos isto na Tabela 7.2., abaixo reproduzida.

TABELA 7.2. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS PERMITIDAS NA LÍNGUA ALEMÃ NA ALEMANHA COM AS QUE OCORREM NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI

TIPOS DE CV	LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA	LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI
Sujeito nulo (pro) em orações sem marcação de tempo?	SIM	SIM
Sujeito nulo (pro) em SUBORDINADAS?	NÃO	SIM
Sujeito nulo (pro) em COORDENADAS (aditivas, alternativas e assindé- ticas)?	SIM	SIM
Sujeito nulo (pro) em Coordenadas Adversa- tivas?	?	SIM
Objeto nulo (pro)	NÃO	NÃO
Tópico nulo?	SIM	SIM

A Tabela 7.2. mostra que, de um lado, acontecem apagamentos de sujeitos em ambientes onde aquilo está previsto pela própria gramática da língua alemã. São eles as ORAÇÕES SEM MARCAÇÃO DE TEMPO, as COORDENADAS ADITIVAS, ALTERNATIVAS E ASSINDÉTICAS. Queda de sujeito ocorre também em posições topicais nas ORAÇÕES INDEPENDENTES. De outro lado, essa mesma Tabela apresenta quedas de sujeito em ambientes que não constam da bibliografia à nossa disposição. São eles as COORDENADAS ADVERSATIVAS que apresentam 18% de sujeitos nulos e as SUBORDINADAS que apresentam 3% de sujeitos não preenchidos.

O único recurso que temos para avaliar esse fenômeno, é a nossa intuição como falantes nativos da língua alemã.

Para nós, as coordenadas adversativas e subordinadas que apresentam sujeito nulo, como descrito nos exemplos (129) e (127), não são aceitáveis. Como pesquisamos uma situação de contato entre duas línguas, a língua alemã com a língua portuguesa, seria interessante tentar relacionar a queda de sujeito nas subordinadas e nas coordenadas adversativas, que observamos nos dados dos informantes, com essa situação de contato que descrevemos de maneira mais explícita nos capítulos 3 e 4 da presente dissertação.

Antes de entrar numa discussão mais profunda desta pergunta, gostaríamos de comparar as categorias vazias permitidas na língua falada na Alemanha e na comunidade de fala alemã de Panambi com aquelas que a língua portuguesa permite (veja a Tabela 7.3. reproduzida à página seguinte).

TABELA 7.3. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS VAZIAS DA LÍNGUA ALEMÃ DA ALEMANHA, DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI E DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

TIPOS DE CV	LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA	LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI	LÍNGUA PORTUGUESA
Sujeito nulo (pro) em orações sem marca- ção de tempo?	SIM	SIM	SIM
Sujeito nulo (pro) em SUBORDINADAS?	NÃO	SIM	SIM
Sujeito nulo (pro) em COORDENADAS (adi- tivas, alternativas e assindéticas)?	SIM	SIM	SIM
Sujeito nulo (pro) em Coordenadas Adver- sativas?	NÃO	SIM	SIM
Objeto nulo (pro)	NÃO	NÃO	NÃO (1)
Tópico nulo?	SIM	SIM	SIM

A Tabela 7.3. indica que na língua alemã falada em Panambi, parecem acontecer mudanças ao nível sintático: ela permite, como a língua portuguesa, queda de sujeito nas coordenadas adversativas e nas subordinadas. A percentagem de queda de sujeito é maior nas coordenadas adversativas, que apresentam 18% de sujeitos nulos, do que nas subordinadas onde somente 3% dos sujeitos são nulos, isto é, 97% dos sujeitos continuam preenchidos. (2)

A maneira mais adequada para se resolver se as quedas de sujeito nesses dois tipos de orações constituem realmente uma mudança ao nível sintático, seria dispormos de um corpus da

língua alemã atualmente falada na Alemanha, que fosse colhido com a mesma metodologia que aplicamos no presente estudo para a análise e quantificação dos dados. Poderíamos, então, comparar os resultados das duas análises quantitativas e através dessas comparações, determinar se estamos ou não estamos frente a um fenômeno de interferência da sintaxe da língua portuguesa sobre a da língua alemã, quanto ao apagamento de sujeito nas coordenadas adversativas e nas subordinadas.

Como não dispomos da possibilidade de estudar duas comunidades de fala alemã, sendo uma na Alemanha e a outra aqui no Brasil, de maneira contrastiva, resta um outro caminho para abordar o apagamento de sujeito nos dois tipos de orações acima mencionados: o cruzamento dos fatores (cross-tabulation).

Cruzaremos o fator lingüístico TIPO DE ORAÇÃO com os fatores extralingüísticos:

- idade e
- informante.

Se encontrarmos diferenças percentuais entre os membros da 1ª, da 2ª e da 3ª geração quanto à queda de sujeito nas coordenadas adversativas, nas principais e nas subordinadas, teríamos mais um índice de que estão acontecendo mudanças ao nível da sintaxe do alemão falado pelos informantes. Podemos levantar, então, uma nova hipótese a ser verificada através do cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO com IDADE e INFORMANTE, que apresentaremos na seção que se segue:

Suponhamos, com base em nossas observações obtidas através da descrição etnográfica da comunidade de fala alemã, que os informantes da 1ª geração tenham sido confrontados com menos

situações de contato e por isso teriam aprendido a língua portuguesa ou de maneira muito rudimentar ou a teriam aprendido numa idade mais avançada, quando alguns desses informantes se mudaram da zona rural para a zona urbana de Panambi. Isto significa que estabelecemos a hipótese de que os membros da 1ª geração teriam uma gramática do alemão conservada. Já o caso dos informantes da 2ª e da 3ª geração é outro. Eles tiveram e continuam tendo muitas situações de contato com as duas línguas, começando pelo fato de a língua de ensino ter sido, para essas duas gerações, a língua portuguesa e pelas situações de comunicação diárias que podem ser realizadas tanto em alemão como também em português, dependendo do interlocutor. Resumindo tudo o que foi dito, acreditamos encontrar mais casos de queda de sujeito nas coordenadas adversativas, principais e nas subordinadas nos dados dos informantes da 2ª e da 3ª geração do que nos dados dos informantes da 1ª geração.

7.1.3. O CRUZAMENTO DE FATORES: UM RECURSO PARA INTERPRETAR OS RESULTADOS

Como já mencionamos na seção anterior, recorreremos a uma análise quantitativa muito específica, que é denominada de CRUZAMENTO DE FATORES na literatura sociolinguística.

Ela se distingue da análise quantitativa que apresentamos no capítulo 6 de maneira significativa. A diferença entre as duas análises quantitativas encontra-se relacionada ao número de fatores linguísticos ou extralinguísticos que podem ser descritos. Enquanto a primeira fornece resultados percentuais e probabilísticos quanto à aplicação da variável dependente de queda de sujeito para um único fator linguístico ou extralinguístico, o cruzamento de fatores fornece resultados percentuais para dois fatores que podem ser tanto de natureza linguística como também de natureza extralinguística. Assim, podemos cruzar o fator linguístico TIPO DE ORAÇÃO que se revelou ser o mais significativo com os fatores extralinguísticos IDADE e INFORMANTE para determinar como as gerações em geral e cada informante em particular, fazem uso da variável dependente de queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, PRINCIPAIS e SUBORDINADAS.

7.1.3.1. CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO COM IDADE

O primeiro cruzamento dos fatores que realizamos foi cruzar o fator linguístico TIPO DE ORAÇÃO com o fator extralinguístico IDADE, para fins de se verificar se encontramos mais retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados da 1ª GERAÇÃO do que nos dados da 2ª e da 3ª GERAÇÃO.

Vejamos agora a Tabela 7.4., abaixo reproduzida, onde apresentaremos os resultados desse cruzamento de fatores.

TABELA 7.4. : CRUZAMENTO DOS FATORES:
IDADE x TIPO DE ORAÇÃO

IDADE	VARIÁVEL		INDE- PENDEN- TE	COORD. ASSIN- DÉTICA	COORD. ADITI- VA	COORD. ADVER- SATIVA	SUBOR- DINADA	PRINCI- PAL	COORD. EXPLI- CATIVA	COORD. ALTER- NATIVA	TOTAL
1ª	g	Ocorrência	20	9	42	0	1	2	0	1	75
		Porcentagem	9%	8%	27%	0%	1%	6%	0%	100%	12%
	s	Ocorrência	199	101	115	25	95	33	1	0	568
		Porcentagem	91%	92%	73%	100%	99%	94%	100%	0%	68%
2ª	g	Ocorrência	49	26	36	12	8	9	0	4	144
		Porcentagem	13%	15%	23%	26%	4%	8%	0%	57%	13%
	s	Ocorrência	332	151	121	34	213	111	2	3	967
		Porcentagem	87%	85%	77%	74%	96%	92%	100%	43%	87%
3ª	g	Ocorrência	42	15	30	3	5	6	0	0	101
		Porcentagem	14%	13%	23%	23%	4%	12%	0%	0%	14%
	s	Ocorrência	269	101	103	10	108	45	1	2	639
		Porcentagem	86%	87%	77%	77%	96%	88%	100%	100%	86%
TOTAL	g	Ocorrência	111	50	108	15	14	17	0	5	320
		Porcentagem	12%	12%	24%	18%	3%	8%	0%	50%	13%
	s	Ocorrência	800	353	339	69	415	189	4	5	2.174
		Porcentagem	88%	88%	76%	85%	97%	92%	100%	50%	87%

A Tabela 7.4., acima reproduzida, revelou resultados sig-
nificativos para as COORDENADAS ADVERSATIVAS, as PRINCIPAIS e
as SUBORDINADAS.

Trataremos a seguir dos resultados do cruzamento de fatores para cada um desses tipos de orações nas figuras 7.1. e 7.2. para depois compará-los na Figura 7.3.

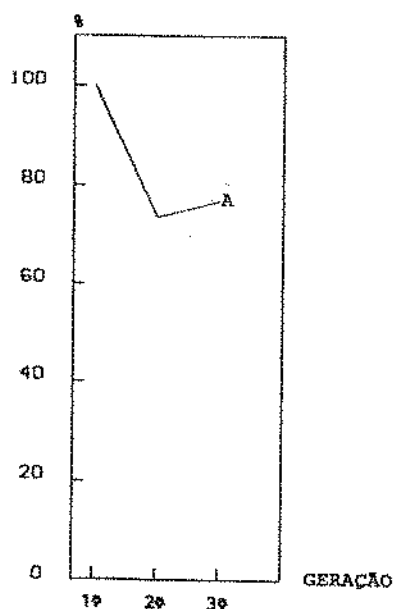
7.1.3.1.1. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS COORDENADAS ADVERSATIVAS

O cruzamento de fatores COORDENADAS ADVERSATIVAS com IDADE confirmou a hipótese estabelecida segundo a qual encontraríamos diferenças significativas entre as três gerações quanto à retenção de sujeito nesse tipo de oração.

O preenchimento de sujeito é de 100% no caso das coordenadas adversativas nos dados da 1ª GERAÇÃO, que apresentam um número total de 25 orações desse tipo. A retenção de sujeito diminui nos dados dos informantes que fazem parte da 2ª GERAÇÃO - em 46 ocorrências totais somente 34 apresentam sujeito preenchido - a percentagem de preenchimento de sujeito é de 74%. A 3ª GERAÇÃO, que apresenta em 13 ocorrências totais 3 casos de queda de sujeito nas coordenadas adversativas, apresenta um leve aumento de retenção de sujeitos em comparação com a 2ª GERAÇÃO - 77% dos sujeitos são preenchidos.

Vejamos agora a FIGURA 7.1. que visualizará a frequência percentual de retenção de sujeito nas coordenadas adversativas nos dados dos informantes.

FIGURA 7.1. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES



7.1.3.1.2. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

Para as PRINCIPAIS e as SUBORDINADAS verificou-se também a hipótese segundo a qual esperávamos encontrar diferenças quanto à retenção de sujeito nesses tipos de orações nos dados das três gerações.

A 1ª GERAÇÃO apresenta um total de 35 PRINCIPAIS, das quais duas apresentam um sujeito nulo - isto é, 94% dos sujeitos são preenchidos. No caso das SUBORDINADAS que apresentam um total de 96 casos, ocorre somente um único caso de apagamento de sujeito. Verificamos os dados e descobrimos que essa subordinada é uma subordinada passiva sem agente - uma construção muito comum na língua alemã que excluimos do corpus, reduzindo o número de subordinadas para 95 casos (3).

Nos dados dos informantes da 2ª GERAÇÃO há 120 casos de PRINCIPAIS, das quais 111 apresentam um sujeito preenchido - isto é, 92% dos sujeitos são retidos. Na fala destes informantes ocorrem 221 SUBORDINADAS, com 9 casos de queda de sujeito.

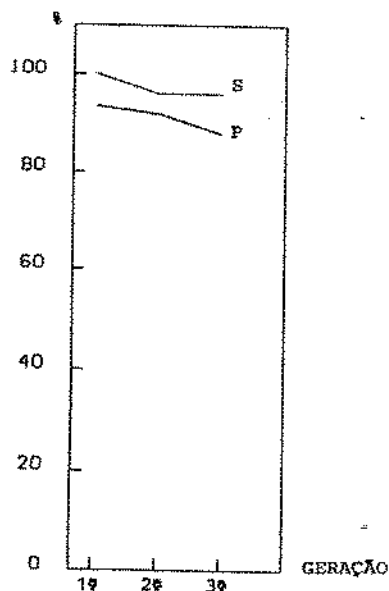
Verificamos todos esses casos e encontramos uma subordinada passiva sem agente nos dados dos informantes que constituem a amostra para a 2ª GERAÇÃO. Não levaremos em conta essa subordinada, de maneira que assim o número de casos de subordinadas analisadas que apresentam queda de sujeito se reduz para 7, isto é, 4% dos sujeitos nesse tipo de oração são nulos, enquanto 96% dos sujeitos continuam preenchidos.

A 3ª GERAÇÃO é aquela que apaga mais sujeitos nas PRINCIPAIS. Em 51 ocorrências totais, 45 apresentam sujeito preenchido - isto é, somente 88% das principais apresentam retenção de sujeito. Ocorrem também 113 SUBORDINADAS, das quais uma é uma subordinada passiva sem agente, que não levaremos em conta. Assim a ocorrência total se reduz a 112 subordinadas, das quais 4 apresentam queda de sujeito. Isto é, 96 dos sujeitos são preenchidos e 4% dos sujeitos são nulos - o valor percentual é o

mesmo como o da 2ª geração.

Vejamos agora a Figura 7.2. onde mostraremos a frequência percentual de retenção de sujeito nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados das três gerações.

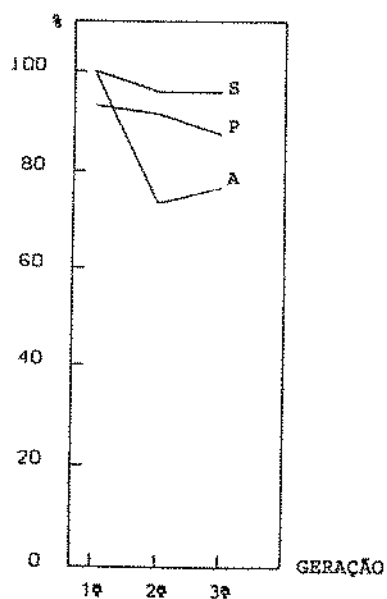
FIGURA 7.2. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS PRINCIPAIS (P) E SUBORDINADAS (S) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES



7.1.3.1.3. COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES:
COORDENADAS ADVERSATIVAS, PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
COM IDADE

Se compararmos a retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados dos membros das três gerações, chegamos à Figura 7.3. a seguir reproduzida.

FIGURA 7.3. COMPARAÇÃO DA RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A), NAS PRINCIPAIS (P) E NAS SUBORDINADAS (S).



O gráfico da Figura 7.3. mostra que o fator IDADE realmente é um fator muito forte para a interpretação das categorias vazias da língua alemã falada em Fanambi.

é a 1ª GERAÇÃO que faz uso exclusivo da variável sujeito preenchido nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS. Podemos argumentar então que para ela a aplicação da regra de preenchimento de sujeito nesses dois tipos de orações é categórica, isto é, a gramática dos falantes que constituem a 1ª GERAÇÃO, não prevê a possibilidade de queda de sujeito para as COORDENADAS ADVERSATIVAS e SUBORDINADAS.

No caso das PRINCIPAIS a gramática desses informantes parece prever a possibilidade de apagamento de sujeito, porque somente 96% dos sujeitos são retidos nesse tipo de oração.

A 2ª e a 3ª GERAÇÃO fazem uso tanto da variável sujeito preenchido como também da variável sujeito nulo nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS. No caso das PRINCIPAIS observa-se um aumento gradativo de casos de apagamento de sujeito da 2ª para a 3ª geração. Podemos interpretar essas variações acima descritas como um sinal de que estão acontecendo mudanças sintáticas na gramática dessas duas gerações no caso dos três tipos de orações acima mencionados.

Outro fato interessante que o Quadro 7.3. revela é que a queda de sujeito se manifesta com mais força, pelo menos em termos de percentagem, nas COORDENADAS ADVERSATIVAS do que nas SUBORDINADAS.

Um outro fato curioso é que a ocorrência de sujeitos nulos é maior nos dados da 2ª GERAÇÃO do que nos dados da 3ª GERAÇÃO.

7.1.3.2. CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO COM INFORMANTE

O segundo cruzamento de fatores que realizamos foi cruzar o fator lingüístico TIPO DE ORAÇÃO com o fator extralingüístico INFORMANTE. O nosso interesse foi verificar se o comportamento lingüístico entre os informantes que constituem uma geração é mais ou menos homogêneo quanto ao uso da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS. Verificaremos então se a difusão da variável dependente é total, isto é, se ela ocorre nos dados de todos os informantes da 2ª e da 3ª geração ou se ela é somente parcial, isto é, se existem falantes da 2ª e da 3ª geração que não apresentam sujeitos nulos nesses três tipos de orações nos dados analisados.

Vejamos agora a Tabela 7.5. onde reproduziremos os resultados desse cruzamento de fatores.

TABELA 7.5. - CRUZAMENTO DE FATORES:
TIPO DE ORAÇÃO x INFORMANTE

INFORMANTE	VARIÁVEL	INDE- PENDEN- TE	COORD. ASSIN- DÉTICA	COORD. ADITI- VA	COORD. ADVER- SATIVA	SUBOR- DINADA	PRINCI- PAL	COORD. EXPLI- CATIVA	COORD. ALTER- NATIVA	TOTAL
------------	----------	------------------------	----------------------------	------------------------	----------------------------	------------------	----------------	----------------------------	----------------------------	-------

18	E.A.	N	Ocorrência	5	2	24	0	1	1	0	1	24
			Porcentagem	11%	7%	27%	0%	4%	17%	0%	100%	15%
		S	Ocorrência	41	26	38	13	22	5	1	0	146
			Porcentagem	89%	93%	73%	100%	96%	83%	100%	0%	85%
	R.B.	N	Ocorrência	2	0	3	0	0	1	0	0	6
			Porcentagem	4%	0%	15%	0%	0%	8%	0%	0%	4%
		S	Ocorrência	55	35	17	5	26	12	0	0	150
			Porcentagem	96%	100%	85%	100%	100%	92%	0%	0%	94%
	Wh.C.	N	Ocorrência	9	2	8	0	0	0	0	0	19
			Porcentagem	14%	10%	22%	0%	0%	0%	0%	0%	12%
		S	Ocorrência	55	18	29	4	21	12	0	0	139
			Porcentagem	86%	90%	78%	100%	100%	100%	0%	0%	88%
	D.B.	N	Ocorrência	4	5	17	0	0	0	0	0	26
			Porcentagem	8%	19%	35%	0%	0%	0%	0%	0%	16%
		S	Ocorrência	48	22	31	3	25	4	0	0	133
			Porcentagem	92%	81%	65%	100%	100%	100%	0%	0%	84%

28	R.A.	N	Ocorrência	7	4	1	2	1	1	0	2	18
			Porcentagem	13%	20%	4%	27%	3%	6%	0%	67%	11%
		S	Ocorrência	47	16	27	5	28	17	1	1	142
			Porcentagem	87%	80%	96%	71%	97%	94%	100%	33%	89%
	K.A.	N	Ocorrência	2	6	2	2	3	2	0	1	18
			Porcentagem	5%	27%	12%	67%	6%	7%	0%	50%	11%
		S	Ocorrência	39	16	15	1	47	25	0	1	144
			Porcentagem	95%	73%	88%	33%	94%	93%	0%	50%	89%
	M.B.	N	Ocorrência	8	2	4	4	2	4	0	1	25
			Porcentagem	16%	7%	31%	33%	6%	24%	0%	100%	16%
		S	Ocorrência	43	28	9	8	34	13	0	0	135
			Porcentagem	84%	93%	69%	67%	94%	76%	0%	0%	84%
	I.C.	N	Ocorrência	9	6	14	0	1	0	0	0	30
			Porcentagem	13%	18%	39%	0%	9%	0%	0%	0%	19%
		S	Ocorrência	58	28	22	3	10	5	0	0	126
			Porcentagem	87%	82%	61%	100%	91%	100%	0%	0%	81%
	J.D.	N	Ocorrência	17	3	4	2	0	0	0	0	26
			Porcentagem	24%	10%	19%	50%	0%	0%	0%	0%	16%
		S	Ocorrência	55	26	17	2	20	14	0	0	134
			Porcentagem	76%	90%	81%	50%	100%	100%	0%	0%	84%
	Wi.C.	N	Ocorrência	2	1	6	2	1	1	0	0	13
			Porcentagem	5%	5%	33%	18%	2%	4%	0%	0%	8%
		S	Ocorrência	41	20	12	9	40	25	1	0	148
			Porcentagem	95%	95%	67%	82%	98%	96%	100%	0%	92%

W.I.C.	Ø	Ocorrência	2	1	6	2	1	1	0	0	8%
		Percentagem	5%	5%	33%	18%	2%	4%	0%	0%	
	S	Ocorrência	41	20	12	9	40	25	1	0	148
		Percentagem	95%	95%	67%	82%	98%	96%	100%	0%	92%
A.D.	Ø	Ocorrência	4	4	5	0	0	1	0	0	14
		Percentagem	8%	19%	21%	0%	0%	8%	0%	0%	9%
	S	Ocorrência	49	17	19	6	33	12	0	1	137
		Percentagem	92%	81%	79%	100%	100%	98%	0%	100%	91%

34	H.A.	Ø	Ocorrência	1	1	1	0	0	0	0	9%
			Percentagem	7%	33%	20%	0%	0%	0%	0%	30
		S	Ocorrência	14	2	4	0	6	4	0	91%
			Percentagem	93%	67%	80%	0%	100%	100%	0%	12
	G.A.	Ø	Ocorrência	4	1	5	1	0	1	0	23%
			Percentagem	21%	20%	63%	50%	0%	17%	0%	40
		S	Ocorrência	15	4	3	1	10	5	0	77%
			Percentagem	79%	80%	37%	50%	100%	83%	0%	19
	H.C.	Ø	Ocorrência	5	6	5	1	2	0	0	12%
			Percentagem	7%	17%	17%	50%	14%	0%	0%	141
		S	Ocorrência	69	29	24	1	12	6	0	88%
			Percentagem	93%	83%	83%	50%	86%	100%	0%	32
	Ne.C.	Ø	Ocorrência	18	2	10	0	0	2	0	24%
			Percentagem	29%	17%	45%	0%	0%	20%	0%	103
		S	Ocorrência	44	10	12	3	26	8	0	76%
			Percentagem	71%	83%	55%	100%	100%	80%	0%	11
	N.C.	Ø	Ocorrência	4	2	4	1	0	0	0	7%
			Percentagem	6%	10%	21%	25%	0%	0%	0%	145
		S	Ocorrência	68	19	15	3	27	13	0	93%
			Percentagem	94%	90%	79%	75%	100%	100%	0%	20
	M.C.	Ø	Ocorrência	7	3	4	0	3	3	0	13%
			Percentagem	16%	10%	9%	0%	12%	27%	0%	138
		S	Ocorrência	38	26	42	1	23	8	0	87%
			Percentagem	84%	90%	91%	100%	88%	73%	0%	4
	B.D.	Ø	Ocorrência	3	0	1	0	0	0	0	9%
			Percentagem	13%	0%	25%	0%	0%	0%	0%	45
		S	Ocorrência	21	11	3	1	5	1	1	91%
			Percentagem	87%	100%	75%	100%	100%	100%	100%	

TOTAL	Ø	Ocorrência	111	50	108	15	14	17	0	5	320
		Percentagem	12%	12%	24%	18%	3%	8%	0%	50%	13%
	S	Ocorrência	800	353	339	69	415	189	4	5	2.174
		Percentagem	88%	88%	76%		97%	92%	100%	50%	87%

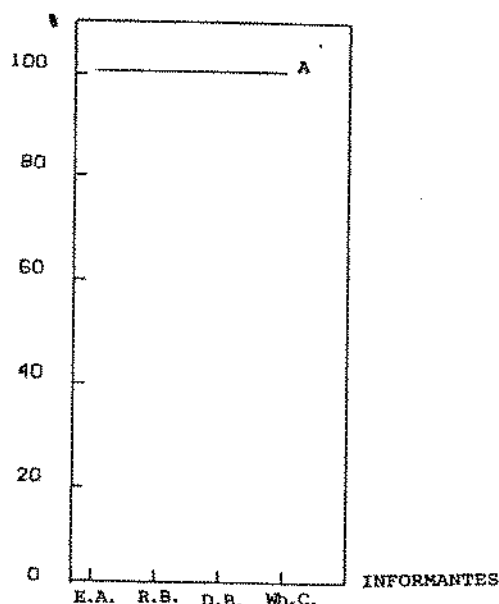
O cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO com INFORMANTE, que apresentamos na Tabela 7.5., acima reproduzida, revelou resultados interessantes para as COORDENADAS ADVERSATIVAS, as PRINCIPAIS e as SUBORDINADAS.

7.1.3.2.1. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES PARA AS COORDENADAS ADVERSATIVAS

O cruzamento de fatores COORDENADAS ADVERSATIVAS com INFORMANTE confirmou somente parcialmente a nossa hipótese segundo a qual esperávamos encontrar um comportamento lingüístico mais ou menos HOMOGÊNEO entre os informantes de uma única geração. São somente os informantes da 1ª GERAÇÃO que se encaixam nessa expectativa. A retenção de sujeito nesse tipo de oração nos dados desses informantes é 100%.

Vejamos agora o Quadro 7.4., abaixo reproduzido, onde visualizaremos a frequência percentual de retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS dos informantes da 1ª GERAÇÃO com ajuda de um gráfico.

FIGURA 7.4. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO



Em oposição a esse comportamento lingüístico, totalmente homogêneo dos informantes da 1ª geração, está o comportamento lingüístico HETEROGÊNEO dos informantes da 2ª e da 3ª geração. Nos seus dados, que analisamos, a retenção de sujeito nesse tipo de oração varia entre 100% e 33%.

Vejamos agora as Figuras 7.5. e 7.6. onde apresentaremos a frequência percentual de preenchimento de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO. A hierarquia dos informantes foi estabelecida segundo o seu valor percentual de retenção de sujeito.

FIGURA 7.5. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

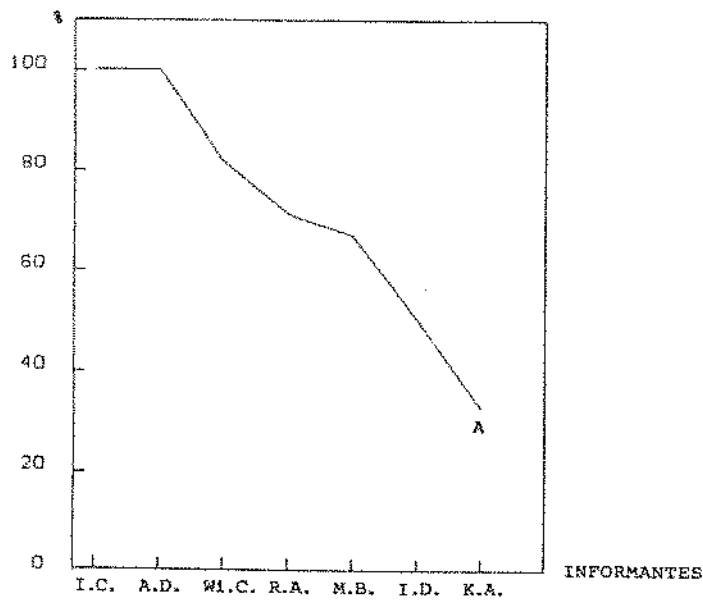
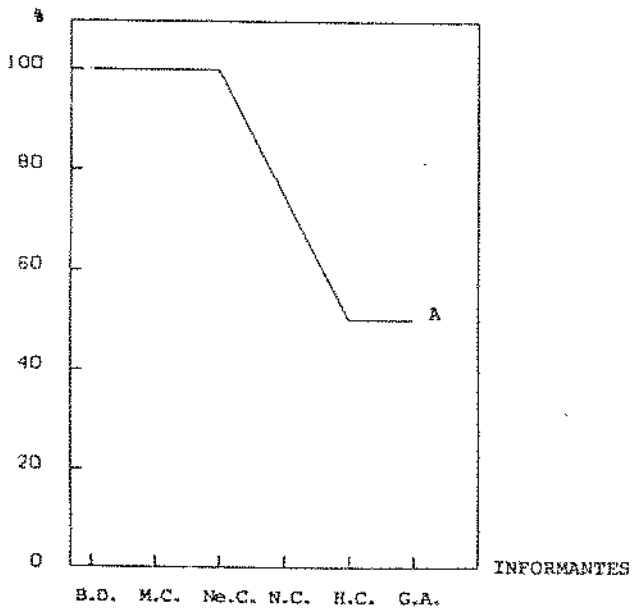


FIGURA 7.6. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS (A) NOS DADOS DS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO



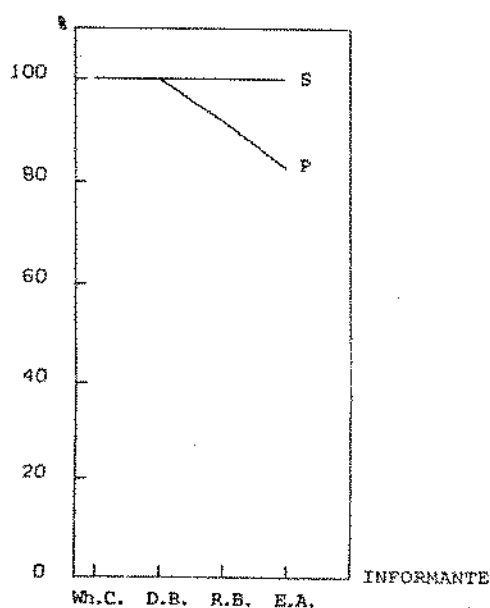
7.1.3.2.2. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

Novamente o cruzamento de fatores PRINCIPAIS e SUBORDINADAS com INFORMANTE revelou que somente o comportamento linguístico dos informantes que constituem a 1ª GERAÇÃO, pode ser considerado HOMOGÊNEO. Todos eles apresentam 100% de retenção de sujeito nas SUBORDINADAS. (4)

No caso das PRINCIPAIS há tantos informantes que mantêm 100% dos sujeitos preenchidos, como há também alguns que apresentam valores percentuais para a retenção de sujeito entre 92% e 83%.

Vejamos agora a Figura 7.7, onde visualizaremos a frequência percentual de preenchimento de sujeito nas SUBORDINADAS e nas PRINCIPAIS nos dados dos informantes da 1ª GERAÇÃO.

FIGURA 7.7. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E NAS PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO



São os informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO que apresentam, como no caso das coordenadas adversativas, um comportamento linguístico muito HETEROGÊNEO. Se olharmos para as Figuras 7.8. e 7.9., que reproduziremos a seguir, observamos que na ponta da hierarquia de cada um dos gráficos se localizam os informantes que apresentam 100% de retenção de sujeito nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS. Ao mesmo tempo há também informantes que apresentam somente queda de sujeito nas PRINCIPAIS e que retêm todos os sujeitos nas SUBORDINADAS. No final dos gráficos encontramos informantes que apagam sujeitos tanto nas PRINCIPAIS como também nas SUBORDINADAS. (5)

Vejamos agora as Figuras 7.8. e 7.9., onde visualizaremos a frequência de retenção de sujeito nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS que os informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO apresentam.

FIGURA 7.8. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E NAS PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

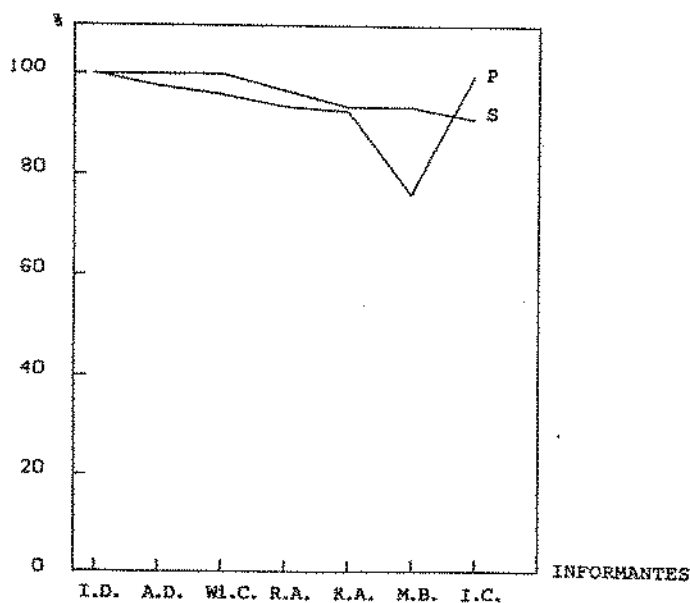
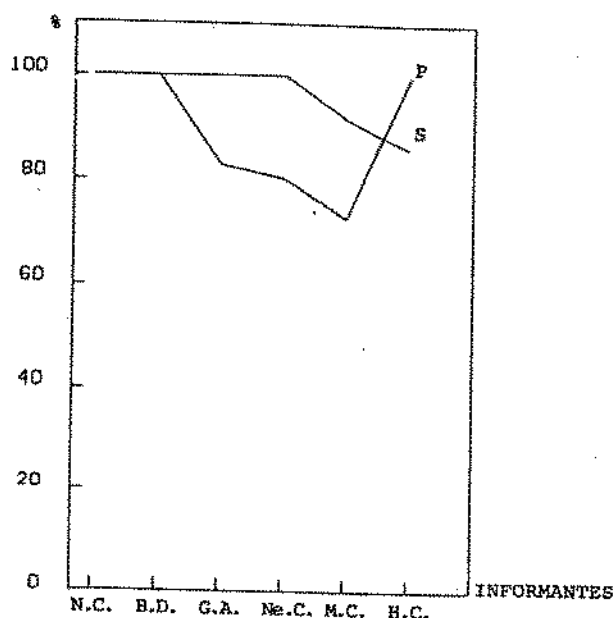


FIGURA 7.9. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS SUBORDINADAS (S) E PRINCIPAIS (P) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO



O cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO COM IDADE / INFORMANTE revelou dois resultados importantes, que trataremos de maneira mais explícita em 7.1.4..

Vejamos agora quais são.

1. Encontramos diferenças percentuais significativas no caso da retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados das três gerações. Tais diferenças justificam que falemos em interferência sintática que a língua portuguesa exerce sobre a língua alemã falada em Panambi?

2. Observamos de um lado um comportamento lingüístico muito HOMOGÊNEO dos informantes da 1ª GERAÇÃO e em oposição a isso há o comportamento lingüístico muito HETEROGÊNEO dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO.

Como podemos explicar isto?

7.1.4. A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE ORAÇÃO COM IDADE / INFORMANTE

7.1.4.1. A QUEDA DE SUJEITO NAS COORDENADAS ADVERSATIVAS, NAS PRINCIPAIS E NAS SUBORDINADAS CONSTITUI UM CASO DE INTERFERÊNCIA SINTÁTICA?

O próprio título dessa seção já problematiza o assunto de que trataremos aqui. A nossa pergunta é se o apagamento de sujeito nos três tipos de orações acima mencionados que encontramos nos dados dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO se dá porque a língua alemã convive com a língua portuguesa na comunidade de fala de Panambi, isto é, se estamos frente a um fenômeno de interferência que a sintaxe da língua portuguesa exerce sobre a da língua alemã.

Em primeiro lugar gostaríamos de afirmar que a resposta que elaboraremos no decorrer dessa seção, somente pode ser PRELIMINAR, porque o objetivo da presente pesquisa foi analisar os dados lingüísticos de informantes da comunidade de fala alemã

de Panambi. Sabemos que a maneira mais adequada para se julgar se a queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS ocorre devido ao fato de a língua alemã estar em contato com a língua portuguesa na mesma comunidade de fala alemã seria dispor de um corpus da língua alemã atualmente falada na Alemanha, que fosse colhido, analisado e quantificado segundo o modelo aplicado no presente estudo. Somente depois, através de uma comparação dos resultados desses dois estudos, poderíamos chegar a conclusões mais seguras.

Dessa maneira a nossa argumentação frente à questão se estamos ou não estamos confrontados com um fenômeno de interferência sintática se baseia exclusivamente na interpretação dos resultados do cruzamento de fatores para as COORDENADAS ADVERSATIVAS, as PRINCIPAIS e as SUBORDINADAS. Esses resultados revelaram fatos interessantes que nos fazem crer que estamos realmente frente a um fenômeno de interferência. Vejamos agora quais são os fatos que sustentam uma argumentação a favor da interferência:

1. Os INFORMANTES da 1ª GERAÇÃO apresentam um comportamento lingüístico HOMOGÊNEO, porque fazem uso exclusivamente da variável sujeito preenchido nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS. Podemos argumentar então que para eles a aplicação da regra de preenchimento de sujeito nesses dois tipos de orações é categórica, isto é, a gramática desses informantes não prevê queda de sujeito para as COORDENADAS ADVERSATIVAS e para as SUBORDINADAS.

2. Os INFORMANTES da 2ª e da 3ª GERAÇÃO têm um comportamento lingüístico muito HETEROGÊNEO, porque fazem tanto uso da variável sujeito preenchido como também da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS. Podemos afirmar, com base nesses resultados, que estão acontecendo mudanças sintáticas na gramática desses informantes no caso dos dois tipos de orações acima mencionados.

3. Essa mudança permite duas observações interessantes:

a) A variável dependente de queda de sujeito nas coordenadas adversativas e nas subordinadas é altamente específico para uma determinada idade, porque ela se manifesta somente nos dados dos informantes da 2ª e da 3ª geração, mas não a encontramos nos dados da 1ª geração.

b) A difusão dessa variável não é uniforme nos dados dos informantes da 2ª e da 3ª geração, porque nem todos eles apresentam apagamento de sujeito nesses dois tipos de oração.

4. A queda de sujeito se manifesta com mais força, pelo menos em termos de percentagem, nas COORDENADAS ADVERSATIVAS do que nas SUBORDINADAS (veja a Tabela 7.5.). A baixa percentagem de apagamento de sujeito nas SUBORDINADAS se explica se pressupusermos que esse fenômeno se instalou primeiro nas COORDENADAS ADVERSATIVAS para atingir somente mais tarde as

SUBORDINADAS, que são vistos como ambientes mais conservadores em relação à penetração de novas mudanças sintáticas. (6)

7.1.4.2. COMO EXPLICAR A HOMOGENEIDADE DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO E A HETEROGENEIDADE DOS INFORMANTES DA 2ª E DA 3ª GERAÇÃO?

Nesse contexto se levanta a pergunta de que maneira podemos explicar o comportamento lingüístico HOMOGÊNEO dos informantes da 1ª GERAÇÃO e o comportamento lingüístico HETEROGÊNEO dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO.

Foi no trabalho de dois sociolinguistas que encontramos uma proposta interessante para abordar essas diferenças. Um desses é Norbert Dittmar. Ele afirma no seu artigo "Soziolinguistik - Teil 1. Theorie, Methodik und Empirie ihrer Forschungsrichtungen", publicado em 1982, que o sociolinguista que pretende encontrar interpretações profundas para os estilos sociolinguísticos e que não quer ficar ao nível de meras descrições, tem que levar em conta, além da dimensão histórica de cada comunidade de fala, também a DIMENSÃO BIOGRÁFICA de cada falante.

"Os falantes têm a sua história individual e social, que é muito específica, que demonstra traços próprios em relação a história do grupo ou quer dizer da comunidade de fala."

(Dittmar, 1982:23) (7)

O outro autor que indica na mesma direção é William Labov. No artigo "De Facto Segregation of Black and White Vernaculars", publicado em 1986 em co-autoria com Wendell A. Harris. Eles discutem a importância de se trabalhar com redes sociais na hora de se realizar uma pesquisa de campo. Com ajuda das redes o sociolinguísta é capaz de organizar a amostra do grupo ou da comunidade de fala que ele pretende pesquisar. Porém, essas redes sociais têm pouca força para explicar diferenças individuais no sistema linguístico. Os autores afirmam que:

"It is the SOCIAL HISTORY OF THE SPEAKERS that must be taken into account: The kind of social experience they have had in dealing with members of other groups, the way they have used language in their life."
(Labov e Harris, 1986:21)

Vejamos o que isto significa para o nosso estudo. Foi no capítulo 4 da presente dissertação onde elaboramos para cada informante uma biografia curta que forneceu dados demográficos individuais referentes:

- à IDADE do informante
- à LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR e ESCOLAR
- à ZONA em que mora e
- ao tipo de CONTATO que o informante tem com a língua portuguesa.

Gostaríamos de estabelecer agora uma relação entre esses dados biográficos e os resultados que o cruzamento de fatores forneceu para cada um deles. Entendemos as observações que resultam dessa relação entre fatores que são de natureza extralinguística com fatores de natureza linguística como HIPÓTESES

que possam ajudar a explicar melhor as diferenças encontradas no comportamento lingüístico dos informantes das três gerações.

Vejamos agora a Tabela 7.6. abaixo reproduzida onde apresentaremos para cada informante os resultados do cruzamento de fatores para as coordenadas adversativas, as principais e as subordinadas junto com alguns dados biográficos que julgamos interessantes para explicar o comportamento lingüístico individual.

TABELA 7.6. - A COMBINAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES TIPO DE ORAÇÃO COM INFORMANTES COM OUTROS FATORES DE NATUREZA EXTRA-LINGÜÍSTICA.

INFORMANTE	PERCENTAGEM DE RETENÇÃO DE SUJEITO NAS			GERAÇÃO	SEXO	IDADE	LÍNGUA DA SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR	LÍNGUA DA SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR	ZONA
	COORD. ADVERSATIVA	PRINCIPAL	SUBORDINADA						
E.A.	100%	83%	100%	1ª	M	80	A	A	U
R.B.	100%	92%	100%		M	74	A	A	U
D.B.	100%	100%	100%		F	78	A	A	U
Wh.C.	100%	100%	100%		M	80	A	A	R
A.D.	100%	98%	100%	2ª	M	45	A	A/P	R
I.E.	100%	100%	91%		F	45	A	A/P	R
Wl.C.	82%	96%	100%		M	50	A	A/P	R
I.D.	50%	100%	100%		F	39	A	A/P	R
R.A.	71%	94%	97%		M	50	A	A/P	U
K.A.	33%	93%	94%		F	30	A	P	U
M.B.	67%	76%	94%		F	40	A	P	U
B.D.	100%	100%	100%	3ª	M	7	A	P	R
NB.C.	100%	80%	100%		M	20	A	P	R
M.C.	100%	73%	92%		F	15	A	P	R
N.C.	75%	100%	100%		M	18	A	P	R
H.C.	50%	100%	86%		M	22	A	P	R
G.A.	50%	83%	100%		F	10	A	P	U

Vejamos agora de que maneira podemos explicar melhor as diferenças encontradas no comportamento lingüístico dos informantes da 1ª, da 2ª e da 3ª geração.

- OS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO

São eles E.A., D.B., R.B. e Wh.C.. Nos seus dados não encontramos nenhum caso de apagamento de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e também não nas SUBORDINADAS. No caso das PRINCIPAIS há informantes que retêm todos os sujeitos, e há alguns que retêm somente entre 92% e 83% (veja a Figura 7.7., p. 364).

Como já mencionamos anteriormente, esses informantes apresentam na realidade um comportamento lingüístico muito HOMOGÊNEO. Mas como explicar tal HOMOGENEIDADE?

Mostramos na Tabela 7.6. e nas suas biografias individuais, reproduzidas no capítulo da descrição etnográfica da presente dissertação (veja capítulo 4) que para todos eles a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR era a LÍNGUA ALEMÃ. Sabemos também que todos esses informantes ou já moraram na ZONA RURAL (este é o caso da informante D.B.) ou se mudaram logo após a sua chegada nos anos 20 para a ZONA RURAL, exercendo a profissão de colonos.

Afirmamos na parte da reconstrução do contexto sócio-histórico da colonização do município de Panambi, que a SEGREGAÇÃO dos colonos foi quase TOTAL até 1939 e que a sua vida social e a educação escolar dos seus descendentes se realizou em núcleos

de colonização alemã. Segundo depoimentos desses mesmos informantes a aquisição da língua portuguesa se tornou necessária a partir de introdução de um política nacionalista introduzida pelo governo de Getúlio Vargas.

Assim podemos hipotetizar para os INFORMANTES da 1ª GERAÇÃO que eles:

1. Tiveram um CONTATO DESCONTÍNUO com a língua portuguesa devido ao fato de eles terem vivido em SEGREGAÇÃO NA ZONA RURAL.
2. Aprenderam a partir do fim dessa segregação em 1939 a língua portuguesa de maneira muito rudimentar. Isto só mudou quando alguns desses informantes mudaram mais tarde da zona rural para a zona urbana de Panambi.
3. Falam um alemão que é, segundo os resultados do cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO com IDADE / INFORMANTE, muito conservado, por não apresentar, entre outras coisas, queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas SUBORDINADAS. A boa conservação da sintaxe desses informantes pode se explicar devido ao fato de que eles tiveram um contato muito descontínuo com a língua portuguesa e por isso a sintaxe deles estava pouca exposta a interferências vindas da sintaxe da língua portuguesa.

- OS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

São eles os informantes I.C., Wi.C., I.D., A.D., R.A., K.A. e M.B.. Se olharmos as Figuras 7.5. e 7.8., reproduzidas nas páginas 290 e 292, observamos que a retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS varia entre 100% e 33%, nas PRINCIPAIS entre 100% e 76% e nas SUBORDINADAS entre 100% e 94%, isto é o seu comportamento lingüístico é muito HETEROGÊNEO. Mas como explicar essa HETEROGENEIDADE se sabemos que todos esses informantes tiveram a língua ALEMÃ como LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR e a maioria deles também inicialmente como LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR. Mostramos na parte histórica da presente dissertação que a partir de 1939 a língua de ensino passou a ser a língua portuguesa. Para as informantes M.B. e K.A. a língua de socialização escolar era, desde o começo de sua escolarização, a língua portuguesa.

Levantamos a hipótese que para os informantes da 2ª GERAÇÃO que o seu comportamento lingüístico heterogêneo possa ser explicado com o fator ZONA.

A.D., F.C., Wi.C. e I.D. são todos da ZONA RURAL de Panambi. Sabemos que todos eles têm uma vida muito voltada para o cultivo da terra e que a sua vida social acontece também exclusivamente na Linha onde moram. Para todos eles a língua usada nas interações verbais com os parentes, filhos, vizinhos e outros moradores da Linha é a língua alemã. Quem mantém contatos com a ZONA URBANA são os informantes A.D. e Wi.C., quando vão por razões de negócios para o centro urbano.

As mulheres I.C. e I.D. raras vezes acompanham os maridos nas suas idas à cidade.

Vejamos agora os valores percentuais da retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS para cada informante:

A.D. apresenta 100% de retenção de sujeito tanto nas COORDENADAS ADVERSATIVAS como também nas SUBORDINADAS. No caso das PRINCIPAIS ele preenche 98% dos sujeitos. Ele é o informante mais conservador da 2ª GERAÇÃO.

I.C. preenche 100% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS e nas PRINCIPAIS, mas somente 91% nas SUBORDINADAS.

W.C. retém somente 82% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, enquanto preenche 96% dos sujeitos nas PRINCIPAIS e 100% nas SUBORDINADAS.

I.D. é a informante que mais apaga sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS - somente 50% apresentam sujeito preenchido, embora ela retenha 100% dos sujeitos nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS.

O que é interessante no caso desses informantes é que a maioria deles preenche ainda categoricamente todos os sujeitos das SUBORDINADAS e que a queda de sujeito se instalou com mais força, pelo menos em termos de percentagem, nas COORDENADAS ADVERSATIVAS.

Podemos afirmar que no caso dos INFORMANTES DA ZONA RURAL a difusão da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS é somente PARCIAL, porque ela não se manifesta com a mesma força nos dados desses informantes.

Sabemos dos dois informantes que apresentam queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, que eles mantêm contatos constantes com a língua portuguesa. Esses contatos, porém, se realizam de maneiras diferentes:

W.C. vai duas vezes por semana para a zona urbana para vender produtos agrícolas, produzidos pela família C na sua propriedade.

I.D. quase não vai para a zona urbana, mas sabemos que ela assiste com muita frequência às telenovelas da Rede Globo. É possível que o contato com a língua portuguesa se dê através do meio de comunicação de massa, a televisão.

R.A., K.A. e M.B. são todos da ZONA URBANA. Mostramos, através da descrição etnográfica dos domínios públicos e particulares da zona urbana, que a língua portuguesa domina claramente nas interações verbais realizadas em lugares públicos e que ela está entrando cada vez mais nos núcleos familiares (veja a descrição das díades das famílias A à página 101 e B à página 104 da presente dissertação).

Vejamos agora a retenção de sujeito que cada um desses informantes apresenta nos três tipos de orações analisados:

R.A. preenche 71% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, 94% nas PRINCIPAIS e 97% ns SUBORDINADAS. Sabemos que esse informante fala muito bem português. Mas são as informantes M.B.

e K.A. que mais apagam sujeitos nesses três tipos de orações.

M.B. retém somente 67% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, 76% nas PRINCIPAIS e 94% nas SUBORDINADAS. Sabemos que essa informante aprendeu português, antes de sua escolarização, com uma empregada da família e que ela frequentou uma escola pública na zona rural onde as interações entre os alunos e entre alunos e professores se realizaram somente em português. Na observação participante que realizamos junto com essa informante percebemos que ela fala muito bem o português.

K.A. preenche 33% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, 93% nas PRINCIPAIS e 94% nas SUBORDINADAS. Sabemos que ela cresceu monolíngüe em alemão na zona urbana e que ela aprendeu português aos 7 anos de idade quando foi escolarizada. Ela fala muito bem o português, segundo as nossas observações.

Levando em consideração que todos esses informantes têm CONTATOS CONSTANTES com a língua portuguesa pelo fato de eles a usarem durante as suas interações verbais diárias, não nos surpreende que são os informantes da ZONA URBANA que fazem mais uso da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS. Os valores percentuais de retenção de sujeito variam entre 71% e 33% no caso das COORDENADAS ADVERSATIVAS, entre 94% e 76% nas PRINCIPAIS e entre 97% e 94% nas SUBORDINADAS. Isto é, NENHUM desses informantes apresenta 100% de retenção em NENHUM dos três tipos de orações acima mencionados. Assim podemos afirmar que a DIFUSÃO da variável dependente queda de sujeito no caso dos informantes da ZONA URBANA é TOTAL, porque ela aparece nos dados de todos eles.

Finalizando as nossas observações sobre o comportamento lingüístico muito heterogêneo hipotetizamos que eles:

1. Tiveram CONTATOS muito mais FREQUÊNTES com a língua portuguesa do que os informantes da 1ª GERAÇÃO.
2. Esse CONTATO varia em GRAU e INTENSIDADE dependendo da ZONA em que mora o informante.

Podemos afirmar de maneira mais generalizada que os informantes da ZONA RURAL vivem num ambiente ainda muito fechado que permite uma SEGREGAÇÃO PARCIAL. O CONTATO com a língua portuguesa é FREQUENTE, mas se dá na maioria dos casos ou através de idas para a zona urbana ou através do meio de comunicação de massa, a televisão. Conseqüentemente, não nos surpreende a DIFUSÃO PARCIAL da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS nos dados dos informantes da zona rural. Acreditamos que ela constitui possivelmente um fenômeno de interferência sintática da sintaxe da língua portuguesa sobre a sintaxe da língua alemã e que ele está intimamente ligado ao grau de contato que os falantes têm com a língua portuguesa.

Em oposição a isto, os informantes da ZONA URBANA apresentam uma DIFUSÃO TOTAL da variável dependente queda de sujeito nos três tipos de orações acima mencionados. Sabemos que o seu CONTATO com a língua portuguesa é CONSTANTE, começando pelo fato que na ZONA URBANA domina claramente a língua portuguesa e

que não há possibilidade de qualquer tipo de segregação. A DIFUSÃO TOTAL da variável dependente nos dados dos informantes da 2ª GERAÇÃO DA ZONA URBANA pode ser considerada mais um índice de que estamos realmente confrontados com um fenômeno de interferência sintática da língua portuguesa sobre a língua alemã.

- OS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO

São eles os informantes Ne.C., N.C., H.C., B.D. e G.A.. As Figuras 7.6. e 7.9, reproduzidas nas páginas 290 e 293, visualizam que esses informantes também apresentam um comportamento lingüístico muito HETEROGÊNEO.

Para todos eles a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR é a língua ALEMÃ, enquanto a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR é a língua PORTUGUESA. Com exceção de G.A., que aprendeu português entre 3 e 4 anos de idade quando começou a frequentar um jardim de infância, o restante dos informantes aprendeu português aos sete anos de idade.

Trataremos, num primeiro momento, dos informantes que moram na ZONA RURAL.

São eles os informantes B.D., Ne.C., M.C., N.C. e H.C. (veja também a Tabela 7.6., reproduzida à página 299). Todos eles nasceram, cresceram e continuam morando na Linha Morengaba. A descrição etnográfica da comunidade de fala alemã da ZONA RURAL revelou que a língua alemã domina na maioria das situações comunicativas dentro e fora do núcleo familiar (veja as descrições das díades nas famílias C e D nos Quadros 4.3. e

4.4., reproduzidos às páginas 111 e 114 respectivamente). Quanto ao CONTATO que eles têm com a língua portuguesa podemos descrevê-lo como um CONTATO FREQUENTE.

De todos os informantes acima mencionados podemos afirmar que eles têm uma vida muito voltada para o cultivo da terra. Todos eles trabalham junto com os pais na roça durante a semana.

Vejamos agora de que maneira podemos explicar o comportamento lingüístico de cada informante.

B.D. é, com 7 anos de idade, o informante mais novo de nossa amostra e, ao mesmo tempo, ele é o mais conservador, porque retém todos os sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS. É interessante notar que esse informante apresenta uma retenção de 100% nos três tipos de orações apesar de ele ter contatos constantes com a língua portuguesa por frequentar a escola durante o período da manhã. Nas suas interações com os irmãos, observamos mudanças de código da língua alemã para a portuguesa (veja Quadro 4.4. da página 111). A observação participante que realizamos com ele revelou que ele ainda está em fase de aquisição do português - num estágio muito adiantado, isto é, tivemos a impressão de que ele fala bem o português.

Em seguida apresentaremos os informantes restantes da 3ª GERAÇÃO da ZONA RURAL. Através da observação participante e das entrevistas sociolingüísticas descobrimos que todos eles fazem, como já mencionamos na parte da descrição etnográfica da presente dissertação, parte de um peer-group da Linha Morengaba. Observamos que aos fins de semana a maioria desses informantes

adolescentes sai fora da Linha Morengaba, para visitar amigos que são membros desse grupo e que moram ou em outras Linhas vizinhas da zona rural ou na zona urbana de Panambi.

Sabemos que nas interações verbais entre os membros desse peer-group o português entra através de situações de mudanças de código. Vejamos agora novamente informante por informante:

M.C. preenche 100% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, enquanto retém somente 73% dos sujeitos nas PRINCIPAIS e 91% nas SUBORDINADAS. Ela é a informante que por mais tempo frequentou a escola da Linha Morengaba do núcleo familiar C. A observação participante que realizamos junto com essa informante revelou que é ela que muda mais do alemão para o português dentro desse núcleo familiar (veja a descrição das díades do núcleo familiar C, reproduzida à página 111) e que é ela que acompanha Wi.C., seu pai, nas suas idas semanais para a zona urbana para vender os produtos agrícolas produzidos na propriedade da família C.

N.C. apresenta 75% da retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, enquanto preenche todos os sujeitos nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS.

H.C. é o informante que mais apaga sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, onde somente 50% dos sujeitos são retidos, e nas SUBORDINADAS, onde somente 86% dos sujeitos são preenchidos, mas ele mantém todos os sujeitos nas PRINCIPAIS.

Observamos também no caso desses informantes que a DIFUSÃO da variável dependente queda de sujeito nos três tipos de orações acima mencionados não se instalou com igual força nos da-

dos de cada um.

Por isso podemos afirmar que a sua DIFUSÃO é somente PARCIAL. Dessa maneira o comportamento lingüístico dos informantes da 3ª GERAÇÃO da ZONA RURAL se aproxima com aquele dos informantes da 2ª GERAÇÃO da ZONA RURAL, que são os pais desses informantes.

A única informante da ZONA URBANA que é da 3ª GERAÇÃO e da qual dispomos valores percentuais referentes à retenção de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, PRINCIPAIS e SUBORDINADAS é G.A. (8). Ela retém somente 50% dos sujeitos nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, 83% nas PRINCIPAIS, mas preenche todos os sujeitos das SUBORDINADAS.

A observação participante revelou que essa informante fala muito bem as duas línguas: o alemão e o português. Ela tem CONTATOS CONSTANTES com a língua portuguesa porque frequenta a escola no período de manhã e porque mora na zona urbana onde a língua portuguesa domina nas demais interações verbais realizadas fora do ambiente familiar.

Os outros informantes adolescentes da ZONA URBANA que entrevistamos e que são do núcleo familiar B, já não falam mais alemão (veja a descrição das díades da família B no Quadro 4.2. reproduzido na página 104 da presente dissertação) e por isso não dispomos de mais dados de informantes da zona urbana de 3ª GERAÇÃO para a nossa análise.

Para finalizar as nossas observações sobre o comportamento lingüístico HETEROGÊNEO dos informantes da 3ª GERAÇÃO gostaríamos de estabelecer algumas hipóteses para eles:

1. Todos eles têm CONTATOS que podem ser descritos em termos como FREQUENTES / CONSTANTES com a língua portuguesa.
2. Esses contatos variam, como também no caso da 2ª GERAÇÃO, em GRAU e INTENSIDADE, dependendo da ZONA em que mora o informante.

Podemos afirmar novamente que os informantes da 3ª GERAÇÃO da ZONA RURAL vivem, como os seus pais, num ambiente fechado, que permite também para eles aquilo que denominamos como SEGREGAÇÃO PARCIAL. Assinalamos também que a língua alemã continua a dominar nas interações verbais dentro e fora do núcleo familiar e que a língua portuguesa entra através de mudanças de código nas interações verbais no caso desses adolescentes que eles realizam junto com os seus irmãos, primos e com os amigos que são membros do mesmo peer-group e que moram ou em outras Linhas da zona rural ou na zona urbana de Panambi.

Ao mesmo tempo que observamos que esses informantes vivem numa segregação parcial, temos que assinalar que eles têm uma facilidade muito grande de se locomover da zona rural para outras Linhas e para a zona urbana com ajuda de veículos aos fins-de-semana. Assim entra mais um fator no caso desses adolescentes que poderíamos denominar MOBILIDADE.

Os informantes da 3ª GERAÇÃO DA ZONA URBANA vivem junto com os seus pais num ambiente onde não há possibilidades de segregação e onde a língua portuguesa domina as demais intera-

ções verbais fora do ambiente familiar. Até nesse ambiente familiar ela entra através de mudança de código (veja a descrição da díade G.A. e H.A. no Quadro 4.1. da página 101).

Apesar dessas diferenças que acabamos de descrever para os informantes da 3ª GERAÇÃO DA ZONA RURAL E DA ZONA URBANA, os resultados do cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO com INFORMANTE demonstrou que a DIFUSÃO da variável dependente queda de sujeito nas COORDENADAS ADVERSATIVAS, nas PRINCIPAIS e nas SUBORDINADAS é somente PARCIAL, tanto nos dados dos informantes da ZONA RURAL como também no caso dos informantes da ZONA URBANA. Isto é a variável dependente não aparece com força igual nos três tipos de orações analisadas, porque cada um dos informantes mantém em pelo menos um tipo de oração todos os sujeitos preenchidos (veja a Tabela 7.6. reproduzida na página 299). Este fato é surpreendente para nós porque esperávamos encontrar, na realidade, menos retenção de sujeito nesses três tipos de orações do que nos dados da 2ª GERAÇÃO. Mas encontramos o oposto. Os informantes da 2ª GERAÇÃO DA ZONA URBANA são aqueles que retêm menos sujeitos nos três tipos de orações acima mencionados do que todos os informantes da 3ª GERAÇÃO juntos. Assim estamos frente a um novo problema. Se a ZONA em que os informantes da 3ª GERAÇÃO moram deixa de ser um fator ao qual podemos atribuir força explicativa, que outro fator poderia ser?

3. É possível que esse outro fator com o qual poderíamos explicar a DIFUSÃO PARCIAL da variável dependente nos dados dos informantes da 3ª GERAÇÃO seja a DURAÇÃO TEMPORAL DO CONTA-

TD.

Isto é, hipotetizamos que os informantes da 2ª GERAÇÃO têm, devido a sua idade mais adiantada, um contato mais longo e duradouro com a língua portuguesa do que os informantes da 3ª GERAÇÃO que são os seus filhos. Com ajuda desse fator podemos explicar o fato de os informantes da 2ª GERAÇÃO apresentarem mais queda de sujeito, em termos de percentagem, nas COORDENADAS ADVERSATIVAS do que os informantes da 3ª GERAÇÃO (veja a Figura 7.3., página 284).

7.1.5. CONCLUSÕES DA VARIÁVEL PREENCHIMENTO VERSUS QUEDA DE SUJEITO

Gostariamos de focar nessa seção somente dois dos vários resultados que apresentamos nesse sub-ponto 7.1., que nós julgamos serem os mais importantes. São eles:

1. A IMPORTÂNCIA DOS FATORES EXTRA-LINGÜÍSTICOS ZONA E IDADE PARA A INTERPRETAÇÃO DO COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO DOS INFORMANTES DA COMUNIDADE DE FALA ALEMÃ DE PANAMBI

Foi no final da descrição etnográfica da comunidade de fala alemã de Panambi (veja capítulo 4 da presente dissertação) que levantamos duas hipóteses de maneira bastante intuitiva. Acreditávamos encontrar baixos índices de interferência sintática do português em cima da língua alemã no caso:

- dos informantes da ZONA RURAL e
- dos informantes da 1ª GERAÇÃO.

Porém, a primeira análise quantitativa dos dados dos informantes, na qual pesquisamos a ocorrência de sujeitos nulos, não revelou NENHUMA DIFERENÇA entre os informantes que moram na ZONA RURAL e aqueles que moram na ZONA URBANA (o valor percentual de queda de sujeito é 13% em ambas as zonas - veja a Tabela 6.4., página 223) - eliminando assim esse fator extra-lingüístico. No caso do fator IDADE essa mesma quantificação dos dados indicou que há somente DIFERENÇAS MUITO LEVES entre as três GERAÇÕES quanto à ocorrência de sujeitos apagados nos dados dos informantes da 1ª, da 2ª e da 3ª GERAÇÃO. A percentagem de apagamento de sujeito é 12% no caso da 1ª GERAÇÃO, 13% na 2ª GERAÇÃO e 14% na 3ª GERAÇÃO (veja Tabela 6.5. da página 224).

Recuperamos esses dois fatores somente com ajuda do cruzamento de fatores TIPO DE ORAÇÃO com IDADE/INFORMANTE, que é uma quantificação mais refinada, e através das biografias pessoais de cada um dos informantes que utilizamos para explicar o seu comportamento lingüístico.

2. A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DA MUDANÇA SINTÁTICA PARA A TENTATIVA DE CLASSIFICAR A LÍNGUA ALEMÃ EM TERMOS DE LÍNGUA DE TÓPICO ZERO PRO-DROP

Caracterizamos a língua alemã falada atualmente na Alemanha como uma língua TÓPICO ZERO MAS NÃO PRO-DROP - baseando-nos na proposta de Huang (1984). Vejamos agora a Tabela 7.7., abaixo reproduzida, onde apresentaremos a nossa proposta de classificação da língua alemã falada em Panambi.

TABELA 7.7. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI (I)

LÍNGUA ALEMÃ FALADA PELOS INFORMANTES DA	TÓPICO ZERO	PRO-DROP
1ª GERAÇÃO	+	-
2ª GERAÇÃO		
- ZONA RURAL	+	- ===> +
- ZONA URBANA	+	+
3ª GERAÇÃO	+	- ===> +

7.2. A VARIÁVEL PRÉ- E POSPOSIÇÃO DE SUJEITO:
COMENTÁRIOS FINAIS

7.2.1. DESCRIÇÃO DA POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ
FALADA EM PANAMBI

Distinguimos na parte do levantamento bibliográfico sobre a inversão de sujeito na língua alemã, dois tipos:

- a posposição de sujeito que ocorre devido à possibilidade da ordem verbo-sujeito (VS (O)) em determinados TIPOS DE ORACÕES e
- a posposição de sujeito que se dá devido à presença de um ENGATILHADOR DE SUJEITO em posição inicial da oração (veja a Tabela 5.8., página 223).

Descreveremos agora na Tabela 7.8., abaixo reproduzida, esses dois tipos de posposições de sujeito para a língua alemã falada em Panambi, tirando exemplos dos dados dos informantes. (9)

TABELA 7.8. POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI

POSIÇÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLO
1. ENGATILHADO-RES a) Posposição do sujeito com presença de um engatilhador de sujeito	E + VS O
- ADVÉRBIO TEMPORAL	(131) No ware mer mit em Küste schiff bis Praia Jgrid gfare. (R113b(13/14)) Aí fomos nós com o navio até Praia andado. "Aí nós fomos com o navio até Praia."
- ADVÉRBIO LOCAL	(132) Dort ware mer vierzehn Tag. (R113b(6)) Lá ficamos nós quatorze dias. "Lá nós ficamos quatorze dias."
- ADVÉRBIO MODAL	(133) Und so hat mer sich kennegelernt. (R113b(53)) E assim tem a gente se conhecido. "E assim a gente se conheceu."
- ADVÉRBIO CAUSAL	(134) No hätte se die Motos dort in-, einstelle in die Küch, weil sonst haette sadie Motos weggsteht. (R323h(53/54)) Aí teriam eles as motos lá guardados na cozinha, porque se não teriam eles as motos roubadas. "Aí eles guardaram as motos na cozinha, senão eles (os ladrões teriam-nas roubados)."
- PREDICATIVO	(135) Rode hat er geheiss. (R323g(14)) Rode tem ele chamado. "Ele se chamou Rode."
- OBJETO	(136) Un die hat mer dann auf die Pferdefuhr gelade. (R113b(91)) E eles tem a gente posto encima de uma carroça de cavalo. "E a gente colocou-os encima de uma carroça de cavalo."

TABELA 7.8. (CONTINUAÇÃO)

POSICÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLO
b) PREPOSIÇÃO DE SUJEITO COM PRESEN- ÇA DE UM ENGATILHA- DOR DE SU- JEITO	
- ADVÉRBIO MODAL "sicher"	(137) ... <u>sicher</u> 's hat Land. (R214i(176)) ... sem dúvida há terra. "... sem dúvida há terra."
- ADVÉRBIO CAUSAL "also"	(138) <u>Also</u> mir machen Zurimal oder dreimae - drei Gänge sozusagen. (U111i(124)) Então nós fazemos duas ou três vezes - três pratos por assim dizer. "Então fazemos por assim dizer três pratos."
- ADVÉRBIO TEMPORAL "dann"	(139) <u>Dann</u> de Nelson un de Kom- panjeire is laengs. (R313h(29)) "Aí o Nelson e o companheiro foram embora."
2. TIPO DE ORAÇÃO	
Posposição de sujeitos em determinados tipos de ora- ções	VS (O)
- PRINCIPAL POSPOSTA	(140) Wenn der in die Stadt gang is, <u>is der bsöff heimkomme, gell.</u> (R213c(75776)) Se ele para a cidade ia, <u>tem ele bêbado voltado.</u> "Se ele ia para a cidade, aí ele voltava bêbado."

TABELA 7.8. (CONTINUAÇÃO)

POSICÃO DO SUJEITO	ORDEM DAS PALAVRAS / EXEMPLO
- COORDENADA ASSINDÉTICA	(141) Aber dann isch mer im Alter heimgange, hat Mittag gmacht, <u>hat mer en Schimarong trunke</u> <u>bis Mittag, ...</u> (R113b(200_2)). Mas aí fomos nós na idade para casa, almoçamos, a gente um chimarrão na hora do almoço. "Mas aí nós fomos, enquanto velhos, para casa, almoça- mos, a gente tomou um chi- marrão na hora do almoço ... "
- CONDICIONAIS SEM CONECTI- VOS	(142) Waert ihr rehnder komme, <u>haett ihr mich avisiert.</u> (R313e(47_8)) Teriam vocês chegado mais cedo. teriam vocês me avisado. "Se vocês tivessem chegado antes, se vocês tivessem me avisado."
- SUBORDINADA	(143) Aber <u>wenn kommet zwei,</u> dann kann se net stosse. (R314k(41/42)) Mas se virem dois, aí pode ela não empurrar. "Mas se vier dois, aí ela não pode empurrar."
- INDEPENDENTES	(144) <u>Hab ich gsagt,</u> ich geh in die Schul. (R223d(66)) Tenho dito eu, eu vou para a escola. "Disse eu, eu vou para a escola."

7.2.2. COMPARAÇÃO DA POSIÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA E NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI

Nessa seção o nosso objetivo principal é comparar as posições de sujeito que a língua alemã falada na Alemanha permite na presença e na ausência de um engatilhador de sujeito com aquelas que a língua alemã falada em Panambi permite. Realizaremos essa comparação na Tabela 7.8. abaixo reproduzida.

TABELA 7.9. COMPARAÇÃO DA POSIÇÃO DO SUJEITO COM PRESENÇA E AUSÊNCIA DE UM ENGATILHADOR DE SUJEITO NA LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA E EM PANAMBI

POSIÇÃO DE SUJEITO	LÍNGUA ALEMÃ FALA- DA DA ALEMANHA: ORDEM DAS PALAVRAS	LÍNGUA ALEMÃ FALA- DA EM PANAMBI: ORDEM DAS PALAVRAS
1. ENGATILHADORES		
a) POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM PRE- SENÇA DE UM EN- GATILHADOR DE SUJEITO QUE FO- DE SER:	E + VS (0)	E + VS (0)
- advérbio temporal	SIM	SIM
- advérbio local	SIM	SIM
- advérbio modal	SIM	SIM
- advérbio causal	SIM	SIM
- Predicativo	SIM	SIM
- Objeto	SIM	SIM

TABELA 7.9. (CONTINUAÇÃO)

POSIÇÃO DE SUJEITO	LÍNGUA ALEMÃ FALA- DA DA ALEMANHA: ORDEM DAS PALAVRAS	LÍNGUA ALEMÃ FALA- DA EM PANAMBI: ORDEM DAS PALAVRAS
b) PREPOSIÇÃO DE SUJEITO COM PRE- SENÇA DE UM EN- GATILHADOR DE SUJEITO	E + SV (0)	E + SV (0)
- advérbio modal "sicher"	SIM	SIM
- advérbio causal "also"	SIM	SIM
- advérbio tempo- ral "dann"	NÃO	SIM
2. TIPO DE ORAÇÃO		
a) POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA AUSÊNCIA DE UM ENGATILHADOR DE SUJEITO EM DETERMINADOS TIPOS DE ORAÇÕES	VS	VS
- COORDENADA Assindética	SIM	SIM
- CONDICIONAIS SEM CONECTIVOS	SIM	SIM
- PRINCIPAIS POSPOSTAS	SIM	SIM
- SUBORDINADA	NÃO	SIM
- INDEPENDENTE	?	SIM

A comparação das posposições de sujeito que ocorrem na língua alemã falada na Alemanha e na língua alemã falada em Panambi demonstrou duas diferenças interessantes:

1. A ocorrência do engatilhador de sujeito "dann" (aí) em posição inicial da oração não provoca a posposição de sujeito de maneira categórica nos dados dos informantes. Isto significa que a sua gramática prevê a possibilidade de ocorrer tanto um sujeito pré- como também um sujeito pós-verbal no caso do advérbio temporal "dann". Essa variação, porém, não existe na língua alemã coloquial na Alemanha. Se o engatilhador de sujeito "dann" ocorre em posição inicial da oração, então a posposição do sujeito é obrigatória. Exemplos como o número (139) não são aceitáveis. (10)

2. A possibilidade de ocorrer a ordem verbo-sujeito em SUBORDINADAS. Na língua alemã falada essa possibilidade de ordem das palavras não existe para as SUBORDINADAS porque o verbo finito tem que ocorrer obrigatoriamente em posição final da oração, isto é, a ordem das palavras nas SUBORDINADAS é SOV. Exemplos do tipo como descrito em (143) não são aceitáveis. (11)

Além desses dois problemas acima mencionados, acreditamos existir mais um:

3. Observamos de maneira intuitiva durante a análise das narrativas dos informantes que os membros da 1ª GERAÇÃO fazem mais uso da posposição de sujeito que ocorre em função

da presença de um ENGATILHADOR DE SUJEITO em posição inicial da oração e que eles pospõem o sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito somente nos tipos de orações permitidos pela própria gramática do alemão, onde a ordem VS é permitida.

Vejamos agora uma parte de uma narrativa de Wh.C., para qualificar essa nossa intuição:

NARRATIVA DE WH.C., 1ª GERAÇÃO, ZONA RURAL

"...Und danach. No ware mer elf Tag dort und dann sind mer mit dem Kuesteschiff bis nach Praia Igrid gfare. Und do ware mer dann auch nochmal eine Woche. Un von dort sind mer dann hier ruffgfare, ueber Santa Maria hierher nach Belizário. Und dann von Belizario sin mer hier rin nach Panambi. Portmole hat's ja noch Nei-Wirteberg gheisse, ne."

No caso dos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO tivemos a impressão que eles fazem um uso mais generalizado da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração, isto é, eles usam a ordem VS em qualquer tipo de oração, até nas SUBORDINADAS, como mostramos em (2).

Vejamos agora uma narrativa de um informante da 3ª GERAÇÃO:

NARRATIVA DE H.C., 3ª GERAÇÃO, ZONA RURAL

"... Oje, morche fahr ich mit nach Mato Grosso. Mir bleibe a paar Monat jetzt aus. Ganz ruff in de Mato Grosso, ne. Nemme se en grosse Schiever mit, ne. Ah, ham se'n troffen. Hen die Leut's rauskricht, ah, in Porto Alegre war der Mann.

Gostaríamos de verificar se essa nossa intuição constitui uma pista interessante para ser abordada no presente estudo. Realizaremos um cruzamento de fatores: ENGATILHADORES DE SUJEITO com ZONA, IDADE / INFORMANTE para saber se os

informantes da zona urbana e rural e os informantes das três gerações realmente fazem uso diferente dos dois tipos de posposições de sujeito aqui distinguidos.

7.2.3. CRUZAMENTO DE FATORES: UM RECURSO PARA DISTINGUIR OS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÕES QUE OCORREM NA LÍNGUA FALADA EM PANAMBI

Como já mencionamos em 7.1., o cruzamento de fatores fornece resultados percentuais para dois fatores que podem ser tanto de natureza lingüística como também de natureza extra-lingüística. Na presente seção cruzaremos o fator lingüístico ENGATILHADOR DE SUJEITO com os fatores extra-lingüísticos ZONA, IDADE e INFORMANTE para determinar como os informantes das duas zonas e as três gerações em geral e cada informante em particular fazem uso dos dois tipos de posposição de sujeito existentes na língua alemã.

7.2.3.1. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA

O primeiro cruzamento que realizaremos é cruzar o fator lingüístico ENGATILHADORES DE SUJEITO com o fator extra-lingüístico ZONA para verificar se os informantes de uma determinada ZONA fazem mais uso da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial -

fator denominado "NADA" em nossa análise quantitativa dos dados.

7.2.3.1.1. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA

A Tabela 7.10., abaixo reproduzida, apresentará os resultados desse cruzamento de fatores.

TABELA 7.10. - CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADOR DE SUJEITO COM ZONA

ZONA	VARIÁVEL	PREDI- CATIVA	NADA	PROVER- BIO TEM PORAL	OBJETO	ADVER- BIO MODAL	ADVER- BIO LOCAL	ADVER- BIO CAUSAL	INTER- JEIÇÃO	TOTAL	
U R B A N A	Posposição	Ocorrência	14	63	179	35	17	54	4	1	367
		Porcentagem	100%	10%	100%	100%	94%	100%	80%	100%	40%
	Préposição	Ocorrência	0	551	0	0	1	0	1	0	553
		Porcentagem	0%	90%	0%	0%	6%	0%	20%	0%	60%
R U R A L	Posposição	Ocorrência	2	141	267	61	23	47	4	4	549
		Porcentagem	100%	17%	96%	98%	85%	96%	100%	44%	44%
	Préposição	Ocorrência	0	681	12	1	4	2	0	5	705
		Porcentagem	0%	83%	4%	2%	15%	4%	0%	56%	56%
T O T A L	Posposição	Ocorrência	16	204	446	96	40	101	8	5	916
		Porcentagem	100%	14%	97%	99%	89%	98%	89%	50%	42%
	Préposição	Ocorrência	0	1.232	12	1	5	2	1	5	1.258
		Porcentagem	0%	86%	3%	1%	11%	2%	11%	50%	58%

O cruzamento de fatores ENGATILHADOR DE SUJEITO COM ZONA revelou que a posposição de sujeito sem presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (fenômeno denominado "NADA") é maior nos dados dos informantes da ZONA RURAL, que apresentam 17% de posposições de sujeito desse tipo, do que nos dados dos informantes da ZONA URBANA, que pospõem somente 10% dos sujeitos na ausência de um engatilhador de sujeito.

Porém, os resultados desse cruzamento de fatores não distinguem os dois tipos de posposições que nós consideramos a serem tratados separadamente, para chegar a conclusões que nos permitem verificar se os informantes das duas zonas realmente fazem um uso diferente da posposição de sujeito com a estrutura E + VS O e VS O.

Para fins de distinção desses dois tipos de posposições, consideraremos agora somente os 916 casos de posposição de sujeito que ocorrem nos dados dos informantes da zona rural e urbana. Num segundo passo juntaremos para cada zona todos os casos de posposição de sujeito que ocorrem devido à presença de um engatilhador de sujeito, seja ele um predicativo, objeto, advérbio temporal, local, causal ou modal, para depois contrastar esses casos com aqueles de posposição de sujeito que ocorrem sem a presença de tais engatilhadores de sujeito, sub-fator que denominamos NADA. Dessa maneira criaremos uma nova tabela, a Tabela 7.11., através da qual nós seríamos finalmente capazes de diferenciar um tipo de posposição do outro, chegando a resultados definitivos sobre o uso de cada tipo de posposição de sujeito entre os informantes de uma

determinada zona.

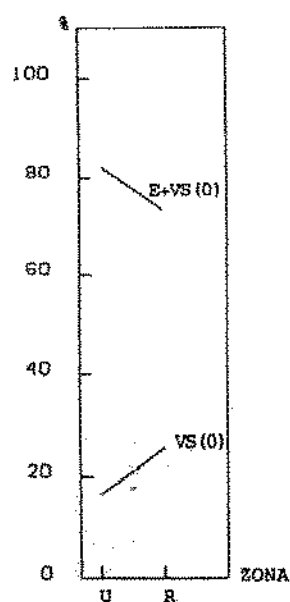
Vejamos agora a Tabela 7.11.

TABELA 7.11. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO NA ZONA RURAL E NA ZONA URBANA

ZONA	OCORRÊNCIA TOTAL DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO	OCORRÊNCIA DE POSPO- SIÇÃO DE SUJEITO COM A ES- TRUTURA: E + VS(O)	PERCEN- TAGEM	OCORRÊNCIA DE POSPO- SIÇÃO DE SUJEITO COM A ES- TRUTURA: V S(O)	PERCEN- TAGEM
URBANA	367	304	83%	63	17%
RURAL	549	408	74%	141	26%
TOTAL	916	712	78%	204	22%

A Tabela 7.11 revelou dados mais significativos ainda: a diferença do uso da posposição sem engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (estrutura: VS O) é 9% da ZONA RURAL para a ZONA URBANA. Isto é, ela se instalou com mais força nos dados dos informantes da zona rural. A seguir reproduziremos a Figura 7.10, onde visualizaremos essa diferença encontrada.

FIGURA 7.10. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (0) e VS (0) NA ZONA RURAL (R) E URBANA (U)



7.2.3.2. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM IDADE

O segundo cruzamento que realizamos foi cruzar o fator lingüístico ENGATILHADORES DE SUJEITO com o fator extra-lingüístico IDADE para verificar se os informantes da 1ª GERAÇÃO fazem mais uso da posposição de sujeito com a estrutura: ENGATILHADORES DE SUJEITO-VERBO-SUJEITO e menos uso da posposição de sujeito com a estrutura VERBO-SUJEITO e se os informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO fazem um uso maior da posposição de sujeito em ausência de um engatilhador de sujeito

em posição inicial - sub-fator denominado "NADA" em nossa análise quantitativa dos dados.

7.2.3.2.1. RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM IDADE

A Tabela 7.12., abaixo reproduzida, apresentará os resultados desse cruzamento de fatores.

TABELA 7.12. - CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADOR DE SUJEITO COM IDADE.											
IDADE	VARIÁVEL		PREDI- CATIVA	NADA	ADVER- BIO TEMPORAL	OBJETO	ADVER- BIO MODAL	ADVER- BIO LOCAL	ADVER- BIO CAUSAL	INTER- JEIÇÃO	TOTAL
1ª	PÓSPOSIÇÃO	Ocorrência	8	29	122	23	13	42	0	1	238
		Porcentagem	100%	8%	99%	100%	93%	98%	0%	100%	42%
	PRÉPOSIÇÃO	Ocorrência	0	330	1	0	1	1	1	0	334
		Porcentagem	0%	92%	1%	0%	7%	2%	100%	0%	58%
2ª	PÓSPOSIÇÃO	Ocorrência	7	86	171	40	16	40	6	1	367
		Porcentagem	100%	13%	96%	100%	83%	100%	100%	33%	38%
	PRÉPOSIÇÃO	Ocorrência	0	584	8	0	3	0	0	2	597
		Porcentagem	0%	87%	4%	0%	17%	0%	0%	67%	62%
3ª	PÓSPOSIÇÃO	Ocorrência	1	89	153	33	11	19	2	3	311
		Porcentagem	100%	22%	98%	97%	92%	95%	100%	50%	49%
	PRÉPOSIÇÃO	Ocorrência	0	318	3	1	1	1	0	3	327
		Porcentagem	0%	78%	2%	3%	8%	5%	0%	50%	51%
TOTAL	PÓSPOSIÇÃO	Ocorrência	16	204	446	96	40	202	8	5	916
		Porcentagem	100%	14%	97%	99%	89%	98%	89%	50%	42%
	PRÉPOSIÇÃO	Ocorrência	0	1.232	12	1	5	2	1	5	1.258
		Porcentagem	0%	86%	3%	1%	11%	2%	11%	50%	58%

O cruzamento de fatores ENGATILHADOR DE SUJEITO COM IDADE revelou que a ocorrência de posposição de sujeito sem presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial (fator denominado "NADA") aumenta de geração para geração. A 1ª geração apresenta 8% de sujeitos pospostos na ausência de um engatilhador de sujeito (fenômeno denominado NADA na Tabela 7.10.), a 2ª geração, 13% e a 3ª geração, 22%. Podemos afirmar então que se verificou a hipótese segundo a qual encontraríamos diferenças significativas entre a 1ª e a 3ª geração quanto ao uso da ordem VS.

Novamente estamos interessados em considerar somente os 916 casos de posposição de sujeito que ocorrem nos dados dos informantes que constituem as três gerações, para poder distinguir entre:

- a posposição de sujeito que ocorre devido à presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (E + VS O) e
- a posposição de sujeito que ocorre em ausência de um engatilhador de sujeito (VS O).

A seguir reproduziremos a Tabela 7.13. que visualizará o uso que cada geração faz dos dois tipos de posposição.

TABELA 7.13. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO: E + VS O e VS (O) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES

GERAÇÃO	OCORRÊNCIA TOTAL DE POSPOSI- ÇÃO DE SUJEITO	OCORRÊNCIA DE POSPO- SIÇÃO DE SUJEITO COM A ES- TRUTURA: E + VS(O)	PERCEN- TAGEM	OCORRÊNCIA DE POSPO- SIÇÃO DE SUJEITO COM A ES- TRUTURA: V S(O)	PERCEN- TAGEM
1ª	238	209	88%	29	12%
2ª	367	281	77%	86	23%
3ª	311	222	71%	89	29%
TOTAL	916	712	78%	204	22%

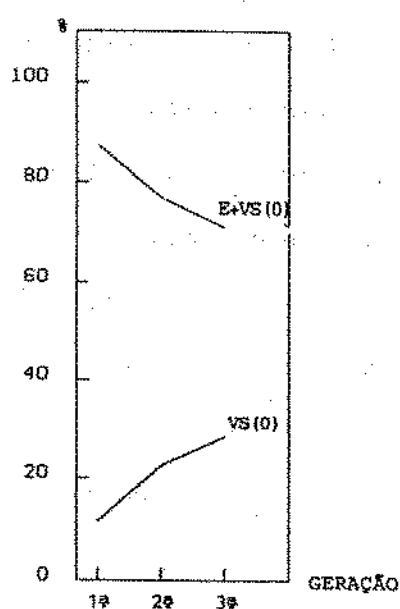
A Tabela 7.13. revelou resultados mais significativos ainda quanto ao uso dos dois tipos de posposição.

- A primeira geração é aquela que usa mais engatilhadores de sujeito em posição inicial da oração para depois pospor o sujeito. Em 238 ocorrências totais de sujeitos pospostos, 209 dos casos ocorrem junto com a presença de um engatilhador de sujeito (isto é, 88%), enquanto há somente 29 casos de posposição de sujeito em ausência de um engatilhador de sujeito (12%).

- Nos dados dos informantes da 2ª geração encontramos 367 casos de posposição de sujeito, dos quais 281 ocorrem em função da presença de um engatilhador de sujeito (isto é, 77%) e 86 na ausência de um engatilhador de sujeito (isto é, 23%).
- A 3ª geração é aquela que mais pospõe os sujeitos sem que esteja presente um engatilhador de sujeito. De 311 casos de posposição de sujeito, somente 222 ocorrem devido a um engatilhador de sujeito em posição inicial (isto é, 71%) enquanto 89 casos de sujeitos pós-verbais ocorrem devido à ordem verbo-sujeito (isto é, 29%).

Vejamos a Figura 7.11, onde visualizaremos o crescimento dos casos de posposição de sujeito sem a presença de um engatilhador nos dados das três gerações.

FIGURA 7.11. COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO: E + VS (0) e VS (0) NOS DADOS DAS TRÊS GERAÇÕES



O gráfico da Figura 7.11. visualiza que o fator IDADE tem uma grande força explicativa, porque se observa, de um lado, um decréscimo do uso da posposição de sujeito na presença de um engatilhador de sujeito (estrutura: E + VS O) da 1ª para a 2ª e 3ª Geração e de outro lado um aumento do uso da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito da 1ª para a 2ª e para a 3ª geração. Podemos interpretar isto como uma mudança sintática que se instalou com muita força na sintaxe dos informantes da 2ª e da 3ª geração.

7.2.3.3. CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM INFORMANTE

O terceiro cruzamento de fatores que realizamos foi cruzar o fator lingüístico ENGATILHADOR DE SUJEITO com o fator extra-lingüístico INFORMANTE para fins de se verificar se os informantes de uma única geração apresentam um comportamento mais ou menos HOMOGÊNEO quanto ao uso dos dois tipos de posposição de sujeito ou se encontramos novamente, como no caso da variável preenchimento versus queda de sujeito, descrito em 7.1., um comportamento lingüístico muito HETEROGÊNEO.

7.2.3.3.1. OS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM INFORMANTE

Vejamos agora a Tabela 7.14. onde apresentaremos os resultados desse cruzamento de fatores.

TABELA 7.14. - CRUZAMENTO DE FATORES:

ENQUADRAMENTO DE SUJEITO COM INIQUIANTE

GE- RA- ÇÃO	VARIÁVEL	PREDI- CATIVO	NADA	ADVER- BIO TEMPORAL	OBJETO	ADVER- BIO MODAL	ADVER- BIO LOCAL	ADVER- BIO CAUSAL	INTER- JEIÇÕES	TOTAL
-------------------	----------	------------------	------	---------------------------	--------	------------------------	------------------------	-------------------------	-------------------	-------

18	E.A.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	2	5	34	2	5	21	0	1	70
			Percentagem	100%	6%	100%	100%	100%	100%	0%	100%	48%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	74	0	0	0	0	1	0	75
			Percentagem	0%	94%	0%	0%	0%	0%	100%	0%	52%
	R.B.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	2	9	22	10	5	4	0	0	52
			Percentagem	100%	8%	100%	100%	83%	100%	0%	0%	34%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	99	0	0	1	0	0	0	100
			Percentagem	0%	92%	0%	0%	17%	0%	0%	0%	66%
	D.B.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	4	9	32	6	1	3	0	0	55
			Percentagem	100%	10%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	41%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	79	0	0	0	0	0	0	79
			Percentagem	0%	90%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	60%
	Wh. C.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	6	34	5	2	24	0	0	61
			Percentagem	0%	7%	97%	100%	100%	93%	0%	0%	43%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	78	1	0	0	1	0	0	80
			Percentagem	0%	93%	3%	0%	0%	7%	0%	0%	57%

28	R.A.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	3	7	22	5	0	15	1	0	53
			Percentagem	100%	7%	100%	100%	0%	100%	100%	0%	36%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	90	0	0	0	0	0	0	90
			Percentagem	0%	93%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	64%
	K.A.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	8	38	9	3	8	0	0	66
			Percentagem	0%	9%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	46%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	78	0	0	0	0	0	0	78
			Percentagem	0%	91%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	54%
	M.B.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	3	15	18	3	1	3	2	0	45
			Percentagem	100%	14%	100%	100%	100%	100%	100%	0%	33%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	90	0	0	0	0	0	0	90
			Percentagem	0%	86%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	67%
	M.D.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	1	8	20	6	4	0	2	0	41
			Percentagem	100%	10%	91%	100%	80%	0%	100%	0%	28%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	101	2	0	1	0	0	0	104
			Percentagem	0%	90%	9%	0%	20%	0%	0%	0%	72%
	A.D.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	10	18	4	1	3	0	0	36
			Percentagem	0%	9%	86%	100%	50%	100%	0%	0%	26%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	96	3	0	1	0	0	1	101
			Percentagem	0%	91%	14%	0%	50%	0%	0%	100%	74%
	J.C.	PÓSPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	11	25	8	3	6	0	0	53
			Percentagem	0%	13%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	42%
		PRÉPO- SIÇÃO	Ocorrência	0	73	0	0	0	0	0	0	73
			Percentagem	0%	87%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	79%

	SICÃO	Percentagem	0%	91%	14%	0%	50%	0%	0%	100%	
J.C	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	11	25	8	3	6	0	0	53
		Percentagem	0%	13%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	42%
	PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	73	0	0	0	0	0	0	73
		Percentagem	0%	87%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	79%

38	H.C	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	20	43	12	2	7	0	2	86
			Percentagem	0%	27%	98%	100%	100%	100%	0%	100%	61%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	53	1	0	0	0	0	0	54
			Percentagem	0%	73%	2%	0%	0%	0%	0%	0%	40%
	N.C	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	18	14	6	2	3	0	1	44
			Percentagem	0%	25%	93%	86%	100%	75%	0%	50%	43%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	55	1	1	0	1	0	1	59
			Percentagem	0%	75%	7%	24%	0%	25%	0%	50%	57%
	N.E	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	1	0	31	6	2	4	0	0	52
			Percentagem	100%	8%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	36%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	92	0	0	0	0	0	1	93
			Percentagem	0%	92%	0%	0%	0%	0%	0%	100%	64%
	M.C	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	23	43	7	2	3	1	0	79
			Percentagem	0%	29%	98%	100%	67%	100%	100%	0%	57%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	56	1	0	1	0	0	1	59
			Percentagem	0%	71%	2%	0%	33%	0%	0%	100%	43%
	B.D	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	10	8	2	1	2	0	0	23
			Percentagem	0%	32%	100%	100%	100%	100%	0%	0%	52%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	21	0	0	0	0	0	0	21
			Percentagem	0%	68%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	48%
	H.A	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	7	5	0	2	0	1	0	15
			Percentagem	0%	33%	100%	0%	100%	0%	100%	0%	52%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	14	0	0	0	0	0	0	14
			Percentagem	0%	67%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	48%
	G.A	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	3	9	0	0	0	0	0	12
			Percentagem	0%	10%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	31%
		PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	27	0	0	0	0	0	0	27
			Percentagem	0%	90%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	69%

TOTAL	PÓSPO-SIÇÃO	Ocorrência	16	204	446	96	40	101	8	5	916
		Percentagem	100%	14%	97%	99%	69%	98%	89%	50%	42%
	PRÉPO-SIÇÃO	Ocorrência	0	1.232	12	1	5	2	1	5	1.258
		Percentagem	0%	86%	3%	1%	11%	2%	11%	50%	58%

A Tabela 7.14. visualiza que o comportamento lingüístico dos informantes da 1ª geração é mais homogêneo do que aquele dos informantes da 2ª e da 3ª geração.

No caso dos informantes da 1ª geração a percentagem mais baixa de ocorrência de VS é 6% (veja o informante E.A.) e a percentagem mais alta é 10% (veja a informante D.B.).

Já nos casos dos informantes da 2ª geração percebem-se grandes diferenças. O informante R.A. apresenta o índice mais baixo de ocorrência da ordem VS com 7% de sujeitos pospostos, enquanto a informante I.D. apresenta o índice mais alto de ocorrência de VS com 33% dos sujeitos pospostos.

A percentagem mais baixa de ocorrência de ordem VS no caso dos informantes da 3ª geração é 8% (veja o informante Ne.C.) e a mais alta é 33% de sujeitos pospostos (veja a informante H.A.).

No caso do presente cruzamento de fatores estamos novamente interessados em considerar somente os 916 casos de sujeitos pospostos para poder distinguir entre os dois tipos de posposição de sujeito:

- posposição devido à presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial (E + VS (O)) e
- posposição devido à ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial (fenômeno denominado "NADA") (VS (O)).

A seguir reproduziremos a Tabela 7.15. que mostrará o uso que cada informante faz dos dois tipos de posposição.

TABELA 7.15. - COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (0) E VS (0) NOS DADOS DOS INFORMANTES						
GERAÇÃO	INFORMANTE	OCORRÊNCIA TOTAL DE POSPOSIÇÃO DO SUJEITO	OCORRÊNCIA DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM A ESTRUTURA		OCORRÊNCIA DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM A ESTRUTURA	
			E + VS (0)	PERC.	VS (0)	PERC.
1ª	E.A.	75	65	93 %	5	7 %
	Wh.C.	61	55	90 %	6	10 %
	D.B.	55	46	84 %	9	16 %
	R.B.	52	43	83 %	9	17 %
2ª	K.A.	66	58	88 %	8	12 %
	R.A.	53	46	87 %	7	13 %
	Wl.C.	41	33	80 %	8	20 %
	I.C.	53	42	79 %	11	21 %
	A.D.	36	26	72 %	10	28 %
	M.B.	45	30	67 %	15	33 %
	I.D.	73	46	63 %	27	37 %
3ª	N.C.	52	44	85 %	8	15 %
	H.C.	86	66	77 %	20	23 %
	G.N.	12	9	75 %	3	25 %
	M.C.	79	56	71 %	23	29 %
	Ns.C.	44	26	59 %	18	41 %
	B.D.	23	13	57 %	10	43 %
	H.A.	15	8	53 %	7	47 %
TOTAL		916	712	78 %	204	22 %

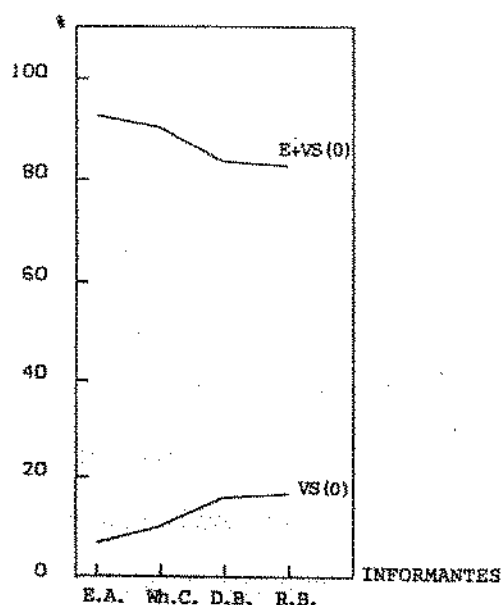
A Tabela 7.15. revelou que há uma grande heterogeneidade quanto ao uso dos dois tipos de posposição de sujeito. Essa heterogeneidade se manifesta até nos dados dos informantes da 1ª geração. Vejamos agora os resultados que esse cruzamento de fatores revelou para:

- OS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO

E.A. é o informante que pospõe somente 7% dos sujeitos com engatilhador de sujeito ausente em posição inicial da oração, enquanto Wh.C. ocupa uma posição intermediária com 10% de sujeitos pospostos desse tipo, enquanto D.B. e R.B. são aqueles que mais pospõem o sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito (16% e 17% respectivamente).

Vejamos agora a Figura 7.12., abaixo reproduzida, onde visualizaremos a frequência percentual da posposição de sujeito devido à presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (E + VS (O)) e devido à ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (VS (O)) nos dados dos INFORMANTES que constituem a 1ª GERAÇÃO.

FIGURA 7.12. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (0) e VS (0) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO



- OS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

K.A. e R.A. usam menos a ordem VS (12 e 13% respectivamente), W.C. e I.C. apresentam 20% e 21% desse tipo de posposição. Em seguida vem A.D. com 28% de sujeitos pospostos sem presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração. M.B. e I.D. apresentam os valores mais elevados de posposição de sujeito devido à ordem VS - 33% e 37% respectivamente.

- OS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO

Ne.C. é o informante que menos pospõe sujeitos sem presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração. O valor percentual é de 15%. Em seguida vem H.C. com 23% de posposições de sujeito desse tipo, depois G.A. com 25% e M.C. com 29%. Os valores mais altos de posposição de sujeito sem presença de um engatilhador de sujeito são de N.C. (41%), B.D. (43%) e H.A. (47%).

Vejamos agora as Figuras 7.13. e 7.14. onde visualizaremos a frequência percentual dos dois tipos de posposição de sujeito: $E + VS(O)$ e $VS(O)$ nos dados dos informantes da 2ª e da 3ª Geração.

FIGURA 7.13. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: $E + VS(O)$ e $VS(O)$ NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

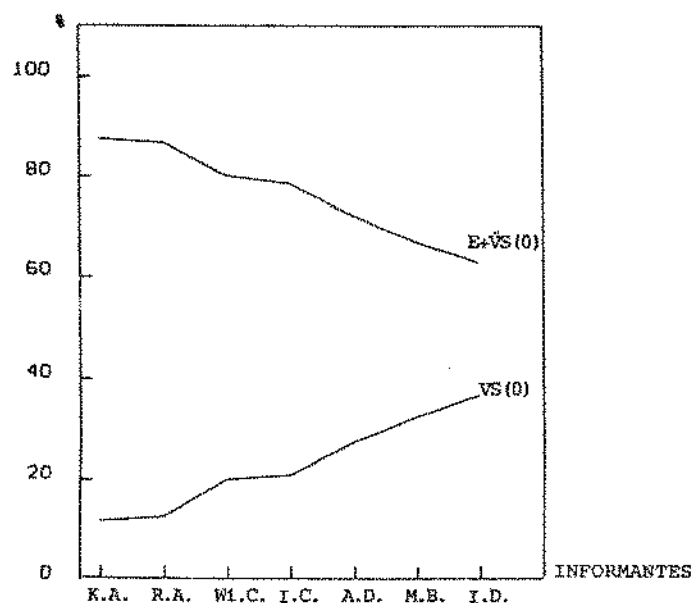
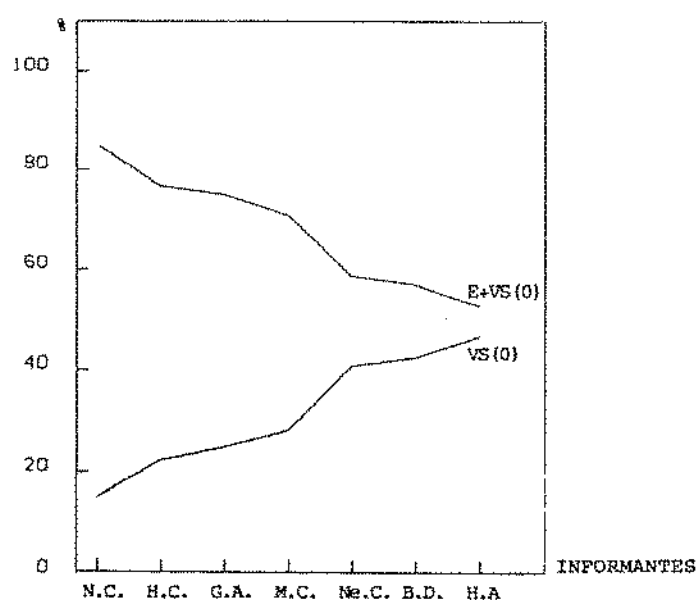
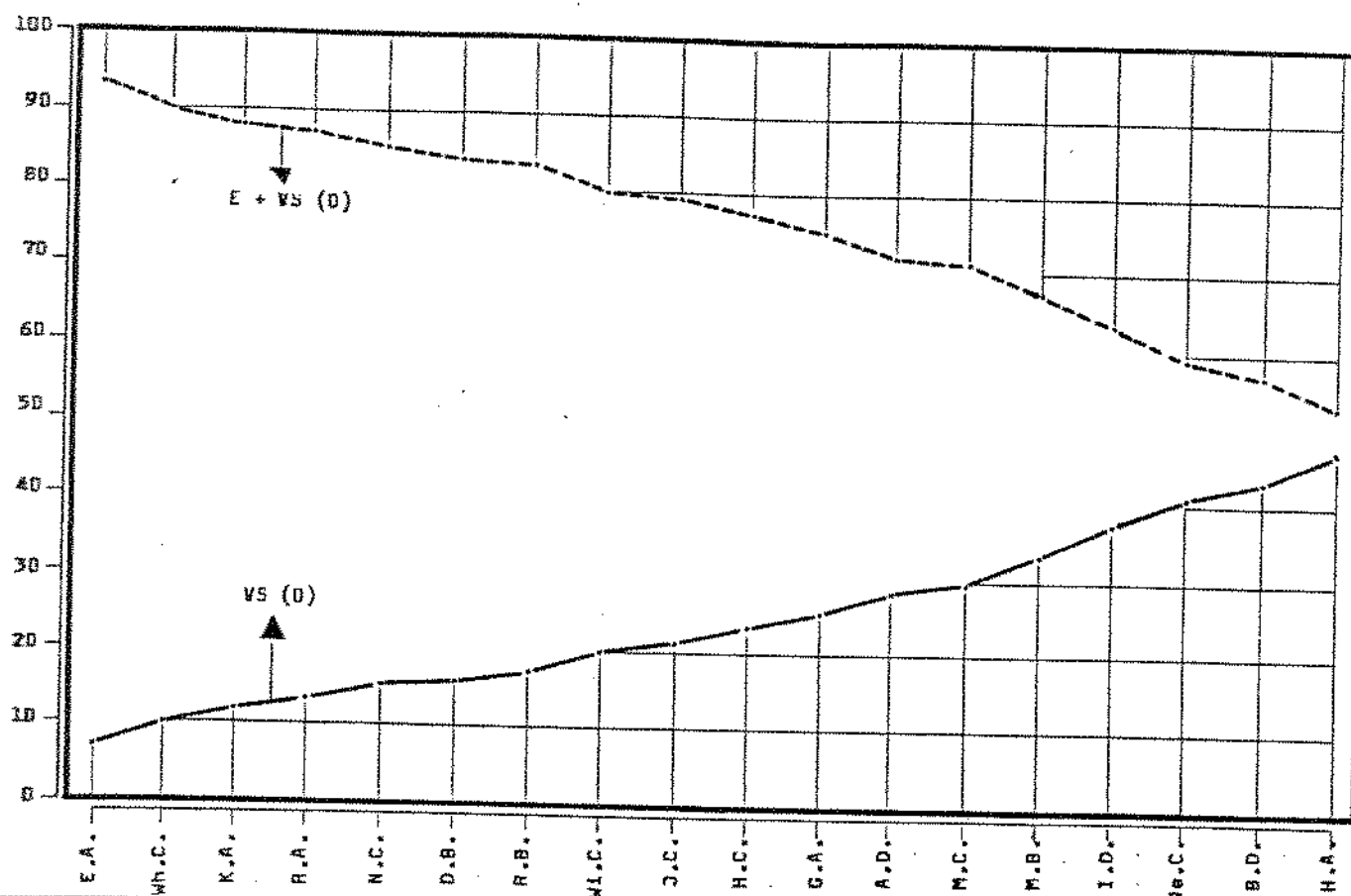


FIGURA 7.14. FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO: E + VS (0) e VS (0) NOS DADOS DOS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO



Se juntarmos todos os informantes da nossa amostra num gráfico só, para comparar a frequência percentual dos dois tipos de posposição de sujeito, chegamos à representação do gráfico da Figura 7.15., abaixo reproduzida.

FIGURA 7.15 - COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA PERCENTUAL DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÕES DE SUJEITO: E + VS (0) NOS DADOS DOS INFORMANTES.



A Figura 7.15. visualiza que, de um lado, temos informantes que pospõem a grande maioria dos sujeitos junto com a ocorrência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração e que fazem pouco uso da posposição de sujeito na ausência de tais engatilhadores. Este é, por exemplo, o caso do informante E.A., 1ª GERAÇÃO, que apresenta 93% dos sujeitos pospostos devido à ordem das palavras E + VS (0) e somente 7% dos sujeitos são pospostos devido à ordem VS (0).

De outro lado, há informantes no final do gráfico que fazem um uso quase igual dos dois tipos de posposição de sujeito. Este é o caso da informante H.A., 3ª GERAÇÃO, que pospõe somente 53% dos sujeitos devido à ocorrência de um

engatilhador de sujeito em posição inicial da oração e 47% dos sujeitos na ausência de tal engatilhador.

Esses resultados mostram claramente que há um aumento de posposições de sujeito sem a ocorrência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração dos informantes mais idosos para os mais jovens.

Nesse momento também seria interessante saber se os informantes das três gerações fazem uso diferente dos dois tipos de posposições de sujeito nos diferentes TIPOS DE ORAÇÕES. Isto é, seria interessante verificar se os informantes da 1ª GERAÇÃO fazem mais uso da posposição de sujeito em função de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração e fazem menos uso da ordem VS em determinados tipos de orações onde ela é prevista pela própria gramática do alemão. São eles: as coordenadas assindéticas e as principais pospostas. Para os informantes da 2ª e da 3ª geração hipotetizamos que eles usariam a ordem VS tanto nos tipos de orações previstos, que acabamos de mencionar acima, como também em outros, que não estejam previstos pela gramática - lembraremos aqui brevemente o caso das subordinadas, que apresentam posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito em posição inicial da oração no corpus analisado.

Para verificar se realmente está acontecendo uma mudança ou não quanto ao uso da ordem VS em determinados tipos de orações realizaremos um cruzamento de fatores em forma de um projeto piloto. Pegaremos uma parte das narrativas de Wh.C., Wi.C. e H.C., apresentadas em 5.2. como uma pequena amostra do material à nossa disposição, e faremos um cruzamento de fatores

"manual", analisando somente os casos de posposição de sujeito nessas narrativas. A variável em questão seria engatilhador de sujeito-verbo-sujeito (E + VS (0)) e a variável dependente seria verbo-sujeito (VS). Cruzaremos o fator lingüístico "TIPO DE ORAÇÃO" com o fator extra-lingüístico Informante. (12)

Vejamos agora na Tabela 7.16. um resultado prévio desse tipo de cruzamento de fatores.

TABELA 7.16. - CRUZAMENTO DE FATORES: TIPO DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM TIPO DE ORAÇÃO											
INFORMANTE	VARIÁVEL		INDEPENDENTE	COORD. ASSIN- DÉTICA	SUBOR- DINADA	COORD. ADITIVA	COORD. ADVER- SATIVA	PRIN- CIPAL	COORD. EXPLI- CATIVA	COORD. ALTER- NATIVA	TOTAL
Wh.C.	VS	Ocorrência	2	2	0	0	1	1	0	0	6
		Porcentagem	9%	33%	0%	0%	33%	17%	0%	0%	10%
	E + VS	Ocorrência	21	4	1	22	2	5	0	0	55
		Porcentagem	91%	67%	100%	100%	67%	83%	0%	0%	90%
W.L.C.	VS	Ocorrência	2	1	0	0	0	5	0	0	8
		Porcentagem	25%	12,5%	0%	0%	0%	36%	0%	0%	20%
	E + VS	Ocorrência	6	7	0	7	3	9	1	0	33
		Porcentagem	75%	87,5%	0%	100%	100%	64%	100%	0%	80%
H.C.	VS	Ocorrência	11	4	1	4	0	0	0	0	20
		Porcentagem	26%	19%	100%	22%	0%	0%	0%	0%	23%
	E + VS	Ocorrência	32	17	0	14	0	3%	0	0	66
		Porcentagem	74%	81%	0%	78%	0%	100%	0%	0%	77%
TOTAL	VS	Ocorrência	15	7	1	4	1	6	0	0	34
		Porcentagem	20%	20%	50%	9%	17%	26%	0%	0%	18%
	E + VS	Ocorrência	59	28	1	43	5	17	1	0	154
		Porcentagem	80%	80%	50%	91%	83%	74%	100%	0%	82%

A Tabela 7.16. onde realizamos o cruzamento de fatores tipo de oração com informante referente ao tipo de posposição, revelou que está havendo realmente uma mudança quanto à ocorrência da ordem VS em determinados tipos de orações nos

dados analisados dos informantes. Vejamos agora informante por informante:

- WH.C. (1ª geração)

Este informante apresenta o maior índice de ocorrência de VS nos ambientes esperados por nós. São eles as COORDENADAS ASSINDÉTICAS (33%) e as PRINCIPAIS (17%). As INDEPENDENTES têm somente 9% de sujeitos pospostos devido à ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração. Os dados desse informante não contêm a ocorrência de VS nas SUBORDINADAS e nas COORDENADAS ADITIVAS.

- WI.C. (2ª geração)

Ele faz o maior uso de VS nas PRINCIPAIS (36%) e nas INDEPENDENTES (25%), e nas COORDENADAS ASSINDÉTICAS ocorrem somente 12,5% de sujeitos pospostos provocados pela ordem VS. Este informante já se distingue de maneira significativa quanto ao uso de VS nas INDEPENDENTES E PRINCIPAIS do informante WH.C. Observa-se também uma diminuição dessa ordem nas COORDENADAS ASSINDÉTICAS no caso do informante WI.C.. A ordem VS não ocorre nem nas SUBORDINADAS e nem nas COORDENADAS ADITIVAS.

- H.C. (3ª geração)

Este informante apresenta o maior índice de VS nas SUBORDINADAS (100%), depois vêm as INDEPENDENTES (26%) e nas COORDENADAS ADITIVAS (22%). No caso das COORDENADAS ASSINDÉTICAS encontramos 19% de sujeitos pospostos devido à ordem VS. Podemos afirmar que é este informante que apresenta mais mudanças quanto ao uso da ordem VS do que os dois outros, porque em seus dados ocorrem posposições de sujeito que não são previstos pela própria gramática - este é o caso de VS nas SUBORDINADAS.

O cruzamento de fatores ENGATILHADORES DE SUJEITO com ZONA, IDADE e INFORMANTE revelou dois resultados significativos:

1. Há diferenças significativas quanto ao uso dos dois tipos de posposições de sujeito nas duas zonas e entre as três gerações. A pergunta que se levanta nesse momento é se a maior ocorrência de posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito em posição inicial da oração que observamos tanto nos dados da zona rural, como também nos dados da 2ª e da 3ª geração está relacionada de alguma maneira com a situação de contato que a língua alemã mantém com a língua portuguesa na mesma comunidade de fala.
2. Observa-se um comportamento lingüístico muito heterogêneo de todos os informantes quanto ao uso dos dois tipos de posposição de sujeito. Como explicar?

Na seção que se segue trataremos desses problemas de maneira mais explícita.

7.2.4. A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: ENGATILHADORES DE SUJEITO COM ZONA, IDADE E INFORMANTE

7.2.4.1. COMO INTERPRETAR A ALTA OCORRÊNCIA DE POSPOSIÇÕES DE SUJEITO NA AUSÊNCIA DE UM ENGATILHADOR DE SUJEITO EM POSIÇÃO INICIAL DA ORAÇÃO NA ZONA RURAL E NA 2ª E 3ª GERAÇÃO?

A pergunta central dessa seção é se o aumento da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial provém da situação de contato que a língua alemã e a língua portuguesa mantêm na mesma comunidade de fala.

Desenvolveremos a nossa argumentação referente a esse problema no decorrer dessa seção.

O que podemos afirmar com ênfase é que estamos frente a um fenômeno de MUDANÇA SINTÁTICA que se manifesta com muita força nos resultados do cruzamento de fatores: ENGATILHADORES DE SUJEITO com ZONA e IDADE.

Esses resultados revelaram que a posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito no início da oração ocorre com mais frequência:

- na zona RURAL e

- na 2ª e na 3ª GERAÇÃO.

Acreditamos existirem duas possibilidades de interpretar tal aumento:

1. Como uma omissão ou queda de engatilhadores de sujeito em posição inicial da oração, assim como há queda de sujeito, queda de objeto e queda de auxiliares nos dados dos informantes.
2. Como uma generalização da regra VS. Isto é, os informantes sabem da possibilidade de ocorrerem sujeitos pospostos na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial em determinados tipos de orações e aplicam tal regra para outros tipos de orações.

Agora se levanta a pergunta: qual das duas explicações é mais provável?

Assumimos a argumentação a favor de 2, isto é, hipotetizamos que há uma generalização da regra VS na sintaxe dos informantes da 2ª e da 3ª geração. O que sustenta essa nossa argumentação são os resultados de cruzamento de fatores que realizamos manualmente para os casos de posposição para um informante de cada geração (veja a Tabela 7.16., página 343).

Eles revelaram que o informante da 3ª geração aumenta o uso da posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (estrutura VS (O)) no caso das INDE-

PENDENTES e o introduz em tipos de orações, onde na literatura revisada não constam casos de ordem VS: este é o caso das COORDENADAS ADITIVAS e das SUBORDINADAS. Desses últimos sabemos que a ocorrência da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração cria orações agramaticais, porque nas SUBORDINADAS o verbo finito tem que ocorrer obrigatoriamente em posição final da oração.

Será que essa generalização da regra VS nasce da situação de contato que a língua alemã mantém com a língua portuguesa na mesma comunidade de fala, levando em conta que o português permite a ordem VS, embora em ambientes bem restritos, como foi mostrado por Kato e Tarallo (1987) e Kato (1987)?

Foi no artigo "Le contact entre les langues et ses effets sur la syntaxe" de Nicole Domingue, publicado em 1983, que encontramos uma discussão interessante à respeito desse problema. A autora afirma que sempre que estamos confrontados com uma situação de contato entre duas línguas, se levanta a pergunta se as inovações sintáticas observáveis resultam dessa situação de contato ou se elas podem ser interpretadas por processos de mudança sintática internos. (13)

A autora acredita que é possível reconciliar esses dois pontos de vista na medida em que hipotetizamos que

"... l'emprunt syntaxique est possible, mais seulement au cas où il est compatible avec la structure sous-jacente de la langue qui le recoit."

(Domingue, 1983: 269)

Segundo essa hipótese o contato entre duas línguas não pode introduzir uma nova regra sintática na estrutura profunda de uma língua, mas ele pode provocar modificações ao nível da aplicação de regras já existentes.

"Ainsi par exemple, une règle peut se généraliser; une règle optionnelle peut disparaître ou devenir obligatoire. De tels faits se produisent en l'absence de contact, mais le contact justifie, d'une part, leur diffusion rapide et, d'autre part, leur extension presque limitée à la seule variété soumise à l'influence d'une autre langue."
(Domingue, 1983: 269)

A autora verifica essa hipótese com ajuda de exemplos de inovações sintáticas em três situações de contato diferentes (14) e afirma que:

"... l'emprunt syntaxique est un resultat possible du contact entre les langues dans les cas où cet emprunt produit des changements justifiés par une conjuncture intrasystémique dans la langue affectée."
(Domingue, 1983: 278)

Vejamos agora o que isto significa para o caso da posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito em posição inicial da oração. Podemos afirmar que:

1. A regra VS já existe na gramática, por isso a mudança sintática, que consiste na generalização de tal regra, é compatível com a própria gramática da língua alemã.

2. A sua difusão é 'rápida', porque ela se instalou com muita força nos dados da 2ª e da 3ª geração.

Resta agora explicar também por que a posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito apresenta uma ocorrência maior na zona rural do que na zona urbana.

Acreditamos que podemos explicar tal fato com ajuda de dois processos que atuam ao mesmo tempo:

1. OS PROCESSOS INTERNOS

Sabemos que a língua alemã falada e especialmente a língua alemã dialetal fazem mais uso da inversão de sujeito do que a língua alemã padrão (veja Henn, 1978). Caracterizamos em 5.1. a língua alemã falada na zona rural como um alemão que é mais marcado por traços dialetais do que por traços típicos do alemão padrão e que o alemão falado na zona urbana apresenta tanto influência dos dialetos, como também do alemão padrão.

Assim, poderíamos hipotetizar que a língua alemã falada na zona rural generaliza a regra VS devido à possibilidade maior de posposição de sujeito na língua alemã marcada por traços dialetais, e que a língua alemã falada na zona urbana pospõe menos sujeitos devido ao contato maior com a língua alemã padrão (veja o ensino da língua alemã no Colégio Evangélico Panambi).

2. OS PROCESSOS EXTERNOS

Ao mesmo tempo que agem os processos internos acima descritos temos que levar em conta os processos externos, isto é, podemos levantar a hipótese que o aumento da ordem VS nos dados da 2ª e da 3ª geração também pode ser relacionado com a própria situação de contato que a língua alemã mantém com a língua portuguesa.

Acreditamos, porém, que a interpretação mais adequada do aumento da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração somente será possível em futuros estudos, onde aplicaremos algumas modificações junto com o modelo de análise dos dados: Primeiramente desenvolveremos um novo modelo de análise para os dados que apresentam posposição de sujeito, distinguindo duas variáveis: uma seria a variável posposição de sujeito com ENGATILHADOR DE SUJEITO EM POSIÇÃO INICIAL DA ORAÇÃO (estrutura: E + VS (O)) e a outra, a variável dependente, seria posposição de sujeito SEM ENGATILHADOR DE SUJEITO NO INÍCIO DA ORAÇÃO (estrutura: VS). Esse novo modelo de análise teria de conter novamente os sub-fatores ENGATILHADORES DE SUJEITO e TIPO DE ORAÇÃO.

Depois quantificaríamos os dados e assim chegaremos a resultados mais específicos que permitem fazer interpretações mais profundas sobre o uso dos dois tipos de posposição em determinados tipos de orações pelos informantes das três gera-

cões.

Num segundo momento, seria preciso dispor de um corpus da língua alemã atualmente falada na Alemanha, que fosse colhido através da mesma metodologia que usamos em nossa pesquisa de campo e que depois os dados fossem analisados segundo o modelo modificado e depois quantificados para poder comparar os resultados, para depois chegar a conclusões mais seguras.

Vejamos agora de que maneira podemos explicar a grande HETEROGENEIDADE encontrada nos dados dos informantes.

7.2.4.2. COMO EXPLICAR O COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO HETEROGÊNEO DOS INFORMANTES?

As Figuras 7.12., 7.13. e 7.14., onde reproduzimos em forma de gráficos a frequência percentual dos dois tipos de posposição nos dados dos informantes da 1ª, da 2ª e da 3ª geração, revelaram que há uma grande HETEROGENEIDADE entre eles - incluindo os informantes da 1ª geração.

Nessa seção pretendemos estabelecer uma relação entre alguns fatores de natureza extra-lingüística tais como: IDADE, LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR, LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR, ZONA em que mora o informante, seja ela a urbana ou a rural e GRAU DE CONTATO com a língua portuguesa com os resultados que o cruzamento de fatores forneceu para os dois tipos de posições.

Novamente é preciso assinalar que consideramos as observações que resultam dessa combinação de fatores lingüísticos com fatores extra-lingüísticos como puramente hipotéticas. Acreditamos, porém, que elas possam ajudar a explicar melhor o com-

portamento linguístico de cada um dos informantes.

Vejamos agora a Tabela 7.17., que reproduziremos a seguir, onde apresentamos os resultados de cada informante referentes às posposições de sujeito:

- E + VS (O) e

- VS (O)

junto com os fatores extra-linguísticos anteriormente descritos.

TABELA 7.17. - A COMBINAÇÃO DOS RESULTADOS DO CRUZAMENTO DE FATORES: POSPOSIÇÃO DE SUJEITO COM INFORMANTE COM OUTROS FATORES DE NATUREZA EXTRA-LINGÜÍSTICOS.								
INFORMANTE	TIPO DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO		GERAÇÃO	SEXO	IDADE	LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR	LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR	ZONA
	E + VS O	VS O						

E.A.	93%	7%	1ª	M	80	A	A	U
Wh.C.	90%	10%		M	80	A	A	R
D.B.	84%	16%		F	78	A	A	U
R.B.	83%	17%		M	74	A	A	U

K.A.	88%	12%	2ª	F	30	A	P	U
R.A.	87%	13%		M	50	A	A/P	U
W.C.	80%	20%		M	50	A	A/P	R
I.C.	79%	21%		F	45	A	A/P	R
A.D.	72%	28%		M	45	A	A/P	R
M.B.	67%	33%		F	40	A	P	U
I.D.	63%	37%		F	39	A	A/P	R

N.C.	85%	25%	3ª	M	18	A	P	R
H.C.	77%	23%		M	22	A	P	R
G.A.	75%	25%		F	10	A	P	U
M.C.	71%	29%		F	15	A	P	R
Nu.C.	59%	41%		M	20	A	P	R
B.D.	57%	43%		M	7	A	P	R
H.A.	53%	47%		F	13	A	P	U

Vejamos agora como podemos explicar as diferenças que encontramos entre os informantes da 1ª, da 2ª e da 3ª Geração quanto ao uso dos dois tipos de posposições de sujeito.

- OS INFORMANTES DA 1ª GERAÇÃO

São eles os informantes E.A., Wh.C., D.B. e R.B.. Sabemos que para todos a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR e ESCOLAR era a LÍNGUA ALEMÃ e que eles foram expostos a CONTATOS relativamente DESCONTÍNUOS com a língua portuguesa.

Mesmo assim, observamos até no caso desses informantes um comportamento lingüístico HETEROGÊNEO. A diferença entre o informante mais conservador (E.A.) e o mais avançado (R.B.) quanto ao uso da posposição na ausência de um engatilhador de sujeito é 10%. Esse valor nos parece muito significativo, embora ele seja bem mais baixo do que as diferenças percentuais apresentadas pelos informantes da 2ª e da 3ª GERAÇÃO.

Como podemos explicar tal HETEROGENEIDADE?

Acreditamos existirem duas possibilidades:

1. Os informantes D.B. e R.B. que apresentam os valores mais altos de posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito presente em posição inicial da oração (16% e 17% respectivamente), usam-na corretamente nos tipos de orações onde isto esteja previsto pela própria gramática da língua alemã. A verificação dessa hipótese será possível num futuro estudo em que analisaremos, como já foi proposto anteriormente, so-

mente os casos de posposição de sujeito, trabalhando com duas variáveis, sendo uma a posposição de sujeito com a estrutura ENGATILHADOR DE SUJEITO - VERBO-SUJEITO - OBJETO (FACULTATIVO) e a outra a variável VERBO-SUJEITO-OBJETO (FACULTATIVO).

2. Os dois informantes acima mencionados apresentam um aumento da posposição de sujeito com a estrutura VS porque fazem um uso generalizado dessa regra. Uma explicação possível para esse comportamento lingüístico seria que a generalização da regra VS está sendo integrada no sistema lingüístico dos falantes, isto é, também naquele dos informantes da 1ª GERAÇÃO. (15)

As hipóteses acima levantadas somente poderão ser verificadas ou falsificadas em futuros estudos, onde analisaremos somente os dados que apresentam posposição de sujeito, seja ele o caso da posposição E + VS (O) ou o caso da posposição VS (O), para depois quantificá-los. Somente assim chegaremos a conclusões mais seguras.

- OS INFORMANTES DA 2ª GERAÇÃO

São eles os informantes K.A., R.A., W.C., A.D., M.B. e I.D.. No caso desses informantes a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR era a LÍNGUA ALEMÃ que também foi inicialmente a LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR. Ela foi substituída pela LÍNGUA PORTUGUESA a partir de 1939.

Classificaremos o CONTATO que esses informantes tiveram e continuam a ter com a língua portuguesa de FREQUENTE até CONTÍNUO, dependendo da ZONA em que moram.

A diferença entre o informante mais conservador, que é K.A. da ZONA URBANA, e a informante I.D. da ZONA RURAL, que é a informante mais avançada quanto à posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito é 21%. Este valor mostra que há uma grande HETEROGENEIDADE entre os informantes da 2ª GERAÇÃO.

O que também é interessante no caso desses informantes é que dois informantes da ZONA URBANA apresentam a percentagem mais baixa de posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (veja na Figura 7.13. os informantes K. A. e R. A.). Isto poderia ser explicado, como já proposto na seção anterior, que a língua alemã falada na zona urbana sofre mais influências da língua alemã padrão que a da zona rural.

Sabemos dos dois informantes acima mencionados que ambos tiveram aulas de alemão como segunda língua durante a sua estada no Colégio Evangélico Panambi e através desse meio tiveram mais contatos diretos com a língua alemã padrão.

Em oposição a isto, a informante M.B., que também mora na ZONA URBANA de Panambi, apresenta um valor de frequência percentual de posposição de sujeito com a estrutura VS (O) relativamente alto (33% dos sujeitos são pospostos na ausência de um engatilhador de sujeito). Dessa informante sabemos através de sua biografia individual que ela frequentou uma escola pública da zona rural onde a língua de ensino era o português.

Ela não teve aulas de alemão como segunda língua, como é o caso dos informantes K.A. e R.A. e ela usa, nas suas interações verbais com o marido e com os filhos, exclusivamente a língua portuguesa.

O restante dos informantes que apresentam valores de posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração, são todos da zona RURAL. Acreditamos que no caso desses informantes atuam dois processos ao mesmo tempo: De um lado há os chamados PROCESSOS INTERNOS os quais provocam um uso maior da regra VS devido ao fato de o alemão falado pelos informantes da zona rural ser fortemente influenciado pelos dialetos sueviano e "hunsrueckisch" e, de outro lado, há os chamados PROCESSOS EXTERNOS que possivelmente provocam o aumento da posposição de sujeito sem engatilhador de sujeito em posição inicial devido à própria situação de contato entre as duas línguas.

Porém, é preciso assinalar mais uma vez aqui que uma interpretação mais adequada do comportamento lingüístico dos informantes da 2ª geração somente será possível em futuros estudos, onde trabalharemos somente com os dados que apresentam um dos dois tipos de posposição de sujeito.

- OS INFORMANTES DA 3ª GERAÇÃO

São eles os informantes N.C., H.C., G.A., M.C., Ne.C., R.D. e H.A.. Todos esses informantes tiveram a língua alemã como LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO FAMILIAR e a língua portuguesa como

LÍNGUA DE SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR.

A diferença entre o informante mais conservador e o mais avançado em relação à posposição de sujeito é 32%. Isto significa que são os informantes da 3ª GERAÇÃO que apresentam a maior HETEROGENEIDADE nos seus dados.

O informante que menos pospõe sujeitos desta forma é Ne.C., da zona rural. O seu valor percentual é 15% e se aproxima dos valores percentuais apresentados pelos informantes K.A. e R.A., ambos da 2ª geração da zona urbana. Todos os outros informantes dessa geração apresentam frequências percentuais muito altas de posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração - o valor mais alto chega a 47%, isto é quase a metade das orações apresentam a estrutura VS.

Essa difusão muito forte indica que estamos frente a uma mudança sintática muito DRÁSTICA (16) e que ela já foi integrada ao sistema lingüístico dos informantes da 3ª geração.

Porém, é preciso novamente cautela no caso dessa nossa argumentação a favor da situação de contato. É importante argumentar aqui novamente que precisamos realizar futuramente análises mais refinadas dos casos de posposição de sujeito, para verificar de que maneira os informantes da 3ª geração fazem uso dos dois tipos de posposição.

7.2.5. CONCLUSÕES DA VARIÁVEL PRÉ- VERSUS POSPOSIÇÃO DE SUJEITO

Gostaríamos de assinalar aqui de maneira breve os resultados que julgamos ser os mais importantes em relação a essa variável.

1. A IMPORTÂNCIA DA DISTINÇÃO DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO

Quando iniciamos a análise dos dados estávamos interessados em saber a distribuição percentual de sujeitos pré- e pós-verbais. A quantificação dos dados demonstrou que 42% dos sujeitos ocorrem em posição pós-verbal. Esse resultado foi de grande interesse, porém, não nos forneceu uma distinção entre os dois tipos de posposição de sujeito que julgamos importantes de se tratar separadamente:

- a posposição com presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (estrutura: E + VS (O)) e

- a posposição sem presença de um engatilhador em posição inicial da oração (estrutura: VS (O)).

Essa distinção somente foi possível a partir do cruzamento de fatores: ENGATILHADORES DE SUJEITO com ZONA, IDADE e INFORMANTE, juntando num segundo passo todos os casos de posposição de sujeito com presença de um engatilhador de sujeito, seja ele um predicativo, um objeto, um advérbio temporal, local, causal ou modal, para depois contrastar todos esses casos com a posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito, subfator denominado 'NADA' em nossas tabelas. E são esses resultados que consideramos ser os mais refinados e, por isso também, os mais interessantes para a interpretação.

2. A IMPORTÂNCIA DO FATOR EXTRA-LINGUÍSTICO IDADE PARA A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DOS DOIS TIPOS DE POSPOSIÇÃO DE SUJEITO.

O cruzamento de fatores engatilhadores de sujeito com idade mostrou que realmente há diferenças entre as três gerações quanto ao uso dos dois tipos de posposição.

Observamos um aumento significativo do uso da posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito da 1 para a 2 e 3 geração, sendo a última aquela que apresenta os valores percentuais mais altos.

3. A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DA MUDANÇA SINTÁTICA NA TENTATIVA DE CLASSIFICAR A LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI EM TERMOS DE SER MAIS VS LIVRE DO QUE A LÍNGUA ALEMÃ FALADA NA ALEMANHA.

Caraterizamos a língua alemã falada na Alemanha como uma língua menos VS-livre e mais frenteamento do verbo.

Vejamos agora a Tabela 7.16., abaixo reproduzida, onde apresentaremos a nossa classificação preliminar da língua alemã falada em Panambi em relação a esse problema.

TABELA 7.18. CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ FALADA EM PANAMBI (II)

LÍNGUA ALEMÃ FALADA PELOS INFORMANTES DA	VS-LIVRE	FRONTEAMENTO DO VERBO
1 GERAÇÃO	-	+
2 GERAÇÃO		
- ZONA RURAL	- ==> +	+
- ZONA URBANA	-	+
3 GERAÇÃO	+	+

7.3. IMPLICAÇÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

Acreditamos que o presente estudo mostrou que uma abordagem qualitativa de um determinado problema linguístico não exclui uma abordagem quantitativa do mesmo problema e que os dois podem ser considerados como complementares um para o outro. Dittmar (1983) vai mais longe ao afirmar que trabalhos com abordagem qualitativa ou quantitativa sobre um mesmo problema linguístico formam, na realidade, um "double-bind" metodológico.

"... isto é, eu acredito que uma descrição quantitativa e qualitativa, sendo as duas os dois lados de uma mesma aparência, somente juntas conseguem fornecer uma descrição adequada, mas que elas não podem se encontrar, como os dois famosos "filhos dos reis" (Koenigskinder), porque o fosso metodológico é profundo demais." (Dittmar, 1983: 46) (17)

Apesar de todas essas diferenças ele assinala a importância de relacionar esses dois tipos de trabalhos: os de orientação qualitativa com os de orientação quantitativa.

"Enquanto se fazem muitas vezes observações qualitativas que são relevantes do ponto de vista pragmático, sem poder determinar de maneira mais precisa e quantitativa qual é a função social que determinados enunciados / atos de fala / expressões têm do ponto de vista intra- e

interindividual, estamos confrontados com um "mar" de observações sem dispor de uma ordem visível para julgar a relevância de cada uma.

A sociolinguística observa o "igual" e o "diferente" na linguagem na perspectiva de seu efeito em cima da posição igual ou desigual de membros de uma determinada comunidade de fala. O núcleo da sociolinguística é a comparação. Por isso eu preciso dispor de critérios explícitos para a qualidade que eu estou comparando e depois precisamos relacionar aquilo que comparamos, e isto muitas vezes se torna possível se quantificarmos."

(Dittmar, 1983: 48) (18)

E é nessa direção que acreditamos que o nosso trabalho se enquadra. Estamos muito conscientes da existência desse "fosso metodológico" que separa os dois tipos de enfoques e respeitamos-os. A ligação entre a descrição quantitativa e qualitativa da presente pesquisa se realizou na hora de interpretar os resultados.

Essa tentativa de estabelecer uma relação entre os resultados da descrição etnográfica e os resultados da análise quantitativa dos dados dos informantes foi feita em forma de hipóteses.

Gostaríamos agora de apresentar alguns problemas que constituem, a nosso ver, campos de pesquisa interessantes para futuros estudos.

O primeiro campo que julgamos interessante a ser abordado é a descrição da POLÍTICA LINGUÍSTICA NO BRASIL.

Um projeto sobre esse assunto poderia conter OBJETIVOS MAIS GERAIS, como por exemplo, reconstruir, através de fontes históricas, desde o Brasil colonial, quais foram os processos e as forças que ajudaram a língua portuguesa a se instalar como

língua dominante, apesar de ter havido outras línguas mais fortemente representadas, pelo menos se pensarmos em números de falantes. Estamos pensando nesse contexto por exemplo na língua tupi-guarani. Em seguida seria interessante investigar quais eram as medidas para que a língua portuguesa se tornasse efetivamente a língua nacional.

Nesse quadro mais geral de uma pesquisa a respeito da política linguística brasileira se localizaria um estudo com OBJETIVOS MAIS ESPECÍFICOS, que se limitaria a descrever a política linguística adotada frente aos imigrantes europeus que chegaram a partir de 1824 no Brasil.

Um estudo desse tipo teria que levar em conta necessariamente o trabalho de Schlieben-Lange sobre a política linguística adotada frente às línguas minoritárias na França pós-revolucionária. (19)

Um segundo problema que se situaria mais na etnografia da fala seria um estudo mais profundo das ATITUDES OU DA CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA - expressão que Schlieben-Lange prefere usar - dos membros da comunidade de fala alemã. Tal pesquisa poderia se basear teoricamente nos trabalhos de Schlieben-Lange (1977 e 1980), de Saville-Troike (1982) e de Schlobinski (1982).

Um terceiro complexo de problemas se situaria mais na área da SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA.

Acreditamos que muitos dos problemas sintáticos levantados na presente dissertação poderão ser resolvidos de maneira mais adequada em futuros estudos. Estamos pensando que poderíamos:

1. Explorar mais profundamente os dados que já dispomos porque nem tudo o que gravamos durante a nossa estadia na comunidade de fala alemã de Panambi foi transcrito.

Seria interessante analisar as duas variáveis: preenchimento e queda de sujeito e pré- versus posposição de sujeito com ajuda de um modelo de análise levemente modificado.

No caso da variável preenchimento versus queda de sujeito seria interessante restringir a nossa análise somente às coordenadas adversativas, às principais e às subordinadas. Assim chegaríamos a resultados mais significativos porque trabalharemos com um número maior de ocorrências desses três tipos de orações.

Quanto à variável pré- versus posposição de sujeito trabalharemos somente com os casos de posposição de sujeito.

A posposição de sujeito devido à presença de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (E + VS (O)) constituiria uma variável, enquanto a posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração (VS (O)) constituiria a variável dependente.

Dessa maneira chegaríamos à distribuição dos dois tipos de posposição nos diversos tipos de orações.

2. Voltar ao campo e colher mais dados. Isto é, iniciamos a nossa pesquisa de campo em 1985 e acreditamos que seria interessante voltar a Panambi futuramente para colher dados com os mesmos informantes, dando início assim a um estudo longitudinal da comunidade de fala alemã de Panambi. Seria

interessante analisar e quantificar dados mais recentes segundo o modelo aplicado no presente estudo e depois comparar esses resultados com aqueles da presente dissertação. Poderíamos verificar, então, se a ocorrência percentual das variáveis dependentes queda de sujeito e posposição de sujeito na ausência de um engatilhador de sujeito em posição inicial da oração aumentou ou diminuiu nos dados recentes.

Se a frequência percentual aumentou, então, podemos afirmar que as mudanças sintáticas foram integradas.

Se a frequência percentual diminuiu, então, as mudanças sintáticas observadas constituíram um mero fenômeno temporal, isto significa que elas não foram integradas no sistema linguístico dos falantes.

3. Colher dados numa comunidade de fala alemã, na Alemanha, que seja, do ponto de vista do dialeto, próximo daquele que os informantes chamam de dialeto "hunsrueckisch" e aplicar a mesma metodologia de coleta de dados do presente estudo. Analisar e quantificar os dados segundo o modelo que usamos aqui.

Depois seríamos capazes de comparar os resultados que obtivemos sobre a língua alemã falada na Alemanha com aqueles da língua alemã falada em Panambi. Somente através de um estudo contrastivo seremos capazes de decidir, com muita segurança, quais das mudanças sintáticas realmente constituem fenômenos de interferência sintática da língua portuguesa sobre a língua alemã e quais não.

NOTAS DO CAPÍTULO 7

- (1) Na descrição das categorias vazias da língua portuguesa do Brasil Huang (1984) não prevê a ocorrência de objetos nulos (pro). O trabalho de Tarallo (1983), porém, mostra que o português do Brasil tem a possibilidade de apresentar objetos nulos.

Exemplo: (1) O café de lá é tão ruim.
Eu não consigo tomar ().
(Tarallo, 1983: 162)

- (2) Como nós estamos interessados na distribuição da sujeitos nulos nas subordinadas, levaremos em conta também as principais.

- (3) Um exemplo para uma oração passiva sem agente que encontramos na gramática Duden (1984) é como segue:

Exemplo: Letzte Nacht wurde im Juweliergeschaef Mueller eingebrochen. (Duden, 1984: 181)
Na noite anterior foi arrombada a loja do joalheiro Mueller.

- (4) No caso dos informantes da 1 geração eliminamos uma subordinada passiva sem agente.

- (5) Eliminamos também nos dados desses informantes todos os casos de subordinadas passivas sem agente.

- (6) Veja também Tarallo (1983) onde ele analisa, entre outros fenômenos, a retenção de sujeito em orações principais e subordinadas no português falado em São Paulo. Ele pressupõe, com base no trabalho de Givon (1976), que as orações principais são os ambientes mais inovadores na língua.

"A particular syntactic change, then, would first be expected to occur and be implemented in main clauses and then to move down to subordinates (complements, adverbials, etc.) and relatives.

The implication for the present study would be that pronouns would be deleted more frequently in main clauses."
(Tarallo, 1983: 165)

Os resultados da análise quantitativa em 1542 exemplos analisados por Tarallo, visualizados na Tabela 6.2. (veja Tarallo, 198: 166) que reproduziremos parcialmente abaixo, verificaram essa pressuposição.

TABELA 6.2. RETENÇÃO PRONOMINAL SEGUNDO AS FUNÇÕES SINTÁTICAS E O AMBIENTE SINTÁTICO

TIPO DE ORAÇÃO	RETENÇÃO	NÚMERO TOTAL	PERCENTAGEM	PROBABILIDADE
PRINCIPAL	364	572	63,6%	0.59
SUBORDINADA	148	208	71,2%	0.66

(7) Tradução pessoal.

(8) Não levaremos em conta os resultados do cruzamento de fatores da informante H. A. (3 geração), porque ela não apresenta nenhuma ocorrência de coordenada adversativa.

(9) Essa Tabela tem como modelo a Tabela 5.8. que reproduzimos na página 223 da presente dissertação.

(10) Porém, não temos a possibilidade de solucionar esse problema agora, porque o nosso modelo para quantificar os dados não especifica os diferentes advérbios temporais que ocorrem nos dados dos informantes. Para determinar com segurança quais são os advérbios temporais que provocam categoricamente a posposição de sujeito e quais não, seria preciso desenvolver um novo modelo de análise que distingue entre os tipos de advérbios temporais. Teríamos, então, duas variáveis a serem analisadas: a variável $E + SV(O)$ e a variável dependente $E + SV(O)$, onde E (engatilhador de sujeito) se constituiria somente de advérbios temporais. Dessa maneira poderíamos verificar se há diferenças entre os informantes da 1, da 2 e da 3 geração quanto à ocorrência da variável dependente $E + SV(O)$, sendo E o advérbio temporal "dann" (aí).

(11) Encontramos no artigo "V-second in German" de Haider (1986) um exemplo que mostra que a não-ocorrência do verbo finito em posição final numa oração subordinada, cria agramaticalidade.

Vejamos o exemplo:

* "Ich kann mir denken, wie IST das passiert."
(Haider, 1986: 64)

* "Eu posso imaginar, como TEM isto acontecido."

(12) Na realidade seria muito interessante estabelecer um novo modelo de análise para os 916 casos de posposição de sujeito que encontramos no corpus analisado. Teríamos então duas variáveis para quantificar. São elas: a variável ENGATILHADOR DE SUJEITO - VERBO-SUJEITO e a variável dependente VERBO-SUJEITO.

(13) Veja Domingue, 1983: 268/269.

(14) As situações de contato descritos pela autora são:

- o KONKANI DO KARNATAKA com o KANNADA na Índia;
- o francês com o inglês em Ontário no Canadá; e
- o Bhojpuri com o crioulo de Maurícius.

(15) Nesse contexto gostaríamos de mencionar um caso parecido que é citado por Domingue (1983): o estudo de Mougeon, Bélanger, Canale e Ituen (1977) sobre o francês de Ontário citado no artigo de Domingue. Nele os autores pesquisaram entre outros fenômenos a preposição 'sur'. Eles observaram que ela não está sendo usada segundo o modelo da língua padrão francesa, mas segundo o modelo da língua inglesa. Vejamos um exemplo:

a) J'marchais sur la rue Boisclair.
(Standard: J'marchais à rue Boisclair)

b) I was walking on Boisclair street.

Domingue afirma:

"Ils ajoutent que cette innovation se retrouve aussi bien dans la production des unilingues que des bilingues ce qui, disent-ils, ne corroborerait pas l'influence de l'anglais. Cet argument n'est pas nécessairement convaincant car, si l'innovation en question se retrouve chez tous les locuteurs, ceci peut vouloir dire qu'elle est intégrée au système." (1983: 274).

(16) Domingue afirma que "un changement drastique dans la syntaxe d'une langue ne peut avoir été introduit que par des locuteurs qui ont appris cette langue comme langue seconde." (1983: 278).

(17) Tradução pessoal.

(18) Tradução pessoal.

(19) Veja Schlieben-Lange (1981) e (1987).

ANEXO I

QUESTIONÁRIO I: DADOS DEMOGRÁFICOS

Nome: _____
 Endereço: _____
 Ano de Nascimento: _____; Idade: _____
 Lugar de Nascimento: _____
 Cresceu em: _____
 Escolaridade: _____
 Profissão: _____

Primeira língua que aprendeu: _____
 Com quem aprendeu: _____
 Com quem falava em: _____
 Sabe / Entende português: _____
 Com quem falava em português: _____

Nome do Pai: _____
 Lugar de nascimento do pai: _____
 Nome dos avós paternos: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 Nome dos bisavós paternos: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____

Nome da Mãe: _____
 Lugar de nascimento da mãe: _____
 Nome dos avós maternos: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 Nome dos bisavós maternos: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____
 * _____; Lugar de Nascimento: _____

Religião: _____

Filhos:
 - Nome: _____
 - Lugar de Nascimento: _____
 - Escolaridade: _____
 - Profissão: _____
 - Endereço: _____
 - Estado Civil: _____

FRAGEBOGEN I

Demographische Daten

1. Wie heissen Sie?
2. Und wo wohnen Sie?
3. Wann sind Sie geboren?
- 3.1. Also dann sind Sie _____ Jahre alt
4. Als was arbeiten Sie zur Zeit?
 1. Arbeitet noch jemand anderes von Ihrer Familie?
 2. Als was arbeitet Ihr Mann/Ihre Frau/Ihre Kinder?
5. Sind Sie zur Schule gegangen?
 1. Wie hiess Ihre Schule?
 2. Bis zur wievielten Klasse haben Sie die Schule besucht?
6. Was war der erste Beruf, den Sie gelernt haben?
 1. Wie lange haben Sie als _____ gearbeitet?
 2. Was haben Sie danach gemacht?
7. Wo sind Sie geboren?
 1. Wo sind Sie aufgewachsen? (Name der Stadt, des Dorfes)
 2. Und wo haben Sie danach gewohnt?
 3. Warum sind Sie von dort weggezogen?
8. Wo sind Ihre Verwandten geboren?
 1. Ihr Vater?
 2. Ihre Mutter?
 3. Die Eltern von Ihrem Vater?
 4. Die Eltern von Ihrer Mutter?
9. Sprechen Sie ausser Deutsch noch eine andere Sprache?
 1. Mit wem sprechen Sie Portugiesisch?
10. Sind Sie schon ausserhalb von Rio Grande do Sul gereist?
 1. Ausserhalb von Brasilien?

ANEXO II

QUESTIONÁRIO II: ATITUDES

1. Você acha importante conservar o alemão em Panambi?
- 1.1. Você acha importante conservar o dialeto "sueviano" em Panambi?
2. Você acha bom saber alemão?
- 2.1. Você acha bom saber falar o dialeto "suevo"?
3. Hoje em dia as crianças ainda deveriam aprender alemão?
4. Alguém que sabe falar alemão é considerado como sendo alguém melhor em Panambi do que aquele que só sabe falar português?
- 4.1. Ou alguém que sabe falar português é considerado como sendo melhor na vida do que aquele que somente fala alemão?
- 4.2. Ou é assim que aquele que fala tanto alemão quanto português é considerado melhor do que aquele que somente fala uma das duas línguas?
5. Você acha útil saber alemão? Por que?
- 5.1. É útil saber português? Por que?
6. Hoje em dia as crianças deveriam aprender português? Por que?
- 6.1. As crianças deveriam aprender português e alemão junto?
- 6.2. Ou elas deveriam aprender primeiro alemão e depois português?

FRAGEBOGEN II: EINSTELLUNG

1. Finden Sie es wichtig, dass die deutsche Sprache in Panambi erhalten bleibt?
- 1.1 Finden Sie es wichtig, dass Schwabisch in Panambi erhalten bleibt?
2. Finden Sie es gut dass Sie Deutsch können? (Frage nach dem "Stolz")
- 2.1 Finden Sie es gut dass Sie schwabisch können?
3. Sollten Kinder heutzutage in Panambi noch Deutsch lernen?
4. Jemand, der Deutsch kann, wird der in Panambi besser angesehen als jemand der nur Portugiesisch kann?
- 4.1 Jemand, der Portugiesisch kann, wird der in Panambi besser angesehen, als jemand der nur Deutsch kann?
- 4.2 Oder jemand der Deutsch und Portugiesisch kann, wird der besser angesehen, als jemand der nur eine der beiden Sprachen kann?
5. Ist es Ihrer Meinung nach nützlich Deutsch zu können? (Weshalb?)
- 5.1 Ist es ihrer Meinung nach nützlich Portugiesisch zu können? (Weshalb?)
6. Sollten Kinder heutzutage Portugiesisch lernen? (Weshalb?)
- 6.1 Sollten Kinder heutzutage Portugiesisch und Deutsch von Anfang an lernen?
- 6.2 Oder sollten sie zuerst Deutsch und dann Portugiesisch lernen?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (obras citadas)

- AMMON, U. (1977), Schwäbisch, Duesseldorf.
- BECKERS, H. (1980), Westmitteldeutsch, Lexikon der germanistischen Linguistik, Tuebingen.
- BOLETIM do Colégio Evangélico Panambi (1969), 65 anos de atividades de ensino particular 1903 - 1968, Panambi.
- BORN, J. (1983), Domaenen und Attituede in den ladinischen Dolomitentalern. In: NELDE, P. H. (1983), Theorie, Methoden und Modelle der Kontaktlinguistik, Bonn.
- BOSSMANN, R. (1953), "Zur Deutsch-Brasilianischen Mischsprache". In: Letras 1: 96 - 114.
- BUARQUE de Holanda Ferreira, A. (1975), Novo Dicionário Aurélio, Rio de Janeiro.
- CHOMSKY, N. (1981), Lectures on Government and Binding, Dordrecht.
- CICOUREL, A. (1974), Methode und Messung in der Soziologie, Frankfurt a.M.
- CLYNE, M. (1975), Forschungsbericht Sprachkontakt, Kronberg.
- COELHO, A. (1880), Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In: Estudos Linguísticos, (1967), Lisboa.
- DITTMAR, N. (1982), Soziolinguistik - Teil I. Theorie, Methodik und Empirie ihrer Forschungsrichtungen. In: Studium Linguistik, 12, 1982.
- DITTMAR, N. (1983), Soziolinguistik - Teil II. Soziolinguistik in der Bundesrepublik Deutschland. In: Studium Linguistik (14), 1983.
- DOMINGUE, N. (1983), Le contact entre les langues et ses effets sur la syntaxe. In: NELDE, P. H. (ed.) (1983), Gegenwärtige Tendenzen der Kontaktlinguistik, Bonn.
- DROSDOWSKI, G. (ed.) (1984), Juden. Die Grammatik, Mannheim.
- EICHLER, W. e BÜNTING, K. (1976), Deutsche Grammatik. Form, Leistung und Gebrauch der Gegenwartssprache, Kronberg.
- FISHMAN, J. A. (1966), Language Loyalty in the United States. The Maintenance and Perpetuation of Non-English Mother Tongues by American Ethnic and Religious Groups, The Hague.
- FAUSEL, E. (1949), Cinquentenário de Panambi.
- FAUSEL, E. (1959), Die Deutsch - Brasilianische Sprachmischung, Berlin.
- FISHMAN, (ed.) (1971), Bilingualism in the Barrio, The Hague.
- FISHMAN, e AGHEYISI, R. (1970), Language attitude studies. A brief survey of methodological approaches. In: Anthropological Linguistics, Vol. 12, nº 5.
- GUMPERZ, J. J. (1971), Language in Social Groups. Essays by John J. Gumperz, Standford.
- HAIDER, H. / PRINZHORN, M. (eds.) (1986), Verb second phenomena in Germanic languages, Dordrecht.
- HANSEN, M. L. (1964), The Immigrant in American History, New York.

- HAARMANN, H. (1980), Multilingualismus (2). Elemente einer Sprachökologie. Tuebingen.
- HAUGEN, E. (1956), Bilingualism in the Americas: A Bibliography and Research Guide, Alabama, 4ª edição publicada em 1974.
- HEIDELBERGER Forschungsprojekt "Fidgin-Deutsch" (1975), Sprache und Kommunikation ausländischer Arbeiter. Kronberg.
- HELBIG, G. e BUSCHA, J. (1986), Deutsche Grammatik. Ein Handbuch fuer den Auslaenderunterricht. Leipzig.
- HENN, B. (1978) Mundartinterferenzen am Beispiel des Nordwestfäelzischen, Wiesbaden.
- HESSELING, D. H. (1979), On the Origin and Formation of Creoles: A Miscellany of Articles. Editado por Markey, T. L. e Roberge P. T., Ann Arbor.
- HEYER, J. (1973), Bilinguismo e Conservação Lingüística: Um Estudo Preliminar de Duas Comunidades em Santa Catarina. In: Estudo de Lingüística e Língua Portuguesa, Série Letras e Artes. Caderno da PUC do Rio de Janeiro, 5: 167 - 187.
- HUANG, C.-T. J. (1984), On the distribution and reference of empty Pronouns. In: Linguistic Inquiry, Vol. 15, Number 4.
- HUFFINES, M. (1980), Pennsylvania German: Maintenance and shift. In: International Journal of the Sociology of Language, 25, The Hague.
- JANOSCH (1981), Das grosse Janoschbuch, Weinheim.
- KATO, M. e TARALLO, F. (1987), Harmonia Trans-Sistêmica: Variação Intra- e Inter-Lingüística, Praedição 5. No prelo.
- KLEIN, W. e RIECK, B.-O. (1982), Der Erwerb der Personalpronomina im ungesteuerten Spracherwerb. In: Zeitschrift fuer Literaturwissenschaft und Linguistik (12).
- KOCH, W. (1974), Os Falares Alemães no Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- KOCH, W. (1974), Gegenwaertiger Stand der deutschen Sprache im Brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul. In: Institut der Deutschen Sprache - Forschungsberichte, Mannheim.
- KOECK, P. e OTT, H. (1979), Woerterbuch fuer Erziehung und Unterricht, Donauwoerth.
- KOENIG, W. (1978), DTV-Atlas zur deutschen Sprache, Muenchen.
- LABOV, W. (1972), Sociolinguistic Patterns, Philadelphia.
- LABOV, W. (1972), Language in the inner city, Philadelphia.
- LABOV, W. (1978), Field Methods used by the Project on Linguistic Change and Variation, Philadelphia.
- LABOV, W. (1982), Building on Emeirical Foundations. In: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (eds.), Perspectives on Historical Linguistics, Philadelphia / Amsterdam.
- LABOV, W. e HARRIS, W. A. (1986), Defacto Segregation of Black and White Vernaculares. In: SANKOFF, D. (ed.) (1986), Diversity and Diachrony, Philadelphia / Amsterdam.
- LANDO, A. M. e BARROS, E. C. (1976), A colonização alemã no Rio Grande do Sul. Uma interpretação sociológica. Porto Alegre.
- LEITZKE, E. (1980) Mapa da Colônia Neu-Wuerttemberg. In: A Notícia Ilustrada Panambi do dia 07/08/1980.
- LEITZKE, E. (1980) Povoamento de Neu-Wuerttemberg até fins de 1902. In: A Notícia Ilustrada Panambi do dia 12/08/1980.
- LIRA, S. (1982), Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese, Ph. D. University of Pennsylvania.

- LEWANDOWSKI, Th. (1979), Linguistisches Woerterbuch, Vol. 1, 2 e 3, Heidelberg.
- MALHEIROS, A. A. (1979), Panamby o vale das borboletas azuis, Panambi.
- MCCRAY, A. T. (1981), Clause initial elements in German, Papers from the XVII Meeting of the Chicago Linguistic Society, Chicago.
- OBERACKER, C. H. (1939), "Vocabulário de Palavras Portuguesas que os Descendentes de Colonos Alemães acolheram na Língua Vulgar". In: Sociologia, 1: 94-104.
- PEÑALOSA, F. (1980), Chicano Sociolinguistics, Massachusetts.
- PONTES, E. (1982), A ordem VS em português, Ensaios de Linguística, Belo Horizonte.
- QUASTHOFF, U. (1980), Erzaehlen in Gesprächen, Tuebingen.
- RATH, R. (1979), Kommunikationsraxis. Analysen zur Textbildung und Textgliederung im gesprochenen Deutsch. Goettingen.
- ROCHE, J. (1969), A colonização alemã e o Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ROSS, H. (1982), Pronoun-Deleting Processes in German, LSA Annual Meeting - San Diego.
- SAVILLE-TROIKE, M. (1982), The Ethnography of Communication, Oxford.
- SCHADEN, E. (1942), "A Aculturação Lingüística numa Comunidade Rural". In: Sociologia 4: 268-283.
- SCHANK, G. e SCHWITALLA, J. (1980), Gesprochene Sprache und Gesprächsanalyse. In: Lexikon der germanistischen Linguistik, Tuebingen.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1977), The language situation in Southern France. In: International Journal of the Sociology of Language, The Hague.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1980), Ein Vorschlag zur Aufdeckung "verschuetterter" Sprache. In: Grazer linguistische Studien, 11/12.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1981), Die franzoesische Revolution und die Sprache. In: Zeitschrift fuer Literaturwissenschaft und Linguistik, 41.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1987), Die Franzoesische-Sprache der Uniformitaet. In: Zeitschrift fuer Germanistik (1), Leipzig.
- SCHLOBINSKI, P. (1982b), Zwei Pilotstudien zur Spracheinstellung gegenueber der Datenerhebung und -auswertung im quantitativen und qualitativen Paradigma, FB 16, Germanistik, FU-Berlin, a ser publicado.
- SCHUCHARDT, H. (1909a), "The Lingua Franca." In: Gilbert, G. (1980), Pidgin and Creole Languages. Selected Essays, New York.
- SCHUCHARDT, H. (1914c), "The Language of the Saramacca Negroes in Surinam." In: Gilbert, G. (1980), Pidgin and Creole Languages. Selected Essays, New York.
- SCHUCHARDT, H. (1984), Dem Herrn Franz von Miklosch zum 20. November 1883, Graz.
- SCHWARZKOPFF, C. (1987), Deutsch als Muttersprache in den Vereinigten Staaten. Teil III. German Americans. Die sprachliche Assimilation der Deutschen in Wisconsin, Stuttgart.
- SIEMENS, U. (1984), Varietades Sociolinguísticas entre os Menonitas de Curitiba. Universidade Católica de Paraná, Curitiba.

- tiba, Dissertação de Mestrado.
- SOUZA, E. Zink de (1976), Processos de Interferência Linguística entre o Português e o Alemão, Dissertação de Mestrado.
- TARALLO, F. (1983), Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. Ph. D. University of Philadelphia, Philadelphia.
- TARALLO, F. e ALKMIN, T. (1987), Estares crioulos. Línguas em contato. São Paulo. Ática.
- VANDRESEN, P. (1968), Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado.
- WEINREICH, U. (1967), Languages in Contact. Findings and Problems, The Hague.
- WIESINGER, P. (1980), Deutsche Sprachinseln, Lexikon der germanistischen Linguistik, Tuebingen.
- WILLEMS, E. (1943), "Linguistic Changes in German Brazilian Communities". In: Acta Americana 1: 448-463.
- WILLEMS, E. (1980), A Aculturação dos Alemães no Brasil, São Paulo.
- ZIMMERMANN, L. Huth. (1984), Fotoalbum da Escola Estadual de 1º Grau incompleto Ernesto Lammers, Panambi.

UNIDADE	06
PROC.	
DOACÃO, PREÇO ES.	
ATIVATIVO	
DATA	21/06/89